

# LEITURA PARA RAPAZES

2032 — 2084

PERNAMBUCO



*Jonas Davim*

O DIÁRIO DA MANHÃ

IMPRIMIU

RECIFE - 1932

LEITURA PARA RAPAZES

2032

PERNAMBUCO

2084

SINOS

E

SIRENAS

Cgo. Jonas Taurino

**NIHIL OBSTAT.**


**Olinda, 12 – 3 – 1931.**

**Conego. A Xavier Pedrosa.**

**IMPRIMATUR.**

**Recife, 17 de março de 1931.**

**Miguel, Arc. de Ol. Recife.**



Esperança da pátria, Mocidade!  
que privastes, e que ainda privais  
comigo, na escola, do mesmo senti-  
mento de FE' CATOLICA, rece-  
bei e lêde o SINOS E SIRENAS  
que por vós e para vós foi vivido

Pe. Jonas



*A meus grandes amigos*

*Dr. Jorge de Gouveia,*

*Dr. Moreira da Fonseca,*

*Dr. Pedro Corrêa de Oliveira,*

*Gratidão.*

*Pe. Jonas Taurino*

## NOTA

As localidades, institutos e pessoas de que se faz menção em SINOS E SIRENAS não teem referencias particulares.

Os versos latinos, que se intercalam no poemeto - MIRAGEM DA VIDA, são tirados da Legenda Sanctorum, Legenda Aurea ou ainda Lombardica Historia do beato Jacopo di Viraggio (Jacobus de Voragine), arcebispo de Genova.

A legenda foi traduzida em francês no sec. XIV por Jean Vigney e no XV por W. Caxton. As traduções, que me consta, mais recentes são em francês, 1850, e em alemão, Marbach. Podem ainda consultar-se com vantagem Butler, Baltimore, 1899 ; The Princeton, Theological, Review, 1903 ; Baudrillart Strasburgo, 1902; Pelazza, Genova, 1867; The Catholic Encyclopedia, New York, Enciclopedia Espanhola.

A celebre Golden Legend de Longfellow, que, com dois outros poemas, forma a trilogia intitulada Christus, deve o seu nome e muitas de suas idéas á Legenda Aurea de di Viraggio. O nosso poemeto, porém, nada tem que ver com o trabalho de Longfellow, nem, salvos os versinhos latinos, com a Legenda Aurea, Legenda Sanctorum de de Voragine. Afirmamos, sem vaidades, nem pretensões a pequena MIRAGEM DA VIDA é original. O mesmo se entenda dos versos de Horacio no ultimo Devaneio ; passam como simples intercalação.

O AUTOR.

### **OBRAS DO MESMO AUTOR:**

**Meu colega de inglês.**

**Crestomatia da Lingua Inglêssa.**

Esparsos – **Lgrimas.**

### **A SAIR:**

**Gramatica Moderna da Lingua Inglêssa**

**O Bacilo de Satanaz.**

SINOS

E

SIRENAS

# SINOS E SIRENAS

LEITURA PARA RAPAZES

---

FANTASIA DO PRESENTE, DO PASSADO E DO FUTURO  
OU  
DEVANEIOS NO ESPAÇO

---

ANO 2032 DA ÉRA CRISTÃ

---

## PESADÊLO

Isso de relatarem-se fatos sem a gente ficar desde logo senhor do onde e do quando se deram, bem poderá ser que satisfaça a pimpolhos, que ainda arregalam os olhos e babam-se de goso ouvindo as proezas do **Tico- Tico** e as pêtas da **Carochinha**.

A rapaziada graúda, que já fala grosso e discute como os escolásticos, já se não acomoda porém a esse infantil – era-um-dia-foi-um-tatú, profunda que seja a sabença popular, com que o dóse o **Trancoso**, se a tal sabença motivada não fôr.

Não sei se por isso foi que certa vez um alagoano mandou a um sergipano metido a contador de lendas populares, ou folclores, o presente de uma versão de



**O Urubú e o Cachorro**, que costumava ouvir cantar a matutos de sua terra em varridinhos terreiros, acompanhado-se de argentinos desafios de noites de luar a lamurientas violas – versão porém que não ia, assim como lá o dizem, núa e crúa, segundo era useiro e vezeiro contá-las ao publico o famanaz folclorista de Sergipe-d’El Rey. Esse trabalho que fôra publicado, conforme testemunham os alfarrabios do seculo passado, em um numero de junho ou julho de 1913 do **Jornal Pequeno**, do Recife de antanho, documentava-se com um estudo da alma, das usanças e da lingua do nordestino.

O alagoano nunca mais soube se agradou ou não ao seu vizinho ultra-franciscano o novo feitío do comentado do comentado mimo, porque, morrendo-lhe o sergipano somente anos depois é que lhe veio ás mãos uma historia mal contada, arrevezada, de sua lenda, numa revista de Ciencias e Letras do Rio de Janeiro !

4

Isso tudo, seja dito, é historia do passado ; e assim *pacem sepultis*.

E’ bem provavel que os herdeiros do cujo acharam o alagoano com razão embora eles, ou outrem que tenha metido o dedo no espólio, por ignorancia ou por malicia não vem a apêlo a discutir, não tenham citado a malfadada fonte donde extraíram sua pretensiosa versão.

Desta arte pois, para não acoimarem tambem o fantasiador destes SINOS E SIRENAS de fabulador trapalhão, a primeira coisa que aqui se faz é satisfazer á gana dessa rapaziada sabida com o recado : - Por favor, meu rapazes e meus senhores, pela penugem nova que lhes vem repontando aí pelo mento a contra gosto da navalha diaria, que a historia pode estar mal contada, e estou certo que o está, - “a tanto não me ajuda engenho e arte” – mas não se ralem comigo. Está toda documentada em fantasia febril de sono mal dormido, á sombra de coqueirais afagados de virações eternas, cá em Olinda, entre o enlevo de plangeres dolentes de sinos, daqueles sinos misticos, fervorosos do mosteiro de S. Bento, e de desacordados pesadelos de sirenas ; estão ouvindo, meus bons

rapazes? ainda as ouço, aquelas patuscas sirenas que aquele meu amigo... lá da ponta da rua... estridulou em soracoteio mefistofelico de baile, sete horas a fio, até pelas deshoras de morna madrugada carnavalesca. Se vocês estivessem lá... ainda bem que Deus os livrou... como também agora me livre a mim de queixumes pelo desacordado daquelas noites de folia e algazarra. Com o sarau, assevero-lhes, lucrei muito mais que toda a palhaçada de colombinas, arlequins, **pierrots** e toda mais polichinelada, que lá rabearam no meio dos gritos, dos apupos, dos guinchos, dos urros, dos mugidos históricos das tais estentorosas sirenas.

Raiou finalmente o dia, e graças a Deus que as sirenas estavam caladas já. Mas os sinos entraram numa dobadoura monacal de altissonoras preces, ao que se afiguravam, queixando-se das sirenas. O mosteiro tinha também passado toda sua noite de guinchos, em vigília forçada. Os beneditinos, que gente santa aquela! Fizeram melhor do que eu, transformaram para eles a noite de profanos folgares em êxtases de meditação e de preces.

Benditíssimos monges! Deus os guarde sempre, que tão a tempo dobraram seus santos e liturgicos sinos.

Eu porém modorrava ainda sob a febril pressão do tresnoitado pesadêlo.

Pareceu-me ver então espíritos celestes, esvoaçando em torno do rumoroso campanário. Puxavam as cordas, e lá se iam os sinos, badalando, gemendo, numa vibração de misticismo e de amor de Deus.

Uma harmonia divina derramou-se pelas quebradas do promontorio em que assenta a vetusta e lendaria cidade dos sonhos pernambucanos, e espraiando, dilatando, amortecendo, iam-se pelo manguezal a dentro e pelo oceano em fóra, em ondas dulcíssimas, parecidas irmãs que tais, daquele primeiro hino de gloria e de paz, cantado por anjos sobre presepes em noites sacratíssimas de Natal.

Aqueles, acordes, embalsamaram-me pois a alma entorpecida pelos assobios deslavados das sirenas, e acordei

tão leve, tão sadio, e tão forte, como se pelas bocas daqueles bronzes santos houvera sido ressuscitado cheio de graças de um túmulo multissecular.

“Levanta-te, tu que dormes, ressurge dos mortos, que Cristo é tua luz !” bradavam-me os sinos.

Dissipara-se assim o sonho aos primeiros alvares da manhã ; mas, a historia dessa fantasia ficou-me inteiramente gravada no espírito, com datas, localidades, e mais pormenores, esteios da verdade que aqui se faz entre dobres eclesiasticos de **sinos** e silvos mundanos de **sirenas**.

6

A data de inicio desta legenda é pois a de terça-feira de entrudo de 2032 da éra cristã, e as localidades onde se desenrolaram os fátos entrevistos naquelas horas intermitentes de sombras e de luzes, de meditação e fadario, foram a formidavel Usina Franciscania, no progressista Estado de S. Francisco, perto de Santocé, e a tão formosa e quão rica Pernambuco, simbiótico produto da fusão das duas velhissimas cidades nordestinas, **Recife- Olinda**.

Está a curiosidade satisfeita, rapazes amigos? Pois bem um pouco de eupatia, e vamos subir o pano.

## DEVANEIO VERDE

### O ANJO DO LAR

A grande comarca de S. Francisco, arrancada a Pernambuco para castigo de seus pecados políticos, havia-lhe sido reintegrada enfim, ao menos por algum tempo na longa nesga de terra, que, orientando-se pelos rugidos já fortes e irascíveis, já brandos e generosos da besta fulva que ronda pelos arrecifes, busca o âmago do sertão nordestino apertada entre os Estados de Alagôas e Baía de um lado, e Paraíba e Ceará do outro até entestar com o Piauí.

A Baía pusera embargos sobre embargos á pretensão pernambucana, mas o arbitro a condenara. E ela teve, bem a contragosto, que restituir capital e juros a seu espoliado credor.

A paz e a prosperidade, lema heraldico do aquilino Estado de Alagôas, tinha desde a segunda hegira estacista, 1930, levantado de fáto e de direito a sua tenda muito mais nas terras do Capibaribe que nas das lagôas Mundaú e Norte.

Desse modo, está hoje a moderna Pernambuco, fusão

já se disse de Recife e Olinda, um formigueiro de dois milhões e quinhentos mil habitantes, em 2032.

Pará, Manáus, com toda riqueza de seus Estados privilegiados, João Pessôa, com sua industria, a própria Baía, com seu desenvolvimento espantoso e outras grandes cidades nordestinas, com sua incomparavel fartura, não suplantam Pernambuco, indiscutivel capital de toda região outra tão malsinada pelos plutócratas do Sul.

O primeiro cuidado do Governo de Pernambuco, ao apoderar-se daquele longinquo rincão foi transformar-lhe a terra, adaptando-a por processos agricolas modernissimos á cultura da cana, do café, fruta, cereaes, legumes e matas, que surgiram como tangidas por varinha de condão, em circunstancias tambem artificialmente mudadas.

8

No ano que escrevemos, toda a margem do S. Francisco, verdadeiro mediterraneo do Nordeste Brasileiro, está coberto de cidades florescentissimas, de uma multidão de usinas, fabricas, explorações de minas, que febricitam trepidantes de trabalho, de progresso e de riqueza.

Por motivos de dissidencias entre a velha população baiana e as autoridades pernambucanas, houve um plebiscito, cujo resultado foi a emancipação de todo território, que constituia a velha comarca, em Estado autonomo, com o nome de S. Francisco.

Tal tem sido ultimamente o desenvolvimento do novo Estado, que a sua capital a cidade da Barra, cuja população ha um século montava apenas a tres mil almas, já conta agora cem mil. Por isso, pois, ha já quem diga que S. Francisco é o coração da patria brasileira. Não é tanto. O coração está em Goyaz, para onde se transportou ha meio seculo a capital do paiz. Mas, se S. Francisco não é o coração, é pelo menos um dos pulmões, porque o outro está em Minas.

Com a salubridade do clima, respira-se tambem aqui a salubridade de uma civilização genuinamente européa, e tão européa que cá também se sente uma vez por outra irromper, perdão que a praga maçônica do bolchevismo, não é européa, é judaica.

Pensavam, muitos que, com a anexação daquele imenso territorio ribeirinho do Nilo do Nordeste, o Estado de Pernambuco muito se havia de enriquecer ; riqueza aparente, porque durante toda a administração pernambucana o trafico continuou a fazer-se naquela zona com a Baía e a capital da Republica. O lucro do Leão do Norte reduziu-se apenas á baba dos impostos que ele lambeu até bem pouco tempo por municipios hostis.

De todas as usinas do ex-territorio anexado era, no ano de 2032, a Franciscania indubitavelmente a mais poderosa, a mais rica, a mais bem aparelhada. Basta dizer que eram computados em mais de mil os seus operarios, ocupados quasi exclusivamente no asseio das maquinas, porque com o aperfeiçoamento da aparelhagem moderna está quase dispensada a eficiencia humana. Houve mecanicos que esboçaram aparelhos para as maquinas fazerem a propria limpeza ; mas, por evitar a dispensa quase completa do serviço humano, o que acarretaria uma séria questão social, o Estado os proibiu.

A Franciscania fabricou assucar diamante pulverizado e em cubos, confeitos de mate e cacau, doces e licores das mais variadas frutas de seus interminos pomares. Estava plantada a quinze quilometros de Sentocé, á margem do rio.

Aí morava um casal pobre e honesto, passando o marido na labuta ardua e continua do plantio da cana e a mulher na regencia do lar e educação de um filho unico.

Era um casal á antiga.

Queixava-se constantemente o marido, e com profunda magoa, do senhorio da Usina, que lhe pilhava na balança o pêso das canas, que ele mandava para a moagem.

A espôsa sempre resignada, acolhia pesarosa o espôso, e, sem que este pudesse surpreender-lhe uma lagrima esquiva, que lhe aflorava aos olhos, incutia-lhe na alma palavras de coragem com aqueles mesmos acenos celestes de paciencia com que Jesus evangelizou o mundo. Pintava-lhe em vivas cores a formosura da virtude, a força da paciencia, a brevidade da vida, a iminencia da

eternidade e o justo juízo de Deus. E, para remate, citava-lhe uma palavra da Escritura, que um dia ouvira o padre Eustaquio pregar: “Os tiranos duram pouco”.

Miguelzinho, como o tratava a d. Maricota, e com ela todos os camaradas da vizinhança, ouvia silencioso, porém, retirando-se a esposa, ia-se a resmungar, segundo o seu vezo, palavras incompreensíveis e mal humoradas de mui definida impaciência. Seguiam-se então dias e dias de calma aparente muito apesar das quebras constantes do pêso da cana na balança da usina, no tempo da safra.

Um dia chegou Miguelzinho em casa, com uns mais que olhos de tições diabólicos, a despedirem chispas de uma alegria satânica, refarta de vingança satisfeita.

- Bravo, Maricota, estou de peito lavado. Tinhas razão de sobre quando me citavas as palavras do padre Eustaquio, --“Os tiranos duram pouco”.

- A que vem isso?

- O Príncipe da Usina desta vez meteu a mão num prato, onde lhe ficaram mais que as unhas.

- Como? !

- O judeu do dr. Ernesto acaba de ser assassinado pelo Zé da Mouca. O prato, tu sabes, a Rosinha ....

- Que horror ! E tu alegras-tes com a desgraça a alheia... horrível ! Miguelzinho, horrível !

- Porque não? Dr. Ernesto era um velhacaz. Vivia roubando o meu suor e de meus companheiros, que lhe mandavamos a cana para Usina. Bem feito !

-- Bem feito, o que? Não digas isto, que não é sentimento de cristão !

-- E' o sentimento de quem vive anos e anos espoliado, roubado e ferido no seu trabalho, no seu suor, no seu sangue.

- Não é assim que ensina Nosso Senhor Jesus Cristo.

- Não, minha mulher, se para ser cristão a gente precisa de ter sangue de barata, então confesso-te francamente que não sou cristão.

- Bôa essa, citas-me o padre Eustaquio naquela pas-

sagem bíblica – os tiranos duram pouco, porque o texto te convém, agora porque também não citas o mesmo padre, que, ainda domingo passado, pregou com tanta eloquência as palavras de Cristo na cruz: - “Pai perdoai-os, que não sabem o que fazem!” ? E’ justamente numa ocasião destas, meu amigo, que mais nos devemos mostrar generosos, praticando o grande mandamento do Crucificado, perdoar e amar os nossos inimigos.

- Em teoria, aprovo, é muito belo, minha Maricota. O nosso padre Eustaquio é um santo, estou convicto disso; porém coitadinho ! não passa de um grande teórico. Ele vive lá sonhando com Deus, as devoções da igreja, as festas de Maria e do coração Jesus, os pobres de S. Vicente e suas afanosas confissões por estas grotas, pés de serra e extensos andurriais cheios de matos e forragens. Ele não sabe o que é cá a vida do pobre matuto, na lavoura ingrata de pequeno agricultor, sugado, explorado até a última gota de sangue para engordar e enriquecer os grandes vampiros da Usina. Tu, por tua vez, estás em casa, não compreendes a sangria profunda que me vai no íntimo da alma, quando eu péso na minha balança cinquenta toneladas de cana e a maldita (referia-se á balança da Usina) acusa apenas trinta e ás vezes menos ! Nem mesmo sei como já não fiz uma loucura !

11

- Não te compreendo ? !! ! ... Então estou em casa indiferente, alheia ao teu amor ? ! Sou a esposa do prazer.... a companheira moderna, a elegante que não sabe compreender o marido? .... reticenciou d. Maricota com azedume. Sou uma boneca insensível ao teu sangue? ..... De nada me val o centro comum de nosso amor, de nossa vida, de nossa esperança, o nosso Evaldo?

- Perdoa-me, minha bôa Maricota; porém fica certa que com as teorias do padre Eustaquio estarás bem aviada para viveres neste mundo de injustiças e de misérias com o pequeno, caso venhas a ficar viúva.

- Deus nos defenda de semelhante calamidade, mas se porventura fôr da vontade divina que eu passe por tamanha desgraça, estou certa que, firmada nos princípios



sacrossantos de nossa religião, eu teria animo bastante para sofrer e vencer que o amparo divino não me faltará.

- Não quero absolutamente afrouxar-te os nervos de tua fé: porém estou convicto de que o diabo já deve a estas horas ter pesado a alma do dr. Ernesto na mesma balança em que ele roubava o pêso de minhas canas e dos pobres fornecedores, salvo se Deus não é justo, que eu não creio ser doutrina nunca ensinada por padre Eustaquio em suas homilias e catecismos.

- Deus é justo, justissimo ; estamos de acôrdo. Tu, porem, não te debes esquecer que Ele é infinitamente misericordioso. Ainda domingo passado o nosso santo capelão nos ensinou que o nosso Divino Redentor não veio a este mundo se não em busca de pecadores ; que não despreza um coração contrito e humilhado, bem que seja nos últimos arrancos da vida. Quem sabe quais foram os últimos sentimentos do dr. Ernesto ?  
12 Estou que Deus não lhe faltou com a graça da perseverança final.

- Maricota, estás hoje muito capelã. Devias pois ter melhor memoria e recordar-te de como padre Eustaquio terminou o seu discurso. Foi uma palavra terrível *talis vita, finis ita*.

- Dize em português, Miguelzinho. Sabes que não entendo patavina de latim.

- E pena, Maricota, que as Clarissas de Campo Grande não te tivessem ensinado a par de tanta coisa sã que lá aprendeste um bocadinho do belo idioma da Cidade do Vaticano. O nosso capelão quis dizer que assim como a gente vive, assim tambem acaba. Se dr. Ernesto morreu compungido, a gente tambem pode pensar que um bandalho soberbo e arrogante como foi Lutero terminou nas disposições humildes de S. Inacio impertérrito defensor da fé. E' possível que os grandes bandoleiros de Pernambuco e Paraíba no seculo passado se tenham finado nas disposições de Antões e dos Pacomios, monges anacoretas do deserto ? Queres que assassinos e ladrões se transformem na hora da morte sem mais nem menos em penitentes e ascetas ? Pudera ! Fica convicta,

meu anjinho, resume acariciando a face da espôsa, o nosso fidalgote achou hoje por justo juízo de Deus, quem lhe descontasse no sangue o sangue e o suor alheios, que ele distilava com tanta habilidade e violencia em calda, alcool e cachaça na sua Usina. Ufa! que já agora se pode respirar um pouco mais. As cargas de cana que de vez pesaram, já o faram com justiça e equidade, que a lição não podia ser mais rude, mais adrede.

Essa, palestra que assim se desenrolava ao pé do fogão elétrico em que d. Maricota preparava o jantar, foi interrompido por um debate de palmas seco, repetido.

- Quem é lá ?- inquiriu Miguelzinho dirigindo-se á porta.

- O' ! não me conheces, Miguelzinho ? Sou eu ! eu o velho Januario ! respondeu um grosso vozeirão de estentor, funcionando por valente pulmão, especie de fole de ferreiro.

- Era só o que nos faltava, monologou d. Maricota indo-se para a cozinha, esse Januario Kardec, a essa negra daqui de casa ! Meu coração não me engana. Estou ralada de tédio ... Que virá aqui fazer esse visionario espirita ? que nos quererá esse esconjuro de escamoteador e de bruxo. Deus nos guarde de semelhante avejão.

Põe-se toda ouvidos.

- Que te dizia, hein ? pigarreou o velho farmaceutico depois de lhe dar uma tocarola. Não se vê, continuou assentando-se numa velha poltrona na saleta do jantar, para onde fora logo introduzido, que o dr. Ernesto não acabaria bem ? Ladrão de canas, explorador impune da honra de uma vintena de mocinhas pobres desta zona, um dia recebeu a justa recompensa do que fez a muitos amargar. Estão todos a dizer que a causa da morte foi uma desafronta. A filha do Zé da Mouca está perdida, mas o pai está vingado.

- Bem feito, qual é o pai, nem o marido que quer ficar com a cara envergonhada por um tal malandro ? Quando a justiça publica não vinga o pobre, é preciso que a gente se desforre por nossas mãos. Eu faria outro tanto.

- Quanta farfancia, meu Deus ! – aparteia lá em voz soturna d. Maricota.

- Toda gente elogia e defende o Zé da Mouca, porém quem fôr doido que fale alto, diz Miguelzinho. Dr. Lustosa está com o governo ; quer dizer pode matar e esfolar. E' a desgraça deste Nordeste de pé frio. Não ha justiça. As penas só são infligidas aos pobres e desamparados da sorte. Os ricos podem fazer o que quiserem ; ninguem lhes vai ás barbas.

- Pois é, meu amigo, aprovou enfaticamente o velho. No tempo do feudalismo não havia tanto senhorio, tanta oligarquia, tanto regulo, nem tanta selvageria, tanta impunidade como nesse Brasil republicano. Porém que, havemos de fazer ? E' a feição social do nosso desenvolvimento historico. O nosso estado de civilização ainda, não pode atingir aquela fase de cultura, a que chegaram as velhas nações européas, como a França, a Italia, a Inglaterra, a Alemanha, etc. E o que não lhes custou áqueles povos para chegarem ao ponto elevado do respeito á liberdade alheia no devido limite da liberdade individual ? Quantos revoluções, quantas guerras, quantas decepções, quantos avanços, quantos recúos !

14

- Bem velha que é a sociedade russa, objetivou Miguelzinho, mas onde buscar maior selvageria, deshumanidade, bestialidade que naquela pretensa escola judeu-maçonica de anarquistas e bolchevistas ? Após o maior despotismo czariano a mais torpe revolução que já registou a historia. Praticaram-se lá as maiores infamias em nome do progresso !

- Isso, Miguelzinho, foi e é um fenomeno social.

- Fenomeno social, meu amigo, é o acidente que contróí, mas não o que destróí a sociedade. Chame-o antes de morbo social.

- Constrúa ou destrúa, pouco importa. Nem por isso deixa de ser fenômeno, bem que os bolchevistas destruíram primeiro para construir depois.

- O que é que êles construíram ? A imoralidade, o despudoramento das mulheres, a ruina da família ? As-

sassinios, roubos, crimes fantásticos, levados ao excesso do delírio ? Após quinze anos de bolchevismo a Rússia ficou uma vasta senzala de escravos brancos, os infelizes operários os espoliados camponeses, párias dos párias miseráveis, sem Deus, sem pátria, sem família ! E' a esse acervo de ruínas que v. chama construir ?

- E o plano quinquenal ?

- De que aproveitou o decantado plano ? De que importa enriquecer um estado, prosperar a agricultura e a indústria, se o homem, o primeiro elemento de um estado, perde o seu ser moral e religioso e converte-se num ser puramente económico, um gado humano da mesma natureza que o vacum, o cavalari, o suíno ? Então o estado é só dinheiro no cofre, os campos cobertos de trigo e as minas a distilar petróleo ? O mísero operário russo nada possui, nem mesmo a vida. Com a individualidade arrancaram-lhe o amor são e deram-lhe o instinto, apagaram-lhe o destino eterno e circunscreveram-no aos apertadíssimos limites do tempo e da terra, atufaram-lhe a inteligência no mais torpe materialismo, embotaram-lhe a vontade com a subserviência ás injunções despoticas do estado, tiraram-lhe a vida de um ser livre para converterem-no na energia mecânica de buscar-se uma batata pôdre e um trapo de lã para lhe incentivar mais a fome e iludir o frio abominável das estepes geladas.

- Não quero saber disso, após a pressão, meu amigo vem a reação.

- Refere-se á reação contra o czarismo, não é ?

- Certamente.

- Foi uma reação talvez peor que a própria pressão.

- Depois do despotismo de Luiz XIV não veio a benéfica revolução francesa ?

- Revolução Francesa ! ... a reação de todos os elementos deletérios da sociedade, em que ferveu a escória, a borra, as fezes, de tudo quanto havia degradante no espírito humano. Os ladrões, os assassinos, os jogadores, os saltimbancos, as messalinas, são os elementos únicos

que pululam, sobem e grimpam, mandam e imperam nessas pretendidas revoluções, chamadas sociais.

O elemento sadio tem que fugir, emigrar, senão dará com a vida na forca, na guilhotina. Houve uma época no Mexico em que a revolução social era feita pelo próprio presidente da república, um judeu bolchevista de naturalidade síria conhecido pelo nome de Cales. Intentou o judeu extinguir o culto catolico naquele paiz, e cenas comparaveis ás do tempo dos imperadores romanos se realizaram no seculo mesmo do radio e do cimento armado. Voce fala da Alemanha, da Inglaterra, da França, da Italia ... E porque essas nações meteram-se na guerra mais sanguinaria, mas feroz de toda a historia ?

Não tinham atingido quasi o mais alto grau de civilização ? Porque os alemães queimaram a cathedral de Rheims ? A Alemanha não era a patria dos filósofos e dos sabios ? Se a moralidade crescesse com a idade, então os povos do Oriente seriam os mais morais do Universo. Que moral pessima, ou melhor que imoralidade a dos mulçumanos e budistas ! Fique convicto, sr. Januario. de que, desde que o mundo é mundo, só houve uma revolução verdadeira, construtora e reformadora da vida e dos costumes dos povos. E essa não foi pregada com guerras, macerações, despotismo. A sua arma foi a palavra, a sua convicção foi a fé e o seu ideal foi a caridade. Foi a revolução da paz aos homens de bôa vontade, o Cristianismo.

- Ora o Cristianismo ! pensei que você viesse falar de outra coisa, uma velharia !

- Os legisladores do paganismo fizeram jamais um codigo de moral como os Evangelhos ? Responda ! ... E que é que v. apresenta para substituir com vantagem a essa velharia ? Ande, diga !

O sr. Janueario fez um gesto de impaciencia.

- As leis de Licurgo, de Solon, de Confúcio e de outros antigos e modernos fora do Cristianismo e contra ele não passaram de vergonhoso menospreço da dignidade humana.

- Ah ! eu não acredito na divindade de Cristo ...

- E é por isso mesmo que não sabe interpretar a historia.

- Miguelzinho deu agora em cheio com o sr. Januario, monologou lá baixinho d. Maricota para junto do fogão.

- E que tem que ver a divindade de Cristo com a interpretação da historia, de modo que quem não acreditar nessa divindade não compreende a historia ?

- Tem tudo, sr. Januario , porque a divindade de Cristo é o fato supremos da vida dos povos, o nó gordio de toda humanidade. Por esse motivo é que só há uma civilização, a pregada pela unica revolução social que fez baquear a idolatria de toda especie, idolatria da cidade, idolatria da carne, idolatria da natureza, idolatria do ouro, idolatria do eu ; revolução que levou o carater, nobilitou o sentimento, equilibrou os principios da razão nos esplendores d fé, o Evangelho de Jesus Cristo. No amai-vos uns aos outros está toda moral, todo direito, toda liberdade, toda fraternidade, todo o respeito aos direitos alheias. Sociedade fora desse código é utopia bolchevista.

- Qual ! qual ! bradou o droguista. O futuro da sociedade está no espiritismo. Quando o homem compreender que elle progride continuamente, indefinidamente, até se tornar um verdadeiro Deus, e que a metempsicose é o seu único meio de aperfeiçoamento, tudo irá bem.

- *Eritis Sicut dii*, são bemverdade as palavras da serpente do paraíso, ponderou Miguelzinho.

Sr. Januario havia torcido a conversa. E torna a torcê-la, - o colear eterno da má fé e da petulancia ! ...

- Na nossa ultima sessão, é pena, Miguelzinho, que a não tiveras assistido, o nosso médium fez-nos um rôrde revelações. E uma, meu amigo, é que teríamos turundundum na Usina.

- Para isso não havia mistér de medium, porque do procedimento do dr. Ernesto só podia resultar o que se está agora passando e com certeza vai ainda passar.

Naturalmente será o nosso patrão o dr. Lustosa, porque cunhado do dr. Ernesto e unico capaz de mover com eficiencia produtiva o engenho complicado e infernal de toda esta Usina. Não creio que os dois irmãos do morto, os elegantes doutores Joel e Fernando queiram aqui ficar. São bons vivedores, e não vão deixar lá Monte-Carlo, Galveston ou outro centro elegante europeu ou americano para aqui estarem nessa vida insipida, como fazia o dr. Ernesto.

18

- Tens razão. Daqui bastam-lhes os juros que são fabulosos. Além disso os meninos são mais espertos do que supões. Com a politica eles poderão arranjar uma outra usina tão bôa como esta. Dizem que o dr. Joel na administração das obras do porto e o dr. Fernando na arregimentação das aguas do S. Francisco fizeram contratos do Panamá. O mais serio deles penso que é o dr. Lustosa, mas é uma cobra. Um dia ouvi-o dizer que os cunhados eram uns trouxas e que ele, se um dia tomasse conta da gerencia, ressuscitaria o sistema do cepo, da palmatoria e do chicote ; que era um plutócrata de lei ; que com ela a coisa ou vai ou racha.

- Isso é para intimidar os simples, meu amigo. O homem se conhece pelo que faz e não pelo que diz. Fóra da administração a coisa é uma, mas dentro é outro cantar. Acha você e que ele não tem medo de uma parede em regra ? A Usina está minada de bolchevistas, você sabe ...

- Quem é capaz de fazer parede com uma policia levitada como a nossa ? Só se estiver doido.

- Entretanto, com toda a policia, foi mesmo o chefe dos levitados que deu ao dr. Ernesto passaporte para melhor, não é verdade ?

- Qual Miguelzinho ! Do dr. Lustosa não sabes nem meia missa. Aquilo é um frasquinho de veneno. Já viste homem pequenino, galo garnizé, de falas finas e cara boleadas prestar ? Repara como ele anda ! E' todo se peneirando, todo se balançando, talão-balão, como melindrosas do seculo passado, disse o velho farmaceutico

remexendo-se e bambando-se as carnes flácidas e adiposas na velha poltrona em que se refestelava, num movimento ridículo que de um golpe fez ranger a cadeira e estrondear Miguelzinho numa saborosa gargalhada.

- Dr. Lustosa é um herói ! exclamou animado pelo exito de sua graça. Todo redondinho, calvinho, vermelhinho, com aquele tico de nariz arrebitado e aqueles olhos de cabra morta, sabe falar manso, doce, sereno ... é um veludo, Miguelzinho, um mimo ! E' de cheirar e guardar.

- Um terciopeludo como você quando quer enxugar a boca com um gole de chupetilha, não é ?

- Que feliz lembrança, menino !

Miguelzinho levantou-se calmo e cerimonioso. Foi a uma prateleira donde retirou uma garrafa empalhada com que meou um copazio de aguardente, que ofereceu a seu linguarudo visitante.

- Homem, beba essa á saúde da morte do dr. Ernesto !...

- Pois lá vai ! á saúde da morte do defunto Ernesto !

- E' demais, sr. Januario, o doutor não era defunto antes de morrer!

- Vá !... vá !... E' o que te digo, continuou o velho mais ardoroso pelo calor da bebida, creio no mundo não haver figura mais intrigante, mais subserviente, mais fertil de processos que o tal doutorzinho Lustosa. Não sei se sabes, ele era filho de um sapateiro remendão de rua de Hortas em Pernambuco, porém inteligente, esperto, e, desde que lhe nasceram os dentes ambicioso, roaz, conseguiu um logar gratuito no colégio dos Padres da Ilha do Retiro para formar-se depois em Direito.

- E hoje é o maior inimigo que os padres teem ! Com aquela raposa o pobre do padre Eustaquio voará daqui da Usina.

- Isso seria o menos, porém penso que não o fara com mêdo do operariado que é todo fanatico pelo padre.

- Temos todos nós razão, sr. Januario, porque o padre é o unico protetor com que contamos.

- Que me importa lá eu com isso !



- Você não se importa porque vive de sua farmacia e drogaria, e pouco se lhe dá que nós outros, pobres diabos, nos acabemos na desgraça.

- Deixa de leseira, Miguelzinho, e escuta o resto da historia.

- Fale.

- Pois o borra-botas teve a capacidade de aproximar-se de um daqueles figurões politicos que lhe deram acesso em Palácio. Foi quanto bastou. Insinuou-se, rastejou, lambeu os pés e subiu. Aquilo que para nós seria uma humilhação terrivel, para ele eram vantagens. Dentre os milhares eu te conto um episodio que te descreve claramente a personalidade, ou diga-se a nulidade do grande homunculo. Uma vez estava ele na portariádo Palacio com o governador do Estado e a familia, que aguardavam a descida do elevador para se transportarem ao terceiro andar ; e quando Sua Excia. Subia com a esposa e os filhos, ele, todo derretido, dulçoroso elevou as mãos ao alto e exclamou num arroubo de refinada beatice: - Ascensão do Senhor !

20

- Quem é que lá resiste a uma tal lisonja ! ?...

- O governador, como sabes, desceu, porque perdeu as estribeiras da politica e ele é hoje o sr. dr. Lustosa, pai da patria em S. Francisco e em Pernambuco contra todos os principios da constituição, lente catedratico da Universidade do Recife, presidente do conselho de ensino, diretor das obras publicas, inspetor dos canais e açudes dos dois Estados, superintendente da companhia de pesca, etc. , etc. , quer dizer entoando ascensão do senhor a qual governo que surja cá e lá. Dizem as boas linguas que é um cabide de empregos. E o melhor de tudo é que soube se ajeitar para o lado da familia do dr. Ernesto, conseguindo ser hoje cunhado dos Campos e socio da firma.

- Que é que lhe quer ? Esses homens de todos e de nenhum sempre sabem fazer a vida ...

- Agora vais ver que ele vem cá para a Usina retendo apesar de tudo todas as ricas sinecuras.

- Porque não ? Tudo se arranja nesses brasis inefaveis.

- Em família é um Otélo. A mulher come fogo na unha dele.  
Pobre d. Isaura !

- Para falar á caridade basta. Você tem uma língua,  
sr. Januario ! ...

- Mas o fáto é que estás gostando de me ouvir.

- Não quisera tê-lo por inimigo ; minha honra ficaria em farrapos.

- Quais farrapos, nem meios farrapos ! E' o que te estou a dizer.  
Faça um patife com toda sorte de molequeiras e tratantadas e a gente por  
não faltar á caridade que fique sem dizer chuz nem buz ! Bôa essa, desde  
que eu não calunie, "historicamente", posso fazer a relação, dentro dos  
limites da justiça, da vida de um desses ricaços improvisados por meio  
escusos.

- Basta, sr. Januario. *Jam satis prata biberunt.*

- Mas não penses que vim aqui só por desenferujar a lingua.

21

- Naturalmente que a minha casa não é lixa.

O velhorro tomou então uns ares de solenidade e de importancia.  
Tirou do bolso do jaquetão um formidavel binga encastado de prata,  
destampou-o com um movimento significativo, e tomou entre o polegar e  
o índice uma grande pintada de torrado e disse :

- Estás vendo, Miguelzinho ? Esta reliquia foi ainda do meu  
bisavô, que nasceu a 3 de maio de 1822. Bôa éra aquela. Diz a historia  
que foi o seculo das luzes. Veio o seculo XX, o seculo do fogo, das  
guerras, das revoluções do socialismo, do bolchevismo.

- Seculo em que se matou mais gente do que em nenhum dos  
outros anteriores, aparteou Miguelzinho.

- Progrediram as artes e já estamos em 2032, um lustro a mais  
sobre o primeiro quarteirão do seculo XXI e os homens continuam, como  
dantes, assassinos, ladrões.

Essas ultimas palavras foram pronunciadas num religioso  
decrecendo, repassado de profunda amargura.

- Você, meu velho, está em completa contradição com os seus princípios.

- Eu ! ?

- E então ? Você não é partidário do progresso indefinito ? O homem não vai melhorando dia a dia até se tornar Deus ?

- Vai, afirmou o droguista com pretensa serenidade.

- Ah ! compreendo agora que o deus a que os partidários do progresso indefinito se referem é dá laia dos numes da Grecia e de Roma. Pois bem, os pagãos da antiguidade ensinam que se não podiam imitar os costumes de suas deidades, e os bolchevistas modernos ultrapassaram-nos em crimes. A doutrina devera pois ser do regresso indefinito.

- Atende-me, que não tenho mais animo para responder-te. Tenho um negocio a propôr-te ...

O vozeirão atroante do sr. Januario caía cada vez mais, como os ultimos tons sumidos e graves de baixo profundo do tubo mais grosso de um órgão catedralesco.

22

D. Maricota, que era toda ouvidos ao colloquio que se desenrolava na saleta, nada pôde entretanto perceber.

A esse tempo entra-lhe de roldão pela porta da cozinha, desgrenhadinho, sarapantadinho, na ingenua formosura de menino de doze anos. Evaldo, o acólito que tocava as campas de S. Francisco.

- Mamãe, não sabe ? disse ofegante, o Zé da Mouca matou o dr. Ernesto e fugiu.

- Que é isto, menino, que historia é esta ? fala baixo.

- De verdade, mamãe. Na ocasião em que o automovel ia passar a porteira do pomar, o Zé da Mouca veio abrir o portão. Estava armando com um rifle ; parece que vinha da caça. Dr. Ernesto saltou do carro e disse não sei que ao Zé da Mouca ; parece que lhe dava dinheiro. E vi que o Zé respondeu com uns gritos e umas palavras feias. O dr. Ernesto deu-lhe uma bofetada na cara. O Zé afastou-se um pouco e deu-lhe um tiro. Não sei como foi aquilo. Vi o doutor cair e o Zé voar não sei para onde. Não vi mais nada e corri para a igreja,

para chamar o padre Eustaquio, que me tinha dito que quando visse alguém doente ou morrendo, fosse chamá-lo. Padre Eustaquio ficou branco quando eu lhe dei a notícia. Saí correndo e eu também atrás dele, porém, não pude mais me aproximar do dr. Ernesto, porque havia já muita gente ao redor do carro e vim-me embora. Dr. Lustosa é que me perguntou se eu tinha visto o crime.

- Que lhe respondeste ?

- Mamãe não manda sempre falar a verdade ?

Pois eu lhe disse que sim.

- Muito bem, meu filho, muito bem.

- Não sei se padre Eustaquio pode confessar o dr Ernesto. Dr. Ernesto é ateu. Nunca o vi confessar-se na igreja. Dia de domingo ele não ouvia a missa. Mamãe, aquilo foi castigo.

- Não estejas mais a lembrar as faltas as faltas dos mortos, meu filho. Vamos rezar por ele que é melhor.

- Mas o papai queixava-se tanto do dr. Ernesto, não é, mamãe ?

- Não fales mais nisso.

- Papai pode agora vender bem as suas canas. Penso, que a balança da Usina agora vai andar direitinha. Papai diz que o fiel daquela balança era o infiel dr. Ernesto. Que é fiel de balança, mamãe ?

- Ora, Evaldo, tu não sabes que toda balança tem um ponteiro que marca o pêso exato ? Pois esse ponteiro é que se chama fiel de balança.

- E porque então papai dizia que o dr. Ernesto era infiel de balança ? Era então ele que desequilibrava a balança ?

- Menino, tu estás esperto de mais. Fica nisso e cala a boca.

- Mamãe, porque é que sr. Januario só vive chamando papai para ver umas coisas que ele diz fazer em casa, que vem alma do outro mundo, que fala, que cura. E' tanta coisa ! . . . eu tenho até medo de falar. Nunca ouvi o padre Eustaquio falar nessas coisas na aula de catecismo, ele que nos conta tanta historia bonita de

Nosso Senhor, Nossa Senhora e S. José ! Ainda eu não tinha ouvido dizer que as almas apareciam, que contavam historias do outro mundo, que faziam e aconteciam. Padre Eustaquio manda sempre rezar pelos defuntos. Mas o sr. Januario é terrivel em contar essas historias ao papai. E quando acaba leva-o para assistir ás sessões.

- Quem ?!!.... Esse camarada leva o papai á sessão espiritista ?

- Sim todo dia, minha mãe. Eu já fujo dele. Um dia agarrou-me pelo braço e levou-me até em casa dele. Fiquei com tanto medo . . . Vomêce não viu domingo passado, tarde da noite, como eu gritei ? Eu tinha ido lá depois que eu tinha saído da escola e vi uma mesa dansado, cadeiras voando pelo ar e umas luzes azulada. Senti também cheiro de enxofre. Fiquei morto de medo . Quando foi de noite eu acordei e pareceu-me que a mesa de jantar, as cadeiras, a poltrona, tudo arrastava os pés e conversava. Fiquei com a lingua grossa. Rezei o credo, o padre-nosso, e a ave maria com muita fé. Afinal aquilo parou. Foi então que pude gritar. Se papai não me tivesse levado para o quarto não sei o que seria de mim. E papai a me dizer que eu estava sonhando, Mamãe, eu não estava dormindo, estava acordadinho como aqui.

24

- Ai, meu S. José, tende piedade deste meu marido e de meu filhinho ! – exclamou d. Maricota levantando um olhar de piedade para um retabulo de S. José que pendia da parede da cozinha.

- Olhe, mamãe, eu não quero mais dormir na sala de jantar. Quando é de madrugada acordo-me e ouço um rumor exquisito. Parece que alguém enfiou uns quinze ou vinte carritéis de linha vasios por um cordão e os vem puxando pela casa afóra. Entra na sala de jantar, chega junto ás moringas e pára. Depois continua a mesma coisa. Eu fico horrorizado. Arrepio-me todo. Meus cabelos ficam em pé.

-Deixa de tolice, Evaldo. São as baratas e os ratos que fazem aquele barulho dentro de casa.

- Que ratos, nem baratas, mamãe ! E porque eu

Ouço uns tropéis de homen calçado com botina de rangedeira, fazendo ginqe-ginqe ? E depois chegam junto da torneira da cozinha, abrem-na e apanham a agua. Ouço a agua fazer chua-chuá. Quem é volta para a sala, toma o bule de café, que ficou em cima da mesa e começa a deitar de bem alto dentro das chcaras, fazendo choróró.

- Conta a tua historia sem tanta onomatopéa.

- Topéa ! que é topéa, mamãe ?

- O-no-ma-to-péa : repete !

- Onomatopéa. O que é ?

- E' esse ginqe-ginqe, chuá-chuá, choróró, ou outra voz qualquer semelhante, imitativa dos sons naturais. Não repitas tanto esses sons que fica feia a linguagem.

- Compreendo ; mas escute a minha historia . mamãe. Quando eu ouço aquilo me enrolo todo, cubro a cabeça e tudo, e quero gritar, mas não posso. Estou com a língua grossa. Barata e rato fazem isso, mamãe ? Não durmo mais sozinho, do contrario morro de mêdo.

25

- Isso é nervoso, menino. De noite não te darei mais café. Agora só tomarás leite.

- Mamãezinha, olhe, escute. Esta noite eu não passei tão mal ? Eu já não posso dizer mais nada porque o papai não acredita o que eu digo. Diz que eu estou sonhando, e não quer que eu diga a vomecê que vou às sessões em casa de sr. Januario.

- Espera ; ha pouco disseste-me que foste uma vez lá porque o sr. Januario levou-te pelo braço e foi justamente naquele dia que viste as mesas dansando. Agora dizes que vai ás sessões. Que historia mal contada é este ? Estás mentindo ? ! Bem sabes que horror eu tenho á mentira !

- Ah ! Mamãezinha, pelo o amor de Deus, eu não estou mentindo. Eu morro, mas direi a verdade. Eu realmente fui naquele dia levado pelo braço pelo sr. Januario, porém depois papai mesmo me levou na quinta-feira, na sexta e no sabado.

- De modo que a semana passada tua escola foi de sessão espírita ?!

- Sim, mamãe, porém depois que eu saía da escola é que o papai me levava e me dizia que se eu dissesse a mamãe ele me dava. Ai, mamãezinha, prosegue o pequeno abraçando e beijando a sua progenitora, não diga nada a papai se vomecê me quer bem ! Ele me dá uns cascudos. Prometeu-mos. Olhe, cascudos doem, mamãe !

- Isto não pode continuar.

26 - Mas, mamãe, escute o resto de minha historia, do que me aconteceu a noite passada. Eu não pude me queixar porque o papai me tinha ameaçado. Viu como me achei ontem á noite ? Não sei como não morri. Papai me botou na sala de jantar e trancou as portas. A porta do corredor, a porta da cozinha, a porta do quarto e do quintal, estava tudo trancado. Eu me acordei sem sono, era muito tarde. Ouvi então uma chuva muito grossa. Era cada pinga que parecia uma goteira. De repente eu ouvi a abrir a porta que vai da cozinha para o quintal. As bandeiras bateram com muita força. Escutei e fiquei admirado como o povo foi todo se deitar, deixando a porta apenas encostada. Nisso eu ouvi um tropel de cabra. Aqui está, pensei, as cabras estão agora entrando pela cozinha para se livrarem da chuva. Porém, com grande espanto, ouvi perfeitamente a cabra fazer cambalhotas pela cozinha, derrubar alguidares, panelas e caçarolas, e quebrar a louça que estava arrumada na prateleira. Agora estou vendo que está tudo direito. Oh, mamãe eu tenho muito medo.

- Conta o resto de tua historia .

- Mamãe é tão boazinha ! Deixa contar tudo, mamãe ?

Beija uma e muitas vezes os braços e o colo de d. Maricota.

- Deixa de cavilação, continúa.

- Tenho medo até de contar que me não suceda outra, esta noite.

- Conta, bobinho, conta.

- Ouvi então que se abria aquela porta, diz apontan-

tando para a porta que abria para a sala de jantar. Eu tinha toda certeza que aquela porta estava trancada com ferrolho, á fechadura e á aldrava. Não sei como não morri. Não pude absolutamente gritar. Tranquei os olhos e me enrosquei. A cabra entrou de vagar pala sala. Chegou diante de minha cama parou e disse com uma voz rouca, feia, hedionda: “Vamos á sessão espiritista !” A fala era parecida com a do sr. Januario, porém mais pavorosa ainda. E logo saltou em cima de minha cama, pulou por cima de mim e deitou-se ao meu lado. Eu não pude gritar ; o que pude fazer foi rezar. E rezei com muita devoção aquelas jaculatórias que padre Eustaquio me ensinou : - Oh, maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós ! Meu Jesus, misericórdia ! Quando eu disse tres vezes essas jaculatórias, aquilo bufou, fungou e espirrou como o sr. Januario e então desapareceu. Mamãe, eu tenho horror de sr. Januario !

- Bem, papai precisa saber dessa historia.

- Não, mamãe, eu não vou mais.

27

D. Maricota não se podia mais conter de indignação. Desembaraça-se do filho e irrompe pela sala de jantar, onde muito aconchegados conversavam, como penitente e confessor, Miguelzinho e o velho farmaceutico.

Sem preambulos, nem saudações, de chofre, investe d. Maricota com a voz um pouco tremula, porém senhora de si.

-E’ favor não nos aborrecer mais com seus maranhões de espiritismo a uma família catolica. Agora mesmo acabo de saber que o senhor leva o meu filho para assistir as suas lengas-lengas, em sua casa. Por isso aí está o meu filho uma criança nervosa . . . tão sadio, tão alegre que era o meu Evaldo ! Para vê-lo agora triste, abatido, macambuzio . . . não sr. Januario, não tolero ! De noite não póde dormir com as terriveis alucinações de que é vítima por causa dos passes e escamoteações que o senhor e seus médiuns fazem em presença dele.

Miguelzinho ficou lívido e lançou a esposa um olhar de reprovação.



O velho Januario engravitou-se na cadeira e vociferou em um reto-tono de canto gregoriano : - D. Maricota, procurei cumprir o meu dever. Estou convicto que o Miguelzinho com a senhora, andam num caminho errado, e, amigo de ambos, julgou de meu dever, por mais instruido, mais velho e mais experiente, guiá-los no progresso indefinido. A sua família é bôa e, por isso, não deve passar mais por muitas metempsicoses para atingir o seu ultimo grau de aperfeiçoamento e adquirir o Paraíso.

Meu senhor, eu não acredito absolutamente em progressos indefinidos, em metempsicoses ou transmigrações de almas,, nem tampouco que os espiritos venham da outra vida, fazer-nos revelações nesta, a chamado de um simples mortal e, o que é peor, para satisfazer a curiosidades quase sempre imorais. O seu espiritismo, sr. Januario. não passa de grossissima superstição, sonho irrisorio e hipócrita, parvoçada e cinismo. Eu, mão de família. tendo de responder perante o tribunal de Deus e o de minha consciencia e perante a sociedade pela bôa ou má educação que eu der a meu filho, tenho necessidade de velar pelos sobre os seus habitos e costumes e sobre a sua saúde.

28

- Qual ! minha senhora, qual ! ... trovejou o farmaceutico, depois de se assoar e passar umas tres vezes um grande lenço vermelho pelas narinas ofegantes. A senhora queira perdoar-me, mas pelos os modos está claro que nunca estudou teosoffa.

- Sei que todo espiritista acredita nas patranhas de Helena Petrowna Blavastsky.

- Helena Blavastsky era uma santa ! vociferou colerico o velho Januario.

- Santa ? Uma adúltera, uma devassa, uma escamoteadora como todo espiritista?

- D. Maricota, a senhora não sabe a historia de Helena Blavastsky, a iniciada dos Mahatmas !

- Conte-a . . .

- De 1848 a 1873 ela esteve na India onde foi instruida por Koot-Hommi e de lá passou-se para a America onde fundou a Sociedade Teosofica e anunciou a bôa nova á humanidade.

- Conheço a historia da embusteira russa. Blavatsky nasceu, fazem dois seculos, em Ekaterinoslav a 12 de agosto de 1831. Aos 17 anos casou-se com o general Blavatsky a quem abandonou depois de tres mêses. Os lorpas acreditam na galga aventada por Helena e que ela se enfrasou pelo Tibéte num retiro espiritual, no meio de uma confraria de sabios que a santificaram e iniciaram nos arcanos da natureza, donde auriu poderes supraterrrestres e quase divinos.

- Tudo isso é verdade.

- Deslavada mentira, porque justamente nossa época, é muito sabido que ela viveu ilicitamente com um tal Mitrowitsch, ciganando depois pela Asia Menor, e Egito em companhia de um prestidigitador e magico, chamado Paulo Metamon. Não a tirando as intrujices dos apuros financeiros, foi se a Londres por dar lições de pianos. Lá se fez carbonaria e espiritista sobre a influencia de seus poderosos favoritos Mazzini e Douglas Home, medium de Napoleão III. Em 1858 regressou fugida e no Caucaso encontrou-se com o marido. Pouco mais tarde apareceu ao lado dos soldados garibaldinos, em Viterbo, onde foi ferida. Cumprida assim as ordens da Carbonaria , a mulherzinha foi a Paris, onde sob a influencia do hipnotizador Vitor Michal, adestrou-se nos fenomenos espiritistas e entrou para a escola de Allan Kardec. Foi ela quem fundou o celebre Clube dos Milagres no Cario, onde apreendia na fraude, fugiu precipitadamente para os Estados Unidos. Ahi, está sr. Januario a que se reduzem os longos de retiro de sua santa nas alturas do Tibéte.

29

- Mas a doutrina que ela ensinou é bôa.

- Efetivamente é do bom gosto dos seus sequazes o panteísmo, o evolucionismo, a reencarnação e a fraude . Eu porém, que sou catolica, apostolica, romana, só admito uma ciencia, a que se ensina no catecismo. Aí tenho toda a moral, todos os bons costumes, todas as leis que me enveredam pela estrada certa da felicidade, que será um dia glorificar a Deus eternamente no céu.

- Ora essa ! é por isso que fala de tribunal de Deus, tribunal de consciencia, sociedade. Tudo isso são expressões.

caducas, minha senhora. Deus é mito, ao menos como o quer a Bíblia e os cristãos. Deus é a atividade, a força, que faz o progresso indefinido.

- Meu Deus, quanta sandice ! quanta afirmação sera base, sem raciocínio, sem bom senso ! Não é mais que dizer Deus é isso, Deus é aquilo, sr. Januario ! Estou vendo que nem mesmo um só erro o senhor sustenta. Faz um amálgama de todas as tolices do mundo, que não deixa espaço para a gente destrinçar a confusão de todas suas gratuitas afirmações. Deus é a Atividade Suprema, a Força Primitiva, Eterna Causa Primeira de todas as cousas, o criador do mundo. Progresso indefinido é absurdo . . .

Com a voz estentorea de que era dotado, o velho droguista atroava a casa com proposições estapafúrdias de atundir todas as ouças. Quando serenou a rajada, d. Maricota muito serena e muito firme em suas convicções, falou para o seu tonitroante antagonista.

30

- Estou convicta que toda sua dialética está na sua farronca de trovão ensurdecador. Minha voz, bem vê, é ao contrario fraca e feminina. Neste diapasão, confesso, leva-me vantagem. E' a vitoria da força, que o senhor blasona. Entretanto, está claro que só um espirito corruto e corruptor, será capaz de galrar tanta blasfemia, tanta insensatez. Nós não queremos os seus adiantamentos, que levam os seus adeptos a morrer nos manicômios, senão quando a desfechar um tiro de pistola nos ouvidos.

- D. Maricota acalme-se, porque com a autoridade de espirita e de médium eu lhe anuncio que o nosso dr. Ernesto vai, para seu contento, incarnar-se num frade franciscano.

- Que disparate ! – interrompeu Miguelzinho, se isso fora possível eu acreditaria antes que ele viesse monge augustiano, como Martinho Lutero. Porém meu alvitre é que ele se fique lá para o Inferno, onde pode ocupar o officio de tição para ferver as caldeiras de Pedro Botelho.

- Que caldeiras, nem meias caldeiras, Miguelzinho ! Ainda acreditas nessa historia ? O inferno era de palha e

se queimou. O dr. Ernesto vai agora reincarnar, quem sabe, talvez num filho teu, mais regenerado e mais perfeito, é certo, por virtude do catecismo de d. Maricota.

- Ele hade incarnar num filho de sua mulher, seu tratante, protestou galhofeiro Miguelzinho. Você é que pode ser pai de assassinos e ladrões, se é que você não é o Lampião do seculo passado, incarnado no sr. Januario.

- Diabo o leve a Lampião com todos os assassinos e ladrões.

- Aí está quem ha pouco disse que o Inferno era de palha mandando o diabo carregar Lampião com todos os assassinos e ladrões.

- E' um habito de falar, minha senhora.

- Não é bom a gente habituar-se a dizer o que não sente e o que não crê.

- Sim, mas deixe-me, por favor.

- Deixar, porque ? Segundo a sua opinião, todos nós fomo numa vida transáta assassinos, ladrões e messalinas. Agora é que estamos mais meio lá, meio cá, aparteou Miguelzinho.

- Exatamente ! apoiou sr. Januario.

- Você e sua raça é que foram jogadores e tafúes ! Eu nunca ! continuou Miguelzinho rindo.

- Agora te assevero que quando dr. Ernesto vier, teu filho será um S. Francisco, que é o padroeiro dos comunistas.

- Mas S. Francisco não se aperfeiçoou no espiritismo. Era catolico, apostolico, romano, disse d. Maricota.

- Eu não acredito em metempsicoses, disse Miguelzinho. Você não está vendo, sr. Januario, que eu não podia ser numa vida anterior um Lenine, um Allan Kardec ou outra Blavatsky qualquer da mesma farinha ! ...

- Allan Kardec ? ! alto lá ! obstou o velho.

- . . . para mais não me lembrar do que se passou na vida anterior ? concluiu d. Maricota.

- Minha senhora, quem é que se lembra da primeira camisa que vestiu, dos calçados que usou, quando era pequeno ?

- Claro que não me lembro das roupas que vestí,

quando era pequenina e não tinha uso de razão, porém, quando se me aclarou o espirito, lembro-me de muitas roupas bonitas e vistosas, que me impressionaram a fantasia. Lembro-me de certos calçados que tive, de um vestidinho de sêda verde, quando tinha seis anos de um chapelete de veludo carmesim, de certos passeios, escursões, vistas, e muitos divertimentos de minha primeira infancia, ainda mais, mesmo do que de muitos transe de minha vida de casada. O senhor bem sabe que a memoria das crianças é como uma placa fotografica. Fixa as primeiras imagens que a impressionam. Essa impressionabilidade, vai decrescendo de tal forma que na velhice a pessoa fica inteiramente desmemoriada e esquece prontamente o que ao redor de si se passa. Eu não via a vovozinho ? Ela perguntava uma infinidade de vezes os nomes daquelas pessoas que ela não conhecia de muitos anos, para logo os esquecer. Entretanto contava-nos com a mesma fidelidade, um rôr de pormenores de sua vida de menina e moça. Sendo assim, eu devera lembrar-me ao menos das circunstancias principais de minha vida anterior. Se eu fui uma Ninon de Lenclos ou uma Pompadour, porque me não recordo dos meus tocadores, nem do brilho da côrte de Luiz XIV ? Ora, dize-me, Miguelzinho, tu te lembrás lá de alguma coisa passada de tua vida anterior ?

- Pois eu me lembro ! alardeou arrogantemente o droguista.

Miguelzinho disparou uma grande gargalhada.

- Meu amigo, não te rias, o sr. Januario tem lá na sua farmacia Allan Kardec emplastos, esparadrapos e basilicões para todas as ulceras do espiritismo. Atenção. Miguelzinho, vamos ouvir o oraculo.

- Toda essa interlocução serviu-me de excitante. Estou agora iluminado. Estou recordando tudo, vendo tudo.

- Vendo o mundo ás avessas, creio eu, interpôs d. Maricota.

- Eu sou Juliano o Apostata !

- Garanto-lhe que não progrediu muito, disse lhe rindo Miguelzinho.

- Não lhe ofusques a luz da memória com tuas graças, meu marido ! O homem está atoadado.

- Elle está atoadado, porem creio que é já efeito da chupetilha.

- Estou atoadado. E a prova é que nunca li um compendio de Historia Universal e vou contar o que fiz como imperador da Macedonia.

- Está claro, nem precisava de dizer que nunca leu um compendio de Historia Universal, porque Juliano o Apostata nunca foi imperador da Macedonia.

- Isso foi um lapso de memória, não é, sr. Januario ? O senhor queria dezer imperador romano, não é verdade ? defendeu ironicamente d. Maricota. Mas é pena que o senhor nunca tivesse lido a historia da humanidade, o senhor tão filósofo tão sábio, tão instrutor, tão experiente e tão mestre ! Pois eu, atrasada, ignorante, catequista e apegada á velha superstição cristã, como diz lá vomecê, leio constantemente a historia. E digo-lhe mais ainda que, depois da tradição apostolica, das revelações das Sagradas Escrituras e do ensino constante e infalivel da Igreja Catolica, onde encontro mais luz para educar meu filho e fortalecer a minha fé, é na historia da humanidade.

33

- Nesse ponto sinto-me feliz, porque com a minha mulher sintonizamos no mesmo critério as lyricas cordas da historia.

- Já se vê que estão bem aparelhadas para examinar da pureza da minha doutrina pelas revelações que agora me traz um espirito superior.

- Mas previna ao seu espirito superior para não baralhar mais a sua memoria.

- Aquilo foi um espirito máu que me passou deante da inteligência.

- Uma nuvem deante do sol, parodiou Miguelzinho ironicamente.

- Teem isso, esses espiritos do espiritismo ; só servem para escurecer e perturbar a inteligencia, disse d. Maricota.

- Foi um espirito passageiro, um espirito viajante, não é sr. Januario ? continuou Miguelzinho. Um espirito

muito parecido com aquele acolá da chupetilha, não é ? Os espíritos das garrafas sempre são zombeteiros, pilhericos ...

- Ouçam-me bradou ! bradou o velho em voz sepulcral. Eu sou Juliano o Apostata ! E para prova lembro-me perfeitamente do galicano.

- Galicano ? . . . interrompeu unísson o casal. Que galicano ?!...

- Não me interrompa ! Eu morri assassinado, e minhas últimas palavras foram – Venceste, Galicano !

- Estou vendo, sr. Januario, que a memória em nada lhe ajuda para a demonstração de sua tese. As últimas palavras que dizem ter Juliano pronunciado, foram – Venceste, Galileu !

- Ah! isso é outra coisa, confirmou Miguelzinho. Galileu nesse dito refere-se a Jesus Cristo, de quem Juliano se fez irreconciliável inimigo.

- Como todos os espiritistas, acrescentou d. Maricota. Vêja lá, sr. Januario, que ha ainda outro lapso de sua memória em dizer que Juliano o Apostata morreu assassinado.

34 - Morri assassinado, juro ! Lembro-me perfeitamente de quando meti a mão na ferida e arrojé o meu sangue para o céu, dizendo : - Venceste !

- Porque não termina a frase, não está rebocado por um espírito superior ? Não está iluminado ?

- Iluminadíssimo ! Estou vendo toda a minha vida.

- Está vendo mal, afirmo-lhe, disse d. Maricota ; e que melhor prova que trocar Galileu por Galicano, e sustentar a plenos pulmões que morreu assassinado ? Juliano morreu nas guerras contra os persas. Morrer em plena batalha, com as armas nas mãos, não é morrer assassinado.

- Pode ser que haja equívoco.

- Os iluminadíssimos não se equivocam.

- Mas, ha já tantos séculos !

- Lembra-se em que século viveu na encarnação de Juliano o Apostata ?

- Perfeitamente, foi no século VIII.

- Pêrdão, foi um pouco mais cedo, se me não falha

a memoria . Vomecê nasceu em 331, isto é, no IV seculo da era cristã.

- E' verdade, menina, disse o velho, dando uma pancadinha na testa.

- E' ! a memoria do sr. Juliano está muito fraca. Tambem é já tão velhinho !

- Velhos somos todos nós, que existimos desde toda eternidade.

- Que deuses bufos quer vomecê então que sejamos ! Mas, continuemos, sr. Januario, ou digo, sr. Juliano ! Poderia dizer-me qual foi a sua compleição ?

- Eu era alto, magro . . .

- Tinha o pescoço comprido, não é, sua majestade ? inqueriu d. Maricota.

- E' exáto, eu era um tipo esbelto.

- Mas não é isso o que diz o seu busto no museu Capitolino de Roma, que muitas vezes visitei, quando era estudante, protestou Miguelzinho. A historia diz-nos que Juliano era de pequena estatura e que tinha a cabeça, pedunculada por um pescoço muito curto e atufada no meio de um par de longas espáduas, sempre em movimentos involuntarios e frequentes.

- Usava barbas ?

- Pois não!

- E por que não as aparava ?

- Quem vai lembrar-se lá dessas nicas ?

- Fundam-se na sua filosofia, que lhe vedava aparar os cabelos da barba para aí pastarem a vontade insetos imundos. E' o que nos conta a historia.

O velho sentiu o aguilhão do ridiculo e fez um gesto de impaciencia.

- Lembro-me, Maricota, de ter lido que uma ocasião, talvez influenciado pela corte de Bisancio, sua majestade mandou chamar um barbeiro, e, tendo se apresentado um oficial ricamente vestido, dissera : "Mandei chamar um barbeiro, e não um administrador de rendas". Ele soube então que o tal funcionario recebia, alem de consideráveis ordenados e rendas eventuais importantes, a ra-



ção necessaria para manter vinte escravos e outros tantos cavalos ; que mil cocheiros pouco mais ou menos, outros tantos cabelereiros, copeiros em grande numero, turmas de criados de mesa e eunúcos tão numerosos como as moscas de verão num curral, enchiam seus palacios enriquecidos de marmores raros e ouro maciço ; e que de peixes e aves dos paizes mais remotos, cevava-se o seu guloso apetite.

- Estão vendo ? A historia vai sempre repetida. Não é uma prova da metempsicose ? Não tivemos no seculo passado aqui no Brasil, um tal Cunha e Fouce que, como rezam os autos daquela época, converteu a Casa da Moeda em palacetes, automóveis e outras comodidades de seu uso ? Não dizem que a quase totalidade dos governadores e presidentes de Estado com sua corte de sevandijas e bigorilhas, até a revolução de 1930 era uns defraudadores do patrimonio nacional ? Ao menos eu fui honesto e despedí o barbeiro ; e naquela éra de ignominia os palacios dos Estados da Republica Brasileira viviam apinhados de sátrapas, sibirítas e outros dignitarios do prazer. Eram chusmas de sinecuristas, carrapatos e sanguessugas que amenizavam a nação. Compravam-se por oitenta contos automoveis luxuosissimos para os magnatas e politicos profissionais passearem com suas mulheres, filhos ,sobrinhos, afilhados e amantes. Gastavam dinheiro a rôdo e os unicos meios com que tamancavam a solvibilidade das pavorosas dívidas internas e externas, eram aumentos de impostos.

Roubavam a fazenda pública e a particular. As plataformas que espelhavam aos quatro ventos quando se guindavam ao poder eram fanfarronadas mentirosas, apenas conhecidas dos iniciados.

Em tudo ultrapassaram o meu barbeiro.

Não foi então isso a repetição do luxo de Bisancio ?

- E' uma prova que a metempsicose não aperfeiçoa os espíritos, porque com tantos seculos decorridos, os tais presidentes, se foram encarnações do seu barbeiro, deviam ter melhorado. Mas sua majestade diz que eles eram peores que o barbeiro. Inda outra razão da sem razão de suas

teorias. O vicio e a virtude se repetem, porque teem uma mesma base, a natureza humana, e um constante motor, a graça divina, quando se trata da virtude, e a nossa soberba , quando do vicio .

- Não. Maricota, atalhou Miguelzinho. Nesse ponto, concordo com o sr. Januario. No governo do Imperador Juliano os cristãos, apesar de cultos, foram postos fora da cátedras de gramatica e de retórica somente porque eram cristãos, e no Brasil, no seculo transato protegiam-se descaradamente sujeitos incompetentes para dirigir e fiscalizar a instrução pública do país, nos ginásios equiparados.

- Os nefandos principios da escola bolchevista já tiveram lá em Pernanbuco, o seu dia de gloria, obtemperou d. Maricota, mas foram violentamente repudiados pela nobreza e altivez do povo pernambucano, obfirmadonos são principios de moral da religião catolica, apostolica, romana .

- Poder-lhes-ia ainda contar muitos mais transe de minha vida passada ; porém o já dito é convincente.

- De que seu espiritismo é uma fantasia mórbida de pessimos resultados para seus adeptos . . .

37

- Sendo um não pequeno o de adulterar a historia, interrompeu Miguelzinho.

- . . .quando mais não seja, para um velho perder a circunspecção e o respeito que deve ter ás suas proprias cans. Senhor Januario, a sua demonstração de memoria, se alguma coisa próva, é a hipocrisia e o cinismo de que é capaz quem, dizendo-se iluminado e sirgado por seres superiores, defende o torto e a direito uma burla, um engôdo, que só atrairá a incautos e mentecaptos. E eu, repito-lhe, não permito que esteja a envenenar a educação do meu Evaldo com suas patranhas espiritistas.

- Isto é demais, Miguelzinho ! Sua mulher, abusando do respeito que lhe devemos como uma senhora, insulta-me ! Até logo . . . levanta-se precipitadamente, toma o chapéu e corre á porta. Passem bem !

D. Maricota estava hirta, fria, impassivel, solene. Acompanhou-o com um olhar de aço e, rodando nos cal-

canhares, voltou sem mais palavra á cozinha, onde foi encontrar Evaldo comendo, caladinho, côco ralado com assucar.

Miguelzinho estacou estupefato um momento. Mordeu o labio inferior, cacoete que lhe era peculiar, quando se sentia contrariado, baixou a cabeça, cerrou os olhos como quem reflete e acompanhou a espôsa.

- Maricota, estou corrido de vergonha ! disse em altas vozes.

- Evaldo, ordenou d . Maricota, vai lá para o fundo do quintal comer o teu côco. O bagoço darás aos pintos. Vai . . . vai logo! . . .

Evaldo escapuliu-se com o seu pratinho cheio de côco para o galinheiro.

- Que é que dissestes ao nosso velho farmaceutico ? ! . . . continuou Miguelzinho aos gritos.

- O menino não deve ouvir esses gritos. Assim não podemos educa-lo como convém.

38

- Aquilo é procedimento ! . . . Era preciso saires-te com uma surrida daquela de desafôros ?! . . .

- Miguelzinho, pelo amor de Deus, fala baixo ! Não imaginas que inconveniente é um casal estar a ralar-se deante dos filhos ! Vendo-nos em dissensões, ele, ou me perderia dos filhos ! Vendo-nos em dissensões, ele, ou me perderia o respeito, ou o amor que te deve, sendo obrigado a decidir-se por um dos dois. E então esse nosso Evaldo tão vivo, tão esperto . . . Não lhe sufoquemos as boas qualidades por nossas paixões mal contidas . . . Agora que ele se foi, podes dizer-me o que quiseses, estou pronta a ouvir-te.

- Ele não ouviu tudo o que dissestes ao sr. Januario ? porque não pode então ouvir o que te digo ?

- Perdão, Miguelzinho, Evaldo não me ouviu. Vês ele estava comendo côco aqui na cozinha. E que tivesse ouvido ! . . . o sr. Januario não tem nenhuma autoridade sobre ele. E' um senhor idoso e só. Desse modo quero apenas que meu filho tenha-lhe a atenção que se lhe deve como a velho, e mais nada. Quanto mais longe dele viver tanto melhor.

- E' teu ponto de vista ; mas aquilo não era ação que praticasses !  
O velho saíu de raiva. Fostes grosseira, grosseirona de mais.  
“Hipocrita . . . cínico ! São expressões ?! Não pareces uma mulher educada. Nunca te vi assim. Chamar burla, engôdo a religião alheia! . . . e na cara do pobre velho! . . .

- Estás muito parcial, está claro Não reparaste então nas blasfêmias que ele bolçou contra a existencia de Deus, o tribunal da consciência, a sociedade ?

Gostarias de saber que houvesse alguém dito aqui á cera de tua mulherzinha. Miguelzinho é um barrunta, um marôto ; e eu ficasse com uma cara de asno, muda, queda e aparvalhada, metida nas encospias, sem uma palavra sequer para defender-te ?

- Não vejo simil na tua comparação. Que ponto de contacto ha entre nossas relações de marido e mulher e a tua religiosidade com Deus, a consciencia e a sociedade ? Cada um siga a religião que bem lhe aprouver, contanto que respeite as crenças alheias.

- Ha muito contacto, sim, senhor. Vê isso. Se pelo dever de esposa, coherdeira contigo, das mesmas alegrias e dores, eu devo estar sempre a teu lado para a vida e para a morte, com maioria de razão eu devo estar pela minha fé, minhas tradições, meus principios formadores da familia de que somos base. Se devo ser um contigo, enquanto formos vivos, com mais justa razão devo identificar-me com a lei do meu Deus, que é o meu Criador, o meu Redentor, meu companheiro por toda eternidade, meu fim, meu destino. Devo-me pois estribar na minha fé, que é a luz que me guia na estrada em que nós dois marchamos juntos. O meu deus é o meu premio, meu tesouro. Se para ser bôa espôsa devo sacrificar-me e morrer por meu marido, como criatura ainda mais me assiste o dever de servir, adorar e amar o meu Deus até o sangue, até a morte. Queres então que ouça indiferente blasfemias aqui dentro de nossa casa, sem que se firaa sensibilidade de minha fé, a pureza de meus sentimentos catolicos, porque se não magoe um ve-

lhostro hipócrita, impostor, cínico, se é que se se, impostor, cínico, se é que se se não trate de um paranoico ou maniaco ?

- Mas a gente não deve ridicularizar a religião alheia.

- Quem ridicularizou o espiritismo foi ele próprio . Não achaste hipercômica essa cena em que ele fez, aliás tão mal, o papel de Juliano o Apostata ? Pretendeu fazer de nós uns palermas, supondo que havíamos de engulir a pílula. Dizer-se com uma imponência e segurança inclassificáveis que é um espírito reincarnado, que é um iluminado, que está atoadado por um espírito superior, que se lembra da vida em séculos anteriores ! . . . Se lhe eu houvesse tocado na vida astral, garanto que seria bastante desfaçado para dizer astral, garanto que seria bastante desfaçado para dizer que se lembrava de quando era saturnino, jupiteriano, ou talvez, quem sabe ! que os marcianos são terrenos emigrados.

- Cala a boca, Maricota, que ele veio buscar a lã e deixou-a cá ficar.

40

- Sr. Januario queria ganhar tempo e terreno, compreedí. Porém como lhe faleciam meios intelectuais para nos enganar, recorreu áquele alvitre.

- Naturalmente ele estava brincando.

- Com o que ha de mais radical nos seus principios, Miguelzinho ? Achas crível ? Se estava brincando, tinha a obrigação de desmanchar a brincadeira logo que me viu zangada. Não desmanchou foi então um brinquedo grosseiro. E eu sei que ele não estava brincando. Miss Ann Besant fez o mesmo papel numa sessão espiritista em Calcutá afirmando lembrar-se perfeitamente de ter sido na vida anterior um califa de Bagdáde.

- Já vêes que o exemplo do sr. Januario tem precedente.

- Sem dúvida tem, e muito eficaz, porque na mesma sessão calcutense, levantou-se um cavalheiro com uma circunspecção e gravidade muito espiritista, muito januariana, para afirmar por sua vez que se lembrava alapar de ter sido a esposa do dito califa.

- O casal era bem digno um do outro, concluiu Miguelzinho numa crepitante gargalhada. Engraçado, muito engraçado. E' pena que o sr. Januario não tivesse ouvido

isso. Fazia tempo que eu não ouvia uma historiatão pilhérica.

- Não faz tempo não, Miguelzinho. Ainda ha pouco o sr. Januario repetiu a comedia de miss Besant nas tuas proprias barbas.

- E eu não sei como o ouvi até o fim.

- Não sabes ? Dizem que o amor tem venda nos olhos ; creio. Porém a amizade tembem tateia nas trevas. Meu amigo, fica convicto que a te meteres de agora com esse velhaco só nos resultará a ti, a mim e a nosso filhinho sobretudo, a mais triste fatalidade. Dize-me uma coisa, Miguelzinho, continuou d. Maricota mudando de tom, para que levas o nosso Evaldo á casa do sr. Januario para assistir sessões de espiritismo ?

- E que mal faz ? retorquiui aspero Miguelzinho. Os meninos devem aprender de tudo, o bom e o ruim. Depois usarão do que bem lhes aprouver. Como pode um rapaz ser livre na escolha da religião, se só lhe apontam uma ?

- Ora essa, Miguelzinho, isso em parte nenhuma, nunca foi raciocinar ! O homem não perde a liberdade, quando aprende a verdade que lhe ensinaram. Na tua escola para o homem ser livre em frente á verdade é necessário que lhe mostrem a verdade no mesmo plano que os erros, porque só assim ele terá escolha. A nossa inteligencia é feita para a verdade como a nossa vontade para o bem. O nosso filho não deixará de ser livre se só lhe ensinarmos a verdade, porque Deus não nos deu a liberdade para o mal, porém unicamente para abraçarmos a verdade e praticarmos a virtude. Se os meninos ouvirem falar de religiões contraditorias, como sendo igualmente boas e verdadeiras, em resultado ficarão indiferentes e ateus. Haverá peor peste para o espirito que esse estado de apatia para com Deus ? Não, meu amigo, o nosso filho não deve ser formado assim, Deus existe, e ser indiferente para com Ele é a maior é a maior injuria que se lhe pode irrogar. Além disso, viste que noites terriveis de alucinações ele tem passado esta semana.

- Aquilo é nervoso.

- Tanto mais motivo para deixares de excitar os tenros nervos de nosso filhinho com os esgares que se praticam nas sessões espiritistas. Antes de ir ás sessões ele nada sofria e agora é pena ouvi-lo. Contou-me tais historias que estou horrorizada.

- Ele porque não me disse nada ?

- Porque o ameaçastes, caso ele me referisse alguma coisa.

Batem á porta.

- Evaldo está em casa ? inqueriu uma voz infantil.

- Já vai, respondeu Miguelzinho. Evaldo ! Evaldo !

- Senhor ! respondeu Evaldo, correndo á cozinha.

- Aqui está um menino, que te chama.

- Vai ver, ordenou d. Maricota.

- Bem, Maricota, acabemos com esta historia de Evaldo.

- Está acabada ; mas tu não mo levas mais á casa do sr. Januario.

- Põe-nos o almoço, que já é tarde e estamos com fome.

Os sinos de S. Francisco tocavam então plangentes finados e as sirenas das oficinas, da casa das maquinas, rasgavam gritos de estertor e de loucura, que se propalavam desenfreados pelo espaço.

D. Maricota põe a mesa, e Miguelzinho deita a uma floreira, um mimoso ramalhete de margaridas.

- Papai, padre Eustaquio mandou perguntar se o senhor permitia que eu fosse ao enterro no aeroplano com ele ?

- Pois não ! vai, meu filho.

## DEVANEIO SOMBRIO

### MAQUINAS E MAQUINAÇÕES

43

Os prezados rapazes para quem batem os Sinos e apitam as Sirenas desta fantasia não se magoarão, de certo, que os deixe um momento para dar dois dedos de prosa com os bons e santos velhinhos, seus centenários bisavôs.

Ora lá, meus respeitabilíssimos e encanecidíssimos senhores, pode bem ser que apesar dos anos da idade, dos perigalhos mejestosos da face, das neves hibernais dos cabelos, sejais ainda moços, quem sabe ? almas mais juvenis que as de vossos próprios bisnetos. A virtude contraposta ao vício produz esses desparates na natureza : velhos moços e moços velhos. Mas, com todas essas vantagens não se poderá negar que pertenceis a uma época cujos hábitos e costumes estão agora obsoletos. Perdoai-me a franqueza ; mas é a verdade.

Já lá se foi o tempo que, obfirmados na sua experiência e sabedoria, senão quando na autoridade das encanecidas barbas patriarcais, os anciãos, vossos pais e vossos



mestres, refestelados em suas aparatosas catedras publicas oficiais, ou nas modestas poltronas do ensino privado, doutrinavam a juventude. Porém a retanto tempo já lá foi isso ! . . .

Agora a coisa mudou.

**Tempora mutantur**, dirá o nosso conhecido latinista Miguelzinho.

Os moços subiram ás catedras dos velhos pedagogos e lá encarrapitados estão ensinando hoje a velhice.

Haveis de protestar que é o carro adeante dos bois .

Mas é assim mesmo. A epoca que atravessamos é a de andar o mundo ás avessas.

Não sabíeis então disto ? !

Aí está pois uma bôa lição, que vos dá muito judiciosamente um rapagote do seculo XXI.

44

Não vos queixéis que as sirenas vos tirem o direito que vos tinham dado lá os sinos : o respeito á velhice e principalmente á autoridade, que se supunham naturalmente existir nos velhos.

No tempo do caruncho não se ouvia apitar sirenas . Fostes vós que as inventastes. Naquela quadra feliz tocavam os sinos e toda boa gente corria á igreja para escutar o que diziam os bronzes. Ora os bronzes moravam alcandorados em celas escancaradas aos ventos livres soprados pelas verdades eternas da autoridade e da disciplina da Igreja. Quem subia áqueles campanarios aspirava a plenos pulmões as auras salutaes da harmonia e da paz, da virtude e do amor, da justiça e da luz.

Naquela atmosfera de santidade medravam os homens e as coisas, proliferavam as familias, prosperavam os estados.

Os nossos velhos de hoje eram então bem moços. Frequentavam as academias, onde iam aprender como guiar os povos. Ouviam, escutavam velhos professores, velhos na idade, velhos no sangue, velhos na alma, velhos no sentimento, homens carunchosamente velhos, gastos, estragados, arcaicos, sem mais vigor na intelligência, nem energia na vontade para compreender e seguir os surtos sublimes dos ideais dos Sinos.

Assim acharam que a autoridade de Deus é um jugo, o reinado social de Cristo uma utopia.

Arrepelaram-se de raiva, bufaram de ódio, espumaram de loucura. E desse estrebuchar granizaram as primeiras sirenas pregoeiras de comunismo e do bolchevismo, - o materialismo alemão, o niilismo e o anarquismo russo.

Por isso não se engalispem os velhos e falsos pedagogos, que fizeram uma vez preleções de materialismo nas catedras das academias, sem mais respeito á mocidade de sua terra.

Agora chegou a vez da mocidade não ter mais respeito a essas cabeças encanecidas e caras engelhadas na meditação de como corromper a juventude !

A mocidade está bipartida : - os que ouvem os gritos satanicos das sirenas bolchevistas, e os que acorrem aos clangores solenes, santos e sublimes do porta-voz da Igreja, o Sino.

Aqueles desprezam-vos, cospem-vos no rosto, porque não mais respeitam pai nem mãe, quanto menos a velhos !

Estes lamentam-vos a insensatez, a ignorancia, senão sempre a cavilação e a protervia !

45

Que lição, meus velhos ! Lição tremenda !

Aos olhos de todos, aos olhos da verdade, da crua verdade, meu pobres velhos, não passais de carcaças arruinadas, almas velhas orgulhosas, carcomidas de vícios, ateus, bolchevistas, materialistas de todos os matizes !

- No tempo do ronconcon e da morosa diziam por eufemismo de uma historia **mal contada** que ela era menos verosimil do que um boi a voar.

Já hoje, meus velhos, não podeis dizer o mesmo com a que aqui se refere entre a agulha de um campanario e tampo de uma chaminé.

Se exercitos inteiros se locomovem pelas regiões vizinhas da estratosfera que dizer de bois e de vacas, e nem mesmo de baleias monstruosas, que do seio do alto mar são issadas pelos laços dos hidroaviões de pesca e guindadas para a salga, com menos trabalho do que o da

ave piscivora, que apanha o peixe no rio e o transporta para o ninho para o espicaçar e o comer !

Pelo processo, não se espante a boa gente do século passado, já foram expurgadas as costas marítimas brasileiras dos tubarões que as infestavam, com maior facilidade do que a revolução brasileira de 1930 limpou os palácios governamentais e mais repartições públicas do país dos cardumes voracíssimos dos tubarões terrestres, os mais vorazes de todos os tubarões.

Outra lição para a boa gente de cabelos prateados !

Fianlmente a quarta e última história é a do levitador, aparelho muito conhecido dos rapazes do século XXI, para os quais vibram as nossas católicas Sirenas e os nossos apostólicos Sinos.

Com esta eu encerro a licença que me deram, e volto-me de novo para os meus jovens contemporâneos de formoso século, que vai passando.

Os velhos, esses . . . escutem-me, se quiserem.

---

- Engenho do pernambucano Zé Furreca, o aparelho de levitação é um pequeníssimo motor muito leve, que pode desenvolver a força de 40 cavalos. Graças a esse aparelho tão simples de aparência, pode um homem elevar-se no espaço, e com uma aleta á guisa de leme, mover-se na direção que bem lhe aprouver. Ohomem assim armado um voador. O raio máximo de ação desse aparelho é de 30.000 quilômetros, quando inteiramente carregado, e a velocidade máxima 200 quilômetros por ora, para vencer a qual usa o voador um a couraça quereniforme para lhe proteger o peito e uma máscara com bico de ave para lhe guardar a face.

Nas grandes cidades, as arcaicos guardas noturnos foram substituídos por um bando de voadores policiais, que se embuçam numa capas ditas invisíveis, porque tintas de molde a, no vôo, encobrirem da vista o voador.

Na Usina Franciscana, como em todas as grandes fábricas rurais, era costume manter-se um corpo de voadores, sempre pontos de vigília, dia e noite, pelo ar, contra as investidas de ladrões ou malfeitores aéreos ; porque, por sua vez, organizavam-se, como ainda hoje o fazem, bandos de ladrões bolchevistas, para atacar as grandes empresas, quando não conseguem, por outros processos, paredes fatais entre os operários.

José da Mouca era chefe de turma e, como tal, estava de posse do melhor levitador da Usina. O seu aparelho era de um fabricante italiano, e julgado dos mais perfeitos. Ele adejava no espaço, sobre a torre da igreja, quando avistou lá muito longe ainda, na última curva da estrada, ao sair da mata, um automóvel, que vinha rumo da Usina. Aplicou o seu binóculo de aumento de 100 diâmetros e conheceu perfeitamente o carro. Era o dr, Ernesto. O Zé da Mouca encheu-se de tal cólera, que esteve prestes a perder a guia de seu admirável aparelho. O sangue subiu-lhe à cabeça. Viu-se atordoado. Fez-se então para sua casinha, que ficava muito ao sul, sobranceira a uma colina, à beira do rio. Apesar da considerável distância lá esteve num bater de olhos.

47

Em frente ao terreiro, encontrou a sua esposa d. Francisca, uma matrona de quarenta anos, baixa, morena, gorda, corada, cheia de vida, a coser numa pequena máquina elétrica um vestidinho para sua graciosa Joaquina.

- Estás vendo, disse ela levantando-se, quando o marido aterrou, que máquina excelente ! Há uma hora comecei este serviço e já está quase acabado. Corta, acerta, alinhava e cose. Toda a questão está apenas na gente saber aplicar o modelo. Era um aperfeiçoamento das máquinas elétricas de coser do século XX.

- Pelo amor de Deus, não me fales ! Dá-me aí o meu rifle.

- Que é isso, Zé ! ? Ave Maria ! Teus olhos estão como brasas ; parece vão saltar das órbitas !

- Nada ! Dá-me o rifle.

- Para que rifle a esta hora ? Vai descansar ; é me

lhor. Não acho bom esse teu emprego de voador. Isso de passar um homem o dia inteiro exposto ao sol e á chuva, como passarinho, pelos ares, ou passando nas altas copadas das arvores, ou nos topos dos edificios, arriscado a ser visto por salteadores aereos não pode deixar de ser perigoso para a saúde e para a vida. Se Deus quisesse que os homens voassem lhes havia dado asas, como aos passaros.

- Deus não deu asas ao homem, Chiquinha, porém deu-lhe o talento, que muito mais vale do que asas. E eu hoje heide tomar a desforra de quem enlameou o nosso lar, embora seja obrigado a voar daqui para sempre.

48 - Estás doido ! . . . que vantagem ha nisso ? Estamos arruinados, meu Zé, mas, dize-me para onde havemos de ir ? Que vida vamos ter de vagabundos, odiados e perseguidos ? Aquele infeliz dr. Ernesto é onipotente. Tem dinheiro, amigos, posição ; e nós pobres operarios, que valemos ? Perdemos, é verdade, a nossa filhinha, a nossa querida Rosinha, com quinze anos apenas. Porém amanhã ele fará com ela o que já tem feito a muitas. Chamará um operario de sua confiança, casá-la-á e lhe dará um dotezinho. Assim é melhor tolerar a injuria e esperar na justiça divina.

- Não, nunca ! Ele hoje hade pagar-me, custe o que custar.

Dizendo isso, emboca pela porta, vai a um canto da sala, onde está o rifle e alguns petrechos de caça. Abre a gaveta de uma velha escrivaninha, tira algumas moedas, um cachimbo e um pacote de fumo desfiado. Põe sobre os hombros uma **invisível** e procura a porta.

- Meu marido, pelo amor de Jesus Cristo, ouve-me ! exclamou d. Francisca, atirando-se ansiosissima ao cólo do marido. Não faças uma desgraça. Vais deixar-me viuva, ao desamparo, e tua Joanhinha órfã. Pelo amor de Deus, acalma-te ! Se matares o dr. Ernesto serás perseguido pelos voadores da Usina e serás infalivelmente prêso. E depois, os irmãos do dr. Ernesto e o cunhado, que são umas feras, nem consentirão que chegues á Barra. Serás

assassinado aí mesmo na Usina, de modo barbaro. São capazes de meterem-te dentro das moendas para seres esmagado como um feixe de cana. Não te lembras do que fizeram com o pobre do Chico Boto, por motivos muito mais simples ? Edepois dirão que a moenda te pegou o braço e que lá se foi o corpo todo.

- Deixa-me, Chiquinha, disse procurando desenvencilhar-se dos braços da esposa. Antes morrer moído do que andar de frente baixa, envergonhado, como muitos, que conheço aqui na Usina, vítimas dessa caterva de Dons- Juans, Ernestos e companhias do inferno. Eu morrerei, sem duvida, porém as donzelas da Usina Franciscana ficarão intactas.

- Absolutamente não te deixarei. Dá-me este rifle e este levitador !

D. Francisca, fazendo frente ao marido com um esforço sobrehumano, dava a impressão de uma daquelas heroínas da noite de S. Bartolomeu, impedido que seu marido ensopasse as mãos no sangue do rico usineiro, deflorador e ladrão.

- Deixa-me, peço-te ! Sei que estou fazendo. No ôco da mangueira velha acharás todo dinheiro que precisares. E o que me quiseses dizer, vai lá e deixa um bilhete, que nada te faltará. Porém toma tento que ninguem te veja, quando lá fores.

49

Sem mais dizer, tocou de leve no braço da mulher com um estilete, entorpecendo-o por alguns minutos.

- Que é isso, Zé, que me fazes ?

- Isso passa, adeus, adeus, não sei até quando !

Aproxima-se de Joanhinha, loura criança de dez anos, que dormia o sono da inocencia em uma redinha de tucum, armada na sala, e deposita-lhe na face o beijo da extrema caricia do pai transverberado de uma dor insondavel, de uma atra vergonha.

- Adeus, minha filha ! E' a honra de tua irmã que eu vou vingar e a tua que eu vou guardar.

Duas grossas lagrimas saltaram-lhe dos olhos sobre a face da criança e... partiu para o reino do passaredo ale-

gre, como uma nota dissonante de negra tristeza e infernal rancor.

A menina acorda, sobressaltada e grita limpando o rosto :- Mamãe, que foi isso ? Parece que estava sonhando com papai. Veja que estou com o rosto molhado.

- Foi sonho, Joaquina !

- Eu estava vendo ele chorando. Onde está o papai ?

- Não chegou ainda.

- Quer me enganar ! . . . Papai está aí escondido.

- Pois corre a casa toda para ver se o encontras.

- Mamãe também está chorando ! . . .

- Quem te disse que estou chorando ? Não vês que estava a coser o teu vestidinho ?

- Mamãe chora quando cöse a minha roupa ? Não cösa mais não, mamãe.

D. Francisca não podia sopitar as lagrimas.

50

- Eu não disse ? ! Mamãe está chorando ! Não chore não, mamãe, que eu choro também. Desfigura-se em pranto.

- Que é isso, Joaquina, precisa você fazer essa cara tão feia ? disse d. Francisca procurando desastradamente contrafazer-se. Estou com os olhos vermelhos porque não posso aplicar a vista á costura. Quando cöso fico assim.

- Pois não cösa mais, mamãezinha. Diga-me onde está o papai ?

- E' muito cedo ainda, Joaquina. Ele ainda não chegou.

- O sol já está tão alto, mamãe ! A essas horas o papai já tem tomado o seu café e tem ido dormir. Pobre do meu papaizinho ! Leva ás vezes a noite inteira voando por cima da fábrica á chuva e ao vento. Não descansa.

O Zé da Mouca chega á porteira do pomar quase na mesma ocasião que o automovel do dr. Ernesto. Apeia-se de uma altura de cerca de trinta metros quase com a velocidade da queda de um corpo e, maneiroso, digamos mesmo elegante, toca num botão elétrico, que faz girar nos gonzos a poderosa porteira de ferro, com um gemido profundo.

- Bom dia, sr. Doutor. Fez boa viagem ? Porque não veio voando ? Há muito que já estaria em casa a descansar.

- Meu levitador está aqui, porém preferi o automovel porque a manhã está muito húmida e a forte corrente de ar frio de ordinario faz-me resfriar. V. sabe eu não uso mascara quando vôo.

Dizendo isto, para o automovel, transposta já a porteira.

- Porém v. excia. Poderia ter vestido sua capa impermeavel e a invisivel por cima, que nem se molharia, nem ninguem o veria menos elegante.

- E' verdade, Zé, respondeu muito afavel, porém não tolero esses trajos de operarios e voadores. E' um fardo a gente meter-se numa fronha dessa.

- Veja só V. Excia. Eu sou doido por este traje.

- Fica-lhe bem.

- E a minha Rosinha, como vai ? Isso foi dito com tanta simplicidade e ar de confiança que embaiu por completo o espirito até ali um pouco desconfiado do devasso. Entretanto, não respondeu logo. Levantou um pouco a cabeça e divagou o olhar da face de seu interlocutor para ir cravá-lo lá longe nos topos das chaminés e bombças dos arranha-céus de sua monstruosa Usina. Com um ligeiro sorriso nos cantos dos labios voltou a vista do espetáculo de sua riqueza para o vicio inocente de seus perfumosos cigarros, de que tirou um, levou á boca e acendeu pensando talvez lá comsigo como de outras vezes tantas – ah ! esse é bom açougueiro ; com umas pratinhas meúdas a gente compra-lhe a filha. Assim muito displicentemente respondeu ao Zé da Mouca – Deixei a menina na minha vivenda do Oitizeiro. Ela está contente, satisfeitissima. Fique tranquilo, que ela está mesmo que uma rainha. Nada lhe faltará. E' porém minha intenção trazê-la cá para a Usina, porque estará no meio da sociedade, e os pais poderão vê-la quando quiserem. Eu lhe agradeço muito, meu amigo, o interesse que toma por sua



mimosa Rosinha, que lhe asseguro não haver menina mais formosa que ela por toda essa redondeza.

Enquanto vai desfiando esse discurso, guarda os cigarros e o fósforo, e de uma soberba carteira de couro de cobra, encastrado em ouro e com um artístico monograma mas gravado com as iniciais entrelaçadas E. C., tira uma cedula nova de quinhentos cruzeiros, que oferece ao Zé da Mouca, dizendo :

- Tom, Zé, é para fumares uns bons charutos da Baía.

Zé da Mouca que se não podia mais conter de raiva e de vergonha, e ainda mais daquela expressão – **no meio da sociedade**, e que não era comunista, repostou:

- Bandido ! Deflorador ! Infame ! Eu sou um homem honrado, não vendo a honra de minha filha por charutos da Baía ! Com mil raios, vai-te para o inferno, patife, comunista, vilão !. . .

52 Evaldo, que estava perto, sem que os interlocutores o percebessem, ouviu um ruído surdo de rifle mordeníssimo, 3018, que disparou sem estampido, sem fumo.

O dr. Ernesto rolou no chão em golfadas de sangue, sem articular mais palavra. E Zé da Mouca, agil como um rapace, desata do colete do dr. Ernesto um outro levitador poderosíssimo e um travador de movimentos animais ou mecanicos e cem metros de distancia, aparelhos de que dr. Ernesto não tivera tempo de se utilizar. Assim armado o assassino alou-se como uma seta para a região das nuvens e ninguem mais o viu.

Como já foi imagem no devaneio verde, Evaldo partiu em disparada para a igreja a chamar o padre Eustaquio. No adro do templo encontra-se com uns vendedores ambulantes de fruta, que iam pachorrentamente deslizando sobre o calçamento em seus longos patins eletricos, levando de reboque uns carrinhos ambulantes com a exposição de suas mercadorias. Grita-lhes : - Vão ver ali o dr. Ernesto, que foi assassinado pelo Zé da Mouca. Ia chegando tambem na mesma ocasião um grupo de devotas, que iam assistir ao santo Sacrificio da Missa.

A noticia logo se espalhou. O padre Eustaquio ainda estava sentado no confessionario, com sua linda sobrepeliz de renda do Ceará, presente da já então viuva Ernesto de Campos. Os cirios ardiavam em casal sobre o altar-mór. E nem as flores que o perfumavam, nem a claridade malticôr que vasava dos ricos vitrais da abside, nem o ambiente mistico, solene e religioso, que enchia toda a nave, nem o recolhimento, devoção e piedade dos fieis, que ali estavam, sentados uns, ajoelhados outros, orando todos, podiam harmonizar com aquela nota de angustia de que aquela criança era portadora, como um embaixador da morte até a porta do Senhor.

O padre Eustaquio acabava de absolver uma penitente. Evaldo, ofegante mal pode articular a noticia. Padre Eustaquio a principio não compreendeu de que se tratava e fez-lhe sinal para que esperasse um pouco lá para a sacristia.

Evaldo recalcitra.

- Padre Eustaquio corra, vá confessar. . .

- Padre Eustaquio levanta-se, e, tomando-o pelo braço, procura sossegá-lo.

- Aquiete-se ! que é que você tem ?

- O Zé da Mouca matou agora mesmo o dr. Ernesto na porteira do pomar.

- Que é isso ? Você viu ?

- Vi ; corra, padre. Penso que, morrendo, ficou lá na estrada estirado no chão e o automovel parado ao lado.

- E o Zé da Mouca ?

- Não sei. Vi-o subir no ar e desaparecer.

Padre Eustaquio vai ligeiro á sacrista, levando apenas o tempo para tomar o ritual e os santos oleos. Paramentado mesmo como estava, corre desabaladamente á porteira.

Já lá estava uma roda de operarios, vendelhões, pequenos lavradores, mulheres do povo, devotas, que iam á missa, crianças e alguns automoveis.

Com a chegada do padre abriam ala. O santo capelão da Usina Franciscana ajoelha ao pé do cadave e,

pelo movimento em cruz da dextra, vê-se que lhe dava a absolvição sacramental.

Estava o bom do padre nesse pio e sacrossanto mister de sua profissão sacerdotal quando chega o dr. Lustosa cunhado da vítima, que adregou vir passar uns dias na Usina.

- Afastem-se todos, impera com uma voz de esfinge. Vamos, tomem o corpo e metam-o dentro no carro. Quem é o assassino ?

Olharam-se uns para os outros pasmos de susto. O padre Eustaquio informa-o então em voz sumida do que ouvira de Evaldo.

- Se. Evaldo ! silvou em falsete o dr. Lustosa . Onde estava você quando o Zé da Mouca matou o dr. Ernesto ?

- Alí ! apontou a criança para junto do muro do pomar.

- E para onde foi ele ?

- Não sei. Subiu no ar e desapareceu-me da vista.

- Seu Manuel Ciriaco !

- Pronto, sr. Doutor, acudiu um bigorilhas de marca pequena numa voz aflautada.

- Tome a direção da turma dos voadores e batam a mata. Ele deve estar escondido por aí perto.

Manuel Ciriaco subiuno espaço e sumiu-se no azul.

O automovel tragico rodou para a rica vivenda do dr. Ernesto, e padre Eustaquio foi celebrar em paramentos negros a missa de corpo presente.

---

A sumptuosa residencia do dr. Ernesto estava convertida em verdadeiro vale de Josafáte. D. Isaura, a esposa do dr. Lustosa, aos gritos histericos, estava nos braços da viuva, cercada de uma dezena de senhoras. Um cheiro forte de éter, embriagava o aposento. O corpo foi depositado num largo divan. A ciencia medica da localidade, representada por alguns esculapios, que acorreram á prin-

cipesca vivenda do dr. Ernesto confessava-se impotente para restituir á vida o assassinado. O coração e o pulmão tinham sido varados por uma bala. A hemorragia continuava ainda. O dr. Ernesto havia já perdido todo aquele rubor de moço sadio e forte, afeito aos prazeres dos sentidos. Não era mais o mesmo, senão, a bem dizer, uma das figuras antigas da arte ceroplastica do museu de madame Tousseaud , em Londres, representado o real dr. Ernesto.

No meio daquela gente aterrorizada do crime que se acabava de praticar, sobressaltadissima do que poderia acontecer, andava como uma sombra de um lado para outro a figura pequenina e gorducha do dr. Lustosa dando ordens numa voz, que não parecia de gente séria. Também não se tinha de mexer e fazer piruetas nervosas pela casa. Uma vez era ao telefonio, falando para a Barra, Pernambuco, Baía, Rio ou Brasilia, a moderna capital da republica, no planalto de Gioaz. Outra era ir ora a essa janela, ora áquela, armado de uma vista ultra-potente para descobrir no espaço infindo o bando dos seus voadores em caça ao Zé da Mouca, que ele não supunha provido de capa invisivel. Finalmente senta-se, bufa como uma féra enjaulada, para de novo levantar-se e vagar pela casa num desassossegado incontido. Suas ordens eram desconstradas e ninguem ousava lembrar-lhe medida nenhuma, que teria respondido com um grito. Era esse seu costume, então mais azedo pela agrura do momento. Afinal dr. Castelo, clinico da familia, abordou o dr. Lusota para acalmá-lo.

- Dr. Lustosa tenha calma e resignação.

- Vou chamar o dr. Paulo Duarte, que é incontestavelmente a maior sumidade da medicina brasileira. Ouço dizer que ele tem feito resussitar mortos.

- Não acredite, dr. Lustosa. Isto é uma patarata. Quem está morto, não ressuscita mais. Se empregarem certos processos, que eu conheço, vamos ter aqui uma cena horrivel, que talvez lhe faça enlouquecer a sua esposa e sua cunhada, excitadas e nervosas como estão.

- Mas dizem que é um processo modernissimo; faz vir a vida.

- Sei que é modernissimo, porém aplicado em casos de mortes aparentes. No caso seria ridiculo e tetrico. O corpo poderá mesmo erguer-se. A face do morto tomará uma expressão ironica e fria e logo desferirá uma cascalhada sardonica, como quem ri misto de dôr, de prazer e desprezo, risada sêca, soluçante, como nenhum louco já soltou nos mais terriveis paroxismos da demencia, e logo cairá em cheio como um corpo que se desprega para não se levantar mais nunca. Meu amigo, não quererá presenciar essa macabra tragedia com o corpo de seu proprio cunhado, cena que irá gravar mais a sua dor pela terrivel impressão que lhe deixará molestada a vida inteira. E' preferivel que mande ordens para vir os aeroplanos para o enterro, se não quiser sepultar o seu cunhado aqui mesmo na Usina.

- Não, aqui na Usina Ernesto não será sepultado. Amanhã poderemos vender esta propriedade e ficará o jazigo em terra alheia. Ele irá para o novo Campo Santo em Salgadinho, onde estão edificando os mais sumptuosos monumentos funebres de nossa urbe.

56

Estavam assim conversando enquanto os outros medicos, farmaceuticos e enfermeiros tratavam de tirar s roupas ensopadas de sangue do finado.

---

Os maravilhosos frescos que exornavam as paredes as sala, os bronzes e os marfins exquisitos, que encimavam colunatas e mêsinhas de lavor rebuscado, representando cenas lubricas de capros e ninfas, a luta do amor com a castidade, o concurso á taça do amor, o fruto proibido, o premio de Galveston e outras joias raras pareciam, na sua nudez, testemunhar que eles não eram de todo inocentes da influencia malsã sob que tinha vivido aquele espirito irrequieto e ardente, que se evolara para o Alem.

No salão contíguo, em longas fileiras de custosas estantes de jacarandá, arrumava-se um acervo de novelas refecenas e outras literaturas materialistas, que, sob o pretexto pomposo de expositores da patologia social e doméstica, riam como um bando de janotas, em refinado cinismo, com um risco de lombadas de couro dourado, do parvo e sequioso leitor, que desperdiçara horas calmas de serões absorvendo em longos haustos o veneno da mais grosseira sensualidade, da mais requintada voluptua. Foram afetivamente essas peças de arte nevro-pata, esse lixo dourado sobreexcitante de sensualidades e voluptias, que, sob o aspecto pretencioso de psicanálise, liberdade e progresso, atearam á fantasia ardente daquele desditoso filho dos tropicos, rico de possibilidades para na vida fazer-se herói de grandes virtudes, aquele incendio de paixões criminosas sob que afinal sucumbiu.

Vinde, pois, vinde cá, sórdidos escritores, escritores imorais, pornograficos, caterva de escritores de triste celebridade, vinde, arrancai, essa mascara cinica, tartufa e hipocrita de doutores, de literatos, de psicologos, de poetas, que aí assumís, como se estivesseis em assembléa de gente séria, escancarai as portas cristalinas dessas estantes e apeai-vos dessas prateleiras, que só competem á Biblia, Agostinho, Aquino, Aristoteles, Racine, Bossuet, Vieira, Shakespeare, Rui Barbosa, Dante . . . e tantos outros gigantes da filosofia, da bôa literatura, da fisica, da medicina, das artes ... educadores e formadores do espirito humano ! Apeai-vos ! . . . Então ? . . . Teimais ? . . . E' a voz da decencia que vos manda emigrar daí ! Desobedeceis ? bem se vê porquê. Pelo interesse despudorado da fama e do dinheiro vendeste ao diabo a consciencia, e com os vossos ganhos a alma, a honra, a vida e a felicidade de quem teve a desgraça de vos ler. Porque essa insensibilidade criminosa, essa indiferença de algoz em presença dos estertores de sua vítima ? Sois vós peores que os ladrões de estrada, espoliadores de consciência, delapidadores dos corações inocentes, prodigos dos tesouros do amor, vós mesmos, e não outros que esfolhastes as petas-

las mais delicadas da infeliz Rosinha, que, amarfanhada agora, crestada, está á poeira e á lama das encruzilhadas e das feiras para ser pisada por qualquer transeunte, oh! miséria, a desditosa flor casta do sertão ! Não vos dóe nas vossas almas de pús, ver um pai fora da lei, u a mãe torturada, uma familia desfeita ? ! . . .

E agora, o odio, a perseguição, os sustos, os ataques, as lutas inglorias da vingança, o ricto da dor, a violência das paixões desencadeadas todas numa oficina do trabalho, onde deveram reinar em harmonias de luz e de saber as doçuras celestes da fé e da virtude.

A inciencia, a loucura, o entusiasmo torpe por uma arte mentirosa e caricata e que, longe de acalmar os nervos, os excitava ás convulsões espasmodicas do vicio, com o desdobrar das cenas degradantes dos monturos e das estrumeiras, vos ajuntou do comercio espurio de venenos literarios para essas prateleiras, nichos de verdadeira arte escultural, onde pompeias como uns deuses, recebendo o culto sensual de uma leitura que nada discrepa dos cultos obscenos do paganismo. Imolou-se diante de vós, oh ! ominosos deuses da lascivia, o espirito operoso do dr. Ernesto Campos. Pois bem, aí está o troféu de sua devoção, de suas preces, de seus sacrificios, noites a fio, como um anacoreta, diante de vós, - o seu corpo varado por uma bala, a sua alma respondendo perante o tribunal de Deus por sua desvairada paixão. E a Rosinha ? a malograda Rosinha, quem a guardará, quem a retirará do lôdo da prostituição, quem a restituirá ao convívio das mulheres de bem, quem a reintegrará, linda, rubra, louça e aveludada virgem á inocencia perdida, quem a hade restaurar para Deus, que a criou e para a religião que a santificou ? Sereis vós, tratantes, sanguinarios,almas de cobardia e devassidão, que vendeis a cinco e dez cruzeiros os especimens da podridão de vossas pretendidas produções literarias ? A vossa obra é outra, muito outra. Não tendes outro fito que o de ferir, matar e apodrecer. Essa é a vossa missão, missão sacrílega de corromper a obra divina, sirenas arquissatanicas do pecado, livros maus !

- Que de a vida do gorado dr. Ernesto de Campos ?

Esfumou-se.

Que de a paz do honrado Zé da Mouca ?

Atufou-se como um astro luminoso nas nuvenspesadas de um assassino traiçoeiro.

- Que de a virgindade e graça da formosa Rosinha ?

Perdeu-se na lama do rapto e do estupro.

-Que de a tranquilidade daquela virtuosa matrona que lá está á beira do rio, procurando esconder as lagrimas da vista de sua inocente Joanhina ?

Aniquilou-se.

Um caos de desordens, de desassossegos, de inquietações pelo que vai ainda acontecer empolga os espíritos de toda Usina.

Mas não adeantemos os acontecimentos. Quando o tição bolchevista cair sobre esta sala luxuosa e vos reduzir todos a cinzas, semeadores do mal, os rolos de fumo que se escaparem pelo espaço, dirão como as obras do mal não raro destroem as fontes donde elas proprias brotaram.

59

O grande pecado, pecado original do dr. Ernesto, foi deixar-se seduzir por essas vossas sonoras formas literarias, vestuarios de sêda e veludo, adereços de diamantes e perolas, com que ornastes as barregãs, as messalinas nobres de vossas idéas depravadas.

Se ele prudente, circunspecto, cristão, houvera feito outra escolha para a sua livraria, se noite e dia, houvera meditado na lei santa do Senhor, se hoje, enfiado por esses porticos artisticos, deparássemos com as cenas sacras da vida de Jesus, o Restaurador Divino do Universo, e aí, onde impiamente, sacrilegamente vos esparramais, fomos encontrar os grandes monumentos literarios da Fé Catolica, havíeis de andar pelo mundo, pelos mercados baratos, pelas tendas da lascivia, pelas mãos de jovens devassos e sofregos de excitações a dizer, como fazeis a outros, que o dr. Ernesto era um carola, um hipocrita, um sacrista, um papa-hostias, sem dizer uma palavra sequer da ordem e prosperidade de sua Usina, da paz e tranqui-



lidade de sua familia, da honra e gloria de seus filhos, da proteçãõ sadia dispensada a seus operarios, da justiça e bondade com que seriam tratados, e das luzes da ciencia e da fé que lhe seriam prodigalizadas, de todos os cuidados emfim administradores a seus corpos, ás suas almas, ás suas familias.

Porém isto é obra de construção, e vós, malditos de Deus e dos homens de bem, sois o flagelo de todas as tempestades, de todas as desgraças !

Ficai para aí, ruina da sociedade, fomentadores de guerras, pais da deshonra e da familia, semeadores de ortes ; outros que vos escutem, que vos meditem, que vos amem, que nós volvemos com o nosso serio leitor, com a nossa juventude sadia e catolica, para a historia do dr. Lustosa.

60

---

Dr. Lustosa apesar de politiqueiro, intrigante, ambicioso e egoista, tinha duas grandes virtudes. A primeira era a de considerar o adulterio a maior ruina da sociedade por violar na base a paz, a saúde e a harmonia da familia, com a grave injustiça que irroga ao outro conjuge ; a segunda era como ele costumava dizer **suicumquetribuere**, isto é, pagar no dia o justo salario dos trabalhadores, pelos quaes aliás, diga-se a verdade, não experimentava muita simpatia.

Essas virtudes, porém, não impediam de ser excessivamente vingativo. Em conversas intimas com sua esposa da qual não era de nosso proposito referí-lo, tinha um ciume injusto e doentio, ele costumava reprovar a vida de satiro de seu cunhado. Censurava tambem as ordens clandestinas para se diminuirem os pesos das canas dos fornecedores, porque não valia a pena tirar tanto assim do pão dos pobres diabos e explorá-los nos preços dos armazens de estivas, fazendas e meudezas que eram os tentaculos da cobiça do dr. Ernesto. A consciencia lhe dizia que

seus arranjos políticos lhe eram mais ferazes. E afinal de contas concluía no seu pessimo exame de consciencia que o povo é u a massa anonima, e que o logro do erario publico por suas multiplas sinecuras não se podia dizer um prejuizo a fulano, nem a beltrano determinadamente. Assim se aquietava, engordava, repimpava e inchava, futil e incompetente nas catedras da Universidade, que frequentava quatro ou cinco vezes por ano, na Camara, onde ia apenas quando havia alguma materia a votar do interesse do governador do Estado, e em todos os demais departamentos publicos, onde se refestelava como superintendente apenas para assinar os papeis e comer os cobres. A vingança era seu vicio dominante e por isso todos o temiam. Era capaz de matar, rindo. Ele mesmo costumava dizer: - A vingança é o nectar dos deuses. Manhoso como uma raposa, sabia escolher a ocasião propicia para dar o bote. Mas ao lado da vingança não havia espirito mais servil, mais cobarde. Foi a lisonja que lhe deu o sucesso na vida.

Assim armado de qualidades boas e más, o nosso grande homenzinho, depois de expedir ordens, radiogramas e telefonadas para todas as partes, atufou-se macambuzio e soturno em uma poltrona de couro verde musgo e cismar. Serviram-lhe ali de uma chávena de perfumoso café, e, bebendo aos goles pausados a infusão da saborosa rubiaceia, pareceu transportar-se para outra região do pensamento muito alheia áquela cena de sangue, que tinha diante dos olhos. No obstinado silencio em que se meteu, era aliás tal o seu costume quando alguma empresa rendosa lhe ocupava o espirito, não respondeu mais palavra ao medico, que lhe continuava a falar, o qual, por fim, desconcertado, supondo talvez ser-lhe o mutismo consequencia da dor que o oprima, escafedeu-se para as prateleiras dos livros deleterios.

Infelizmente o dr. Ernesto não era um psicologo. Nós porém que conhecemos de sobra o dr. Lustosa, os seus antecedentes, e todas as malhas de seu intrincado viver, podemos, perdoe-nos o leitor, faltar um pouco á caridade para com ele, dizendo a verdade.

Nunca teve amor a ninguém, nem a sua própria esposa. Casou-se com ela para pilhar-lhe a fortuna ; enciumava-se dela apenas pelo receio de algum desquite e separação de bens. Em que meditaria pois aquele espirito utilitario ? Seria o superintendente da Usina. Era maniaco por superintendencias sem trabalho, e a da Usina era mais que afanosa. Valeria a pena superintendê-la ? Aqui estava o problema. Porém senhor da escrita, como de toda a administração, não lhe seria difícil no seu longo tirocinio de expediente pôr fora os seus dois cunhados, uns gosadores, uns poetas, e ficar senhor unico de todo aquele tesouro, mais de trinta bilhões de cruzeiros ! A vingança porém, como milhafre esfomeado, tinha-lhe o coração nas garras aduncas. Censurava o procedimento de seu finado parente, todavia não podia admitir que um miseravel Zé-da-Vestia tripudiasse sobre o cadaver do irmão de sua consorte. Havia de prendê-lo, e a justiça seria feito por suas proprias mãos, ou com a geladeira, ou com a moagem da Usina. Não seria o primeiro. Nesse ponto estava de acordo com o dr. Ernesto. Isso de ir criminosos á Barra, instaurar processos, reunir júris e lavrar sentenças, era um seculo de esbanjamentos. De sobejo, bem poderia a oposição, que era forte, sistematica, poderosa, conseguir *habeas-corpus* para o criminoso, que a testemunha era unica e de onze anos apenas. *Testis uma, testis nulla*, pensava com algum fundamento de justiça ; todavia vociferava-lhe a vingança, - quando não ha testemunhas, inventam-se. Nessa dificuldade, só havia uma saída facil, mandar matar o Zé da Mouca e reduzir-lhe a familia a extrema desgraça. Era mister um castigo formidando para que a raça inferior dos operarios voadores conhecessem que não eram gente.

Iamo-nos esquecendo de dizer que toda essa meditação, que procurámos traduzir no minimo de palavras possivel, era intercalada com grossas baforadas de fumo, que pela boca e dilatadas narinas se lhe exhalavam de um custoso charuto baiano de cinco cruzeiro cada um.

O cinzeiro, que um criado grave lhe aproximou, ficou

dentro em breve regorgitante de cinzas, e o imponente homenzinho soprava, bufava, suspirava, acompanhando complacientemente com a vista as espirais de fumo azulado, que se evolavam pelo aposento, inteiramente extático deante da perspectiva do novo tesouro, que lhe começava a afiar a cubiça.



## DEVANEIO AURINEGRO

### PRODIGIOS FUNEREOS E TRAGEDIAS PRODIGIOSAS

Aqui e alí, pelo amplo adro e dentro na igreja consagrada ao grande estigmatizado Assis, padroeiro onomástico do finado dr. Francisco de Campos, pai dos Campos e fundador da Usina Franciscania, aforismavam-se grupos de interesseiros e curiosos, velhos, devotos e crianças.

65

Ás portas das farmacias, das quitandas, das lojas, dos armarinhos, das mercearias, dos açougues, chegavam levas de bisbilhoteiros ; e as versões mais estapafurdias, os comentários mais estrambóticos, corriam de boca em boca, facinorosos, exagerados, como moedada, que, de falsa, sabe ir passando surdinamente de mão em mão, como peça de lei.

Será todavia enervante para um espírito que devaneia por um planeta de ouro envolto em nuvens de crepe estagnar-se numa visão doentias de mentiras e mentirolas, patranhas e injúrias, como as que estavam lá dizendo, aquela gente ! contra a honra da família do dr. Ernesto.

Em homenagem porém a um seu tanto de verdade, chamusque-se apenas o que papagueavam linguarazes mulheres na porta mesmo do templo, e um pouco mais adean-

te, sem respeito ao pé do Cruzeiro, discutiam não menos descaraveis operarios.

## AS LINGUARUDAS MULHERES

**(Essas faladeiras não são nossas conhecidas. Delas sabemos só que é gente da parvonia, que vai á igreja sem a verdadeira piedade de pessoas sérias).**

**Uma** : - Pode dizer-me, comadre, que significa toda essa moxinifada ?

**A comadre** : - Ora ! Não sabe ainda ? . . . O nosso rico passaro bisnau foi passarinhado hoje bem cedinho pelo Zé da Mouca.

**Outra, interrompendo** : - Aquele Ernesto da peste agora é que hade pagar no Inferno aos pobres das meninas que ele mandou para o Alto do Urubú.

**A primeira** :- Pobre do meu compadre Mané Suminga! Gastou dois mil cruzeiros numa plantação de canas e depois o velhaco do Ernesto tomou-a, pagando-lhe apenas trezentos.

**Todas** : - Que bandido !

66

**A comadre** : - Ele ainda pagou muito. E outros a quem ele não pagou nada !

**Uma outra, intervindo** : - Sr. Suminga para que havia de ser bôbo ? Porque não reclamou ?

**Todas** : - Reclamar o que ? Você é tão inocente que não conhece a Usina ?

**A comadre** : - O Ernesto foi um ladravaz ; rato da arca do pobre e rato da arca do Estado.

**A interventora** : - Dr. Ernesto foi um otimo administrador, essa é que é a verdade.

**A comadre** : - Diabo o carregue ! roubar as canas dos plantadores, pagar pela hora da morte aos operarios, emprestar dinheiro a juros de 8 % ao mês, obrigar a todos os operarios, sob pena de expulsão da Usina, a comprar

nos armazens do Salustio, que tem uma filha no Alto do Urubú, pilhar as filhas alheias, acha você que é administrar bem a Usina ?

**Uma** : - Era um malandraço ! Deixa para mais de quarenta filhos !

**Todas** : - Ufa ! . . .

A interventora : - Vocês bem sabem que o Salustio não tem armazem nenhum aqui na Usina.

**Todas** : - E' ! . . . E' ! . . . E' ! . . . Ele tem uma filha no Alto do Urubú . . .

**Outra** : - Que já tem três filhos . . .

**A interventora** : - Minhas amiguinhas, vocês se acomodem. Mal com o dr. Ernesto peor sem ele. Vocês bem sabem que é daqui que nós todas temos o nosso pão. Bem lhes assevero que, se umas tantas mães de família que andam por aí fossem mais cuidadosas na educação de suas filhas, e não lhes permitissem andar aos salamaleques, como pastores do Natal, ou as **misses** do seculo passado, elas jamais seriam cubiçadas como foi a Rosinha. Pobre do dr. Ernesto ! Ele é que foi a vítima.

67

**A comadre** : - Você faz do goz inocente ! Já é habilidade . . .

**Duas, deixando o grupo e em voz muito submissa** : - Essa camarada fala assim porque vive ás custas de uma filha.

- Eu já sei, a Elvira . . . tambem mora lá no Alto.

**A interventora** : - Mas o que quer ? Ele era um homem moço, forte, cheio de vida, sem uma formação catolica solida, queria que fosse um santo ? Pudera ! E depois de tudo, dinheiro, posição . . .

**A comadre** : - Mocidade e riqueza, acrescente ! . . . está absolvido o tratante. Até logo, que cáme vou ouvir a minha missa.

**A interventora** : - Ouça a sua missa e peça a Deus perdão do que aguarentou o finado.

**A comadre** : - Bolas ! Já é ter lingua viperina.

Afastaram-se azedas para pontos diferentes do majestoso templo pelo breve, seco, mas reverendo sermão, que



de passagem lhes pregou o padre Eustaquio, que veio entrando para a igreja para celebrar a missa do corpo presente do finado dr. Ernesto.

- Minhas senhoras, vão rezar ! A igreja não é lugar para confabulações ! Já sabem disso . . .

E se padre Eustaquio soubera o assunto da conversa . . . Deus nos livre ! . . . Mas vamos ouvir.

## OS DESCAROAVEIS OPERARIOS

- Perdemos um excelente patrão !

- Pois é ! respondeu o outro enfaticamente. Com ele nunca nos faltou serviço. De vez em quando mandava-me construir uma casa. Estás vendo aquele arruado no Alto do Urubú ?

- E' uma melgueira, sei eu.

68 - Quase todo é de moça que ele desencabeçou, e, quando acabou, mandou construir uma casa. Eu já estava contente, seu Tenorio, porque com certeza ia comer uns bons cobres na construção de uma boa vivenda para a Rosinha do Zé da Mouca. Aquilo é que era patrão bom !

- Diabo o leve, **seu** Engole-Cobra ! Achas que aquele marau era bom, porque tens lá em cima duas casas, uma para a tua mulher e a outra para tua filha !

- E que mal faz isso ? Elas duas bem podiam estar numa casa só ! Foram larguezas lá do patrão. Eu sou bolchevista. Mulher é isto mesmo.

- E' , é assim mesmo. Todo cabra senvergonha se faz bolchevista para justificar-se da falta de brio de suas mulheres e filhas.

- Besteira, **seu** Tenorio ! Bolchevista não tem mulher ; tem amiga. Agora tu com tua moral catolica vives na desgraça, pobre, cheio de trapo e faminto, sem ter uma casa para morar, ao passo que eu tenho casa, relógio de ouro, anel de brilhante e todo sabado reúno a gente limpa da Usina para fazer um **chôro** lá em casa. Só estou triste

porque morreu o sr. dr. Ernesto. Aquilo que era bom freguês !

- Eu quero viver mesmo nos meus trapos. São trapos limpos, podem entrar em toda parte. Não cheiram a caftenices, cabroeiragens, e safadezas. Ando de cabeça levantada porque minha mulher é séria e minhas filhas são umas meninas direitas. Nô em casa contentamo-nos com o pouco, e esse, graças a Deus, nunca nos faltou. Somos queridos da gente honesta da Usina, que é essa que é a gente limpa. Vivemos felizes. E' quanto nos basta.

- Tenho osga a moralistas !

- E eu muito mais a comunistas, bilontras e baldroqueiros !

- Vai-te para o diabo !

- Até logo ! Não sei quem chegará ao Inferno mais depressa, camarada !

- . . . . .

---

Vendedores ambulantes de frutas, galinhas, peixe, verduras estacionavam pelas portas das casas de família a dar novas á patrôa, que, boquiaberta, escutava-os. Idéas extravagantes fusilavam então sobre o ocorrido.

69

Os operarios, que eram milhares, estavam já a trabalhar, quando se deu o assassino. A ordem de suspensão do serviço foi-lhes portanto muito grata. Estava seguro o salario sem as fadigas do dia.

Escancararam-se então os ciclopicos portões das soberbas construções de cimento armado, que os abrigavam nas honradas prisões do trabalho em companhia de uma infinidade de maquinas de todos os feitos, que rodopiavam, rangiam, azoinavam, barriam, cricrilavam, grinfavam, resbunavam, glotoravam, arensavam, como insetos, como quadrupedes, como aves, numa vibração tremenda, cortando, moendo, fervendo, apurando, secando, ensacando, cosendo, comprimindo, empilhando, distribuindo, como se o

aço, o cobre, o couro, o vidro, a água, o fogo, a eletricidade, o vapor fossem eles os produtores da idéia, a alma da Usina, e os seres humanos, que alí estavam não passassem de meros autómatos do serviço.

Viu-se então o espetáculo da água viva, que jorra espadanando em caixões remoinhantes e ferventes ao abrir da represa, quando do ventre monstruoso da Usina brotou tumultuante a vaga interminável dos obreiros, - adultos, mancebos, moçoilas, crianças.

70 Todo aquele organismo de aço, embaraçado de fios, correias, rodas, dentes, navalhas, cilindros, caldeiras e caldeirões, manivelas e parafusos, de alavancas e agulhas, de bobinas e carritéis, de indutores, manipuladores e transformadores, com a sobrecarga dos carros elétricos é, maravilha do século XXI ! excitada e movida por um simples jogo de pás metálicas, mergulhadas no rio a coligir unicamente a força de deslize da água. O movimento daquelas pás é transformado por outro aparelho conjunto com um flutuador nessas forças misteriosas da natureza, que operam os prodígios da indústria contemporânea. O simples toque de um botão situado sobre a carteira do gerente fez parar o gigante, com um atiplado agonizante da sirena. Só os carros continuaram numa felga, por sobre os trilhos, percorrendo a propriedade em todas as direções desde o pátio da feira ao meio dos interminos canaviais, onde era costume irem buscar em pilhas os feixes clariverdes da açúcarada gramínea, ou, ao coração da mata, onde os surpreendia o canto metálico do ferreiro ou o hino saudoso do sabiá.

Muitos operários, sem dúvida, por mais curiosos, moitavam aqui e alí, colhendo notícias, cochichando, comentando, maldizendo, praguejando.

Dos empregados de inferior categoria, pode dizer-se sem receio que nenhum tinha boas entranhas para o dr. Ernesto. Para que pois ouvir-lhe as arengas, as apóstrofes, os improperios, as pragas ?

Para submetemo-nos todavia aos ditames da verdade, devemos dizer que todas aquelas maldições visavam de

preferencia os armazens da Usina. Efetivamente o antigo sistema de barracão, tão em moda nas usinas do século passado, fora substituído nas fábricas da potencia da Franciscania por grandes armazens de propriedade do usineiro, onde se vendia desde o berço do recém-nascido até o caixão de defunto ; mas, por preços tais, que as economias do misero operario derramavam-se todas ali. O resultado como era de prever, era os infelizes esgotarem a ultima gota de suor, sem nunca poderem galgar um degrau a mais na comodidade tão al alcance de todos na vida contemporanea. Quem atenuava esse terrivel este estado de coisas era o padre Eustaquio, já em reclamações privadas feitas ao dr. Ernesto, já lhe era verberando do pulpito a desmedida ambição, em termos inequivocos, focalizadores do criminoso, já acudindo ou com os seus escassos ganhos, ou com as esmolas de d. Alzira e dos institutos de caridade e patrocínio, que fundára, aos doentes, aos esgotados e aos desvalidos.

Foi pois a ação conjunta de um santo sacerdote e de uma alma privilegiadamente catolica o escudo com que, até aquele desenlace, se protegeu a possantissima Usina Franciscania dos golpes violentos dos bolchevistas.

71

Com a doutrina da Igreja tão santamente praticada pelo padre e por d. Alzira os operarios conservavam-se humildes, consolados e até certo ponto felizes. O que por um lado lhes tirava o dr. Ernesto, por outro prodigalizava-lhes d. Alzira. E assim , nesse equilibrio, iam vivendo.

Ninguem recorria ao padre Eustaquio ou a d. Alzira para não ser atendido. Eram eles a providencia da Usina.

Os arcebispos da Baía, Barra e Pernambuco, com outros muitos bispos do Nordeste, já haviam protestado, dizendo que a caridade não pode acobertar avarezas, e que o abuso dos plutócratas, do jaêz dos proprietarios da Franciscania eram os mais eficazes fautores do bolchevismo no Brasil. Os pobres bispos eram pois duplamente odiados : dos plutocratas, porque se viam exprobados nos seus crimes e depravações e dos bolchevistas, que gritavam que os bispos eram os guarda-costas da gente rica, por pregarem

o direito sagrado da propriedade das terras e dos outros bens.

Ninguém queria o meio termo da Igreja, senão as almas generosas, que se não filiavam aos partidos extremos.

---

O céu toldara-se repentinamente de um bando sinistro de aves de aço, esfuziando uma elegia de angustia, num vôo celere de asas negras, sob cujas cavidades estampavam-se grandes cruzeiras aluminadas. Eram os aviões de enterro, que chegavam.

Dizem os viajantes que foram a Bornéu, que os bandos de aves do paraíso dirigem-se no vôo guiadas por uma outra maior, que lhes serve de rei. Para onde ela vai, as outras vão ; onde ela poisa, elas também poisam. Bem assim sucedeu com esse bando de aves metálicas. Chegaram, parece, norteadas por um soberbo dirigível, bem que elas negro, de lombos assinalados de cruzeiras alvinitentes, pejado de uma marcial e um riquíssimo ataúde. As evoluções que essa aeronave praticou sobre a Usina foram fielmente acompanhadas por seus sequazes.

72

Rumou afinal, e com ela todos os aviões ao campo de aviação, onde desceram ruidosos, como um bando de abutres descomunais, sobre a carniça.

Uma roda de cavalheiros rigorosamente vestidos de negro invadiu a sala, já transformada em câmara ardente. Dr. Lustosa já estava paramentado como para os dias de grande recepção. Imponente na sua pequenez, era um napoleão caricato no meio de todos. Atencioso como um janota, ele tinha essa virtude diante da gente graúda do país, muito alinhado, prestativo, não perdia, apesar da magua que o avassalava, uma pontinha de riso esquivo no canto dos lábios. E isso era apenas para ser agradável. Porque havia de enfarruscar-se com uma cara de cimento armado ? Tal máscara só lhe conviria no trato com os bangalafumengas da Usina. Porém o que ali estava era

gente fina, outros dirão gente grossa. Imaginem o oficial de gabinete do governador, representando s. excia. , o chefe de policia, o general de divisão, diversos representantes do corpo consular, deputados, (de senadores não se fala porque desde a Constituinte se havia amputado esse apendice inutil do organismo republicano) , o prefeito da cidade de Pernambuco, desembargadores, advogados, medicos, representantes da imprensa matutina, vespertina, noturna, presidentes e secretarios de diversas associações de comercio, industria, agricultura, literatura, artes. Nem mesmo faltou uma comissão de um **cabaret** carnavalesco da gente rica de Pernambuco, fundado no seculo XX com o nome de **Jackanap Club**, de que o dr. Ernesto era divertido presicente. A propria maçonaria não se representou oficialmente com receio de que o ven. : ir. : ben. : perdesse as preces da Igreja Catolica, porem a Loj. : Consolidação mandou disfarsadamente alguns ir. : , que foram pronto reconhecidos pelo ir. : Lustosa. Todas as repartições onde dr. Lustosa tinha sinecuras e grito de armas se fizeram representar, pois era mister agradar o mestre.

Apesar das amarguras, aquele foi para o dr. Lustosa um dia de gloria. Todos o procuravam, todos o abraçavam, todos o consolavam da perda atroz por que ele pessoalmente e sua familia estavam passando. Uma hora depois é que se ouvem novos ruidos. Eram duas ponderosas aeronaves que chegavam de Brasilia, a nova capital do paiz. De uma era passageiro o oficial de gabinete do presidente da republica, e na outra vinham os dois irmãos do dr. Ernesto, que estavam com assento na Camara. Mal entraram, toda aquela caterva abandona o dr. Lustosa para repetirem aos recenchedados os discursos funebres, que trouxeram engatilhados para o cunhado.

Não havia mais tempo a perder. Eram já dezessete horas e da Usina a Pernambuco por ar gastavam-se cinco horas. Embora o Campo Santo em Belém de Salgadinho fechasse ás dezoito horas, para o dr. Ernesto se fazia exceção. Fecharia por conseguinte depois do enterro, chegasse a hora que chegasse. Para esse fim o campo para

aterrar ficaria iluminado com poderosos holofotes. Os pomposos cemiterios modernos do século XXI são todos dotados de um vasto campo vizinho adrede preparado. Os cemiterios dos pobres, porém, como o de Sto. Amaro, apenas possuem um adro confinado para automoveis.

Subiu o esquife, e o corpo foi afinal depositado dentro de uma urna de cristal, e essa por sua vez dentro de uma outra de bronze recamada de formosos labores.

O padre Eustaquio no cumprimento de seu dever, rezou as preces **antequam cadáver afferatur**, aspergiu-o com agua benta e desceu em seguida para tomar o pequenino avião, que lhe haviam destinado.

O uso em voga nos seculos XIX e XX de corôas mortuarias estava abolido nos enterros elegantes, sendo as flores substituidas por longas fitas pretas, violetas e verdes de dezenas de metro de comprimento por mais de metro de largura, cheia de panegiricas antifonas ás virtudes do morto, em vez do arcaico saudades de sua esposa, de seus parentes e amigos, e outras velharias do seculo passado. As tais fitas, que deviam como flamulas tremular no espaço, eram simbolicas da fama, que se espalhava pelo Além, das façanhas daquele que havia deixado a vida.

74

Outra usança, que no seculo passado seria reputada absurdo, era a de se irradiarem toques de clarins antes das marchas funebres. Esses habitos do seculo XXI tornam os enterros muito ruidosos, mas o nosso seculo filósofa a seu jeito, apesar dos protestos e reclamações dos tradicionalistas contra ssas excentricidades ; que os mortos governam os vivos e a sociedade contemporanea com seus vicios e virtudes é uma resultante das forças da que viveu anteriormente. Sendo assim, tocam os clarins, porque cada morto é, pelos átos de que deixou o exemplo, uma determinante de cuja influencia ninguem se pode escapar : os exemplos arrastam.

O dirigivel desceu no imenso patio da feira, cujas arvores foram decepadas para fazer espaço para a formidável aeronave. A barquinha roçou no relvado e não foi

com dificuldade que o ataúde do dr. Ernesto sumiu-se das mãos descalças de seus portadores para o salão interno da barquinha o qual estava forrado de veludo preto, recamado de ouro, e intensissimamente iluminado pela sociedade de Telefotía Brasileira.

As portinholas laterais da camara anterior da mesma barquinha sugaram rapidas centenas de convidados figurões.

Quando estavam todos abancados e as portinholas fechadas, voou o dirigivel para sobre as flechas da Igreja. Começaram então a descer os aeroplanos, dois a dois, tres a tres, que, tomando os seus passageiros, guindavam-se logo para o espaço a evoluir algum tempo por sobre os edificios da monstruosa Usina. Grande numero de passageiros haviam partido já em automoveis para o campo de aterragem, onde foram tomar as suas aeronaves. Padre Eustaquio embuçado nas amplas e aurinegras dobras de sua pomposa capa de asperges ha muito que flutua em seu pequenino avião em companhia de Evaldo e um outro menino, que é portador, de uma catita caldeirinha dourada.

Ouve-se, finalmente, o uivo estridulo de uma sirena cuja função era adstrita aos avisos de enterro de gala, incendios ou outras catástrofes.

Os sinos do templo não se tiveram de dobrar todo o dia, desde a hora da missa do Padre Eustaquio. Agora ressoavam mais merencoreos ainda. Era o ultimo adeus da saudade, que aquele templo catolico dava ao filho desnaturado, que se esquecera em vida de comungar praticamente os doces ensinamentos do evangelho da virtude, que alías as aprendera no piedoso regaço materno.

Porém aqueles sinos só o padre Eustaquio os sabia ouvir, porque os sentia ; só ele os escutava, porque eram a doutrina santa de seu coração de padre ; só ele os compreendia, porque os amava, e os amava, porque o sacerdocio é a mais eterna, a mais exuberantes das poesias.

Assim, alcandorado nesse suave enlevo da alma, suspende uma prece por outra, e, vendo ao pé de si um anjo, quem sabe ? um futuro ministro do Senhor, deixa um ins-



tante a Deus, para se entreter com sua imagem, e, mãos dadas a essa fiel copia do criador, o inocente, o esperto, o formoso Evaldo, voltam ambos para Deus em caminhos de regiões muito mais elevadas que aquela em que navegam por sobre os píncaros das serras e as copadas bastas dos arvoredos, cercados de nuvens sobredouradas pelos ultimos raios do sol poente.

Mestre e discipulo quedaram-se ambos extasiados pela doçura da tarde moribunda, pelo gemer dos bronzes, e porque tambem não ? pelos gritos histericos das sirenas.

---

OS SINOS E AS SIRENAS NO INTERMUNDIO DE UMA  
LUZ BRUXOELANTE NO PENSAMENTO

I

**MIRAGEM DA VIDA**

**Padre Eustaquio a Evaldo**

76

No tôpo das torres,  
Vestido de monge,  
Com capas de bronze,  
Badalam os sinos,  
Levando bem longe  
Catolicos hinos.

- Escuta o que dizem.

**Sinos**  
**Laudo Deum Verum,**  
**Plebem voco,**  
**Congrego clerum.**

**Evaldo**

Não posso, padre, entender  
O que se diz em latim.

**Padre**

- Talvez não sejam assim.  
Quem entende a voz do sino  
Decifra o texto latino.

**Sirena**

Ai ! ai ! fiau ! fiau!  
Sinos do Santuario,  
Órgãos da voz divina,  
Façamos neste luto  
Uma harmonia trina.  
Fiau ! fiau !

**Evaldo**

Não refrena

**Padre**

O grito da sirena.

77

**Sirena**

Nos espaço, padre, rezai !  
Sinos das torres, gemei !  
Ai ! oi ! ui ! fiau ! fiau !

**Evaldo**

Ai quantos rumores,  
E estranhos torpores  
Ha nos estertores  
Dos sinos ferrenhos !  
A lagrima e a dor  
Do sino pendente  
Em trenos de magua  
Quem é que não sente ?

### **Padre**

Dobai, dobrai,  
E bimbahai,  
Sinos dolentes,  
E repicai,  
Sinos contentes !  
Afervorai, as almas dormentes,  
Iluminai as almas descrentes.  
Chorai, gemei no relicario,  
Intercedei nesse rosário  
De preces de amor  
E gritos de dor.  
Pelos que já dormem  
O sono profundo.  
Pelos que inda lutam.  
No vai-vem do mundo !

**Sinos**  
**Defunctos ploro,**  
**Pestem fugo,**  
**Festa decoro.**

78

### **Padre**

Ai, quantos lamentos ! . . .  
Rebate, esbraveja  
A dor, a tormenta,  
Em furia e peleja  
Com os sinos aos ventos,  
As campas da cruz.  
Ferem-lhes o peito  
Aos sinos sonorosos,  
Os golpes bondosos  
Dos ais de Jesus ;  
E o fogo celeste,  
Que do amor se inspira,  
Ressalta rubente  
Em airosa espira,  
Que ascende contínua

Em chamas purpúreas,  
Rebatendo as fúrias  
Do dia da ira.

**Sinos**  
**Funera plango,**  
**Fulgura frango,**  
**Sabbato pango.**

**Sirena**  
Sinos vós sois do Credo  
A voz santa, impoluta !  
Fiau ! . . . eu sou do mundo  
O éco, o brado, a luta.

Pg. 79 = Corrija-se

Em vez de **Fraçora** meu peito,

**Fragora** meu peito,

**Sirena**  
O clarim do mundo,  
Que á gloria acena,  
Como um felir torpe  
De feroz hiena,  
Françóra meu peito,  
Da liça da arena.

**Evaldo**  
Quem dera tirar  
Desta triste cena  
O uivo agoureiro  
De tão grande pena,  
O brado nefasto  
Da feral sirena ! . . .

**Padre**

Os sinos da Gloria  
São campas da Luz ;  
Que almas amanham  
Incitam, rebanham  
Ao seio de Jesus ..

**Sinos**

**Excito lentos,  
Díssípo ventos,  
Paco cruentos.**

**Evaldo**

Quantas harmonias.  
Quantas alegrias  
Dos sinos

**Padre**

Preces Rumorosas,  
Vozes amorosas !

80

**Evaldo**

Esses festivais hinos  
Do repicar dos hinos.

**Sirena**

Falais como uns arcanjos  
Fiau ! fiau !

**Evaldo**

E tu de voz tão rouca !

**Padre**

Buscas os bens da terra ?  
Guarda-os ; és uma louca.

### **Evaldo**

Não se danar é pena  
O ulular da sirena !

### **Padre**

Queres dominar  
De uma dor os haustos  
Corrigir os faustos  
Da nescia vaidade ?  
Pensa então, meu filho.  
Como são profundos  
Os transes da idade  
No volver dos mundos !

Não é sem paciência  
Que se cura a demência !

O chorara das almas,  
O chocar das guerras,  
Tudo o mais que pena,  
Fundem-se num grito  
De uma só sirena !

81

### **Sirena**

Para que se retenha  
O angustiado pranto  
Daquela voz roufenha  
Do misero operario,  
    Fiau ! fiau !  
Em que na luta empenha  
A força, o sangue, a vida,  
Mui de de balde se envida  
Doutrina mui de ver,  
    Fiau ! fiau !  
Sem que a dor da luta  
Se possa assim conter.

### **Padre**

Tu brames, trovejas  
Em arduas pelepas,  
Inveja da gloria  
Das honras mortais !  
O ouro, as riquezas,  
Eis quanto procuras  
Em tuas empresas.  
Sirena sinistra . . .

### **Evaldo**

Do trabalho sem Deus  
Muito fiel ministra !

### **Sirena**

Em angustias apito  
    Fiau ! fiou !  
E gemendo repito  
    Fiau ! fiou !  
De crueldade o grito  
    Fiau ! fiou !  
Dos encontros travados.  
Anunciando a sorte.  
Lamuriando a morte.  
Abençoando o porte  
Dos valentes soldados ;  
Ou cantando a vitoria.  
Que vai para a historia  
De façanhas audazes.  
    Fiau ! fiou !

82

### **Evaldo**

Teu grito é pagão,  
Sirena falsaria,  
Sirena que geme  
A fementida aria  
De um bem aparente,  
De uma gloria fugaz !

Sirena mendaz !  
Teu eco não soube  
Aos pés do Senhor,  
Sirena de horror !

**Sirena**

Eu bramo, escarmento !  
    Fiau ! fiau !  
Revolta feroz ;  
Desfibro o meu peito  
De angustia refeito  
    Às maguas afeito  
Sem consolação.  
E o sangue espadana,  
E a alma se esgana  
    Fiau ! fiau !  
De desesperação.

**Evaldo**

No peito do justo,  
Que vive de Deus,  
Sirena pagã,  
Tua vida mentida  
Retumba malsã.

83

**Sirena**

Tenho olhos, não vejo ;  
Ouvidos, adejo  
Totalmente alheia  
Ao ensino da fé.  
    Fiau ! fiau !  
- O ar que inspiro.  
- O ar que aspiro  
Quando o peito firo  
É halito profano.  
    Fiau ! fiau !



**Padre**

Relocado engano  
Do viver humano !

**Evaldo**

Sirena mofina,  
Que estás na oficina  
Só pelo teu eco  
Tudo desatina !

**Padre**

Com o brado agoureiro.  
Com o grito guerreiro.  
Pessima centelha  
Do reprovado anjo.  
Tu corres parelha.  
Engenho precito.  
Filha da jactancia.  
Heraldo atrevido  
Da mais vil mercancia  
De Lusbel maldito,  
Principe das trevas,  
Inventor da raiva  
Que numa saraiva  
De maldade crua,  
Semeou no mundo  
A soberba sua ;  
E que no infinito  
Empíreo de Deus  
Procurou assentar-se  
Com o criador tentando  
Em tudo igualar-se,  
Sirena mercante !  
Sirena ladrante !

---

## MIRAGEM LITURGICA

### II

#### **Evaldo**

Padre, inda não atino  
No que me persino,  
Quando bate o sino  
Das Ave-Marias.

#### **Padre**

Filho, tu não crês  
Em Jesus Menino ?  
É o que reza a campa  
Do Angelo Divino.

#### **Evaldo**

Porém, porque é que dobram  
Os sinos afinados ?

#### **Padre**

Soluçam em penitencia  
De ominosos pecados.  
Bramando com insistencia  
Ao Julgador Superno  
Para livrar do Inferno  
Grandes atribulados.

85

#### **Evaldo**

Padre, porque tangem  
Os sinos ao meio dia ?

#### **Padre**

São glorias a Jesus,  
E honras de Maria !

### **Evaldo**

Porque é que a Igreja faz um ritual.  
Que preceitua bênção espiritual ?  
O ungir das campas no sagrar dos sinos ?

### **Padre**

Aprende, filho, aprende  
O qu te agora ensino.  
De quanto vale as campas  
No cultuar divino.  
São elas que pregam.  
Atrôam, ressoam  
Aos ouvidos do moço,  
Ao coração do velho,  
O Verbo de Deus,  
E a luz do Evangelho ;  
Propalam divulgam  
Verdade e justiça  
Na mais santa liça  
Do mesmo clangor ;  
E, em intenso gemer,  
A esperança e o amor,  
Do mesmo tanger  
De bronzes e ferros,  
Que açulam, despertam  
Alentam, encorajam  
O clero indormido  
Aos pés do Senhor ;  
Batendo, avivando  
Com as preces da Missa  
A crença mortiça  
Do pecador.

86

### **Evaldo**

Já sei, meu pai, já sei  
Qual a função do ensino :  
Tocam no campanário  
Um ritual divino ;

Que pregam, recitam  
Bendizem, abençoam,  
E da Eucaristia,  
Divina Harmonia,  
As glorias entoam

Quando Evaldo acabou de expor ao seu mestre o que aprendera do valor dos sinos, já estava tão distante da Usina que não mais ouvia o rumor desconcertado dos sinos com as sirenas. Entretanto o padre inda lhe segredou ao coração que por aquelas bocas de bronze soluça a Igreja os seus mais magoados trenos, como canta também ali as suas mais ruidosas aleluias. Aqueles badalos que batem, aqueles gonzos que gemem, aquelas campas que vibram, são o coração, a alma, a vida de prece de nossa mãe, a Igreja, ajoelhada no píncaro das torres, com as mãos erguidas para o Céu, num suspiro de amor, num éstaxe de sacrificio.

- Os lares abandonados e órfãos ficam no silencio a distilar as lágrimas da saudade pelo cadinho da dor. Não assim a Usina Franciscania ao partir do enterro. A sirena misturava irreverentemente os seus gritos profanos de histérica e devassa com o clangor patriarcal e sacrossanto dos sinos. Dir-se-ia a alteração do arcanjo perdido com o anjo da guarda, disputando a posse da alma do finado.

Com o desprender da última aeronave, todo o povo se reúne no pátio, num vozeiro de feira. Disputavam-se os lugares mais cômodos a sôcos e palavradas. Um espetáculo ia desenrolar-se deante deles. Os olhos se não saciam de ver, nem os ouvidos de ouvir.

De um ângulo da prova surge deslizando vagarosamente pelos trilhos e telescópiofonio . O saudoso dr. Ernesto mandara-o buscar a América para ali mesmo da Usina presenciar os espetáculos públicos, jogos, carnavais e outras festas. A máquina tinha o aspecto de um megaterio de aço, ajezado de bronze dourado. Esse apare-

lho duplamente registrador e transmissor de ondas condensadas de luz, eletricidade, calor e som recebia as imagens de toda a paisagem com uma nitidez a confundir-se com a realidade, e as transmitia ao meio da praça a uma altura de cinco metros, onde se focalizavam. Destarte era dado assim, ao mesmo tempo, verem-se os aeronautas, ouvirem-se-lhes os discursos no meio do cenário empolgante, que eles próprios estavam presenciando de bordo, e registrar-se a própria temperatura em que se moviam as aeronaves através das camadas mais ou menos densas de ar.

Foi então que se calou a sirena, emudeceram os sinos e o populacho caiu num silêncio de tumulto. Ainda assim aquilo não era silêncio, senão o mutismo da curiosidade.

Assistamos também nós esse hipercinema sincronizado.

As aeronaves desfraldaram suas longas fitas, tintas nas cores da saudade e do luto. Aos lampejos da luz crepuscular aluminaram-se todas de reflexos verdes, violáceos, azues e alaranjados. As cruces que pareceram aluminiadas com o dia tornaram-se fosforescentes para a noite. Era uma verdadeira festa veneziana, porém funebre. A medida que a treva se adensava, crescia o efeito fantástico daquelas aves luminosas, que fugiam pelo espaço negro em restas de luz multicolor, á semelhança de navios que espadam luz das prôas e dos costados, quando singram mares tropicais, cardumeados de ardentias, em noite escura de verão.

Emquanto era ainda luz, distinguiam-se claramente as copas virentes das selvas, os perfis caprichosos dos alcantis, os sorrisos brancos das cidades, o encrespar verde dos canaviais agitados pela viração. Agora que se fez treva, as lagôas, os açudes, os pântanos, as poças são como manchas fosforicas, estampadas em manto negro e informe. De vez em vez, surgem os rios no cenário, como serpentes de cobalto, maculadas de azeviche ; e os córregos são uns com vermes de luz, que se colhem e se dilatam sobre angulosidades apunhalantes e navalhantes de leitos de granito.

Aos ouvidos dos espectadores chegam claras, distintas, as notas doridas das marchas funebre e as vozes dos que palestram e fumam pelo espaço em fóra, com tal segurança como de quem está sossegado em seu gabinete. Pode pois quem quiser acompanhar perfeitamente o que diz esse ou aquele grupo, na sua aeronave.

Todos vêem distintamente o padre Eustaquio, no meio de seus acólitos.

Por ouvir e acompanhar com a vista o seu Evaldo até a descida no cemiterio, Miguelzinho estava tambem ali com d. Maricota. Eles pois escutaram fielmente os comentarios do Padre Eustaquio e de Evaldo aos silvos das sirenas e ao dobre dos sinos. Quanto aos versos latinos de Jacobus de Voraigne, Miguelzinho os ia traduzindo para d. Maricota.

Um garoto, que lhes estava ao pé, ouvindo as rima **ploro, decoro** e não podendo compreender o que significavam, comenta-as irreverente, - a eterna irreverencia da ignorancia ! – Ora bolas com esse **coro, loro, piloro** do reverendo latinório do senhor padre Eustaquioro ! . . .

- Cala a boca brutinho, que não sabes o que estás dizendo, increpou-o d. Maricota.

89

O brutinho era caixeiro da farmacia Allan Kardec e filho do senhor Januario.

Padre Eustaquio dá um profundo suspiro, parecendo inalar a plenos pulmões o ar purissimo de mil metros de altura a que alcandorara. Baixa depois um pouco a cabeça, volve o rosto para Evaldo e diz-lhe qualquer coisa de imperceptivel, apontando para o Céu. Evaldo junta as mãos e reza.

Nesse momento em que se ia ouvir a prece do sacerdote com seus acólitos na região mais alta da contemplação, uma aeronave intercepta o espetáculo, que se diria celeste, não foram os seres humanos que o desempenhavam. Era o dr. Lustosa que mandara manobrar naquela pista. Estava repoltreado num divan estufado, coberto de veludo carmesim, ao lado do representante do presidente da

Republica, tomando chavenas de café, calices de licor, e fumando charutos finissimos da Baía. Os rolos de fumo evolavam-se pelo camarim revestido de seda adamascada e escapavam-se pelas janelas irisadas de luz. O interior desse aposento como os demais eram vistos claramente pela multidão apinhada na praça da feira, graças a uns espelhos refletores de que todos eram providos. Conversavam animados nossos fidalgos. Miguelzinho fica ansioso para ouvi-los.

- Então, sr. dr. Barradas, qual é o pensamento do sr. presidente da Republica ? Disseram-me aí alguns deputados que será sempre o dr. Cruz o nosso futuro chefe de Estado ?

-É cedo para falar-se desse assunto ; em todo o caso, tome o meu conselho, não se comprometa.

- Ah ! com o sr. presidente sempre estive comprometido. Os nossos operários e habitantes da Usina Franciscania votarão incondicionalmente em que o sr. presidente escolher. Venha um pai João Congo, que aliás não creio que o sr. presidente vá escolher um mentecapto para governar a nossa querida patria, e eu estarei com ele.

90

-É desses elementos que nós precisamos. Porém os seus dois cunhados estão na posição ; e como pode v. excia. dispor dos votos da população da Usina ?

- Isto é o menos. Eu ficarei na gerencia, porque não creio que eles deixem de passar a primavera e o verão em Monte- Carlo. Então tudo será facil de resolver. O que eu pretendo do sr. presidente é apenas que no caso de uma questão com os meus cunhados, ele me apoie junto ao Supremo Tribunal, para onde iremos com certza em ultima instancia. E ele terá então todos os votos, que eu hipotéco a minha palavra de cidadão brasileiro e Barradista.

O barradismo era então a politica pessoal do presidente Barradas, de quem o secretario era sobrinho e grande válido.

- Que mandrião ! murmurou Miguelzinho aos ouvidos de d. Maricota. Quem te viu, e quem te vê ? Esse beldroegas chegou aqui na Usina aos farrapos. Tinha

apenas o diploma de bacharel em direito, alcançado Deus lá sabe como, e uma certa roda na política, logar que alcançou com seus expedientes de intrigas e adulações. Morre-lhe o cunhado, e nem se lembra que vai acompanhando os restos mortais daquele que lhe deu a mão. Que atitude ! Toma café, bebe **gigi**, fuma como uma chaminé, conversa de política e planeja arrepanhar os irmãos do seu bemfeitor. Pobres rapazes ! . . . novos, ricos, viciados, não sabem o que é o mundo.

- E que vibora eles têm em família ! acrescentou d. Maricota.

Nesse ponto ouve-se uma fusilaria, uma descarga cerrada, como de metralhadoras em pé de guerra. Foi então uma grulhada infernal e uma celeuma tremenda, que se operou na praça da feira. Eram pragas, imprecações de homens que corriam em todos os sentidos, gritos histéricos de mulheres, que caíam ; blasfemias !

- Salve-se quem puder ! gritavam. Valha-me Nossa Senhora ! oravam dacolá. Raios te partam, bolchevismo do Inferno ! vociferavam mais adiante. Diabos te carreguem, praga russa ! imprecavam não se sabe mais donde. Ai, meu Deus, que eu morro ! Quem me acode ! choravam por toda a praça.

Segunda descarga. Tições inflamados eram atirados das alturas sobre os edificios mais conspícuos da Usina.

As descargas não foram diretas para o povo, e por isso a praça pdeu esvasiar-se apesar da desordem. Os feridos que lá ficaram a estorcer-se no sangue e nas vacas de agonia eram vítimas de atropêlos.

Miguelzinho e d. Maricota protegendo-se o mais possível dos muros dos edificios conseguiram a custo sair da praça, feita cáos num momento.

O megaterio de aço espatifou-se ; e estilhaços das lentes vieram cair a alguns passos de Miguelzinho. Estragarem uma maquina daquela !

- É bom que vejas o que é bolchevismo. Ainda um



dia desses aplaudiste o socialismo e o comunismo com o sr. Januario.

- Mas não são a mesma coisa, Maricota ?

- Em doutrina, são. A única diferença é que o bolchevismo é mais violento. Porém quem semeia ventos hade colher tempestades.

Já essas palavras foram pronunciadas á entrada de um parque.

- Aqui já estamos livre do perigo, Maricota. Podemos observar no que isto vai dar.

- Nada, vamos embora, Miguelzinho. Repara, novos tições são atirados !

Ouvem-se estampidos formidáveis. A casa das maquinas começa a arder. Um atoar de clarins interrompe a refrega. Chega o corpo de bombeiros e no alto da praça forma-se uma nuvem de fumo donde irradiam torpêdos aereos e flechas candentes em todas as direções, porém dessa vez iam a centenas de quilometros dos edificios centrais. Era o corpo de voadores que acudiram a tempo para frustar o ataque bolchevista.

Miguelzinho rumou então á casa com sua esposa, porém de caminho é atingido no pé esquerdo por uma bala. Com uma grande hemorragia, ele, apoiando-se no braço de d. Maricota consegue com muita dificuldade vencer os cincoenta metros que o separam do lar querido.

- Maricota, eu te assevero, que tudo isso é obra do Zé da Mouca. Ele viu-me e naturalmente quis vingar-se de nosso filho, ferindo-me no pé. Ele é um excelente escopeteiro. Vêja que estou ferido de bala de rifle.

- Certamente o mesmo rifle com que matou o dr. Ernesto.

- Maricota, nós não devemos, nós não podemos mais morar nessa Usina. Temos um inimigo invisivel, o Zé da Mouca. Foi sempre um homem excelente, porém excessivamente vingativo. Ai de quem ele se declarou inimigo ! Valente, destemido, arteiro, de uma agilidade inaudita, com uma pratica consumadade manejar esses diabólicos aparelhosda engenharia moderna é capaz de torpe-

dear ele sozinho a Usina numa hora e todo esse bando frouxo de voadores não o apanharem pela gola. Zé da Mouca vale um exercito, bem disciplinado. Não sei mesmo de que ele não será capaz. Toda a gente está a pensar que tivemos um ataque bolchevista, porém sou inclinado a crer o contrario. Essas duas fusilarias curtas e rapidas de pontos diferentes porém proximos e o incendio do pavilhão das maquinas mostram que tudo isso é obra de um só homem. Ele sabe onde é o deposito das armas, e muito provavelmente tem as chaves das portas, porque era o chefe dos voadores. Quem sabe se, mal cometeu o delito, não se foi munir de um torpedo aéreo, da aljava elétrica e dos visadores ? A centenas de metros daqui ele com essas maquinas infernais seria capaz de produzir toda essa explosão.

- Porém ele foi repellido pelos voadores da Usina.

- Que importa ! Naturalmente estava esperando a reação ; porque seria incrivel que dr. Lustosa não desse assim que soube da morte do cunhado, ordens prontas de perseguição ao criminoso e de cautela para as munições e para a propriedade.

- É apenas crível, Miguelzinho, que um homem só, perseguido, seja capaz de tanto.

- Que não fez Anibal e Mario em éreas atrasadas na arte militar ?

- Porém eles foram generais a que não faltaram soldados.

- Ora ! se o Zé da Mouca não tem soldados, sobram-lhe a seu favor os aparelhos modernos, que valem muito mais que um punhado de bravos. Repara que ele nem alvo é, porque está invisivel ; e os de cá são muitos, com alvos bem nitidos, como seja a Usina e o povo.

- O peor de tudo se, num assomo de desespero, for unir-se com os judeus bolchevistas.

- Ah ! isso eu não creio que o faça. Zé da Mouca é vingativo, mas não ladrão. Ele não andarà nunca de camaradaria com os monstros de rapina bolchevista.

Zé da Mouca ama a sociedade, venera a honra e o

pudor da mulher, adora a família ; não será nunca bolchevista, como não será plutocrata desalmado, desses, não raros, que por aí andam espezinhando os pequeninos e os fracos. Eleque toma uma atitude corajosa desta, arriscada, e diria mesmo heroica, se não fora grande pecado o homicídio, ainda mesmo por defender a honra da família e seu nome de cidadão, não se unirá nunca a corjas ignobeis de bolchevistas. Sempre foi inimigo irreconciliavel deles, sempre lhes amaldiçoou o sistema, sempre lhes deu caça. Sempre o ouvi chamá-los de cães tinhosos e urubus cobardes. Um homem do brio e da dignidade do Zé da Mouca não rastejará nunca no lôdo do banditismo bolchevista. Ele morrerá na estacada, só, lutando como um condor, e não se abaterá a ir implorar como um verme, o amparo da peste russa, outro epitetozinho ainda, com que os tratava.

- Que mal fez o dr. Ernesto á Usina ! . . . que escudo, que para-raio nos quebrou contra o flagelo leninista !

-É isso, minha mulher, **abyssus abyssum invocat !**

94

- Lá vens tu com o teu lainorio. Olha o filho do sr. Januario, que te não chame tambem de Migueloro !

---

## DEVANEIO TREPIDANTE

### SERPENS ANTIQUUS ET ANGELUS DEI

O filho do sr. Januario, que tambem se havia refugiado com Miguelzinho no mesmo parque, bispou toda cena, inclusive o tiro que Miguelzinho levou no pé. Muito medroso rolou pelas valetas e assim, rojando como um reptíl, chegou á farmacia Alan Kardec, que encontrou cheia de feridos os empregados do sr. Januario numa roda viva a pensar ferimentos, e com o proprio sr. Januario a dar ordens, como um general.

95

- Por onde andava você, Alan, que me chega assim tão emporcalhado, meu filho ? inqueriu mansamente o velho.

- Ah ! Jabuario, tu nem sabes !... Não ouviste o tiroteio ? Estava como toda gente vadia a ver o enterro do dr. Ernesto, explicou-se enfaticamente Allan.

- Aí está o que você lucra em ir espiar as cerimonias da Igreja Catolica.

- Tu tens nada que ver com isto, velho ! ? Fui ver as imagens cineticas do telescopiofonio.

- Que escopiofonio, protestou o velho resumindo o termo, que nada ! Você não deveria ir ver cenas de puro paganismo. Isso não é procedimento de espiritista !

- Eu sou Allan, já não sabes disto ? Faço o que entendo, não tenho contas a dar a velhos caducos.

- Venha cá, meu filho, aplique aqui um chumaço e um pouco de unguento a esse malandro. Você podia também estar ferido como ele, se os bons espiritos não o tivessem guardado.

E logo imperiosamente azamboado para outro caixeiro : Prepara aí depressa, marôto, uma injeção de sôro fisiologico e outra de sôro antitetanico. Lava também aí a ferida desse marmanjo com permanganato de potassio. Corre vai ver-me uma garrafa de agua oxigenada. Estira aqui esta faixa, aperta-a. Diabos ! estou com a casa cheia de vagabundos. Só o meu Allan é quem trabalha, o meu esforçado filhinho !

-Estás levando-me ao ridiculo, velho rabujento ? Queres que eu trabalhe ? É do que estás livre.

96 Assim prosseguia o droguista em trovejante, polvorosa, dando ordens aos gritos para os empregados, e deitando pilherias insusas para os feridos, no que ninguem achava graça, indignados todos como estavam de ver a cobardia do velho em presença do seu adorado e desaforado Allan.

- Não sei também porque veio tanta gente parar aqui aonde ha tantas farmacias e drogarias na Usina ! Queixou-se o jovem Kardec.

- As outras farmacias estão cheias, afóra o povo que foi ferido para a casa, disse uma voz.

- É verdade, ia-me esquecendo de dizer-lhe, sr. Januario, o Miguelzinho também está ferido.

- Quem o Miguelzinho ? !

- Sim, ele mesmo ! Eu o vi quando foi baleado no pé.

- Que me importa eu lá com isso ? D. Maricota botou-me para fóra de casa, porque eu sou espiritista. Ela agora que lhe chame os padres para curar o marido.

- Os padres não teem a missão de curar as feridas

do corpo, sr. Januario !disse, em protesto, um serralheiro que viera arrimando um maquinista ferido.

- Bôa essa ! porque não ?

- Então os medicos e farmaceuticos é que deveriam ir para os cofessionarios para curar as feridas da alma, aparteou um ferido.

- Os papeis estariam trocado, sr. Januario. Cada urubu no seu galho.

- Pois eu cá sou farmaceutico e curo o corpo, curo alma, curo cabeça, curo juízo, curo tudo.

- Tenho muito mêdo desses curam-tudo. Acabam não sabendo curar a si propios, interveio outro ferido.

- Esses tratamentos ainda duram muito ? inqueriu o serralheiro, referindo-se ao caso do maquinista.

- É leve, e num quarto de hora o homem está medicado, respondeu o sr. Januario.

- Pois dê-me licença que vou chamar o dr. Viegas que mora perto de Miguelzinho. Dê-me aí as drogas necessarias.

- Vá buscá-las na casa do diabo, que aquí não ha drogas para a casa daquela mazorra !

- É esse o amor que os espiritistas têm ao proximo ? ! ...

- Diabo carregue o proximo ! Pode dizer-lhe isso mesmo. Para a casa dela nem um pacote de algodão ! Ela que vá chamar os padres, e que lhe curem o marido com santos oleos.

- Bem ! estou vendo qual a sua caridade. Agora lhe garanto que se os papeis estivessem trocados, d. Maricota não só estaria aqui, como lhe proporcionaria todo socorro necessario, como já a vi fazer a um judeu.

- Quem ? ! ... protestou o droguista, franzindo os cabeludos sobrolhos sob os quaes chispavam de ironia duas esverdeadas pupilas, aquela coruja de igreja, aquela barata de sacristia ? ! ... Tinha que ver ! Ela só sabe fazer os quitutes, os bolinhos, as empadas, as tortinhas e outras coisas gostosas para mandar ao padre da Usina.

- Não precisa fazer esta longa lista de iguarias, como

mestre de hotel, protestou o maquinista. O seu prato, sabemos todos, é um só : maldizer de d. Maricota. Se ela mimoseia o padre Eustaquio é porque lhe é muito grata. Lá a patrão em casa também faz o mesmo : e, para fazer outra lista doutra espécie, o que são óvos, galinhas, doces e canjicas, que lhe mandamos, que afinal de contas ele, coitado, não come, porque é tudo para distribuir com a petizada, que ele educa na escola, sem que nós contribuámos com um centavo de cruzeiro ?

- Vocês, papistas e católicos, são fanáticos por aquele padrecia !

- Padrecia, não, sr. Januario ! O nosso padre é um perfeito ministro de Deus. E nós não somos fanáticos. O senhor murmura contra d. Maricota : é um manjar que nos desagrade. Está temperado de apaixonadas apreciações. Quanto ao padre, veneramo-lo e estimamo-lo como o pai da pobreza.

- Se aquele diabo não fosse o pai da pobreza, cá teríamos já o comunismo ! apartearam.

- Da minha parte, tenho recebido os mais assinalados favores daquele santo, interpelou gemendo um mecanico, que estava ferido por um estilhaço, que se lhe tinha encravado no hombro direito e a quem não havia ainda chegado a vez de medicar.

- Ai, meu hombro ! é porque não posso falar, continuou, fazendo uma contração facial por causa da dor. Padre Eustaquio é um pai, um pai carinhoso. Eu estava sem emprego e doente, morrendo de fome com a familia, prosseguiu com voz intermitente e ele me socorreu. Entretanto eu tinha ido á porta de muito espirita, porque eu também freqüentei aqui ha alguns anos, e o socorro que me deram é que invocasse a alma do dr. Osvaldo Cruz, que ele me haveria de curar , e que chamasse o rei Creso, que me ensinaria o segredo de ficar rico. E o remedio que me receitou o dr. Osvaldo Cruz é que bebesse umas aguas milagrosas, que preparavam na casa onde se fazia a sessão, e pelas quaes eu ainda pagava dez centavos, esmolas que recebia dessa fanática d.

Maricota. As águas, é excusado dizer, fizeram-me piorar todo o dia. Não sei que ingrediente adocicado havia, que eu sentia náuseas, quando as tomava. Depois, vieram-me vômitos. Vi que estava me acabando. Comecei então a pensar que aquela gente queria matar-me aos pouquinhos para se verem livres de mim.

- Estás doido ? ! bradou o farmacêutico, fulo de raiva. Quem é que no espiritismo vai matar ninguém ? !

- Isso é tão simples, sr. Januario. E essas drogas venenosas, esses remédios errados, receitados pelos charlatães ? Doido estaria eu, se tivesse continuado lá com seus camaradas.

- Que charlatães, que nada ! os melhores médicos do mundo ! E o que lucrou você em sair do espiritismo ?

- Ainda pergunta ? Não morrer envenenado, ou, quando não, acabar os meus dias no fundo da cadeia.

- Não morrer doido na Tamarineira, quer mais ? interpôs um alguém que assistia às curas.

- Estou vendo que você ficou doido em ter ficado no catolicismo.

- Cá o sei. Tivera tomado o conselho que me deu o médium, dizendo-se a primeira vez ser o rei Creso, e outra que era o barão de Rotsschild, ou outro judeu errante milionário, estaria eu hoje atirado para a Ilha da Trindade.

- Diga-se entre parentese que ha cinquenta anos deixou Fernando de Noronha de ser presidio. Hoje em dia é um dos mais formosos pontos de vilegiatura do escol do Nordeste brasileiro, grande estação de pesca e muito procurado dos corre-mundos, por seus magníficos panoramas.

- E que lhe aconselhou toda aquela gente honrada ?

- Que eu entrasse numa quadrilha de gatunos que operavam em Pernambuco, Baía, S. Paulo, Juarezopolis, Brasília, Rio, João- Pessôa e outras grandes cidades do Brasil que eu ficaria rico do dia para a noite.

- Uma injúria chamar os pobres rapazes de ladrões ! Todos os bens são comuns. Só os possuidores de terras é que são ladrões ! ... interrompeu furioso sr. Januario.



- Nesse caso, dívida a sua farmacia conosco meu amigo ! concluiu um curioso que assistia á cena.

- Perdão, deixe-me acabar de falar. Quando eu protestei contra a insinuação diabolica que me iria perder apelando para o Supremo Juizo de Deus, que se não pode evitar ainda quando a gente engane a justiça da terra, disseram-me que Deus é infinitamente misericordioso, que o inferno é uma invenção dos padres e que nas outras incarnações eu me livraria de toda lepra do pecado.

- Isso ! entoou triunfante o sr. Januario. A metempsicose é a verdadeira panacéa, cura tudo.

- Pode bem ser, disse ironicamente o mecanico, mas não pode ainda curar v. s. de amar a sua farmacia, onde tira os seus recursos de vida, e restituí-la a todos nós, como bom comunista.

Sr. Januario tossiu em seco e enguliu não se sabe o que.

- Engula a pílula Sr. Januario, é droga de sua propria farmacia, aparteou rindo o bom curioso.

100

Todavia no calor de seu entusiasmo comuno-espiritista o ajudante-esculapio começou a esquecer os feridos.

- Diga-se porém em abono dos empregados da farmacia, mas do jovem Allan, que no decurso dessa prosa não interromperam sequer um minuto os misteres afanosos da sua profissão andando todos numa freíma a lavar feridas, enxugar, dar pontos, medicar e atar, numa atmosfera impregnada de cheiro e sangue e de drogas, quando outra discussão semelhante se acalorava em casa de Miguelzinho.

Ofegante ali chegára o operario, que fôra á busca do dr. Viegas, o qual para caiporismo de d. Maricota, era tambem espiritista e bolchevista.

Quando lhes foi abrir a porta, d. Maricota ficou estatelada vendo-se cara a cara com o dr. Viegas, espirito ainda muito mais corrompido em idéas que o proprio Januario. E ela, que sentia a fraqueza do marido que, embora a sós na sua companhia improperasse o espiritismo e

o bolchevismo, em presença dos Januários e dos Viegas, escutava-os senão por outro motivo, ao menos pelo prazer de ouvir maldizer e praguejar contra os usineiros da Franciscania, imagine-se quanto não amargou naquele encontro.

Pode-se todavia bem dizer que Miguelzinho na realidade só era bolchevista para o caso específico dos Campos, e que no mais, com o sentir grande admiração pelo padre Eustaquio, era verdadeiro catavento que se volvia para todos os principios, todas as teorias, todos os credos, viessem donde viessem. A espôsa era apenas a fateixa que ainda o firmava no catolicismo.

- D. Maricota, sente-se mal com a minha presença em sua casa ? disse o dr. Viegas notando o desfiguramento de d. Maricota. Eu vim a chamado aqui do sr. Quincas, que me disse que seu marido está ferido.

- A falar a verdade, doutor, eu não o mandaria nunca chamar pelas prosas bolchevistas que costuma ter com o meu marido ; porem no mais, como medico, o sr. Não me desmerece confiança.

- Muito obrigado, posso entrar ?

- Pois não, peço-lhe apenas que não fale de suas doutrinas.

- Farei o seu pedido.

Disse, mas não cumpriu.

Efetivamente, mal foi entrando na sala, onde estava Miguelzinho, começou a comentar o recente ocorrido.

- Tenho pena, Miguelzinho, que os bolchevistas tenham errado tanto os alvos.

Estão muitos operarios feridos como você, e alguns mortos. Porém o fito era a destruição da plutocracia desses Campos e da superstição do padre Eustaquio. Apenas um obuz caíu-lhe perto da Igreja, o qual rebentou todos os vitrais da capela-mór.

- Que está dizendo ? Que pena, tão belos !

- Não diga isso, para que vitrais numa casa onde ensina religião ?

- É onde bem quadram vitrais, disse Miguelzinho para dar corda á verbosidade comunista do esculapio.

- O senhor é judeu ? interferiu d. Maricota.
- Não.
- Ganha dinheiro dos judeus ?
- Quando algum chama-me para tratá-lo.
- Isso acontece muitas vezes ?
- Não, porque temos aqui o dr. Salomão que é Judeu e de ordinario é quem trata dos de sua raça. E que tem a ver uma coisa com outra ?
- Nada. Queria apenas saber a sua nacionalidade.
- Ora essa, brasileiro da gema.
- Mas não é brasileiro de lei.
- Porque ?
- Porque defende e propaga o bolchevismo.
- Perdôe-me, mas v. exc não conhece o bolchevismo.

102 - O bolchevismo, meu senhor, explicou d. Maricota sem mais rogada, é a combinação da violencia policial e do ateismo militante. O comunismo russo é a sua força historica. A influencia devastadora da religião e da sociedade está toda condensada no comunismo. Contra o bolchevismo e comunismo, que na essencia é a mesma selvageria anticristã e ateista, devem todos os brasileiros, que amam verdadeiramente a sua patria, **os de lei**, levantar-se como um só homem. A luta contra Deus foi feita com um encarniçamento feroz e um odio de morte. Nela empregaram o meio mais degradantes da especie humana. Veja se não estas as obras bolchevistas ?

A desmoralização sistemática da juventude das escolas, pelo ensino dos mais baixos processos sexuais ! ...

A destruição organizada da familia pela abolição do casamento e a socialização das mulheres ! ...

A mortalidade do clero russo, a transformação das igrejas em salas de dança e em **cabarets !! ...**

A cisão espiritual da Igreja pela criação da tal igreja viva !! ...

A substituição das festas cristãs do Natal e da Pascoa por festas de cunho nacionalista para apagar da mente russa a idéia de Cristo, etc .. etc. !! ...

- V. Excia. Está muito adeantada porém nota-se que seus argumentos são muito apaixonados.

- Perdão, meu doutor ! Não estou argumentando, estou expondo fatos ...

- O homem, a mulher, a criança são meros brutos, com o instinto apenas mais desenvolvido que o chimpanzé e o gorila. Portanto, para que Igreja, para que espiritualismo ? O bolchevismo é a forma natural da educação do bruto-homem.

- Senhor doutor. esses seus ditos são tão reles que só serão bem aceitos por homens incapazes de um áto nobre, que escabujam a vida inteira na sensualidade e no lenocínio. Não é com tais elementos que vive, move-se e progride a humanidade. O homem comparado ao bruto fica peor do que o bruto, porque o bruto obedece cegamente a voz do instinto e o homem requinta a paixão, pratica o vicio e viola torpemente as leis naturais. Não ha vida normal, perfeita, senão em órgãos sadios. O bolchevismo não é só uma sombria tragedia, é uma farsa riducla.

103

- Farsa ? ! é a primeira que ouço dizer isto.

- Faça-me o obsequio de escutar. Em 1923, Tretsky e Lunatcharsky presidiram em Moscou uma assembléa organizada pela seção de propaganda do partido comunista para julgar a Deus ! Não foi uma farsa de doidos ?

- Devia ter sido interessante esse julgamento, aparteou Miguelzinho. Mas por ora o que mais importa é o doutor vir logo fazer-me os curativos, e depois que faça a sua propaganda bolchevista.

- É já disse o doutor. D. Maricota pode continuar, que lhe prestarei a devida atenção.

- Está bem assim ; trabalhemos e cavaqueemos.

D. Maricota já havia esquecido do pedido de não se falar em bolchevismo.

- Conta-nos agora, Maricota, tudo o que sabes des-

ses Pilatos caricatos do século XX, que julgaram a Deus num tribunal bolchevista.

- Cinco mil homens do exército vermelho lá estiveram presentes. O acusado foi inculcado de muitos atos ignominiosos, e, tendo a audácia de não se apresentar, foi condenado por contumácia.

- O doutor Viegas soltou uma gargalhada estúpida

- O doutor parece que dessa vez engasgou ? . . . disse Miguelzinho rindo.

No dia seguinte, pelas onze horas da manhã, chegou-lhes em casa Evaldo de regresso do enterro. Havia pernoitado em casa dos pais do padre Eustaquio, que mais tarde viria ver o papai.

Miguelzinho muito apesar de suas más tendências, não deixava de reconhecer as virtudes daquele sacerdote e de prezá-lo ; porém para dar vazão as suas idéas anticristãs e ao mesmo tempo não aborrecer muito d. Maricota dizia que só conhecia um padre, só estimava um padre, o padre Eustaquio. Todos os demais eram malandros preguiçosos e improdutivos ; que os outros não eram puro, não eram sábios, não se conduziam com decência na sociedade, que eram uns lisonjeadores da gente rica, que viviam ruminando como atingir o galarim da glória eclesiástica, pescadores de mantelonas, mitras e purpuras cardinalícias.

104

- Não sei porém, rebatia-lhe a esposa, como de um seminário de padres maus, porque segundo o teu dizer, todos são ignorantes, preguiçosos e corrompidos, pode sair um padre Eustaquio. Aí está um caso de uma árvore corruta produzir, um bom fruto. Entenda-se ! ...

- Meu amigo, acrescentava, tu não conheces os outros padres se não de vista, não queres ler obras que saibam escritas por padres, foges do clero, amimas os seus inimigos, como abres a boca para objurgar e maldizer o que não conheces ? Odiar, apupar o que senão conhece, haverá nada demais parcial, de mais injusto ? Quando se conta alguma história de virtudes sacerdotais, dizes “ponho esta pêta de mólho” ; quando, ao contrário, o dr. Viegas, o sr. Januario ou outros te impanzinam os ouvidos de

obscenidades cometidas por padres, ou outro crime qualquer, aceitas e vens-me dizer em triunfo, “aí está o que são esses tartufos de batina !”

Não vejo padres que prestem ! Só excetúo o padre Eustaquio, porque ... porque...

- Ora essa, porque ! ... Porque educa gratuitamente o nosso filho, não é ? e porque nos empresta dinheiro sem juros para fazermos as nossas plantações, não é ?

Miguelzinho apenas resmungou.

- Não sejas injusto. Ainda hontem queixavas-te tanto do dr. Ernesto, que te pilhava no peso das canas, e agora, por tua vez, pesa-te reconhecer as virtudes sacerdotais, o peso de sua santidade, a ilustração e o fulgor de sua fama !

- Que ilustrados ! São uns bugres. Padre Eustaquio sabe alguma coisa porque é muito inteligente, tem uma biblioteca admiravel e lê muito até alta madrugada ; porem os outros são uns moquencos. Olha, Maricota, os padres das cidades vivem mandriando de aeroplanos e automoveis, ostentado uma pernaças calçadas de meias vermelhas e uns sapatinhos de polimentos com grandes fivelas de ouro ; os do campo passam o dia deitados em rêdes, fumando seus charutos e tomando seus golinhos de **gi-gie** suas canequinhas de café. É um vidão, Maricota ! Se quiseres, vamos nos descasar. Tu entras para um convento como religiosa, e eu meto-me frade, que é melhor vida ainda que de padre.

- Fala serio, Miguelzinho ! Já te prometti a ti a aos teus camaradas de não responder a irrisões. Bem sabes que os padres não vivem assim. Recorrer a tais expedientes para sustentar uma opinião sobre motivo religioso é simplesmente fraqueza, para não dizer coisa melhor e mais verdadeira.

- Bem acaba com isso.

- Está acabado, que precisas repoisar. Vou abrir a porta, que aí chega o padre Eustaquio.

- Bom dia, d. Maricota.

- Deus lhe dê o mesmo, sr. padre, respondeu d. Ma-

ricota, beijando a mão do sacerdote e tomando-lhe o chapéu.

- Então, como vai Miguelzinho ?

- Com o pé ferido. Está aí recostado no divan na sala de jantar.

Faça o favor de entrar.

- Que é isso, Miguelzinho, com o pé baleado ?

- É verdade, meu padre. Sente-se aqui ao pé de mim. Ontem foi um dia de azar para a Usina. Nunca vi tanta desgraça junta ; dr. Ernesto assassinado, Zé da Mouca, que diria ? ! criminoso e foragido, a pobre d. Chiquinha ao desamparo com a Joanita, a Rosinha na prostituição, o bombardeio da Usina, o incendio do pavilhão das maquinas, a morte de tres operarios, um dos quais casados e pai de nove filhos de menoridade, uma centena de feridos, dr. Lustosa já premeditando de traír os cunhados, e eu com um inimigo perigoso, Zé da Mouca.

- Que é que me diz ? Dr. Lustosa !... é possível ! ? ...

- Eu lhe contarei ...

- E ha ainda outro azar peorde que todos esses, sr. padre, interrompeu d. Maricota, quase ao mesmo tempo em que falava Miguelzinho, as vistas do sr. Januario e do dr. Viegas, que, por desgraça, foi o unico que poude vir aqui tratar do ferimento de Miguelzinho.

- Ora essa, Maricota ! Que mal nos fazem sr. Januario e dr. Viegas ?

- Não fazem mal ? ! ... obtemperou d. Maricota. E se eu contar a v. revma. O fim precipuo que os traz aqui? ...

- Que historia é essa que vais contar ?

- V. rvma. tenha paciencia, escute-nos, a mim, e a Miguelzinho, se quiser defender-se. Olha, Miguelzinho, vou referir tudo aqui mesmo em tua presença para não pensares que ando pela sacristia empanzinando os ouvidos do nosso capelão. Padre Eustaquio é o nosso confidente, o nosso pai. Foi ele que nos casou, ele é o padrinho de nosso Evaldo. Nas dores e nas alegrias, nos apertos como nos desafogos, sempre esteve ao nosso lado. Não é justo que ele saiba de tudo ?

- Tu te queres confessar por mim, Maricota ? Pois faze peito limpo do que sentes. Padre Eustaquio não é aí um leviano que vá aceitar todas as maluquices que disseres.

- E o que vou contar são maluquices mesmo, intrujices e baboseiras mas do droguista espiritista e do esculapio bolchevista.

- Já sei que me vai referir a historia de Juliano, o Apostata, disse rindo o sacerdote.

- Quem foi dizer essa historia ao padre ? interrogou Miguelzinho.

- Ora, meu Miguelzinho, não sabes que filhos e criados são testemunhas de vista ? Pois foi um filho mesmo do sr. Januario quem ma contou.

- Quem, o Allan Kardec ?

- Sim.

- Ora, esse é um bôbo.

- Ele é um finorio. Finge-se de bôbo.

- Perdão, padre Eustaquio, v. rvma. Não quer conhecer as suas ovelhas ? interferiu d. Maricota.

- Naturalmente.

- Essas suas são antes bodes que ovelhas, fique certo.

D. Maricota num discurso sobrio de apreciações proprias e de comentarios resumiu todas aquelas palestras havidas em sua casa com o sr. Januario e o dr. Viegas. Acrescentou ainda que, se esses senhores tinham a petulancia de lhe entrar em casa com aquelas más doutrinas, era porque o seu marido, ela o havia notado recentemente no fundo nem era catolico, como pensava o padre Eustaquio, nem tampouco espiritista como acreditava tolamente o sr. Januario, e muito menos bolchevista, como supunha o dr. Viegas.

- E que pensas tu então lá que sou ? interrompeu curioso Miguelzinho.

- Oh ! Miguelzinho ! oh ! ... oh ! ... exclamou o padre.

- Tu estas me deslavando, Maricota ! Não sou nada ? ... Não sou plantador de cana ? Pai de Evaldo ? Teu



espôso ? Que me queres mais ? Eu sou o que tu és. O sr. Padre Eustaquio, quando nos casou, disse com toda solenidade **in facie Aecclesiae; Et erunt duo in carne uma.**

- Aí está uma bôa confissão, com um latinzinho no fim para recordar o caixeiro do sr. Januario, disse d. Maricota.

- Que historia é essa ? perguntou padre Eustaquio.

D. Maricota refere o episodio, o que fez o bom do padre rir a bom rir.

- Porém como, Maricota, como ? ... Eustaquioro ?

- Eu já fiz uma derivante cá para a casa.

- Com quem, com o Evaldoro ? aparteou o padre.

- Aqui fez apontando por cima do hombro com o polegar para o marido, aqui para a meu dedo mendinho, que é bom latinista.

- Veja só sr. padre, disse Miguelzinho, senão sou bom catolico. O Miguelzinho está em boa companhia e é da raça dos Eustaquioros e dos Evaldoros.

- Ah ! Miguelzinho, tu queres dizer com isso que és muito bom cristão, não é ? ... Sr. padre, meu marido felizmente ainda conserva seu bom humor ; porém eu vejo claramente que sua antiga fé vai sumindo-se por completo.

108

- Não vá isso transtornar-lhe o carater.

- E que tem o carater com a fé, meu padre ? Positivamente eu hoje me sinto tão bem em não ser nada. como atinou felizmente aqui a minha Maricota, como quando era o homem mais crente do mundo.

- Não creio tal ,não creio, disse o padre. Você se esta vendo por um prisma falso.

- Por uma prisma muito verdadeiro, sr. padre. Eu sempre fui um rapaz de bons costumes e moderado, quando mesmo meus pais eram vivos e me soltaram sozinho em terras alheias com muito dinheiro no bolso. Ainda assim nunca saí da trilha do dever.

- Graças a Deus, disse d. Maricota.

- Como o senhor bem sabe, terminando o meu curso de humanidades, eu fui para a Europa para me aperfeiçoar em linguas. Demorei-me na Italia, França, Alemanha,

Holanda e Inglaterra, o tempo mais que preciso para falar fluentemente aqueles idiomas. Apaixonado sempre pelo latim, tomei um curso em Roma com o padre Riotti. Aproveitei o meu tempo fazendo outros cursos de pintura e escultura de que nunca passei um mero amador. Finalmente morre-me o velho e eu sou obrigado a regressar á patria. Não estava, essa é que é a verdade, apesar dessas viagens aparelhado para a vida, porque me havia esbanjado em estudos de coisas muito disparatadas sem em nenhuma aperfeiçoar-me. Tive que substituir o meu pai na gerencia da casa comercial, que lhe pertencia. Em pouco tempo a casa faliu. Nem se podia esperar outra coisa de quem se aprende filosofia e se vai dedicar ao comercio.

- No século seculo passado, Miguelzinho, era isso muito em voga aqui no Brasil. Bacharelava-se um rapaz em direito, e depois ia dedicar-se á agricultura ; formava-se em medicina e ia ser industrial ; muitos que eram professores do ensino secundario eram banqueiros, vendelhões, dentistas ou parteiros ; os jornalistas nunca souberam o que era um curso de imprensa ; do dia para noite improvisava-se um diretor técnico de ensino, um reitor de universidade ou inspetor de exames. De uma vez foi nomeado inspetor do Instituto Juareziano um sujeito que tinha sido reprovado em concurso do mesmo Instituto ! Muitos professores eram feitos por nomeação. O requisito para ensinar era ser politico. O ensino era fonte de receitas para o Estado e para os pimpolhos apadrinhados.

- Mas depois sabe-se que foram instituidos concursos para se ocuparem tais posições.

- Lá isso é certo, porém que concursos ! Valha-me Deus ! Ainda hoje quando a gente se dá ao trabalho de ler-lhes as teses, que disparates ! que desastres ! Quando se encontra alho de melhor procure que hade encontrar o plagio, na certa. Catando muito e com dificuldade é que se pode encontrar perdido em algum afarrabioalgum trabalho de verdadeiro valor; porém raro, raro. Os verdadeiros professores eram relagados ao ultimo plano porque não tinham tempo para tiribularios da politica e apenas

eram conhecidos no estreito âmbito de sua escola. As obras que escreviam encontram-se ainda hoje em manuscritos, porque lhes faltavam recursos para publicá-las e os governos de então, por acanhados, não as queriam publicar. Estou convicto, meu padre, que o Brasil demorou tanto tempo na ignorância e no quase analfabetismo a falta de patriotismo dos dominantes de então. Lá um ou outro governador é que empreendia trabalhos mais avançados, porém com que sacrifício para o erário público!

- O grande vício do Brasil passado era o horror da responsabilidade, diz em parte d. Maricota.

- É verdade, continua padre Eustaquio, ninguém queria enfrentar as coleras de um governador. Diz-nos hoje a história que aqueles régulos e regulêtes do século XX tinham mais poder nesta paiz que os doges de Veneza ou celeberrimo Kaiser Guilherme III da Alemanha.

110 Mas não foram somente homens que tivemos naquela época, que hoje chamamos o “período da lama”. Tivemos exemplares sem falar de tantos magistrados integros, oradores, poetas, romancistas, juriconsultos, verdadeiros sábios. sacerdotes exímios. Entretanto ninguém pode negar que para a população brasileira nos séculos XIX e XX a nossa ladainha de espíritos privilegiados é curta.

- Pense-se, continuou Miguelzinho, na sobrecarga de analfabetos e de gente que apenas sabia assinar o nome, sem se darem do que andava errado pelo mundo.

- Não admira que o povo inculto, o pobre sertanejo ignorante tivesse suportado tanto tempo o flagelo dos Antonios Silvinos, dos Lampiões e outros cangaceiros do sertão, porque esses eram protegidos pela farandula dos outros bandoleiros mandões das cidades. Não fora a intervenção salutar da Igreja católica que amenizava a sorte dos pequeninos e dos fracos, multiplicando bispados, criando missões, espalhando a mancheias o ensino do catecismo apesar das escolas leigas patrocinadas pelos governo, tudo isso teria virado de pernas para o ar. Onde pisava um frade ou um cura de aldeia surgia uma escola ao lado da Igreja.

- Se foram eles que civilisaram o Brasil colonial e foram eles que o guardaram monarquista e republicano dentro da moral, que é mais nobre de todos os progressos ! terminou Miguelzinho a apologetica do padre Eusatquio.

!Oxalá que guardasses essa mesma linguagem, esses mesmos principios com os Januarios, Viegas e outros que tais, teus amigos.

- A historia é sempre a hisatoria, Maricota, não se pode prejudicar a justiça da historia. Não fora a Revolução de 1930 todo o Brasil teria caído nas garras aduncas e usurarias do judeu agiota e bolchevista.

- Como explica esse enigma do judeu ao mesmo tempo comunista e capitalista ? Fracamente não compreendo. Vejo que é um fáto, mas paradoxal, ponderou d. Maricota, mudando o fio da conversação.

- Explica-se, advertiu padre Eustaquio. Ha duas especie de capitalistas, a saber : os proprietarios, os industriais e outros, geralmente cristãos ; e os financistas internacionais, principalmente, ainda que não exclusivamente, judeus. Enquanto que o bolchevista é fatal aos primeiros fornece aos segundos ocasiões de proveito. O comunismo não é somente uma crença internacional, implica a abnegação da verdadeira propriedade, especialmente da propriedade agraria, e os judeus, sendo internacionais, jamais se interessaram pela verdadeira propriedade.

- Eles preferem o dinheiro, que é um instrumento de poder isto sei eu, confirmou Miguelzinho.

Estavam assim conversando, quando entrou voando pelo aposento, como uma borboleta branca, um pedacinho de papel, que foi cair no meio da sala. D. Maricota, apanhou-o e, vendo-o escrito com qualquer coisa, leu-o ; e, lendo-o, quase desmaiou.

- Que é isso, Maricota ?! exclamaram os dois cavalheiros.

- Leia ! e atirou com o papel nas mãos do padre Eustaquio.

Padre Eustaquio leu-o e amassou-o nervosamente entre as mãos.

- Que é que ha ? indagou inquieto Miguelzinho.

- Evaldo ! dê depressa uma volta até a ponta da rua, e veja se vê alguém por perto. Coragem, meu amigos ! Quer ler isto, Miguelzinho ?

- Perdido, perdido ! prorrompeu Miguelzinho, em pranto, com a leitura do fatidico bolhête. Sou um desiludido deste mundo, da vida, da sociedade, da religião ! Religião, de que é que me serves ?!

- Não blasfeme, meu amigo, não ofenda a Deus, que é infinitamente misericordioso, disse o padre.

- Interpretaste-me admiravelmente ha bem pouco, Maricota ! Eu não sou nada ! Nem mesmo sei se vivo, se tudo isto que me cerca não passa de doentia miragem, que produz a ilusão desta angustiosa tragedia. Meus canaviais queimados, reduzido as cinzas e eu ter paciencia ! E eu ter ainda religião, ter fé como vocês querem ! Impossivel !

- Mas você veja o que diz o bilhete. Todos os canaviais estão sendo queimados pelo fogo chinês. Não é somente o seu. Se todos os proprietarios desesperarem que será de vocês todos ? que lhes aproveitará ?

112

- Que me importa eu com os outros ? se todos ficaram na desgraça ? Aí está, sr. Padre, de que me tem servido o meu catolicismo, a minha mulher tão religiosa, tão santa, o meu filho católico, para Deus castigar-me assim !

- Tenhamos confiança, aconselhou d. Maricota, querendo sufocar o pranto. Deus é grande. Ele que nos ajuntou no matrimonio para formarmos uma familia cristã, não nos faltará com o meio de subsistência para vencermos na vida. Na desgraça, Miguelzinho, ficar sereno é vencer. Se tivermos paz no meio de todas essas catástrofes seremos herois.

- Ah, minha doce Maricota, você é muito ingênua ! A confiança tranquila, o abandono no nosso caso é a inercia. A serenidade é falta de coragem ; a paz uma aprovação da inepcia e da incapacidade ; a oração é uma abdicação de nossos direitos. Suportemos estoicamente os nos-

sofrimentos e as nossas privações, mas não nos juntem ao pelourinho de uma condenada confiança.

Sentimentos amargos e ulcerados são esses teus, meu amigo ! As almas crentes, puras e heroicas não os experimentam jamais. A fé os corrige os esbarra á entrada de coração peneroso, ponderou d. Maricota, num acento mais anjelico que de martir.

- Diz bem, Maricota, apoiou o padre. A dor é a escola divina, onde se aprende uma das mais consideraveis verdades da fé : Deus governa-nos pelas causas segundas sem as substituir por uma ação direta. Deixa a liberdade humana o seu jogo, ás leis naturais o seu curso, e assim, no nosso caso, aos bolchevistas o odio á sociedade, a Zé da Mouca a sua vingança, aos Campos e Lustosas suas lascivias e ambições, porem dirige tudo isso, reparem bem, meus filhos, dirige tudo isso par fins superiores, só dEle conhecidos e todos santos ...

- Diga-me uma coisa, padre, não é uma virtude ser pródigo ?

- Certamente que uma pessoa prudente não deve andar aos dias.

- Acha então que Deus castiga a virtude ?

- Deus prova a virtude, isso é outra coisa. Castigá-la é incompativel com a santidade de Deus, que a manda praticar.

- Porem o imprevisto é formidavel. Não se enquadrará nos limites de uma provação. Para mim o imprevisto é um castigo pavoroso. Ora eu, que tenho sido sempre pródigo e prudente, fui castigado com o imprevisto. Jesus que tanto sofreu na cruz, não sofreu o imprevisto. Ao contrario muitos seculos antes de sua vinda, todos os pormenores de sua Paixão eram previstos. Aqui está porque não acredito não Providencia.

- Miguelzinho, seu raciocicio é manco, injurioso a Bondade de Deus e conducente ao desespero e á ruina. Nego que o imprevisto seja sempre um castigo pavoroso ; Jesus e Maria Santissima sofreram muito mais porque dia a dia consideravam as dores que iam passar, sabendo ainda mais inuteis para o resgate de muitos homens, de modo

que, nesse teor, a Paixão de Jesus começa logo na Anunciação. Quanto não sofreu nosso adorável Salvador no Horto das Oliveiras na previsão tão intensa e tão clara de seu martírio que o fez suar sangue ? Os imprevistos ocupam um grande espaço e desempenham um papel preponderante na vida do cristão. Os golpes repentinos que ferem, as contrariedades e decepções, as preocupações e os sustos, os embaraços e o cuidados que daí resultam, esta ironia das coisas que atravessam os nossos desígnios e arruinam as nossas obras, tudo isso vem corrigir, divinamente a nossa própria sagacidade, sabedoria, prudência providencial, e, se nós formos docéis, virão ainda nos introduzir no seio infinito de Deus e unir-nos estreitamente a Ele por vias mais rápidas e mais seguras. Achama-nos em face do beneplácito divino, quero dizer, diante de uma vontade suprema que se expressa pelos acontecimentos, sem se fazer anunciar, nem exhibir seus títulos.

- Creio tudo isso, meu bom padre, porém há de concordar comigo que, segundo a sua doutrina, ficamos a mercê de uma vontade arbitrária e caprichosa.

114

- Sim, de uma vontade que mais de uma vez nos parece caprichosa e arbitrária, porém que nem por isso deixa de ser soberana e sabia, única digna de ser amada e obedecida, e tanto mais digna de nossa adoração, quanto com maior ciúme esconde-nos os segredos de seus caminhos. É nesse momento, pois, quando nos parece que Deus nos fere, que devemos fazer uma acolhida pronta alegre, senão resignada à Dor, qualquer que ela seja, porque nela se consubstancia o verdadeiro Viático da Divindade.

- Sua linguagem é dura, meu padre !

- Mas é verdadeira. É dessa dureza que provém o remédio para todas as feridas da alma. Há de então condenar-se o bisturi porque punge ? Nesse negócio só há dois caminhos a seguir : ou submetemo-nos inteiramente à Divina Providência ou atirarmo-nos, corpo e alma, às disposições das providências humanas. Escolha !

- Prefiro a providência que dependa de mim mesmo.

- Providência humana, está claro ; pois veja em que dão as suas providências ! Suas plantações queimadas, vo-

cê ferido e reduzido á miseria, sem poder prover melhores dias futuros !

- Eu tenho consciencia que meus planos eram criteriosos e perfeitos; porém a gente confesso, não pode tudo ver.

- Aí é que bate o ponto. Mais do que você e com outros recursos confiava o doutor Ernesto em suas proprias forças. Entretanto está você vendo o lutuoso resultado que atinge uma população inteira. Nossas previsões são curtas, meu Miguelzinho, e essas mesmas incertas. É bem que o saibamos. Nada nos instrue com mais eficiencia do que o modo providencial por que Deus nos conduz, arruinando os nossos calculos e derribando os nossos castelos. Ele sozinho quer construir. Não admite socio para sua obra. E efetivamente só Ele pode fazer entrar em um todo majestoso e em uma síntese sublime esses acontecimentos que julgamos improprios de sua obra, a heresia, a perseguição, o mal, o crime ... Em presença dessas estranhas conjecturas ficamos desconcertados e mudos, não sabendo o que pensar, nem o que dizer. Como compreender que por meios tão tortuosos, possa Deus afirmar a sua autoridade e estabelecer o seu reino ? Os caminhos de Deus não são como os nossos. O que chamamos o seu bel-prazer é sabedoria infinita, onipotencia, amor eterno, incomparavel. Veja. José foi vendido por seus irmãos e levado para o Egíto, porem que honras milagrosas e que riquezas senão preparavam para o menino abandonado e traído ! Quando se julgava tudo perdido parece a salvação e com que esplendor ! Lembre-se do caso da casta Susana, e quantos outros, outros ...

- Com todo o seu discurso, meu padre, não posso ainda crer que Deus se intrometa nos negocios do mundo. Ele é Infinito, e que importa ao Infinito seres miseraveis como o homem ?

- Você está atacando segunda vez a Bondade de Deus, que é tão Infinita como Ele proprio. Ora se a bondade de Deus é infinita hade preocupar-se tanto mais conosco quanto profundas são as nossas miserias. E a misericorida Divina, tambem porque é Infinita hade compadecer-se de nossas faltas, por mais graves que sejam. Po-



rem uma condição se exige de nós, fazemos penitencia, não perdermos a confiança, a fé e o amor de Deus para que essa Misericórdia nos seja aplicada. E o que é a Bondade aplicada senão a mesma Misericórdia, a própria providencia ? Tenha pois senso. Miguelzinho ! Não blasfeme !

- Porem, como agora viver se tudo quanto eu tinha empenhei nesta safra ?! Acha v. rvm. pouco um pobre diabo baleado no pé, sem poder andar e reduzido á mais negra miseria ? Veja que faz de mim a sua tão decantada Providencia !

- Meu filho, Deus ao que mais ama, mais prova, e do que mais prova mais se avizinha, e o de que mais se avizinha mais se purifica.

- Isto é um jogo de palavras !

- Não, Miguelzinho, interpolou d. Maricota, é a purificação pela dor !

- Eu, sr. Padre, não provo assim minha mulher, nem meu filho tão pouco, que são as pessoas que mais adoro neste mundo.

- E você acha pouco a prova porque vem fazendo passar a sua esposa com o seu ceticismo recalcitrante, duvidando dos mais adoráveis favores do céu ?

116

- Mas isso não atinge a minha Maricota !

- Atinge, sim, porque você, com as suas dúvidas e oscilações em matéria de fé, percute o que hade mais sagrado, de mais amoroso no coração de sua consorte, a religião em que ela se formou, e que ela quer legar intacta ao seu querido Evaldo.

- Porem que fiz eu para ser assim maltratado por Deus ? Sempre fui bom esposo e bom pai.

- Procurando descristianizar a sua mulher e seu filho com espiritismos e idéas bolchevistas ?

- Eu não sou espiritista, nem bolchevista ! Apenas por um principio de educação ouço o sr. Januario e o dr. Viegas.

- Você por um principio de educação comerá venenos num banquete, que lhe oferecem ?

- Mas o fáto é que os malfeitores pompeiam aí impunes de sua malícia, e os inocentes são castigados.

- Não é tanto assim, Miguelzinho. Primeiro, você não é tão inocente. Duvidar de Deus que é a própria Verdade, negar-lhe a Providencia e a Bondade é irrogar ao Ser Supremo uma injuria atroz. E' o que você está fazendo; pecando e negando o seu crime. Segundo, não é exacto que os malfeitores deixem de receber muitissimas vezes neste mundo mesmo a pena de seus crimes. Diz a Sagrada Escripura que os tiranos duram pouco. Então perder a vida, quando mais queira gosá-la, como sucedeu ontem ao dr. Ernesto, repetição do caso do rei Baltasar, não é um castigo tremendo ? Você e ele são dois criminosos ; ele era corromper as virgens, você em estragar a fé de seu proprio filho. Acha pouco ? Agora repare como Deus os castigou a ambos ; ele sem remedio, você com muitas probabilidades ainda.

- Que probabilidades tenho eu, interferiu Miguelzinho , em cujos olhos lacrimosos brilhou um raio de esperança.

- Por ora não sei, meu amigo, mas eu já estou vendo que esse incêndio foi providencial, e você na sua obstinada cegueira não quer ver a verdade das coisas.

- O que eu vejo, padre Eustaquio, são nuvens negras por toda a parte. Sou um náufrago, e não ha mais faról que me norteie.

- Pelo amor de Deus, Miguelzinho, eu não penso assim, disse d. Maricota. No horizonte de nossa vida ainda vejo uma taboa de salvação, se nos dedicarmos á profissão de mestres de escola.

- Eu nunca ensinei, não sei como se dá uma lição. Os pais não os mandariam os seus filhos. Hoje em dia com os métodos aperfeiçoadissimos que se empregam no ensino só mestres abalisados poderão fazer alguma coisa. Que é que acaba de nos dizer aqui padre Eutaquio ? Não podemos regressar ao seculo XX. Hoje vence tão só a competencia, e, minha mulher, com todo nosso conhecimento de historia da humanidade, somos uns incompetentes.

- Porem você fala muita língua, Miguelzinho, e eu presumo exprimir-me regularmente em francês, inglês e italiano. Não poderíamos ensinar praticamente esses idiomas?

- Eu aprendi visitando os países por onde andei, e você ouvindo diariamente irmãs belgas, inglesas e italianas em Campo Grande, o que vem a dar quase no mesmo sistema. Hoje temos o cinefonio, que projeta no salão as imagens reais dos melhores glossólogos do mundo e a gente fica como se visse na realidade aqueles mestres a falar, exatamente como explicam em suas aulas.

- Tens razão, Miguelzinho. O malgrado dr. Ernesto, a meu pedido, já tinha mandado vir um aparelho desses aqui para a nossa escola. Creio deve chegar por todo este mês.

- Aí está, Marciota, ainda por terra a tua boa esperança.

- Mas isso é um ensino mecanicômico, protestou d. Maricota. Não é nunca como um professor, que responde a quaisquer dúvidas que a gente tem, e que varia assunto conforme as circunstâncias. E quanto a ensino de línguas estrangeiras nunca é o nacional da língua correspondente o melhor mestre. Prefiro um brasileiro que conheça muito bem os dois idiomas, porque só assim poderá dar a verdadeira interpretação recíproca dos idiomas em estudo.

118

- Mas se os aparelhos forem duplamente receptores e transmissores a gente pode interrogar a imagem que ele responde.

- Pode ser, rebateu a senhora, porém serviria quando muito para adultos que já conheçam algo da matéria, porém para principiantes nunca. O cinefonio será certamente muito útil para nos fazer espectadores de peças que se desempenham nos grandes teatros do mundo, e outros fins semelhantes.

- Ei li ultimamente numa revista de Porto-Alegre que um gaúcho descobriu um aparelho ainda mais perfeito que o cinefonio, uma combinação de telescopiofonio com as modernas aplicações da radiografia. Dizem que o aparelho é tão valente que aplicado em ondas reversas para o planeta de Marte, dá a ver os Marcianos e ouvir o que eles dizem. Em observatórios aéreos já os astrônomos estão aprendendo a falar e escrever a língua daquele povo exótico. O cinefonio escolar é mais simples, porém permite

a um só professor, diga-se a Juarezopolis dar lições para todo mundo ao mesmo tempo. Pode haver nada de mais perfeito ?

-Pode ? ... meu marido deixar este ceticismo, que , sobre ser improdutivo, e prejudicialíssimo.

- Veja isso, sr. padre, nas garras da miseria não quer minha mulher que eu duvide de tudo e de todos, de Deus e dos homens !

- Você me permite que eu desenvolva o tema de sua espôsa ?

- Póde falar a vontade, que *res non verba*. Bem dizia meu avô que se não cozinhava o caldo com as palavras, mas com alguma coisa mais de solido.

- Seu avô era amante dos aforismos ; porem não é só do pão que vive o homem, é preciso também mais alguma coisa de solido.

- Está isso na Escritura, mas o tema aqui é outro.

-Pode ser que não seja ponderou o padre. Pode escutar-me um minutinho ?

- Ouço tudo que estou disposto a tudo.

- Não parece que não está disposto a sofrer.

- Certo que não sou Cristo.

- Ponho minhas dúvidas.

- Tenha paciencia, Miguelzinho, ouça-me.

- Fale.

- Cético no sentido proprio da palavra, i. é., um homem que duvide de tudo não o ha. Ele hade pelo menos crer alguma coisa, por exemplo que ha fenomenos, não é exato ?

- Ah ! eu creio muito mais do que isto ; creio que sou um desgraçado, creio que Deus não se importa comigo, creio ...

- Não precisa continuar, já conhecemos o seu credo ; é um credo que não está na inteligencia, está na vontade.

- Crer com a vontade como assim ? A fé é a virtude da inteligencia ; a virtude da vontade chama-se amor. Assim ensina v. rvma. no catecismo.

- Sim , mas crê-se com facilidade o que se ama, e ama-se o que alicia o apetite, de modo que a questão do crer está no amar. Agora vejamos o seu credo, ou, diga-se antes, o seu caso. Agrada-lhe mais o mundo com suas vaidades do que a moral severa da Igreja, não é certo ?

- Penso que sim.

- Você trabalha e é bom, porque afinal de contas tem o amor natural a sua família e a quer feliz a seu modo de ver. Qué-la com saúde para desfrutar os prazeres da sociedade.

- Que mal ha nisto ?

- Ninguém é obrigado a renunciar os prazeres inocentes. Fazê-lo fica para almas privilegiadas.

- Mas a sua está neste sentido, como um mapa geográfico diante de meu olhos.

- E' marcar-lhes então o acidente mais importantes.

- Estou coordenado o rio de suas idéas e o oceano onde elas vão ter.

- Projete. sr. padre, uma luz muito forte sobre as depressões da alma de meu marido, que são por demais obscuras.

120 - E' uma alma que ama o prazer, confesso, disse Miguelzinho.

- Desta vez nada ficará por descobrir e orientar, as depressões como as zinas de seu carater, ora tão acidentado de lacunas.

- Diga logo lagunas, lagôas, pantanos e lodaçais ... Garanto que hão de encontrar de tudo na terrado prazer, obtemperou Miguelzinho. Reparem que o rio da Dúvida não está mais onde o descobriu Roosevelt, mudou o curso para o meu coração.

- Bem do rio não podemos mais falar, prosseguiu o padre; já está mencionado pelo mapa. Uma das fontes é o prazer. Agora o oceano onde vai desaguar é que está carregado de sombras, ameaçado de tempestades. Outra fonte donde brota a Dúvida é a falta de temor de Deus. Os terremos por onde serpeia são estratos arenosos de falta de firmeza em suas convicções, que hoje aqui formam dunas de espiritismos, amanhã ali medões de naturalismos,

depois acolá avulsões de bolchevismos, doutrinas arcaicas, desacreditadas, que no seculo passado tiveram na Russia e no México sua era de sangue e lama, para se remexerem de novo segundo o vento do interesse judeu.

- Quer v. rvma. dizer que sou daqueles *circumferentes omni vento doctrinae*, como uma vez ouvi-o dizer do púlpito ?

- Daqueles que não fazem bando por si, zingrou d. Maricota.

- Não sei. Mas afinal depois de muitas voltas, de muitos meandros, depois de receber dentro no seio os afluentes da impaciencia, da sofreguidão, da impertinencia, da precipitação, da lagrima de fogo, da dor incontida, dos arrebatamentos, da cobardia e da pusilanimidade, la se vai o rio com as ondas sempre encapeladas pelas paixões ter ao oceano do Desespero, em frente aos abrolhos do Suicidio. Os pensamento que perigam por esse rio são esquifes macabros, tétricos, sombrios, desprovidos de bussola, de leme, de piloto, sem estrela. Se lobrigam um farol, é um vulcão de idéas subversivas do homem, de Deus, da Sociedade. Se rumam pela luz sinistra, as lavas, as escorias, as cinzas ardentes da teoria nova, da nova escola filosofica, aumentam a sobrecarga das dúvidas e vai a pique o pensador. Quando vence as ribanceiras do cumprimento do dever, das obrigações da sociedade, do amor sagrado a espôsa e do amor divino do filho, a Dúvida já não é um rio de lágrimas fatídicas, impacientes, senão ondas de fôgo, vagas de metal derretido pelos canais dos maus pensamentos, dos projéto sinistros, caldeados no desespero, que assola, cresta, queima, as melhores colheitas do espirito humano. O indiferentismo é um rio de dúvidas quando estagnado, e o bolchevismo é o seu transbordamento. Atirai as rêdes ás aguas avernaes da Dúvida. Seria melhor que viessem vasias. Só lá se encontram o mau pecado da deshonra, do roubo, da anarquia, do vicio, do suicídio, do assassínio, da infamia.

- Conclue-se pois de sua arrojada metafora que de minhas dúvidas só aparecerão vicios, deshonras e desesperos.

- Que lhe quer ? Uma árvore má só pode produzir maus frutos, meu filho ?

- A lição de geografia felizmente está bem entendida. Faça o obsequio de continuar, sr. padre, incentivou d. Maricota.

- Não querem que falem dos outros acidentes ?

De todos, respondeu o casal.

- Agora já há pouco a dizer, que as serras são vistas de longe.

Miguelzinho é casado, aí está uma serra ...

- Cujos pontos culminantes são o amor que tenho a minha mulher e ao meu filho, interrompeu Miguelzinho mais animado.

- E cujos vales e grotas, aparteou d. Maricota, são as discussões caseiras por causa da elevação do monte Evaldo acima das nuvens do espiritismo, não é meu querido Miguelzinho ?

- A minha classe de geografia está muito adiantada.

- Dou-me os parabéns, disse o padre sorrindo. Mas procedamos em paz.

- In nomine Domini, disse mais calmo Miguelzinho.

- Amém, rematou d. Maricota.

- Miguelzinho é trabalhador e honrado, aí está uma e importante cordilheira.

122

- Apoiada por uns contrafortes parigosos, cheio de despenhadeiros, gargantas e passos difíceis, meu padre, disse d. Maricota, os revezes da vida. Quando não vence com facilidade esses desfiladeiros, Miguelzinho murmura, fala, brada, queixa-se, lamenta-se como um riacho que desce da montanha, navalhando-se nas arestas de granito que lhe erriçam o leito. E toda a mata de Januários, de Viegas, de Zés da Mouca e até de Tias Urracas e outras tantas mandragoras hão de ser os confidentes do riacho e hão de saber que ele foi logrado no peso da cana, que a safra não lhe correu bem, que o judeu o enganou, que lhe pilharam uma carteira com quinhentos cruzeiros, que o banco negou-se a emprestar-lhe numerário, que um casebre, que tinha á beira do rio, foi levado pela enchente, etc. etc.

- Porem, Maricota, estás assim falando de minhas depressões.

- Falamos efetivamente de tuas depressões para tirar-te da que estás.

- De minha desgraça, padre ?

- Tenha paciência, meu filho, que para tudo ha jeito. Não deixe extinguir-se a pouca luz de sua fé e tenha confiança em Jesus e em Maria Santissima. Com a vertigem dos acontecimentos destas trinta horas ultimas estou convicto que a Providencia vela por vocês. Se seu canavial não queimasse você não sairia da Usina, não melhoraria de sorte, e quiça que outros dissabores haveria de vir a sofrer. Você precisa de dar uma educação esmerada a Evaldo para que ele desenvolva os seus talentos, que são raros.

- Sem recursos, meu padre ? ...

- Cale a boca, *Deus providebit*. Repare ainda nisso que é um ponto capital ; é de pessimo resultado educar-se uma criança numa atmosfera impregnada de cheiro de sangue, de polvora, de maldições e de pragas, onde só reina o desassossego, a desconfiança, o odio, a vingança, a blasfemia, a hipocrisia e a heresia. Nem sei se isso pode se chamar educação. O viveiros, onde criam e engordam os peixes, são aguas tranquilas e serenas ; tal tambem deve ser o meio em que se deve formar o homem de amanhã. A escola, qualquer que ela seja, deve ser um remanso de harmonia e de luz, onde se reflita a eterna paz de Deus.

123

- Tem razão, padre, ontem eu dizia a minha mulher, não devemos, não podemos ficar mais aqui.

- Pois é. Você não pode, nem deve ficar aqui por mais tempo.

- Mas, para onde eu vou ?

- Por ora não sei. Só lhe recomendo que reze, reze muito.

Conforme-se com a vontade de Deus, que está velando por sua familia.

- Tanto tempo que não rezo! ...

- E' por isso que sofre tanto.

- Ora, eu vejo quem reza tambem sofrer.

- É porque esse não reza bem. A oração da alivio ao sofrimento.



- E quem sofreu mais que Jesus Cristo ? E não rezou tanto no Horto ?

- Pensa você que Jesus sofreu por impaciencia ? Ora meu amigo, isto é infantil. O seu maior sofrimento, Miguelzinho, é menos pelos prejuízos que lhe causaram, que por falta de resignação. As almas eleitas chegam ao ponto de sentirem delicias com a dor, maxime quando sabem que a magua sempre aproveita. Quando você puder aquilatar o valor da lagrima então será feliz mesmo no sofrimento. Vamos, meu amigo, reze que lhe hade sentir as energias de sua alma num despertado de um novo vigor. A resignação é um balsamo da dor.

- Padre Eustaquio, diz Evaldo entrando cansadindo pela sala, eu corri tudo e só vi lá para o lado do mercado uma menina que ia correndo.

- Era do seu tamanho ?

- Não ; menor do que eu.

- E' menina do catecismo ?

-Não conheci. Penso que não.

- Está visto, disse Miguelzinho, foi o Zé da Mouca mesmo quem escreveu o bilhête.

- A menina não é prova que seja filha do Zé da Mouca, ponderou d. Maricota.

O Zé da Mouca poderia ter ele proprio trazido o bilhête para mostrar uma bravata. Se não matou Miguelzinho foi porque não quis, refletiu o padre.

- Deus o sabe ! exclamou d. Maricota fechando o ciclo das duvidas e cogitações em que estavam todos sobre o misterioso bilhête.

Padre Eustaquio levanta-se para saír.

- Atenda-me um pouco ainda, disse d. Maricota. Tenho uma consulta a fazer-lhe sobre o nosso Evaldo, que anda muito nervoso.

- Já sei, ontem ele contou-me uma historia sombria, mas já tive o cuidado de levá-lo depois do enterro a um psiquiatra que me explicou tudo. O menino não deve ir ás sessões espiritistas. Quanto ás alucinações hãode passar com a puberdade. Adeus !

- Adeus ! responderam.

**DEVANEIO GROTESCO**  
**DE GARGALHADAS TRAGICAS**  
**O SENHOR JANUARIO EM CASA**

125

O sr. Januario termina a afanosa tarefa daquele dia aziago. Atira-se a uma espreguiçadeira dizendo cansadissimo, pudera não ! depois de tanta labuta e sob o peso de seus cincoentas janeiros. Dentro em breve começa a dormir, mas o seu sono é agitado pelo excesso da fadiga, que lhe forçara a circulação.

O jovem Allan Kardec, vendo o pai a ressonar com a boca entreaberta, põe-se a rir.

- Estás vendo, Rita, diz ele para a criada, que vem entrando pela sala com o café e os biscoitos da ceia, ronca como um porco.

D. Clara, a esposa do sr. Januario, que estava sentada a um canto a ler uma revista espiritista, ouve a zombaria do filho e não o repreende.

- Escura, Rita, o porco está grunhido.

O velho zizinlulava pelo nariz.

- Põe-me aqui o café, os biscoitos, o queijo, a manteiga o pão, tudo. Quero ter uma ceia divertida.

O velho pronunciou umas palavras inarticuladas entre quem dorme e vela.

- Compreendes o palavriado, Rita ? Eu creio que o porco fala alemão.

- Sr. Allan, parece que vomecê não respeita o sr. seu pai.

- Ora, sr . meu pai ! ... Rita cuida noutra coisa !

- Isso é mau, sr. Allan, vomecê não respeitar nem pai, nem mãe.

- Bolachas, Rita ! que nem eu as tenha que ver tão pouco com essa velha aí, a secular Teresa de Jesus !

- Não sou Teresa de Jesus, protestou abespinhada d. Clara.

- Perdôe-me, d. Teresinha, desculpou-se ironico o rapaz. Ontem o sr. meu pai não disse na sessão que a senhora minha, que dizem mãe, era a Teresa de Jesus ?

- Eu Teresa de Jesus ! Que disparate ! Isso foi certamente um espirito zombeteiro para rir de mim. Tu bem sabes que a Teresa de Jesus foi uma carmelita exalitada, muito papista.

126

- Lá isso não sei, que não conheci a santa. Estou pelo que ensinou o senhor meu pai, que a senhora que me dizem mãe, era a Teresa de Jesus. Você, minha filha, é que é a minha Teresa velha conhecida.

- Era o que faltava ! ... Eu sou tua mãe, Allan !

- Ainda bem que tenho mãe, que na outra vida foi catolica.

- Que mal faz isso ? Eu hoje não sou espiritista ? Não quero saber quem fui, quero saber quem sou.

- Valha-nos isso que esta casa está no progresso indefinido. O velho meu pai não foi porco alemão e agora não é o sr. Januario, proprietario, salvo o nosso comunismo, da farmácia Allan Kardec ?

- Tu és um doidarraz. Não sabes o que dizes.

- Ora se sei ! ... O velho quando veio da casa da Maricota, talvez quente pelo espirito...

- Que espirito ? questionou secamente d. Clara.

- Não sabes ? ! Agora eu sei. O espirito de vinho da casa da Maricota ... o espirito que o fez convencer que era Juliano o Apostata ... É o que aí diz ele desde que veio de lá. Entretanto, apesar da Teresa de Jesus dizer que eu não sei o que digo, estou convicto que ha erro em tudo isso. O sr. farmacêutico Januario Allan Kardec, nascido em Lamengo, terra dos presuntos e das bôas salsichas, é a incarnação de um porco mais aperfeiçoado que os bons suinos lusitanos, porque é a incarnação genuina de um famoso barrão da Vestifalia. Não vês, Rita, como grunhe o porco ? E' um perfeito suino prussiano, vermelho, gordo, cevado, retaco, de olhos azues e orelhas grandes.

- Allan, contem-te !

- Estou contido, Sta. Teresa , nos limites da doutrina de Allan, da minha doutrina. Aprende, pratica, minha santa velha, o que nos traz dessas formosas poesias.

- Isto é um ridículo intoleravel, sr. Allan, increpou-o Rita.

- Não repares nisso, Rita, converte-te ao espiritismo.

- Nunca vi filhos mangar assim de seus pais !

- Não estou mangando não, Rita, juro-te! O senhor meu pai me ensinou que a alma da gente quando não vive bem neste mundo vai para o corpo de um irracional. Ele diz que um grande Michelet, quando passava por um burro, dizia, “adeus, meu irmão !” Eu posso pois muito bem ser um bacorinho, filho de um porco com uma porca. Quem sabe, Rita, se tu não foste tambem lá uma vaca no século passado ?

127

- É nada de mais o que o menino está dizendo ? defendeu d. Clara. Você, Rita, parece que não é bôa espiritsta !

- Ah, eu não me acomodo a esse modo de pensar que eu tivesse sido vaca !

- Por isso não, que Nabucodonosor virou boi, assim diz a Biblia, explicou-se Allan.

Esse velho que está aí bacorejando podia muito bem ter sido uma egua e aqui a nossa Teresa o celebre Rossi-

nante de D. Quixote. O senhor meu pai em uma ocasião me disse que todos nós eramos descendentes de macacos. Ora imagina, Rita, que macacão feio esse velho januario ! Não se parece mesmo com o chimpanzé que o dr. Ernesto mandou buscar para o Jardim Zoológico ?

- Pipocas ! que nunca vi filho tratar os pais com tanto ridículo !  
incredulamente - o Rita.

- Está direito, Rita ! Tu com pipocas e eu com bolachas ;  
ficaremos hoje bem ceados.

O velho pronunciou umas palavras tartareadas e confusas.

- Vê só, Rita, não parece um papagaio babaquara ? Rapara aí no  
que ele está dizendo.

Rita murmura entre os dentes de modo a não ser percebida por  
seus interlocutores : - Já tenho visto muito filho malcriado, porém desta  
casta ... Jesus, Maria e José, que eu me benzo !

- Que é que estás aí resbunando, Rita, como alguma gata maltêsa  
reencarnada ? Escuta o que grunhe o velho bacurau , insistiu Allan,  
confundindo o nome da ave noturna brasileira com o de bácoro.

128 - Eu sou natural da ilha de Malta, sr. Allan, melindrou-se Rita,  
mas não me consta de nunca ter sido gata, e de nunca ter havido gata em  
minha família, a não ser alguma bichana que criavamos.

- Atenção, Rita ! O velho está cuichando.

- S. João ! Alma do Galo ! Rei de Paus ! Sentem-se. S. João, que  
é isso ? Você está decapitado ? ... Não, é o Galo ! Quem matou o Galo  
? O rei de espadas, o rei de espadas, diz o velho muito arrastado. E  
como ebrio, tatibitando muito e vibrando demorado o **r, repete rrei, rrr-  
e-i de espadas !** A espada ! o pão, o pau !

-Estás vendo, Rita ! O velho está numa  
zangurriana danada ! Seria melhor que ele dissesse – **rrei de  
copos**, arrasatou Allan, imitando o pai. Evoé ! Evoé !  
Viva o copo da chupetilha ! Viva a usga do Miguelzinho ! Estás vendo

Rita, jogador só sonha com baralhos e cachaceiros com copos ...  
Evoé ! ... Evoé!

- Quem te disse que teu pai joga ? inquiriu d. Clara. Tu estás mentindo.

- Mentindo nada ! respondeu gargalhando. Ele jogou e perdeu. A mesa foi em casa do Miguelzinho. Quando o velho acordar pergunte-lhe se ele não esteve lá ? Dize-me, Rita, quem inventou a cachaça não foi Noé ?

- Não, senhor ; Noé inventou o vinho.

- Qual vinho, Rita ! Estás enganada ; o patriarca inventou cachaça, que é muito melhor do que vinho. Por isso aposto que o velho Januario está enganado com Jualiano. Ele foi na outra vida Noé. Por isso não lhe tenho mais respeito do que outrora teve Kão, ao inventor da cachaça. Estás reparando, Rita ? quando escreveres o meu nome,, escreve com K, que não sou o diabo.

- Mas tem as mesmas astucias.

Como um bando de jandaias palrantes, entram de cambulhada pela sala os outros filhos do sr. Janurio, cinco mocinhas sacudidas e um rapaz de vinte anos, estudante de medicina.

A mais velha, a Lia Kardec, - diga-se logo que todos os filhos do proprietário da farmácia Allan Kardec tinham sobrenome de Kardec, era uma sua especial de voção ao celebre visionario, - ria a bandeiras despregadas. A imediata, a formosa Ana Kardec chorava, gemia, espumava, urrava como uma possessa. Quanto ás outras, dissecavam aos apupos, ás cachinadas, aos trejeitos, os últimos sucessos do dia.

Alan indiferente aos prantos de uma e ás garotadas das outras, diz para Manuel Kardec, o estudante : - Francamente. Manuel, não vejo razão para essa gente chorar a desgraça da Rosinha. Imagino quanto ela não não paparicou do dr. Ernesto.

- Pensa você que Ana está chorando por causa da Rosinha ? corrigiu Manoel.

O velho entrou nuns brados de raiva.

- Diabo ! diabos ! com todos os diabos ! calem a boca!

A gente não pode dormir com essa canalha. Porque se não ficaram na rua, ou não foram antes para o Inferno !

- Hoje não há ceia para vocês, vociferou Allan muito circunspecto. Não ouvem ? Vão cear no Inferno, que é logar fresco. Teresa, mande essa gente dormir ! Meninos, vão dormir no Inferno ! Vejam só que barulho fazem ! Não deixam o porco velho da Alemanha descansar. Bacorotes, que é que estão ainda fazendo ? Vão para o chiqueiro, vão dormir !

- Esse rapaz está doido varrido, saiu Rita murmurando. Dizem que não ha diabo nem Inferno, e só vivem falando disso. Benza-nos Deus!

- Que era isso que você sonhava, Januario ? indagou mais calma d. Clara.

- Estava vendo S. João, o Galo e o rei de espadas. Todos tres estavam decapitados. Quanto sangue ! pôças de sangue ! é um rio de sangue ! Eu estou tambem sangrando ! ...

- Que é isso que está vmcê dizendo ! obtemperou Manuel. O senhor está impressionado com os sucessos de hoje. E' ainda a imagem dos feridos que está em sua imaginação enfraquecida do excesso de trabalho em sua idade já avançada.

- O senhor meu pai grunhia como uma bacorote. Fazia bem assim *cuém, cuém* como a alma do porco, interrompeu Allan.

- Como ? Eu fazia como um porco ? ... Diabos, falem baixo ! Com a bréca, a gente não pode ouvir o que Allan diz. Ana, que é isso que você tem, que está tão chorosa ?

- Mataram-lhe o noivo na travessa do Urubu' diz Lia rindo. Mas isso foi na refrega, não foi caso propositado.

- Mataram o meu Lutero, o meu noivinho, meu querido noivinho, papai !

- Fica quieta, menina, teu noivo vai reencarnar

- Porem quando isso se der, não será mais meu noivo, será de outra.

- Que bobagem ! interrompeu Allan. Toma um pou-

co de acido prussico, que traz-zás, nó-cego, tu ficas defunta, e depois virás incarnar-te com o teu Lutero, minha formosa Catarina de Bora !

- Que historia é essa de Lutero e Catarina ? inqueriu d. Clara. Estão agora mudando o nome de todos ? Até o pobretizo do Ricardo mudaram para Lutero !

- Papai disse anteontem na sessão que Ana e Ricardo eram reencarnações de Lutero e Catarina, porque se amavam muito, disse Lia.

- Olhe, Ana, não vá fazer loucuras pelo conselho desse doidinho de Allan, Advertiu Manuel.

- Papai não nos disse ainda quem foram Lutero e Catarina.

- Eu não, disse, Ana ? ... pois foram um frade e uma freira.

- Frade e freira, papai ! que horror ! Ricardo um frade, e, eu uma freira ! Tinha o que ver ! Repartiu Ana, soluçando.

- Hurra ! eu não sabia que isso aqui era um convento, aparteou Allan.

- Isso foi um espirito zombeteiro, menina, que falou pela boca de teu pai. Tambem a mim me fizeram peor, que disseram que eu sou a Teresa de Jesus e Allan o pai de Teresa !

131

- Que disparate ! disse Manuel.

- Que comedia ! interrompeu Lia com uma solta gargalhada. Está tudo virado no mundo. O filho, pai de sua propria mãe ! Ora bolas ! E' uma comedia, não é, Manuel ? Uma comedia !

- Na verdade, é uma comedia lúgubre. Faz compaixão ! retrucou Manuel.

- Papai, não me dirá quem eu fui na outra vida ? perguntou Lia.

- A gente não deve responder a questões curiosas.

- A todos aqui já sabem o que foram e só eu e Manoel é que o senhor não quis ainda dizer-nos o que fomos.

Não preciso de saber o que fui, mas o que sou, aparteou Manuel.



- Tu, Lia, disse o velho com um ar de misticismo faquirista, tu minha filha e minha mãe, tu fostes Eva, a mãe de todos os mortais !

- Eva ! bravo, minha gente ! Eu sou a mãe do meu pai, a mãe de minha mãe, a mãe de todos vocês, exclamou Lia cacarejando uma nova mas tremenda saraivada de quás-quás-quás, acompanhada de uma aguda, tremula e demorada zanguizarra de quis-quis-quis do formidável Allan.

No meio desse pandemonium de gargalhadas e de guinchos aparece Rita com um bule de café e uma travessa acogulada de macacheira e inhame cozidos.

- Bravo minha gente, que aqui vem chegando Rita, a serpente do Paraíso para tentar Lia com um bule de café e um prato de macacheira !

Sentaram-se a mesa e d. Clara pôs o seu velho esposo de confissão.

- Quanto perdeste hoje no jogo, Januario ?

- Quem te disse que eu joguei ?

- Allan acaba de dizer-me que perdeste 210 cruzeiros em casa de Miguelzinho.

- Allan é uma zaranza, não sabe o que diz. Tu me viste jogar, birbante ?

- O senhor não esteve esta manhã em casa de Miguelzinho ?  
inquiriu Allan.

132

- Sim, estive ...

- Está vendo o que lhe disse, Teresa ?

- E que mal fazia eu ir á casa de Miguelzinho ? E' um excelente rapaz ; a mulher é que não posso aturá-la.

- Quem foi ela na outra vida, papai ? inquiriu Ana com curiosidade.

- Aquela mazorra certamente foi Jesabel, Popéa ou Maroiza.

- Mas precisamos saber qual das tres, disse Allan.

- Ora essa ! Todas tres em reencarnações diferentes.

- Que trimurti ! exclamou Manuel.

- Pois você não sabe disso, e para que foi jogar em casa de Miguelzinho ?

- Allan, não mente, patriarca Noé, protestou Allan.

Eu sou um espirito superior. Sou o profeta do espiritismo. Ouvi-me todos ! Noé jogou em casa de Miguelzinho !

- Estás doido, Allan ! quem me viu jogando hoje ?

- Jogando e bebendo, eu vi, rebateu Allan.

- Beber, isso fiz eu, porem foi apenas um gole de aguardente.

- Está vendo, Teresa, que a historia vai aparecendo ? Noé bebeu hoje a valer, mas dessa vez foi só uma vezinha de cachaça.

- Não joguei, protesto ; bebi apenas um calicezinho de aguardente.

- Bebeste, meu Noé ! bebeste. Evoé ! Evoé ! repetiu Allan.

- Clara, não prestes atenção a Allan. Allan é um doidivanhas mentiroso, já lhe disse.

- Eu Allan , um mentiroso ?! eu, o patrono de tua religião, patriarca Noé ? Repara no que estás dizendo.

- Tenho minhas dúvidas, disse o droguista entre os dentes. Quer-me parecer que este menino está com um espirito malandraço.

- Papai, tenho tambem dúvidas sérias... mas é sobre o espiritismo, interrompeu Manuel Kardec.

- Oh ! oh! Oh! Que horror ! fizeram todos.

- Chi . . . i . . . i . . . i ! fez Allan. Manuel agora botou as unhas de fóra ! . . .

- Você está doido ! está blasfemando ! exclamou sr Januario.

- Minha gente, precisa este espanto ? Não se pode mais ter uma dúvida ? Eu queria apenas saber quem foi o primeiro homem ?

- Ora essa, Adão ! respondeu sr. Januario.

- E quem foi a primeira mulher ?

- Lia ! interrompeu Allan.

- Deixe de bobagens, menino ! Foi Eva.

- O senhor disse neste instante que Lia foi a primeira mulher. Não disse que Lia foi Eva ? Como está agora negando ?

- Deixe de zabolhice! A primeira mulher foi Eva. E se o quiseres, Lia na encarnação de Eva.

- Ai ! que o patriarca está girando numa roda de fogo de vista, interpôs Allan, Lia foi Eva, e Eva foi Lia. Quem foi a primeira das duas ? Antes de ser Eva foi Lia, e antes de ser Lia foi Eva.

- Quer-se saber, sr. meu pai quem foi a primeira ?

- Que tolíce ! Eva !

- Estás vendo, Manuel ? está respondida a questão. Eva foi antes de Lia.

- Quem foi o primeiro filho de Adão ?

- Caim.

- E o segundo ?

- Abel.

- Descobriu mel de pau engarrafado, aposto ! aparteou Allan.

- E antes de se incarnarem, onde estava toda essa gente ?

- Quem se importa lá com isso ! interrompeu novamente Allan.

- É uma dúvida que se me encasquetou cá na caixola.

- Estavam nos astros, dogmatizou o sr. Januario.

134

- Como homens, ou como espíritos ?

O velho titubeou.

- Não titubie, papae, resolva a minha dúvida.

- Como espíritos, afirmou o velho com enfase.

- Que provas dá-me o senhor disso ?

- Os próprios espíritos do Alem são que me dizem.

- Esse testemunho dos espíritos do Alem ainda tem muito a desejar. Esses espíritos merecem fé ? Que é que luz de nossa inteligência em seu favor ? Que provas tem para nos enganarem, como já fizeram aos nossos protoparentes ? Ou então quem nos dirá que se trata mesmo de espíritos, senão ao contrario de divagações doentias de nossa imaginação exaltada ?

O velho Januario viu vacilar todo seu edficio de credices espiritistas e rematou : - Proíbo-o de falar assim desrespeitosamente de nossa fé.

- Pois bem, papai, o senhor não diz que a metempsicose é um castigo ? Que os homens maus se incarnarão até num irracional ? E como é que Adão e Eva, e os filhos de Adão e Eva vieram sofrer na carne, se a sua vida começou tão santa, como nos inculca a Bíblia ? Foram eles os primeiros que pecaram nos astros ? E os outros espíritos porque não se acautelaram de todo o pecado vendo o castigo tremendo porque passou o pobre Adão com sua mulher e filhos ? Quem é que os tentou ? Se toda essa gente que hoje se reencarna já havia pecado antes da primeira reencarnação, porque ticaram lá do Alem, gosando por mais tempo da vida astral? Então Deus é injusto ; ou outra resultante, Deus não existe e a reencarnação se faz necessariamente, independentemente do pecado. Não ha para onde sair. Mas se a reencarnação se faz por necessidade de natureza dos proprios espíritos então não diga que a metempsicose é um castigo. E como é que há progresso indefinido se os puros espíritos são obrigados, por natureza ou por pecado, a vir incarnar-se ? Seria isso um regresso.

135

- Tu tens que ser espiritista ! Não admito conversas.

- A coisa está ruim, Manuelito, mas tu agora entraste de rijo para o velho patriarca ! Papai, quem foi aqui o nosso Manuelito na outra vida ? ... Ele sabe discutir tão bem . . . a gente pensa que foi um filosofo.

- Até você, seu fedelho ?! Quem o chamou aqui ? repreendeu sr. Januario.

- Franqueza, papai, continuou Manuel Kardec, eu não compreendo a doutrina espiritista. Vejo lá tanta contradição que meu espirito fica em talas.

- Pois lhe assevero que nenhuma doutrina ou religião você hade encontrar tanta luz como o espiritismo.

- Pode bem ser assim ; mas, por ora, só aí descubro

trevas. Digo-o porque para mim só ha duas doutrinas, o espiritismo e o catolicismo.

- O Manuelito duvida do espiritismo, logo é católico. Aí está uma boa profissão de fé. Que acha, senhor meu pai ? Estou quase seguindo na esteira do Manuelito . . .

- Atrevidos ! bradou sr. Januario, querem se fazer catolicos vão-se d minha casa para fora, que eu não crio hereges.

- Mas o meu avô criou o sr. meu pai, teimou Allan.

- Tambem não precisa disso, aparteu d. Clara procurando serenar os animos.

- Não estás vendo que os meninos estão beincando ?

- Mamãe, não estou brincando, garanto-lhe, corrigiu Manuel. Papai é que não quer responder as minhas dúvidas.

- Ou não póde ? interveio Allan.

- Eu te quebro a cara, biltraço !

- Papai, não se rale, continuou Manuel. Nós estamos apenas conversando.

- Desfazendo assim do espiritismo ?

- Papai, tenha paciencia. Eu quero ser um bom espiritista, porém como poderei sê-lo se não posso atinar nos dogmas de Allan Kardec ? A metempsicose, diz o senhor, é um fato. Logo ela deve dar-se ou por necessidade de natureza, ou por um castigo. Por castigo, já se viu que era absurdo, logo resta a necessidade de natureza. Porém para admitir esse segundo item sou obrigado a aceitar uma de tres, ou Deus, que criou os espíritos com essa necessidade, não soube, ou não pode, ou, sabendo e podendo, não quis fazê-lo de outra sorte. Se não soube, é nescio ; se não pode, é importante ; e se não quis, é máu. Ora tudo isso argúe contra os atributos de Divindade, que deve ser a propria Oniciencia, a propria Onipotencia, a propria Santidade. Ou, outra hipótese, não ha Deus e os proprios espíritos existem de toda eternidade, e por isso são eles verdadeiros deuses. Nós caímos no politeismo grosseiro da antiguidade. E que deuses somo nós, fracos e cheios de miserias e de vicios! São essas as consequen-

cias que se me antolham quando pretendo aceitar a metempsicose.

- Nesse pé, eu também digo não sei onde pôr o pé, intercalou Allan. Senhor meu pai, explique-me !

- Você estpa muito filosofo, Manuel. Assevero-lhe que é um espirito mau, que está falando por sua boca. De sí mesmo, você não sabia dizer isso. Vão ver que é o espirito de algum padreca, ou de algum papa-hostia que está aí no seu corpo.

- Nem padreca, nem papa-hostia, meu pai ! É a razão que me faz pensar assim, ou diga-se em homenagem ao meu velho pai e mestre, a razão que me faz duvidar assim.

- Tida vida raciocinaste, mas nunca desse modo. Agora não raciocinas, duvidas.

- Boa essa ! quem duvida raciocina, interpôs Allan.

- Seja como fôr, eu lhe conto como essas dúvidas surgiram-me no espirito. Eu vinha no bonde, junto do padre Eustaquio, lendo uma de nossas revistas. De vez em vez ele me olhava de soslaio para ver que livro eu tinha nas mãos.

- O bisbilhoteiro ! exclamou o sr. Januario.

- Depois voltando-se para mim perguntou-me a queima-roupa : - Que é que você está aí lendo ?

- É da sua conta, respondi-lhe. Importe-me com o seu breviário que é melhor.

- Muito bem, meu filho, muito bem ! aprovou o velho.

- Incomodei-o com a pergunta ? Queira desculpar-me, meu jovem amigo. Se você quiser ler algumas revistas boas e bonitas, vá ao presbiterio que lhas fornecerei. Tenho prazer nisso, afirmo-lhe. Tenho as lindas, com magnificas gravuras. Isso o padre me disse com tanta afabilidade, mansidão e delicadeza que fiquei convicto de sua boa vontade de servir.

- Essas coisas, a gente chupa a laranja e atira com as cascas fora, advertiu d. Clara.

- Que raposa! Aparteou o velho.

- Ao descer do bonde, deu-me o cartão com o ende-

reço e depois de muito instar para ir visitá-lo, apertou-me a mão, muito gentil.

- E tu foste, está visto !

- Fiquei afeiçoado ao padre Eustaquio. Não é o que o senhor pensa dele. Mostrou-me tanto livro e tanta revista bonita que fiquei encantado. Perguntou-me de quem era filho e ele disse-me que conhecia o papai apenas de vista; que ás vezes passava pela porta da farmacia Allan Kardec mas não sabia que era do senhor.

- Não acredito, o espertalhão !

- Depois convidou-me para visitar a Igreja, para eu ver os quadros da Via Sacra, trabalho do seculo passado do celebre pintor alemão Kolb. Desses quadros havia um que havia sido premiado com medalha de ouro numa grande exposição de pintura em Munich, em 9125. Esses quadros pertenceram á Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares em Pernambuco.

- E tu entraste na Igreja ?

- E' preciso dizer a verdade, entrei.

- Que crime ! . . . Entrar num delubro catolico ! Não te dóe a consciencia ?

138

- Não, papai. O senhor não diz que consciencia é um fenomeno ? A minha é um fenomeno analgico. Então eu ia deixar de ver tanta obra de arte, os vitrais, que são lindissimos, as cadeiras de côro, as estantes, o órgão, os altares, o pulpito, que é uma escultura riquissima do Paraiso Terreal e da Imaculada Conceição de Maria, representado, como me explicou o padre, as dupla cena do pecado e da graça; e depois as alfaias, turibulos, navetas, ostensorios, ciborios, missas, candelabros de pura prata, paramentos de estofa riquissimo, bordados a ouro e recamados de pedras ; ia deixar de ver coisas que apuram o gosto artistico por causa de um espiritismo em que com franqueza não posso dar credito ?

- Que é que estás dizendo ? Bandido ! E' assim que desprezas a religião de teu pai ?

- E papai tambem não foi catolico, e não abandonou a religião de meu avô ? Que mal me faz que eu agora procure o velho tronco ?

- Mas aquilo era um absurdo. E demais só me fiz espírita depois que vim de Portugal.

- Manuel também pode dizer hoje a mesma coisa, senhor meu pai, com o nosso espiritismo, não é? Ele já está quase médico, pode pois ir também deixando o espiritismo.

- Para que agora essa zanga, interveio Lia. O papai pode também vingar-se do padrecão convidando-o para assistir às nossas sessões. Garanto que se ele vir os prodígios, que aqui se operam, ficará espírita.

- E então Manuel acabará de vez suas dúvidas sobre o espiritismo, terminou Allan.

- Pois bem, papai, chame o padre Eustáquio para assistir às sessões. Se ele se converter ao espiritismo estou também que não há religião como a do papai, asseverou Manuel.

- O padre deu-te alguns livros?

- Deu-mos e bons.

- Estás lendo?

- Porque não? Papai, eu sou emancipado. Leio tudo. Porque hei de ficar tolhido de procurar a verdade?

- Não tens que procurá-la, porque tens-la aqui no espiritismo. Mas eu não vejo nada que abone em favor do espiritismo senão os hospitais cheios de doidos, que se entregaram a essas práticas. Vmcê bem sabe que a minha especialidade é psiquiatria; e nos meus estudos só observo que gente que era sã dos miolos e depois ficaram idiotas e imbecis, senão loucos varridos depois de se fazerem espíritas.

- Mas isso só se dá com o baixo espiritismo.

- Com todo espiritismo, que todo ele é baixo e grosseiro. Vmecê não está vendo que um homem culto e inteligente não vai se deixar imbuir pela superstição grosseiríssima do espiritismo?

- Você quer então dizer que seu pai é burro?

- Onde há ofensa? apartou Allan tendenciosamente. Senhor meu pai, lembre-se da história de Michelet!

- Esses meninos estão perdidos, disse a parte d. Clara.



Ana, que até esse momento se havia conservado mazomba e cabisbaixa, olhos desvairados, lebanta-se de chofre da cadeira em que estava sentada até alí com a cabeça apertada entre as mãos.

- Adeus, resmuneou ela para suas irmãs mais moças, adeus até não sei !

Julgaram a principio as meninas que se tratasse de algum espirito, tão afeitas viviam áqueles esgares. Porém essa idéa teve a duração de um relampago. Atarantadas e confusas não poderem dar acordo de si para cortarem o passo da reloucada mocinha, que num bater de olhos precipitou-se de porta a fora.

- Acorram Ana que vai fugindo doida para a rua ! gritpu Allan a plenos pulmões.

A esse grito, Manuel apenas poude ver os calcanhares da fugitiva, que já se ia despejando na estrada. Correu-lhe a pista.

Sr. Januario mal procurava levantar o peso de sua sanchopansesca figura, que todos já haviam corrido ao encalce de Manuel.

Apenas ficou Allan panriado em sua cadeira, rindo como um doido.

- Isto aqui está uma casa de Orates, está divertido! Estás vendo, Rita ? Ninguem quis a tua ceia. Melhor ! Quanto menos somos, melhor passamos. Não é, Rita ? Passa para cá esse café, que já está ficando frio.

140

- Escute, sr. Allan ! Charivarí e zanguizárria na rua . . .

- Atende, é a Teresa de Jesus aos gritos !

-Vamos ver, sr. Allan ! uma desgraça ! Escute ! o bonde parou! . . . oh !

Deixa Allan com os pratos e sai correndo.

- Maluca ! para onde é que tu vais ? Vem servir-me cá a ceia ! ... Já Rita não estava mais na sala.

---

Ana, ao despegar-se da cadeira, correu numa batida selvagem até o patio, onde se atirou em cheio de encontro a um carro electrico, que se aproximava. Num aí Jesus!

a pobre menina era um mulambo sob as rodas do veículo, que a arrastou ainda por um curto espaço com a travessão pronta do motorista, que, vendo a desgraça, evadiu-se. Manuel apesar de toda sua agilidade não pde mais salvá-la. que seria igualmente colhido.

D. Clara vendo o estado de sua filha, caiu desmaiada com uma síncope cardíaca. Sr. Januario ficou lívido e tremulo. AS irmãzinhas ficaram transidas de pânico.

Nesse estado foi a família Kardec reconduzida a seu lar por muitas pessoas, de que não poucas eram das boas relações daquela inditosa gente.

Relacionemos também com o leitor benevolos esses amigos e conhecidos dos kardecs.

Eram a Zefa Miau, assim chamada por ter uma cara de gato, afamada cozinheira e, com todos os contrastes, amiga íntima da Vitorina, Focinho de Cachorro, cujos traços fisionômicos muito tinham que ver com a raça canina, donde lhe viera a alcunha. Para se não perder tempo, diga-se logo que o povo da Franciscania crismava com muito sal esse ou aquele, segundo os seus caracteres fisionômicos ou morais mais em vista, seguindo em tudo um avelha tradição brasileira. E por isso, aí estavam também a Emilia Papagaio, já se entende por causa do adunco do nariz ; o Pedro Sanguessuga, que tomava dinheiro emprestado sem jamais haver posse para pagá-lo ; o Mel- Azedo, que de tudo se azedava ; o Orlando, Boca de Solha ; a Marica, Porco de Vara ; O Chico Carrapato, que depois de agarrar-se a uma pessoa não a largava mais enquanto visse que dali poderia lucrar alguma coisa ; e outros mais de somenos importância.

A cozinheira e a modista eram presbiterinas, apostatas da fé católica no interesse de se casarem com pastores daquela seita, gordamente subvencionados pela Y. M. C. A. da América do Norte para mexicanizarem o Brasil. A Emilia Papagaio e a Marica Porco de Vara eram supersticiosas e fanáticas. O resto do pessoal era bolchevista e frequentadores inveterados do xangô da velha Urraca, uma harpia carcunda, que não podia faltar numa ocasião destas.

Anastacio Mel-Azedo era desses vermelhos até a medula dos ossos, mui dado á licença, bebarrão e jogador. Tresandando a cachaça, aproveitou-se da celeuma para perguntar a Lia se queria casar com ele.

Acorreram tambem alguns catolicos admiradores das boas qualidades de Manuel.

No meio dessa roda mesclada de fé, aberração da fé e falta de fé é que o sr. Januario chora, ri, uiva, brame, tira nervoso de febre e de frio.

Manuel Kardec, ajudado dos bons serviços de seus amigos, principalmente de Sanguessuga, que fareja os seus interesses, leva sua mãe para o quarto, onde a fez recostar numa pilha de travesseiros, tratando sem detença de lhe aplicar injeções de óleo canforado e esparteina, segundo ainda o receituário classico do seculo passado, em que o sr. Januario, avesso a novidades medicas, o havia especialmente educado.

Conhecendo o estado desesperador de sua mãe, da cinco cruzeiros a Sanguessuga para ir a toda buscar o dr. Viegas, que estaria na certa no Clube Lenine, que não fica muito longe da farmacia Allan Kardec.

142 Enquanto assim se afanava o terceiro anista de medicina no quarto da alcova, para onde se reunira o resto da família, na sala de jantar desenrolava-se uma cena cômica senão fora trágica, ridicula senão fora lastimável. De repente o velho estacou hirto no meio da sala, com os olhos duros de um brilho sinistro, fitados no infinito invisível. Os cabelos se lhe eriçaram, as mãos crisparam-se, os dentes estarrincaram, os olhos se lhe revoraram em movimentos espasmodicos e dos labios contorcidos correu uma espumarada amarelenta de mascador de fumo. Teria caído em cheio, não o tiveram amparado e feito sentar em um divan. Deus tres profundos suspiros, fez uns como soluços e soltou um silvo em tudo analogo ao da sirena. Os circunstantes ficaram aterrorizados. Porem Allan, rufando com os dedos sobre a mêsca cantarolava baixinho:

Rataplan, plan, plan !

Rataplan, plan, plan !

O velho deu um grito cavernoso e sinistro. Fez uma pausa e desfechou uma agoirenta risada.

- Atenção ! Já é Ana que vem falar, bradou Allan.

O velho deu um grito feroz.

- É ele! ele! o meu velho camarada! Não, não, agora não ! E' cedo de mais, arre ! Agora não ! Vai-te ! Não vou contigo não !

E desferiu outra grotesca gargalhada.

Repentinamente fez-se muito serio e acrescentou em voz sumida :

- Eu sou o anjo perdido da noite eterna do pecado, Lusbel ! E gorgolejou um misto trovejante de cavernoso ganido e zombeteira cachinada.

- Credo ! credo em cruz ! Ave- Maria ! murmuraram muito dos curiosos que tinham acompanhado a família.

Todos estavam lívidos.

Todavia Allan, continuando a rufar e a cantarolar

Rataplan, plan, plan !

Rataplan, plan, plan !

Cachimbo de pedra,

Sirena !

Das usinas bom fabrico !

Por tua boca escancarada

Esvai-se

A vida inteira em fumaças !

143

Rataplan, plan, plan !

Rataplan, plan, plan !

O energumeno cacarejou nova intermitente risada, entrecortada de soluços e ais. E continuou o discurso.

- Abrenuntio ! abrenuntio ! Zarapelho ! rabujou em voz sepulcra um ngalho de velha magra, franzina, que se alarpadara para um canto da sala, com uns olhos viperinos, muito vivos, engrilados no sr. Januario.

Era a tia Urraca.

Allan perdera então o salitre de todo seu espirito malcriado e irreverente.

O riso e a galhofa estancaram-se nos labios de Lia, agora pasmada e a tremer.

Como as tres parcas da fabula as outras meninas moitavam juntas mumificadas para um angulo da sala. E o maligno assobiava, chibanteava num ar petulante de grande triunfo.

E não ficou nisso. Pôs-se a cantarolar muito senhor da cena:

Colhendo o fruto serodio  
Da atra região da morte,  
Farei da minha consorte  
Pasto eterno do meu ódio !

E o acobardado Kardec

Rataplan, plan, plan !  
Rataplan, plan, plan !

O fogo, que jamais se extingue,  
O verme da eviterna lida,  
São-lhe herança por demais pingue  
Da Ana mais doida e mais varrida !

144

Rataplan, plan, plan !  
Rataplan, plan, plan !

- Abrenuntio, abrenuntio ! repetiu fervorosa a Tia Urraca.  
- Estás me exorcisando, feiticeira amiga ? devaneou o velho.

Lavre sempre o fogo eterno,  
Sem remissão cá no Inferno !

- Que significa isto, Tia Urraca ? perguntou um curioso.

- Nada, menino, trata-se de um espirito mau, porem vou botá-lo fora. E numa voz rouca como o crocitar dos corvos, prosseguiu nos seus exorcismos, rodopiando em torno do suposto energumeno.

Abrenuntio, abrenuntio, Zarapelho !  
Abracadabra, abracadabra, abracarelho !

Os spiritistas responderam em coro.

Abracadabra, abracadabra, Zarapelho !

A feiticeira tirou então de um alforge um amuleto em que as palavras cabalísticas abracadabra, abracarelho vinham escritas em dois triangulos com um signo de Salomão de permeio.

- Com este eu livro de naufragio, incendio e fogo corredor. Descubro objetos perdidos, arranjo casamentos e pratico muitas outras virtudes.

- Mas precisamos de saber como se irá daqui para fora o Zarapelho, !? exclamaram.

A velha continuou a esbamboar-se ao redor do sr. Januario, rezando os seus abrenuntios e abracadabras, que a roda dos spiritistas repetiam com muita devoção. Mas o pretendido diabo não se dava por vencido e troçava da bruxa fazendo-lhe trejeitos e gaifonadas.

A velha desesperou-se e os assistentes tiveram a cena mais comica do mundo da velha a fazer caretas para o diabo para a velha.

Foi nesta chirinola patusca que surgiu, enquadrando-se nos umbrais da porta, uma figura de homem, atarracado e zambeta, de peito sumido, cor apopletica, cabelos grisalhos, olhos encovados, narigão socratico violaceo, belfo, orelhas grandes e flacidas, ventruado como a caricatura do Punch de Londres.

O sr. Januario desferiu outra grotesca gargalhada.

Era o nosso já conhecido dr. Viegas, que chegava quando mais dele se fazia mister.

- Dr. Viegas, interrogou o Zarapelho do sr. meu pai, que aqui a d. Urraca não sabe mais o que fazer dele ! animou-se Allan. Não vê como a dina súa por todos os poros ? Há mais de uma hora que aqui está com um

Abradabra, abradabra, abrahão,  
Pondo o mundo inteiro num pirão !

- Que é isso, amigo Januario, que mau gosto é esse seu de dar espetáculos ridiculos justamente numa ocasião de lagrimas e de dor oara sua família ? Iniciou o dr. Viegas, fazendo uns passes para sugestionar o sr. Januario.

Todos se reanimaram na confiança cega que depositavam no sábio Viegas. O diabo, ou o espirito malandraço dessa vez tinha que fugir.

- Ora, você Viegas ? você ? ! Tinha que ver ! respondeu o diabo sotaqueando do psiquiatra. Eu sou seu camarada, o Zarapelho bolchevista por obra e graça da desgraça da Urraca. Isso aqui é nosso, muito, muito nosso, tão nosso que sou o inventor do comunismo real, pessoal e eterno ! O Inferno é o nosso patrimonio comum. Não é lá como o reino do Céu, emque um manda e todos obedecem ! No nosso reino, bolchevista Viegas, todos mandam e ninguem se sujeita.

- Estás brincando, Januario ! Tens razão : é bem assim que se esquecem as maguas.

- Trate-me direito pelo meu nome ! Veja como aí m sorraba a mestra eximia dos encantos, a pulcra e dulçorosa Urraca ! Rapare que eu não sou um Mephisto de teatro. Quer mais ? Eu sou o proprio Lucifer, o diabo em carne e osso !

146

- Pode certo, meu magano, que a minha diaba velha lá dp Inferno não é menina que passeie pelo Alto do Urubú. Por isso ando eu agora esmochando pelo mundo e meu venerando dr. Viegas . . . não é para que se diga.

- Escarnefuchando, o velho cabronaz ! gritou Allan. Rataplan, plan, plan ! rataplan, plan, plan !

Os circunstantes se entreolharam no meio de um leve zão-zão. Todos conheciam a vida domestica do dr. Viegas, que, dissera o Zarapelho, não era lá para que se conte. Casara-se com um dote de cinco mil cruzeiros que lhe levara uma das meninas do Alto do Urubú, com a condição que a noiva continuaria a frequentar aquele Monte-

Carlo da usina. Era esse, pois, é forçoso que se diga e que se conte, o unico e solido motivo de seu bolchevismo, comunismo, ateísmo e todos mais ismos falsificadores da dignidade da mulher. Daí o seu ódio inveterado contra o padre Eustaquio, que vivia como João Batista a verberar do pulpito a raça dos adúlteros e libertinos da Usina, sem se dar pelos conselhos que lhe davam de abandonar aquela linguagem, que vinha a ferir os Ernestos. Viegas e outros que tais de que estava empastada a Usina pelo mau exemplo de seu proprietario.

Dr. Viegas baixou os olhos, porém o sangue lhe havia apodrecido na caráter, não lhe podia mais tornar rubras as faces bolchevistas.

Houve então um momento de suspensão e de silencio na sala. Perderam todos como por enguiço a doce esperança do exorcismo por intervenção psicologica, psiquiátrica, psicopata, força magnetica e influencia sugestiva do bolchevista sábio da Usina. A varinha de condão dos passes mágicos do dr. Viegas, procedeu em tudo como as lagrimas batavas dos laboratorios de física, que as reduzem a pó sob a leve e adestrada pressão de um preparador. Tem esses efeitos inopinados a verdade dita a mão-tenente ainda mesmo pela boca do pai da mentira.

147

-Dêem-me daí uns panos molhados em agua fria e vinagre, disse dr. Viegas com uma calma repugnante de quem se não deixa embatucar nem mesmo pelo diabo. Em seguida tirou do bolso um lenço, dobrou-o e tentou coloca-lo entre os dentes do sr. Januario.

- Cachorro ! Exclamou o velho. Pensa que estou doente ? Eu sou o diabo, já lhe disse, e agora mesmo vou descer ao Inferno com as almas de Ana e de Clara, que aí acaba de morrer no quarto vizinho.

Efetivamente, na mesmissima ocasião ouvem-se gritos de Manuel e de seus ajudantes de que d. Clara estava morrendo.

Os circunstantes ficaram enleados de que partido tomar, se ficar com o sr. Januario ou ir em acorrimento de d. Clara.



Belsebube, por sua vez, dá um grande tiro com a boca e diz : - Eu me parto porém o sinal de meus dedos aí fica ardendo no queixo do meu velho camarada.

Sr. Januario acordou como de um grande pesadelo.

- Que é isto ? Que quer toda essa gente aqui ? Você também aqui, Viegas ? Parecia-me que estava dormindo. Ouvi apenas um tiro como de canhão e uma voz tumular que me dizia que ia descer ao Inferno com a minha Ana e minha mulher. E logo, - adeus, meu velho camarada ! Ai, que me dóe o queixo ! Pareceu-me ver alguém vestido de escarlate, com uma longa barbicha e asas como de morcego, e que me passava u' a mão de fogo pelo queixo. Essas empôlas, veja doutor, teem a fôrma dos dedos que me apertaram. Repare como estou queimado, ai ! Porém eu não acredito no Inferno. Foi certamente um espirito maligno que me feriu.

Os curiosos se achegaram mais do sr. Juliano para lhe examinar o queixo, que estava efetivamente queimado. A crença espiritista de toda aquela gente ficou então abalada, salvo já se vê a do sr. Januario. Até o dr. Viegas viu vacilar todo o castelo de sua enfatuada sabença. Sem querer dar o braço a torcer procurava uma explicação para o caso e ... não a achava. Inventou então o que poude para empanzinar os ouvidos daquela gente, com explicações capciosas em termos gregos de medicina que todos ignoravam.

Vingou a traça, que não perdeu a fama de sabio. No fundo porém de toda sua garbulha estava que o diabo existe realmente, e que aquilo ....

- Foi obra do cão tihoso, cão agora com c, ouviste Rita ? terminou Allan, para tirá-lo da dificuldade.

A explicação nada tinha de espiritista, porém era necessário dizer a verdade. Foi nesse pé que todos o compreenderam.

Nesse momento entrou Manuel, palido de dor, no aposento onde estava o seu pai para comunicar que sua mãe acabava de falecer em consequencia do choque traumático de que fora paciente havia apenas umas duas ho-

ras. Dando em vista com o dr. Viegas : - Ora, sr.doutor, minha mãe a morrer aqui neste quarto junto e o senhor a conversar com esta gente !

- Está enganando que eu não estou aqui conversando. Encontrei meu amigo Januario possesso de um espirito maligno e tive primeiro que desinflenciá-lo.

Esse modo de falar agradou mais ao sr. Januario. A expressão espirito maligno era mais de acordo com o seu espiritismo, que diabo, Lucifer, etc. Mas não agradou a Manuel, que viu que, com toda aquela zarolhice, ele estava embaucando aquela pobre gente. Assim levantou-se forte discussão entre ele e o dr. Viegas sem mais respeito aos dois cadáveres de Ana e de Clara.

Dr. Viegas batia fé e verdade que um espirito maligno estivera ali obsedando o sr. Januario. As provas eram eloquentissimas, descobrir a sua vida domestica, os passeios de sua mulher ao Alto do Urubú, o falecimento de d. Clara no quarto vizinho, e, por fim, como prova irrefutável, a marca dos dêdos deixada indelevel, ardente, em empôlas de queimaduras de primeiro grau no queixo do farmaceutico.

Manuel protestava contra o valor de tais alegações, que no caso não se tratava de espirito maligno, nem de diabo nenhum do Inferno, que sr. Januario sabia a vida de toda a gente da Usina e de fora da Usina, que por um fenomeno de telepatia em pessoas nervosas podia perceber aliás tão perto, a morte de sua esposa, se antes é que já a não julgava morta, quando a viu de braços, levada para a casa, e finalmente que a queimadura era a resultante de uma autossugestão, porque, embora como bom espiritista não acreditasse no Inferno, nem no Purgatorio, estava plenamente convicto da existencia de espíritos maus e zombeteiros, que bem lhe podiam ter pregado aquela peça ; ou, melhor explicação, a influencia de uma comedia de Mefistofeles, presenciada havia dias por televisão, sobre seus nervos velhos, gastos, superexcitados por fenômenos de espiritismo. Para remate de sua arenga invectivou, com grande amargura para seu pai e pesar para todos

os espiritistas, os grandes disparates do espiritismo, pedindo a todos que abandonassem de vez tão perniciosa prática, que tantos loucos leva aos hospícios de alienados e tantas desgraças semeiam no meio das famílias, que se entregam a tais desregramentos. Sua mãe estava morta, sua querida irmãzinha espatifada sob as rodas de um carro eléctrico, as tres outras pequenas transidas de horror. Lia sem poder dominar o riso apesar de toda aquela catástrofe, Allan por suas pilheiras insulsas e grosseiras manifestando os primeiros sintomas de loucura, e seu extremoso pai fazendo o papel ridículo de energúmeno. Tinha razão o padre Eustaquio, quando lhe disse que o fim dos espiritistas é o manicómio. A Grande Revista de Psiquiatria, que ele me emprestou, trouxe no ultimo numero de dezembro estatísticas apavorantes em defesa dessa asserção. Até o fim do se. XX o terror da humanidade era a tríade da morte : lepra, **treponema pallidum** e o bacilo de Koch com os outros responsáveis pela tuberculose. Hoje em dia, graças ás correntes induzidas de raios solares já ninguém mais se arreceia desses tremendos flagelos. Os hospitais de alienados porém continuam ainda regorgitantes, devido tão só ás estupidas praticas do espiritismo.

150

O pobre rapaz já não mais podendo dominar-se estrugiu em brados lastimosissimos :

- Ai ! minha irmãzinha, minha querida Naninha ! Fizeram-te crer que na reencarnação futura te havias de casar com aquele a quem adoravas, que era porém mister que te reincarnasses ao mesmo tempo que ele, que tu eras a Catarina e elle o Lutero do amor sacrílego e apaixonado, do amor que não respeitou nem a religião, nem a honra. E agora, minha flor, meu anjo, meu bem, meu sangue, minha vida, vejo-te siucida, esfrangalhada, poída pelos principios malsãos de uma doutrina fatidica. Reincarnar-te, Ana, ah ! Só no dia de júizo. Essa é que é a verdade, assim o ensina o padre Eustaquio. Teu corpo é lôdo, e na lama vai ficar ! E tu, mãe querida, não te verei mais ! Para sempre ! para sempre ! Morreste espiritista, que será de ti na eternidade ? Ai, meu Deus, que desgraçado eu

sou em ter nascido numa familia espirita ! Meu pai teima numa superstição que nos traz tantas dores, tantas infelicidades !...

- Ouviram, meus senhores ? sejam testemunhas ! bradou o sr. Januario. Vejam bem que mal não nos está fazendo esse padre Eustaquio a minha familia ! Meu filho, a minha esperança, feito um catolico ferrenho, um papista ! Que dor ! Não duvido que já não ande pelos confessionarios !

- Meu Deus, sirvam estas desgraças para remir a teimosa, a cegueira e a infelicidade de toda esta gente ! disse Manuel murmurando quase.

E calou-se num silencio discreto, que em uns despertou simpatia, mas que nos espiritistas e bolchevista provocou um movimento de grande indignação.

## DEVANEIO AZUL

### NO PALACIO DAS NINFAS

O padre Eustaquio acabara de celebrar a missa de terceiro dia funebre em sufragio da alma do dr. Ernesto Campos.

152 Toda gente sabia que o dr. Ernesto tinha entranhada ojeriza ao padre pelos sermões que elle costumava pregar aos domingos por ocasião da benção do Santissimo Sacramento, e por isso o padre tirava a caridosa vingança de rezar com um fervor sobrenatural pela salvação daquelle que fora proprietario da Usina. Não havia vicio, não havia crime, que se perpetrasse da Usina. Não havia vicio, não havia crime, que se perpetrasse naquella propriedade que não sofresse do pulpito de S. Francisco um comentário de absintio.

De dois lemas que todos os homens são iguais perante Deus e que todos precisam de ir para o Céu, concluia o nosso padre como medico espiritual daquelas almas que o remédio que se applicasse ao pobre tambem se deveria aplicar ao rico.

Ora, assim como vós, jovens amigos meus, que me escutais, tambem toda Usina conhecia como palma de suas

mãos a vida escandalosa do findo dr. Ernesto. O padre era inexorável e inflexível com a vida do tal doutor. Sem lhe declinar o nome, nem urgia fazê-lo, ele por vezes focalizava-o de tal sorte que todos os fieis ficavam pasmos da coragem, diziam uns, da imprudencia, diziam outros, do capelão de S. Francisco.

Quem se banhava de contentamento com esses reverendos sermões era d. Alzira, a piedosa esposa mártir do dr. Ernesto. E por isso não era raro na segunda-feira seguinte chegar ao presbiterio um presente mandado do Palacio das Ninfas. Chamavam assim a residencia do dr. Ernesto, em razão das cenas livres representadas por hamadriadas e capros de bronze e de marmore no formoso parque que o cercava.

A mão dadivosa que acondiçoava tais donativos não se esquecia jamais de juntar um cartão de visitas, de que aqui se dá um especime :

Rvmo. Sr. Padre Eustaquio.

Saúde e paz.

Pague Deus Nosso Senhor liberalmente a V. Rvma. Os favores de que se não cansa de fazer a sua serva e humilde filha em Jesus Cristo.

Na certeza de obter o perdão da insignificancia do que aí vai, subscreve-se, beijando com respeito sua sagrada dextra.

153

**Alzira Campos.**

Os presentes, que d. Alzira, em sua modestia, julgava indignos do merito do sacerdote, eram de ordinario obras importantissimas de escritores catolicos contemporaneos ou antigos. D. Alzira conhecia o grande amor que o seu capelão tinha aos livros e, assim, enriqueceu-lhe a biblioteca com Biblias, obras completas de S. Tomas, S. Boaventura, Sta. Teresa de Jesus, S. Agostinho, Suarez, Cardeal Belarmino, Bossuet, Fenelon, Vieira, Leão XIII.

Benedito XIV, etc . , obras mordenissimas de teologia, pastoral, filosofia, psicologia experimental, sociologia, ciencias naturais, filologia, artes, literatura e as mais ricas enciclopedias do seculo XXI.

Outra classe de mimos mui favoritos eram paramentos sagrados, pixides, ostenseiros, turibulos, candelabros, damascos, alcatifas, e mais alfaias de que o templo ficou muito bem abastecido.

Não se esqueça ainda d. Alzira dos meninos da escola do padre Eustaquio. Em dias feriados, nas festinhas escolares, nos teatrinhos, era um verdadeiro banquete de toda sorte de iguarias, além de uma grande profusão de petrechos escolares, como papel, tinta, lapis, ardósias, cadernos, livros, etc . , e uma quantidade de jogos, interessantissimos no ponto de vista pedagogico, que ela mandava para a petizada. Todos os dias ás onze horas chegavam infalivelmente á porta da escola uns dois ou tres carrinhos com farta provisão de biscoitos, frutas, queijo, doces e sorvetes para as crianças.

Por essas larguezas as linguas danadas dos Januarios, dos Viegas e das Urracas com seus sequazes espirituais, bolchevistas e feiticeiroa diziam as maiores infamias da virtuosa senhora. Porém o grosso da população da Usina chamavam-na mãe dos pobres, protetora das crianças.

154

Nos dias de S. Francisco, de S. Vicente de Paulo, S. Antonio, Coração de Jesus, Quinta-feira Maior, S. João, Assunção, Pentecostes, Natal, padre Eustaquio fazia uma verdadeira derrama de cruzeiros no meio da pobreza da Usina, que alías já vivia amparada por um riquissimo patronato por ele instituido. Toda a gente sabia que o padre era pobre, e assim suspeitavam todos com muito bons fundamentos que todas aquelas esmolos eram obra de d. Alzira, e isso mesmo o padre deixava entrever apesar das reiteradas proibições da sua benfeitora.

Desse modo a bonissima senhora atenuava no meio daquela gente o ódio dia a dia avolumado contra o seu marido. Muitos diziam não compreender como um mons-

tro de devassidão e lasciva tinha no lar uma tão grande santa. Outros menos caridosos e de espírito mais crítico espantavam-se e escandalizavam-se – escandalos de fariseus ! – de que d. Alzira em traje de rigor, embora modesto, presidisse grandes salões em sua casa, onde depois de ouvir os poetas mais inspirados, os literatos mais sutis, se fazia ruidoso baile até duas horas da madrugada. Ela era também vista ao lado de seu marido no teatro S. Francisco assistindo a operas monumentais, que se representavam em New- York, Paris, Roma, Berlim, Brasília, Juarezopolis, Rio ou outra grande cidade do mundo, e que para ali eram projetadas pelo telescopiofonio , ou a vida do planeta Marte pelo uranoscopiofonio ou o **escorpião** da linguagem adulterada do povo. Aquela mulher, dizia a critica injusta de alguns, acende duas velas, uma a Deus e outra ao diabo ; porém o padre Eustaquio, que era o seu diretor espiritual, que ela era nada menos que a Isabel Lesoeur do seculo XXI. E por isso, nem nunca a inqueriu a respeito, nem nunca deixou de dar-lhe diariamente a sagrada comunhão, plenamente convicto da alta virtude daquela alma eleita de Deus.

E foi assim que o padre Eustaquio, como de costume, déra naquela manhã a Comunhão a d. Alzira, mas ao desvestir-se dos sagrados paramentos recebeu das mãos de Evaldo um cartão que ela lhe mandava, pedindo-lhe que fosse tomar o seu pequeno almoço em sua residencia, que desejava muito falar-lhe. Estava o padre também no proposito de ir áquele mesmo dia á casa de. Francisca, esposa do assassino. Aliás para tomar essa resolução, muito pensou, muito refletiu e muito orou, até meia noite, deante do Sm. Sacramento. Ir á casa do assassino ! José da Mouca com certeza não estaria lá. Os voadores farejavam aquelas imediações. A pobre senhora estaria bloqueada noite e dia. Não lhe faltaria o pão para si e para sua mimosa Joanhina ? Quem lhe levaria ? José da Mouca era pobre. Não estaria deixado em casa recursos para muito tempo ! Nem aliás tivera tempo para isso ; a resolução e a perpetração do crime tinham sido quase instan-



taneas. Deixou naturalmente em casa o pouco que tinha. Ele proprio estaria evidentemente sofrendo duras privações. Honrado não aceitou o dinheiro do dr. Ernesto, disse-o Evaldo. A carteira foi efetivamente encontrada intacta. Não falava nem um centavo. Que bem não poderia ele, padre, ali fazer ? Aquela casa era o lar da maldição. Qualquer beneficio que lá chegasse seria como um orvalho do Céu em requeimado deserto. Ali só iam perscrutadores e bisbilhoteiros. Quem enxugaria as lagrimas da desditosa d. Francisca ? Ninguém. Que noits terriveis não teria passado a infeliz esposa ! Que horas de amargra, de inquietações, vendo a cada instante uma cilada ! Ela via-se sitiada por um bando de lobos esfomeados, sequiosos de lhe destruir a infeliz vivenda, talvez de a matar, de lhe roubar a filha, por adquirir as boas graças do dr. Lustosa, que, para felicidade, ainda não regressara do Recife. Esses pensamentos passaram-lhe céleres pelo espirito. Diriam talvez mal de ele entrar só na casa de uma senhora separada do marido. Ele bem conhecia a lingua maldizente dos espiritistas, protestantes, bolchevistas e uns tantos que hipocritamente se diziam catolicos, catolicos que nem cumpriam o preceito pascoal, nem tão pouco ouviam missa nos dias de preceito, catolicos á Ernesto Campos. Porém era já um sacerdote de concoenta anos, sobre quem nunca jamais haviam suspeitado, apesar das pilheiras infames dos Januarios, Viegas, Urracas & Cia. Restava ainda um expediente, não iria só. Teria um excelente companheiro, Evaldo. Era muito novo, porém sabia se conduzir com a prudencia que falta a muitos velhos. Os outros acólitos não tinham a mesma virtude e o mesmo bom senso. Alguns eram uns bobinhos. Ademais, d. Francisca era maior de quarenta anos e, apesar de amiga de catombós e feiticeiras, sempre foi respeitada por suas virtudes.

Padre Eustaquio entrou na capela mór, ajoelhou-se, e de cabeça reclinada entre as mãos, orou uma boa meia hora a Jesus, o Augusto Senhor do Céu e da Terra, ali embuçado nas especies eucaristicas. Expôs então, como a

seu verdadeiro e unico amigo, os perigos que corria a Usina, pôs sob a guarda especial de Maria, Refugio dos Pecadores e Auxilio dos Cristãos, a bonissima d. Alzira, o tibio e vacilante Miguelzinho, o coração de catolico estoicismo de d. Maricota, a desditosa d. Francisca, Joantina, a ovelha tresmalhada e perdinda Rosinha, o malaventurado José da Mouca, e finalmente Evaldo, seu afilhado e predileto discipulo para que de tudo aquilo tirasse uma solida lição de que o mundo, se é alguma coisa, é a vaidade ; se alguma coisa pesa, é o pecado ; se alveja algum fim, é a morte. Escutou no silencio do santuario, cheio de fé, de esperança e de amor, levantou-se e dirigiu-se á porta do templo. Parece que saudoso daqueles minutos de oração e de paz voltou-se para o Tabernaculo e fez uma demorada genuflexão, como de quem não queria despregar-se mais do solo sagrado, recitando quem sabe ? a msma prece dos apóstolos do Tabor, - **Bonum est, Domine, nos hic esse** -quem me déra ficar sempre aqui e daqui não mais saír para parte alguma !

Á porta do templo aguardava-o o carro com Evaldo, que o acompanhou at´o Palacio das Ninfas.

Um porteiro galhardamente vestido fê-los guiar por uma camareira arreada de alvissima touca e avental de linho e rendas, através de salas, saletas, porticos, jardins internos, fontes, aquarios e passaredos, até o vasto salão de jantar, onde estava d. Alzira, que, mal os apercebeu, levantou-se para trazê-los para um grupo de poltronas estofadas de couro lavrado, que decoravam discretamente um canto de janelão de onde se ouvia o doce chilrear da passarada em artisticas e espaçosas gaiolas metalicas suspensas das arcadas de um claustro vizinho, engrinaldado de trepadeiras e orquídeas exóticas.

Sentaram-se os tres em torno de uma formosa mesa de ebano, engastado de perolas e marfim em desenhos caprichosos de pássaros, flores e frutos.

- Podemos tomar aqui mesmo o nosso café, disse d. Alzira.

- Pois não, aquiesceu o padre, benzendo-se. Só não

está mais confortavel porque infelizmente nos falta o nosso inditoso dr. Ernesto.

Era justamente por ém o que menos confortavel seria no momento. Padre Eustaquio sabia que lhe era espinha de garganta, porém, a sua delicadeza para com d. Alzira e a ansia de cumprir o preceito do amor do prpximo, ainda mesmo inimigo, fê-lo enveredar por aquela linguagem, que, á primeira vista, havia de parecer cruciante para a resignação da viuva.

- Deixe o dr. Ernesto, padre Eustaquio. É melhor rezar por ele e não mais pensar de suas loucuras

- V. Excia. Tem razão, respondeu o padre.

D. Alzita tocou num botão e o tampo da mesa desdobrou-se automaticamente em quatro partes em cruz cobertas de uma alvissima toalha. Tocou outro botão e dentro em breve projetou-se da janela para o interior uma taboa com um serviço completo de café, leite, chocolate, torradas, queijo, manteiga, pão, assucar, compotas, ovos, fiambre e mantas de peixe frito.

- Ai, que não veio o chá ! exclamou d. Alzira.

158 - Salvo se for para v. excia. Eu e Evaldo usamos apenas café e leite pela manhã. O que está não é um pequeno almoço, é um regalorio.

- Nem por isso, padre Eustaquio.

A taboa da comida era provida de mola e juntas, como uma esteira, o que facilitava a descida dos pratos, um por um , até a mesa de ebano. Recolhido todo o serviço, a esteira recolheu-se para sob o parapeito da janela. Dos tres só Evaldo serviu-se com algum apetite. Terminada a refeição, d. Alzira tocou noutro botão e a esteira veio receber, como um servo fiel, os destroços dos manjares para sumir-se novamente debaixo da fresta donde se produzira. Dobrou-se a mesa de ebano e só então é que d. Alzira falou ; porque toda a refeição correu como se os convivas estivessem no mais silencioso retiro.

- Agora podemos conversar, disse d. Alzira.

Padre Eustaquio levantou-se e fez uma pequena oração em que foi acompanhado por seus companheiros de

mesa. Ao sentar-se disse em voz mais que sumida :

- Estou adivinhando que o peso destes dois dias continuará arrastando horas muito funestas.

- Funestíssimas, meu padre, funestíssimas ! Precisamos de orar muito por esta Usina, por minha ambiciosa e tresloucada família e por essa pobre gente, que vive conosco. Não sei até onde iremos parar.

- Sabe v. excia. Alguma coisa ? ! . . . perquei ansioso o capelão.

-É mister dizer-lhe tudo, tudo ; e v. rvma. Vai fazer-se agora tudo, tudo por todos para impedir maiores males. V. rvma, é o anjo custodio desta propriedade.

- O anjo custodio está no Céu ; eu sou apenas em indigno refece, vingativo e ambicioso. . . .

- É possível ? ! . . .

- Não sabia ? pois veja isso. Ele consulta lá em Pernambuco a diversos advogados sobre a instalação do processo contra o Zé da Mouca. Sua intenção era conseguir a pena maxima para o delinquente e depois, com dinheiro, fazê-lo desaparecer da cadeia. Fóra, seria metido numa geladeira, onde em pouco teria que morrer. Os jornais da oposição nada poderiam dizer porque as aparencias estariam guardadas. A mulher com as filhas seriam expulsas daqui apenas com a roupa do corpo, e a casa queimada com todos os bens. O Zé da Mouca antes de ir para a geladeira assistiria a essa tragedia, sem poder dizer nem adeus á família.

- Que horror, exclamou Evaldo.

- pois bem os advogados foram todos de parecer que se não poderia instaurar o processo, porque só havia uma testemunha e essa de menoridade.

- Lustosa disse-lhe que isso era o menos porque não faltaria gente aqui na Usina que se prestasse para o caso ; que ele daria tanto quanto a justiça o exigisse.

- Os advogados rebateram-no, que já toda a gente

sabia do caso como se passou, e as falsas testemunhas seriam facilmente rejeitadas.

Vencido nesse ponto, Lustosa tomou então uma resolução ainda mais atroz. Amanhã irão voadores daqui para queimar a casa á meia noite com tudo o que estiver dentro.

- Até com d. Francisca e Joaninha ?

- Com elas também. Quanto á Rosinha, será levada numa canôa, como quem vai para a outra banda do rio e no meio jogarão nagua.

- Barbaro ! meu Deus, bárbaro ! exclamou Evaldo, exprimindo na face uma grande contração de dor.

- Onde está a Rosinha ?

- Lá na vivenda das depravações de que o senhor já tem bastantes informes.

- E agora, d. Alzira, que é que se faz ?

- Vamos salvá-las.

- Dr. Lustosa não tem medo da vingança do Zé da Mouca ?

160 Repare que ele ainda não está preso, e não creio que o apanharão tão facilmente apesar de não se querer agregar aos bolchevistas, que aliás não o hostilizam, por julgarem que está inimigo irreconciliavel dos capitalistas, o que entretanto não é exáto. Todavia por motivos diferentes Zé da Mouca e os bolchevistas visam o mesmo alvo. – perseguir os proprietarios da Usina Franciscania ; aquele por odio e vingança estes por principio geral de ódio ao capitalismo, á familia, á moral e aos bons costumes catolicos. Bem dizem que a vingança é cega e louca. Dr. Lustosa não vê que a vida de . excia. E de toda essa população corre os maiores perigos ; e que essa revide, longe de arrefecer a paixão de Zé da Mouca, vai excitá-lo sobremodo ? É uma cegueira. E que ele lucra em queimar a casa do Zé da Mouca e matar-lhe a mulher e as filhas ?

- Isso disse-lhe eu ontem pelo cinefonio. Ouvindo-me tomou um ar de tanta indiferença que cheguei a pensar que ele estava louco e bebado.

- Dr. Lustosa bebe ?

- Ah ! senhor padre, há dias que nem mesmo sei como o suportar a minha desditosa cunhada. Inventaram agora uma bebida, o **gi-gi**, ou ambrosia dos elegantes, que faz a sensação de verem-se noites aluaradas em pleno meio dia e outras diversões do genero, e o meu cunhado dá-se por vezes á essa nova especie de prazeres.

- Está tudo explicado. De outra sorte seria inacreditavel que uma pessoa de bom senso tomasse tão selvagem resolução, ainda mesmo influenciada pela vingança. Tudo tem seu limite.

- Menos o crime, sr. Padre ! V. rvma. Mesmo gosta de pregar que o abismo reclama por outro abismo. Isso de quando a gente põe o pé no desfiladeiro, tem de resvalar até o fim ; e nada de mais escorregadio que a soberba e corollarios. Fingí não observar a mascara de pau que ele tomou e mostrei-lhe que a vingança tem seus limites e que seu procedimento seira certamente desastroso para toda Usina. Ele me respondeu que era o Cales do seculo XXI ; que lá em Pernambuco queria ter o prazer de presenciar o incendio da casa e das trouxas do Zé da Mouca, saboreando em calice de **gigi** ; e que eu era mulher, não sabia o que dizia. Tinha mandado reforçar com mil voadores o policiamento da Usina ; e que era um homem para um exercito tão numeroso ? Dentro de tres dias no maximo Zé da Mouca estaria preso pela sua gente, eu ficasse descansada. Lembrei-lhe que ele tinha levado do deposito das armas os torpedos aereos e que em menos de meia hora ele só poderia com aquela arma reduzir toda Usina, com casas, parque, canaviais, cafezais, pomares tudo a um montão de destroços. No dia do enterro começou a arder a casa das maquinas, e no dia seguinte alguna partidos de cana foram destruidos.

- É verdade, porém, já soube que foi obra dos bolchevistas, empregando o fogo chinês, que em todo caso não é tão perigoso como os torpedos aereos.

- O canavial de papai foi todo queimado, disse Evaldo.

- Que está dizendo ? Ninguém me avisou, queixou-se d. Alzira.

- E o papai levou também uma bala no pé, quando ia fugindo do ataque á Praça da Feira.

- Baleado o Miguelzinho ? ! Sua mãe porque não me avisou ?

- Num dia daquel, d. Alzira ? ! Papai e mamãe sabiam muito bem quanto v. excia. Está sofrendo. Não podiam, nem deviam incomodá-la.

- Mas eu melhorei mais tarde, e já agora posso dominar-me com a paciência e a resignação que Deus nosso Senhor me deu. V. diga a sua mãe que mais tarde irei vê-la. Simpatizo-a muito. Julgo-o a senhora mais virtuosa e mais sabia da Usina.

- Virtuosa e sabia, não tem duvida, confirmou o padre.

- Muito obrigado pelo conceito que d. Alzira e meu padrinho fazem de minha mãe. V. excia. Não precisa de nos dar essa honra de visitar minha mãe, porque está antes no dever dela de vir aqui, que a sua dor, ouvi-a dizer, é incomparavelmente maior que a dela.

- O menino tem razão, disse o padre. Como não havia de ficar aí muita gente roída de inveja se v. excia. Fosse á casa de Miguelzinho ! A quem prezamos não devemos expor aos dentes da inveja, o mais roaz de todos.

- pouco importa a inveja no caso, senhor padre ! Penso antes que seria um bom meio de prestigiá-lo mais. Como quer que seja, no momento julgo que apenas um sentimento de admiração causará essa minha visita, - morreu-lhe o marido, não há sete dias, e ela já anda sêca e méca ! Entretanto preciso de falar com d. Maricota o quanto antes.

- Eu posso ser o portador do recado, ofereceu-se Evaldo.

- Porém tenho tanto a dizer-lhe . . .

- Garanto que ela virá aqui comigo.

- Venham, não faltem, hoje mesmo ás quinze horas.

- Agora nós, d. Alzira. Que havemos de fazer para

salvar a família do Zé da Mouca ? A Usina está infestada de voadores e naturalmente já andam rondando a casa.

- Não tem nada ; para tudo ha jeito.

Toca um botão e aparece a criada, que já conhecemos, a quem dá ordens para trazer quatro capas invisíveis, e outros tantos levitadores dos mais poderosos.

- Aqui está Evaldo. Leve este pacotinho para o presbiterio e vá logo para casa. Vá de voador, meu filho, para não se cansar e ganhar tempo.

- Evaldo beijou a mão de d. Alzira e saíu.

- Já compreendi tudo. Resta ainda uma coisa a saber : para onde vai d. Francisca com a filha ?

- Traga-as para aqui. Aterrem aqui por cima da esplanada do palacio, que os espero.

-Elas terão medo. Julgarão uma cilada para colhê-las em casa da propria vítima.

- Que juizo fazia d. Francisca de mim e de v. rvma. ?

- O mais favoravel. O proprio José da Mouca ouvi-o uma vez chama-la de esposa mártir. Uma vez mesmo, depois do estupro da filha do Paulo Canhoto, foi ao presbitero pedir-me que aconselhasse o dr. Ernesto, porque os meus sermões embora fossem mais que suficientes para tirá-lo do mau caminho, nenhum resultado tinham, porque não os assistia, sendo pois conveniente que eu fosse falar pessoalmente com ele, que, como homem educado, seria bem provavel que me ouvisse. Dessa vez chegou mesmo a dizer-me que tinha em casa uma filha de 16 anos, julgada a menina mais formosa da Usina, e que, se ele cometesse o desatino de raptá-la, como tem feito aí a outras, ele, o Zé da Mouca, o mataria, eu ficasse certo disso. Nunca pensei que tivesse animo para tanto. Disse-o com tal frieza que pensei que o sangue não lhe estivesse estuando nas arterias. Quanto a mim sei que me fazia boa ausencia. Porém tanto ele como a mulher são muito supersticiosos e sei ainda que frequentavam a casa da tal Tia Urraca, apesar de nunca faltarem á missa nos dias de preceito e ouvirem os pesados sermões que



tantos tenho feito para extirpar desta Usina a praga dos catimbós.

- Elles teem esse defeito porque são muito ignorantes, porém no mais são muito boa gente, obtemperou d. Alzira. E v. rvma. Falou com Ernesto sobre esses assuntos ?

- Deus me livre ! Não seria absolutamente atendido.

- Fez bem, porque agora lhe digo que o caso é muito peor do que se supõe. V. rvma. Tem reparado que uma vez por outra desaparece uma pessoa daqui da Usina. Não fazem 15 dias que lá se foi o dr. Botelho, no mês passado procuraram em vão dois rapazes estudantes de direito, e Elvira que apareceu degolada, e o Frederico Emiliano que morreu afogado no meio do rio, e o desaparecimento do Peitada, e outros, outros, que v. rvma. Bem o sabe . . .

- Foram vitimas do dr. Ernesto ?

- Do dr. Ernesto e do dr. Lustosa, estou convicta.

- Como v. excia soube disso ?

- Em alguns casos foram os proprios algozes que mo vieram confessar. E como eu não podia denunciar o meu proprio marido, expulsava os mandatarios da Usina, o que irritava profundamente o meu desnaturado marido. – Ah ! meu padre, v. rvma. Não sabe quanto eu sofro com esses crimes. Na propria casa das maquinas há um subterraneo que, ouço dizer, está já cheio de ossadas humanas. Quem deu conta de toda essa gente ? V. rvma. Pode imaginar quem. O que aconteceu agora é o dedo vingador da Providencia Divina, arrancando da Usina o seu maior algoz. – Ernesto, o meu marido !

- A voz de d. Alzira estava tremula, e ela mesma livida de uma lividez mortal.

- D. Alzira, disse o padre, de todas essas vítimas do dr. Ernesto v. excia. é a maior. Sua fé é muito grande e com ela se sairá bem afinal neste já tão longo martirio, mas a sua caridade não deve transpor o limite de elogiar publicamente o Zé da Mouca . .

- Se ele fosse mais comedido, teria ido ao presbiterio consultar a v. rvma. Sobre a desgraça que lhe caiu em casa. Não estaria então com o peso de um crime tão

atroz, nem correria com a família o perigo em que estão.

- Diz muito bem porque a vingança não é cristã, e ninguém pode fazer justiça por suas mãos. Eu lhe aconselho pois de não fazer nunca boas referências àquela família. V. excia. seria mal interpretada e os seus inimigos, os que nos maisnam, diriam que foi v. excia. mesma quem mandou matar o dr. Ernesto, sendo essa mais uma razão, razão poderosíssima para não receber em sua casa d. Francisca e as filhas.

- Pensa bem eu não tinha atinado nisso ; porém as conservaria aqui a muito bom recado para que ninguém desconfiasse do paradeiro delas.

- E os criados de v. excia ? Lembre-se, d. Alzira. Do que dizem as Escrituras : os domésticos do homem são seus inimigos.

- Para onde irão pois aquelas infelizes ? . . . Que pensa da casa de Miguelzinho ?

- Nem vale a pena comentar. V. excia, pense noutro ponto.

- Então não vejo mais recurso no caso, salvo se v. rvma. Quiser levá-las para o outro lado do rio, onde disfarçadas em ciganas tomarão um aeroplano e voarão para a Baía, onde se poderão empregar.

- Empregar-se vestidas de ciganas ? . . .

- Não se importe, a moda é hoje a gente vestir-se segundo bem lhe parece.

De uma gavetinha da mesa de ebanó tirou um cartão de visita e escreveu :

Querida prima Candinha,

Apresento-lhe a d. Maroca com suas duas filhas Josefina e Debora. Peço-lhe empregá-las em uma boa casa de família de sua confiança, e sobretudo católica. Enquanto elas tiveram sem empregos não lhes negue hospitalidade. Trata-se de uma pobre mulher abandonada do marido . . .

A prima Candinha era uma solteirona, que vivia inteiramente dedicada a obras de caridade.

Fez uma pausa e mostrou o que estava escrito ao padre.

- Não é mentira dizer no caso, **abandonada do marido** ?

- Não, minha senhora. É uma restrição mental. Efetivamente o marido que abandona a casa abandona a mulher. É verdade que ele não quereria separar-se da mulher, mas o fato é que o fez por motivo de um crime.

- Pois bem, fica como v. rvma. Quer. Tenho ainda um escrupulo ; elas se não chamam como escrevi no cartão. Não é também mentira ?

- Também não, o nome é acidental. Apenas v. excia. muda-lhes o nome em face da necessidade.

- Estamos entendidos. Agora peço a v. rvma. Para dar-se ao trabalho de levar este dinheiro para d. Francisca.

- Bem, agora posso agir. Adeus.

- Adeus.

O padre meteu o cartão e o dinheiro no bolso e rodou para o presbitério.

Evaldo já lá mais não estava. Deixara lá ficar o pacote e zarpara para casa.

Às quinze horas menos um quarto estacionava á porta de Miguelzinho o automovel de d. Alzira.

- Mamãe, vamos, lembrou Evaldo. O automovel chegou.

- Esse auto é minha unica esperança, meu filho, disse Miguelzinho.

- Maricota, anda ! D. Alzira não pode estar lá esperando.

- Não receias ficar só, Miguelzinho ? Teu pé está tão magoado ! Eu poderia ir só e deixar Evaldo contigo.

Havendo algum acidente, terás quem me vá chamar, bem que espero não levar lá muito tempo.

- Não, vão os dois. Evaldo deve ir conhecendo praticamente as nossas necessidades e onde estão os nossos verdadeiros amigos.

- Isso é. Adeus. Despediu-se d. Maricota, retribuindo-lhe na frente o quente e estremecido beijo de seu prezado esposo.

D. Alzira dera ordens a sua aia para receber a visita no vestibulo do palacio. Numa saleta ao que lhe pareceu, alcochoada de puro damasco sírio, cuja côr irisava-se de todos os matizes da luz, que transvasava dos vitrais magicos, deu ingresso a simples d. Maricota com o seu querido Evaldo. Ela reparou que pelo efeito de luz, o seu vestido, alíás de um tecido barato, transformara-se em aparençia da mais formosa sêda. Quanto á roupinha do menino, a seus olhos deslumbrados, tomaram o aspecto do mais fino veludo.

Aí deixou-se a aia, e d. Maricota, suspendendo um pouco o curso de suas conjecturas sobre o motivo daquele chamado, tateou, - sempre a curiosidade das mulheres, mesmo nas mais santas como d. Maricota, - a parede para certificar-se se o que lhe parecia ali damasco sírio não seria a simples parede caiada, sob a influencia das vidraças. Já tinha ouvido falar dos tais vitrais magicos, porém aqueles eram os primeiros que via. Seu vestido era côr de terra de Sirena e agora transformara-se num discreto mimoso azul da Prussia ; a rouoa de Evaldo era castanha e apareceu pomposamente granadil.

- Lindo, mamãe, como é bom a gente ser rico !

- De que serve, Evaldo ! Não é nisso que consiste a felicidade. No meio desta, futilidade, desses encantos, dessas cores surpreendentes, como não sofre a pobre d. Alzira ! Com a nossa pobreza nós não somos tão infelizes quanto ela. Garanto-te que ela quereria antes morar numa cabana esburacada de beira de rio, por onde entrasse a chuva, o sol e o sereno, e tiritar de frio e de susto ao fulminar implacaval da tempestade, que viver neste pala-

cio de fadas com o marido que teve até bem poucos dias a saturar-lhe o coração de ansiedade, de desgosto, de náuseas e de sustos.

- Tens razão, minha amiga, disse d. Alzira entrando. Faz de mim o juízo exato do que sou e de como vivo e penso.

- D. Alzira, queira desculpar-me.

- Nem por isso, respondeu abraçando-a. Graças a Deus que já encontrei além do meu confessor, uma pessoa no mundo, que me cabalmente compreendesse.

- Como assim ? É possível ? ! inquiriu a visitante estupefata de tanto carinho e confiança.

- É ; talvez por sermos ambas casadas e termos os mesmos princípios católicos, o mesmo pai espiritual. Sentemo-nos, minha amiga.

- D. Alzira, jamais pensei em minha vida encontrar da parte de v. excia. tanta gentileza para com a minha humilde mulher de um pobre plantador de cana de sua riquíssima propriedade.

- Deixe a excia. por favor, do contrario tratá-la-ei com a mesma cerimonia. Somos aqui duas irmãs. Trate-me por Alzira, que eu a tratarei por Maricota.

168

D. Maricota era inteligentíssima e tinha um alto espirito de penetração das almas. A análise psicológica que ela fazia dos homens era natural e sem esforço. Poder-se-ia bem dizer que era um conhecimento quase intuitivo que ela tinha do coração humano. Difícil era de uma pessoa esconder o seu pensamento deante dela. Um passo, um olhar, um gesto que a outros parecia despercebido, para ela era uma denuncia. Assim ao primeiro encontro ela divulgava facilmente as qualidades boas ou más de seu interlocutor. Era preciso ser alguém muito perito na arte da hipocrisia, para que ela não reconhecesse o dissimulo. Ela sentiu, pois, que, no meio daquelas sumptuosidades, d. Alzira, com quem aliás não tivera ainda relações de intimidade, estava triste e só. Ela mesmo o confessara, - “graças a Deus que já achei uma pessoa que cabalmente me compreendesse” ; e essa compreen-

são sendo da parte da outra, que também sofria, a animava. Ela necessitava de um coração sincero, muito semelhante ao seu, onde transbordar as dores de sua alma. Precisava de um espírito com que se pesasse o seu, derramando-se um no outro, misturando-se e fundindo-se. Os tratamentos pois de d. Maricota e de d. Alzira equilibravam-se porque eram legítimas donas, verdadeiras senhoras de virtude, genuínas fidalgas da moral católica : equilibravam-se mas não se fundiam, e não se fundiam porque não eram íntimos. Uma era a d. Alzira rica, grande, poderosa, viúva de um plutocrata, a outra era a d. Maricota pobre, pequenina, humilde, casada com um homem economicamente arruinado. Só a dor sofrida com sentimento cristão poderia soldar numa só peça a riqueza e a pobreza, a grandeza e a humildade, o poderio e a modestia, as lágrimas da viúva com os sustos da casada. E essa dor consagraram os tratamentos íntimos e recíprocos de Alzira e Maricota.

- Pois, Alzira, diga-me para que me mandou chamar ?

- Ah ! Maricota, sei que por minha causa você sofre muito com o seu marido e isso de longa data. Quero reparar a injúria.

169

D. Maricota compreendeu de relance tudo quanto ia nesse termo tão duro e tão cruel com que d. Alzira desapiedadamente se disciplinava, - injúria ! As violações do peso das canas feitas por seu marido na balança da Usina, a bala que feriu o pé de Miguelzinho, o incêndio do canavial, passaram-lhe rápido pelo espírito. A primeira injúria vinha diretamente do esposo de sua interlocutora e as outras eram derivados de seus crimes. Porém aquela mulher que estava ali diante dela trajando o azeviche da dor era inocente. Ela própria era também vítima. Nesse maremagnum de conjecturas exclamou apenas :- Injúria ! Santo Deus ! Alzira, você é um anjo !

A consciência delicada de d. Alzira enveredara porém, por outra estrada erizada de espinhos, de recriminações próprias de penitentes.

- Eu, pensava ela, fui casada com Ernesto. Tive com ele a posse comum da Usina e de todos os mais tesouros. A nossa sorte, os nossos bens, a nossa vida se fundiam como as nossas almas e nossos corpos, - fusão heterogenea de desassossegos, que me acabrunhavam o espirito, e de prazeres sensuais, que lhe cavaram o tumulto, fusão de lagrimas amargas e de tresloucados sorrisos, porém sempre fusão. Hoje estou livre, viuba, única possuidora destes bens que nem todos são proporcionados pela mão dadivosa de Deus. Ha neles um fermento, o fermento da ambição, deixai-me dizer, meu Deus a verdadeira palavra, o fermento do furto, que os corrompe. Posso eu tranquilamente gosar essa riqueza sem restituir o principal e o juro do que o meu marido defradou no peso da cana de seus plantadores, do mesquinho salario, que mal chegava para matar a foem dos trabalhadores, das propriedades vizinhas que raptou a titulo de promissorias, nunca jamais saldadas ? Dentre os pobres Miguelzinho é um não pequeno plantador, quer dizer um credor. Quanto não terá perdido para enfeitiçar-se esse enguiçado palacio das lagrimas ? Tenho ainda outros credores ; as providencias já estão asseguradas para saldo dessas dívidas. Os credores ricos como meu marido sempre foram satisfeitos a tempo.

Após esse escrupuloso exame de consciencia fitou os olhos nos de d. Maricota como quem despertando de um pesadelo.

- Que é que está aí a meditar, minha protetora, meu anjo ?

- Perdão, Maricota, eu não sou anjo ; e se quiser que o seja serei um anjo perdido senão reparar uma grave injúria de que foi vitima o seu marido.

Estava ferido o ponto, e d. Maricota baixou os olhos donde rolaram duas grossas lagrimas.

- Alzira, já lhe disse, você é um anjo, um anjo martir. Nenhuma responsabilidade pode ter pelo que fez o seu marido.

Mas a vítima não pode se converter em algoz, bebendo também o sangue dos holocaustos. Eu não posso calcular exatamente o prejuízo de Miguelzinho, porém, seja como for, pague-se-lhe o capital e os juros justamente agora quando mais precisa o seu marido. Aqui está, e toma esta carteira que é sua.

- Não, Alzira, nunca !

- Que ! Você tem direito de rejeitar o que não é seu só, se não o suor de seu marido e o dote de seu filho ?

- Não tenho direito a isso. O dote de meu filho será a sólida formação católica que lhe devo. Com esse tesouro : ainda mesmo que chegasse a morrer assassinado, morreria como um mártir do dever. Isso lhe basta, que lhe grangeia os tesouros imarcessíveis do Céu.

- Belos conceitos, minha Maricota, são esses seus sobre o dote de seu filho. Se eu tivera um, faria também o mesmo. Todavia a consciência me diz que seu direito é líquido, e eu não quero amanhã subir os degraus do santuário para receber Jesus Sacramento com o dinheiro alheio na minha algibeira.

- São delicadezas e escrúpulos exagerados, exclamou d. Maricota. Bem vejo que a sua sensibilidade de alma pura e cristã quer-me poupar do abatimento de receber uma esmola e para esse fim usa deste estratagema, que a amesquinha. .

- Que me enobrece, Maricota ! Só depois que paga o devido é que está a única nobreza.

-É mística a sua interpretação.

- E por isso é verdadeira.

- Não posso levar esse dinheiro.

- Mandá-lo-ei levar então.

- Aceitá-lo-ia como um esmola.

- Deve aceitá-lo como fruto do trabalho de seu marido. Evaldo, você não tem bolso ? Guarde que esse foi ganho por seu pai.

Põe a carteira no bolso de Evaldo.



- Eu poderia nunca supôr tal ? conjectura d. Maricota.  
- Reze por mim, minha miga. Você agora aliviou-me de uma carga que me faria naufragar para sempre.

- Obrigadissima.

- Agora aconselho-lhes que saiam daqui o mais breve possível. Em Pernambuco eu tenho um lugar de caixa do Escritorio da Usina para Miguelzinho, que, poe enquanto, vá tratar-se no nosso hospital. Tome este ingresso.

- Como lhe sou agradecida. Alzira ! disse d. Maricota, tomando a mão de sua benfeitora, que cobriu de beijos, orvalhados de lagrimas.

D. Alzira levantou-se e abraçou com muita efusão de carinho a sua amiga e Evaldo.

Separaram-se : d. Maricota para ir depositar no coração de seu esposo uma lagrima de alento, d Alzira para colher do retiro se seu santuario mais um raio divino de força. Ambas eram grandes, porque ambas compreendiam bem a luz que jorra celeste dos ensinamentos da Fé.

## DEVANEIO DO BOM SAMARITANO

### Á BEIRA DO RIO

O carrilhão das altas torres de S. Francisco acabava de soar doze badaladas.

173

O finado dr. Francisco Campos, fundador da Igreja, havia, num gesto de particular carinho para com os doze Apóstolos, mandado colocar em um desvão encimeiro das partes superiores da arcada da porta principal do templo, um grupo de doze estatuas moveáveis que, á hora do meio-dia, uma após outra, desfilavam por uma varanda gótica de porfirio vermelho, consoante a cada golpe do S. Francisco o Grande, - nome com o arcebispo da Barra ungira o sino maior daquele formoso campanario.

Anjos de bronze, que se agrupavam em torno da cruz dominadora da frontaria, proclamava com as suas afiladas tubas o nome de cada um. E quando por ultimo era vociferado o nome de Pedro, o Principe dos Apóstolos. Os sinos acompanhavam em surdina o canto plano de um megafonio :- **Euntes ergo, docete omnes gentes !**

Tão solene, tão espiritual, tão místico era aquele vo-

zear de sinos acompanhando aquele preternatural concerto, que se não passava dia que não estacionasse lá em frente da Igreja uma turba de espectadores, só pelo prazer de assistir aquele espetáculo do Céu.

Dir-se-ia que um câro de seiscentos querubins esvoaçavam por ali em torno da fachada, a cantar o preceito sublime da missão de Jesus Cristo, - ensinar ; e que as próprias estatuas se humanizavam e desciam de suas tribunas para evangelizarem de novo as nações.

Fazia-se brevíssima pausa, e logo uma outra enchente de sonoridades divinas derramava-se pelo ambiente em longe vibrando harmoniosissimamente um segundo motete : **Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur.**

Conjugava-se então, numa suavidade santíssima, o rumor profético e missionário dos sinos com as atitudes de piedade que tomavam os fieis, que, de mãos postas e cabeça baixa, entratinham-se com o Ser Supremo num unico éxtase de fé, de esperança e de amor.

Mais que empolgante, genuinamente cristã, era pois a cena que todos os dias se desenvolvera deante da Igreja de S. Francisco.

174

Na sua crassa e teimosa superstição, a harpia feiticeira da casa do sr. Januario, a nossa já por demais conheci da Velha Urraca, a tia dos spiritistas, protestantes e bolchevistas, irritava-se tambem pela ignobil interpretação que lhe soava aos ouvidos o tocar dos sinos. Por isso, enquanto os fieis oram ao meio dia, a sacrilega, a herege, a inconoclasta, a feiticeira, a spiritista, a comunista, a blasfema ouriça-se, freme de raiva, espuma de desespero, num delirio de perseguição e de odio contra a Igreja, seus ministros e seus santos. Produz esses contrastes o carrilhão da Fé Catolica : aos justos faz orar, aos perversos blasfemar.

E assim arrepiam-se, rabeiam, batem freneticas com o pe, ameaçam de punhos cerrados o clangor teologico dos sinos, a heresia, a hipocrisia e a ignorancia personificadas numa só mulher – a **Tia Urraca.**

Calaram-se os sinos ; e, sem mais detença, o silencio

místico, que se devia seguir como meditação profunda depois de ungido sermão, atassalha-se em campo com o bramido luciferino da sirena.

Apagaram-se assim as harmonias celestes por se ouvir tão só aquele brado, profano com as paixões, destemperado como o pecado, irreverente com a própria morte.

Os espectadores da cena do campanario dispersaram-se como fulminados por aquele atroar horrísono, que lhes perturba a paz e a harmonia do coração.

Não assim a velha Urraca. O regougo da sirena marca-lhe a hora da execução de planos diabolicos, hora de treva, inicio de torpissimos fados.

Para ela a sirena é o clarim da revolução do Inferno.

Assim, a sete chaves, ela tranca-se de portas a dentro com a ingenua d. Francisca. Na casa da beira do rio

Põe sobre o topete uma tiara judia. Cinge-se de um avental, veste-se de balandrau e arreia-se de um colar de cascaveis de perigoso trigonocefalo, donde como chocalho pende enorme triangulo, que lhe cai sobre os peitos, cercando um olho mumificado, que a Tia jura ser de lobishomem.

No meio da sala, acende entre os pés de uma trempe um fogo de chamas azues e esverdeadas, que começam a lamber gostosas o casco negro de um grande caldeirão de cobre.

Por especial concessão, porque essas coisas não são feitas ás claras, d. Francisca viu preparar os ingredientes do macabro guisado.

De sobre uma tripode, em que se empoleira, a velha Urrac ia gradualmente atirando ao caldeirão pernas de as'po, cabeças de largatixas, asas de morcego, presas de serpentes, papos de corujas; grilos, baratas, aranhas e escorpiões temperados num molho de aguardente e azeite de carrapato, que é bom para afugentar espirito maus, com galhinhos de arruda, juream e alecrim e mais um arcaico dez-réis de cobre apanhado na salva de sexta-feira da Paixão.

A medida que esses estranhos condimentos eram jo-

gados ao fogo a Tia Urraca mexia o caldo, com um colherão de pau, e dava ordens a d. Francisca para vestir um velho pijama preto, que ela mentiu ser de dr. Lustosa, e que fizesse roda em dirandina em torno do caldeirão, montada num cabo de vassoura, a que ela deu o nome de Trinta-e-tres.

Enquanto a paciente fazia viravoltas, a harpia cantarolava em tom sepulcral o insípido estribilho:

Abracadabra, abracadabra, abracalões !  
Tu és uma menina que anda de calções !

Lustosa tem fel ?  
Transforme-se em mel.  
Abracadabra, abracadabra, abracalões !

Atira ao fogo um punhado de assucar e repete :

Lustosa tem fel ?  
Transforme-se em mel.

Apeia-se da tripode e barafusta numa dança africana, trauteando obscenidades, que ela fazia d. Francisca acompanhar muito devotamente de máus abracadabras e abracalões.

176

Depois de muito ferver foi o caldo afinal coado num lenço imundo, que ela disse ter arranjado com a arrumadeira da casa do dr. Lustosa, a quem dera por esse trabalho a insignificante gorjeta de cinco cruzeiros e tres raminhos de alecrim. O uso do lenço era para fazer um cancer (cruz !) no nariz do doutor.

Depois de coado foi o nauseabundo liquido filtrado em funil cheio de uma maçaroca de cabelos louros, que dizia a feiticeira terem sido a esposa do dr. Lustosa. Por tais madeixas ela pagou sete cruzeiros e sete galhos de mangiricão, ao cabeleireiro do Palacio das Ninfas. A dona dos cabelos correria doida.

- Está vendo, d. Francisca ? Tudo isso muito me

custou os olhos da cara, porém fique convicta que não ha mal que lhe entre, se beber todos os dias á meia noite e ao meio dia uma dóse de sete gotas desse nectar lusbelino em tres galhetas furtadas de uma sacristia.

Entrega a d. Francisca os ditos vasos, que ela confessou não ter podido por nenhum suborno conseguir dos meninos de S. Francisco.

- São malcriados aqueles coroinhas ; pois não me quiseram tanger da porta da Igreja, só porque eu lhes pedi um pouquinho do oleo da lampada ? !

E cantarejou :

Mas . . .

Este frasquinho, que agora lhe dou,  
Foi o irmão pedreiro que mo arranjou.

- E os pedreiros já podem entrar na Igreja ? indagou d. Francisca. Padre Eustaquio detesta-os por serem eles os fabricantes de ressios para moças corrompidas pela grande Usina.

- Ora, para que você hade ser tôla ? ! Dr. Lustosa antes de ser bacharel foi architecto, como o finado dr. Ernesto.

- Disso sabia eu. É por isso que são tão ruins.

- Ruins não, são excelentes rapazes, que dão de comer aos pedreiros pobres.

- E minha filha ?

- Deixemos de conversar, vamos continuar os nossos fados. Você podem pagar-me bem o meu trabalho, que lhe prometo, lhe juro por São Cipriano, como pelo diabo mais figa do Inferno, o mais partido. Dr. Lustosa ficará mais manso que um cordeiro.

De um sacco de couro de cobra tirou uma mãozinha de menino pagão, um dedo de defunto e uma cabeça de macaco mumificado por ela própria segundo os processos dos antigos índios do Amazonas, os quaes processos ela tam-

bem amazonense e descendente de índios, aprendera de uma índia nonagenaria. Com a mãozinha ella traçou uns signos de Salomão sobre o caldo, sobre a cabeça de d. Francisca, ainda montada no seu grotesco ginete, para o tecto, para o solo e para os quatro angulos da sala. Do dedo indicador do defunto ella serviu-se como de colherinha para tirar sete gotas do caldo, que deixou cair dentro de uma galheta de vidro roxo, cheia dagua. Depois deu essa dose a d. Francisca dizendo-lhe que bebesse, que aquella era a vida, a saúde e a felicidade de quem lhe quisesse fazer mal a ela, a Zé da Mouca e ás filhas. A cabeça do macaco ella dependurasse no meio da sala, que tiraria toda especie de olhado, a afastaria todas as abusões.

Todo esse cerimoniaal foi acompanhado de um longo discurso em que se explicavam as virtudes daquela bicharia e daquelas plantas. As pernas de sapo eram para que os inimigos de d. Francisca se agachassem e rastejassem deante dela. As cabeças de largatixas para dizerem sim a tudo o que ella propusesse. As asas dos morcegos para que lhes tirassem a vista, se pretendessem perseguí-la durante o dia. As pernas das cobras para se envenenarem. O papo da coruja para incharem. Os grilos para que lhe zumbissem nos ouvidos e outros insetos para se cobrirem de lepra, a aguardente para se embriagarem e o azeite para ficarem moles e sem ação.

178

Nesse entrementes batem á porta muito de mansinho.

D. Francisca teve tal susto em ouvir aquellas pancadas inesperadas áquella hora e naquelas circunstancias que a galheta caiu-lhe das mãos e quebrou-se. Toda a tremer acaçapou-se a um canto da casa, onde estava acorada Joannha com os olhos muito grelados de espanto de toda aquella cena.

- Que é isso, mamãe ? balbuciou a criança em tom quase imperceptível. Quem é que bate ? Será o papai ?

- Ai, Tia Urraca, são os voadores ! Salve-me !

A feiticeira tomou um aspecto de esfinge, tetrica, ameaçadora, apavorante, senão ridicula, ataviada como estava daqueles penderucalhos.

Passaram-se alguns segundos e novas pancadinhas.

A bruxa assanhou-se como uma cascavel provocada.

Fez esgares e trejeitos, exorbitou os olhos, estirou a língua, espumou, piruetou, esbamboou-se, acenou como uma depravada. Engrifou-se, zanzarilhou deante da porta, desafiou.

- Por aqui ninguém passa, aqui ninguém entra !

No canto da sala, d. Francisca nada mais ouvia que o rumor da bruxa.

Padre Eustaquio, que estava do lado de fora, escutou e ouviu os alvoroços e bruxedos de feiticeira. Esteve para espiar para o interior pelo buraco da fechadura, porem luziu-lhe no espirito o pensamento de ter o olho varado por um espeto. Pena era não estar o padre Eustaquio munido de um cinerradio, que, aplicado á porta, teria visto comodamente toda aquela degradada comedia de loucura e superstição. Entretanto, conjecturou o que se passava. Escutou mais tempo suspendendo a respiração. Desta vez perceu bem distintamente a parlenda da bruxa, *credo ! credo ! figas, pé-de-pato, pé-rachado, figas ! Por aqui ninguém passa, por aqui ninguém entra !*

- Pé-de-cabra, pé-rachado ! . . . repetiu consigo mesmo. Ella pensa que é o diabo. Porem essa voz grossa, rouca . . . não é de d. Francisca. . . nem do marido. Meu Deus. O trasgo da velha Urraca ! Ela mesma ! Com quem foi d. Francisca se meter ! ... Este demonio vai caluniar-me, vendo-me sair daqui com d . Francisca e a menina.

Evaldo, está claro, não pudera ir com ele ; os negocios de sua familia prenderam-no com seus pais.

Ajoelhou-se, tirou do bolso um rosario, beijou-o, rezou algumas Ave- Marias e guardou-o. Tomando as mãos um crucifixo, que usava trazer suspenso ao pescoço, fitou nele os olhos por alguns instantes, osculou-o com ternura e guardou-o.

- Estou confortado, disse como quem se desafoga de um grande pesadelo. Amjo de minha guarda, ajudai-me !

Aplicou á fechadura um aparelho em aspecto muito semelhante al velho maçarico dos tempos idos, porem dota-



do de uma engrenagem mais complicada, o qual projetou uma chama violacea em torno de toda porta fazendo-a cair de golpe numa peça unica no meio da sala.

A casa estava tarraz-borraz, um negalho de imundices.

A velha Urraca deu um urro formidavel de fera apanhada no covil, quando viu a figura do padre Eustaquio aparecer como uma estatua emoldurada pela hobreiras da porta. Engravitou-se, grelou-lhe os olhos, que eram duas brasas e esconjuroou furibunda, - O diabo ! o diabo ! ... é o mesmo da casa do sr. Januario ! Abrenuntio, abracadabra ! Credo em cruz !

D. Francisca, que é isto ! ? . . . incentivou o padre. Vestida com um pijama preto ! . . . Está doida ? Que é que faz aqui esta marafona ? . . .

D. Francisca esgazeada pela luz que entrara repentinamente pela sala não reconheceu logo o padre. E tomando-o por um voador que viesse mata-la, ajoelhou-se, implorando : - Não me mate ! Por Nossa Senhora, que sou uma desgraça ! Pelo amor que o senhor tem a sua mãe, a sua mulher, se é casado, e a seus filhos, tenha pena desta criança ! Nós somos as criaturas mais infelizes do mundo !

180

- Levante-se, d. Francisca, que não sou quem pensa. Não vim aqui para matar nem cometer nenhum crime. Vim, vim só para salvá-la e a sua pobre filhinha.

- Ai, mamãe, que é o padre Eustaquio, disse Joanhina, levantando-se e correndo para o padre.

- Padre, padre, diga por onde anda o papaizinho, que ha tres dias que não vem á casa. A mamãe não deixa a gente sair um pouquinho á horta. Eu não sei porque é.

- E o que faz aqui essa casquilheira ? perguntou o padre a d. Francisca.

- Seu Zequítolis, isso não me aquenta, nem me arrefenta. V. nada tem que ver com a vida alheia, respondeu atrevidaça a Tia. Eu sou livre, ando por onde quero. Sou senhora de minhas ventas.

- Sem duvida, que as tem como o Corcovado, mas

as bruxas não podem andar impunes pelas casas, praticando sortilégios, enguiços e tranquiernas, ponderou o padre calmamente.

- Temos tanto direito como os padres das freguesias ! gritou a velha.

- Que caldeirão, que fogo e que filtro são estes? Indaga o padre, entornando o caldeirão com um pontapé e atirando com o filtro para o meio da casa.

- Cada um pratica a religião como bem lhe apetece. O senhor não tem o direito de quebrar o meu filtro, entornar o meu caldeirão e apagar o meu fogo ! vociferou a megera a plenos pulmões.

- Cale-se ! ....

- Calar o que ?! Quem é você que me manda calar ?

- O padre Eustaquio, capelão da Usina, sabe ? E fique mansa, do contrario, eu a paraliso com este aparelho. Disse isto, mostrando-lhe um pequenino aparelho em forma de estilete, que produzia faísca semelhante ás dos espintariscopios.

- Ai ! minha gente, que tambem é feiticeiro ! exclamou a bruxa.

- Sim, uso desta varinha magica como toda gente bôa; e vosmecê ajunte a sua trouxa e vá rodando. Por aqui ! mostra-lhe a porta.

D. Francisca, a senhora deve-me cem cruzeiros de meu trabalho. Passe para cá os meus cobres, que bem sabe que vivo disso. Não posso perder ; sou pobre.

- Bruaca despudorada ! exclamou o padre. Ja lhe disse que por aqui ! Sem mais tirte nem guarte, vamos ! Rua ! ...

- Aí está, d. Francisca, se não ganhou com o meu feitiço. Em lugar de um algoz, chega-lhe em casa um protetor, um amigo ! ...

- Que faz virar o feitiço por cima da feiticeira. Vamos, rua ! ... papoque já daqui para fora, que já me está esgotando a paciencia. Está remanchando? Pois então aguente, que vai tempo ! ... Aponta para a feiticeira o

estilete aureolado de uma luz violacea, donde irradiavam faiscas muito vicas.

- Essas faiscas são o Silabo da Igreja ?

- Chuta ! cegarrega de bruxa marruaz ! engula já o despejo ! ...

Não me esteja aí mais a fretenir nos ouvidos, que já não a enxergo ! fez o sacerdote esgrimindo o estilete.

- Ah ! ... não ! ... que me vou ... gritou a velha zurzida por uma forte e rapida chicotada eletrica.

- Já sabe sair ? ... E vá correndo, que eu quero tero prazer de vê-la correr até a curva da estrada sem olhar para trás ! ... Correndo sempre, tira-que-tira, ouviu ? ... gritou o padre. E não faça como a mulher de Lote, do contrario não ficará aí sal pela estrada, senão carniça para os urubús !

A bruxa degalgou-se como poude pela estrada afóra, sem a imprudencia, já se vê, daquela mãe biblica que fugiu do incendio de Sodoma, porem em todo trajecto ia resingando blasfemias, grazinando estribilhos impudicos.

Sumiu-se na ultima curva do caminho, e com a velha Urraca foram-se para sempre daquela habitação de pobres, de dores e de lagrimas as tres parcas infernais que atormentama humanidade, - a heresia, a superstição e a ignorancia.

182

---

D. Francisca já se tinha acalmado, aproveitando do entreato do padre e da bruxa para compor os seus vestidos. Estava porem ali numa só peça soldada á filhinha. Como quem se escuda da inocencia, para se defender do reverendissimo sermão com que certamente o padre havia de exprobar-lhe a estupidez e a falta de fé com que se deixou embair das burlas da velha Urraca.

Padre Eustaquio era perito na arte do samaritano. Sabia deitar oleo para abrandar as dores e as curar, mas no seu ministerio nunca se esquecia da botija de vinho com que antes as lavava, doessem o que doessem. No caso se-

guiu o mesmo processo. Estatelado aos pés de d. Francisca ainda estava o cabo de vassoura, o ignobil Trinta-e-Tres, em que a mulher do Zé da Mouca cavalgou em torno da panelada. Por aí começou.

- Que é isso, d. Francisca ? que cavaleiro de triste figura foi o papel que vosmecê desempenhou ás ordens daquela bruxa, para escandalo desta criança ?

- Não pesou o ridiculo a que expunha a sua autoridade materna, deante de sua filhinha ? Como quererá que depois ella a respeite e venere ?

Mostrou-lhe em seguida o perigo e o veneno daqueles ingredientes, os ingredientes da heresia, da superstição e da ignorancia.

- Chegou a beber deste filtro ?

- Não porque no momento que v. rvma. Bateu á porta a galheta quebrou-se.

- Foi feliz, essa bebida é um veneno imundíssimo.

Não teve repugnancia ?

- Ah ! muita. Todavia com o mêdo de ser atacada tido o que a Tia Urraca me mandasse por me salvar a mim e a minha filha.

- Nada duvido que a Tia Urraca quisesse envenená-la para depois ganhar dinheiro com isso do proprio dr. Lustosa.

- Ave- Maria ! exclamou d. Francisca assustada.

- Não precisa assustar-se mais, porque cheguei antes de você beber essa droga imunda. Agora me diga, que faz este dez-reis ?

- A Tia Urraca me disse que foi apanhado no meio das esmolos que se dão ao Senhor Morto na Semana Santa, e que por isso tem muita virtude.

- Outras moedas não servem ?

- Não, só o dez-réis, porque hoje não se usa mais.

- E outra moeda antiga, um patacão, por exemplo ?

- Tambem não serve ; só o dez-réis.

- Porque ?

- Não sei.

- Tenha juizo ! Não está vendo que como não tem

aplicação para o dez-reis, também não terá esta madeixa e toda mais porquidade deque o caldeirão estava cheio ?

- Que faz aí sobre a mēsa essa baralho ? Serviu para jogar ?

- Não.

- E para que serviu ?

- A Tia Urraca leu as cartas.

- Cartomante também a velha ? E' completa a mandingueira.

Fez-se de Buena-Dicha, lendo-lhe a mão, não é verdade ?

- Leu a minha mão e de Joaquina.

- A tua também, Joaquina ?

- Tive muito medo, padre Eustaquio. Porém mamãe mo mandou, e a Tia Urraca fez tais caretas que ainda fiquei com mais medo.

- Que te disse ela, Joaquina ?

- Que deixasse de ser boba, que eu casaria com um usineiro, e que teria tres filhas. Que a mais velha seria freira ...

- Ainda bem.

- Que a segunda seria atriz de cinema, e que a mais moça seria bem que ela feiticeira.

- E a vosmecê, d. Francisca, que lhe profetizou a sibíla ?

- Que eu ficasse descansada que o meu marido seria um rico banqueiro, e que depois de viajarmos muito pelo mundo acabaríamos com mais de cem anos em casa de nossa neta feiticeira.

- Vosmecê foi tão simplória que acreditou em toda essa patranha ?

Não lhe doeu a consciência de, sendo catolica, chamar uma feiticeira para sua casa ? Isso não é ignorancia, porque muita vez vosmecê me tem ouvido pregar contra feitiçarias, cartomancias e espiritismos.

- Mas, o mêdo de morrer, sr. padre ...

- Seria justamente esse o melhor motivo para não traír a sua fé, disse o padre. Bem sei, a falta de confiança na divina providencia. Não é melhor confessar assim o seu pecado ?

- Já me tinham aconselhado aqui tanta coisa, que eu não sabia mais que fazer.

- Quem foi que lhe aconselhou essa tanta coisa ?

- As vizinhas. A comadre Purificação, que é uma mulher esperta, foi quem me aconselhou a chamar a Tia Urraca.

- Quem é essa Purificação ?

- É d. Maria da Purificação, viuva do Chico Boto.

- Ah ! já sei ; uma que apelidam de Maria Porco de Vara, não é ?

- É ela mesma, mas como não gosto de tratar ninguém por apelidos ...

- Faz muito bem, é mais caridoso, salvo se o apelido lembra alguma qualidade bôa ; todavia não faz bem em ouvir essa gente. Essa Purificação visita a casa do sr. Januario. É espiritista e por isso não lhe pode dar bons conselhos. Quando lhe mataram o marido ela em lugar de buscar a Igreja foi fazer catimbós, para apurar os responsáveis. Tem feito as maiores tolices. Creio mesmo que ela está já sofrendo das faculdades mentais. Ainda não ha muitos dias foi apanhada completamente embriagada á meia noite aos pés do cruzeiro, com uma canela de defunto na mão. Isso não parece arte da velha Urraca ?

- Quem lhe mandou passear ao redor desse caldeirão montada num pau de vassoura tem astucia para mandar tambem a pobre d. Purificação embriagar-se aos pés do Cruzeiro, armada de uma canela de defunto. Sirva-lhe esta de lição. Nunca mais perca a sua confiança em Nosso Senhor e em Maria Santissima. Ora veja agora que aqui estou eu por mandado de Jesus Sacramentado para salvá-la.

- Ah ! meu padre, como lhe agradeço.

- A conversa já está longa. Vamos já e já, porque á meia noite virão os voadores queimar a sua casa com tudo quanto tem dentro.

- Horrivel, meu padre ! Que é que eu fiz para me

fazerem tanto mal ? Salve-me, meu padre, pelo amor de Deus !

- Sim, foi por salvá-la que eu vim aqui. Porém antes de salvar-lhe a vida do corpo que salvar-lhe a vida da alma. Está arrependida de acreditar em superstições ?

- Muito arrependida, meu padre. Tenha pena de mim que sou uma desgraçada, e também deste anjo !

- Tenho muita pena de todos vocês, de Zé da Mouca e de suas filhas.

- Quero confessar-me.

- O seu pecado é o início de suas desventuras.

- Agora, sr. padre, diga-me por favor se sabe onde está Rosinha ?

- Daqui a pouco vai juntar-se com ela.

- Então dê-me licença que eu dê uma carreirinha até o sítio.

- Que vai ver lá vosmecê ?

D. Francisca expôs o segredo do ôco da mangueira secular.

- Pois bem tome este cartão.

186

O padre ditou rumo que ela ia tomar e como na Baía Zé da Mouca poderia ver a família e auxiliá-la. Enquanto d. Francisca foi depor o cartão na carcomida mangueira, ele mandou Joanhinha fazer uma pequena trouxa de alguns vestidinhos seus e de sua mãe. Abriu a gaveta do dinheiro, tomou-o, contou-o e meteu-o na algibeira. Eram apenas dezanove cruzeiros.

- Mamãe não tem peças de ouro, como braceletes, anéis, brincos ?

- Não se usa mais isso, sr. padre. Ela teve, porém papai vendeu.

- Vocês não teem mais nada de bom ?

- Eu tenho minha boneca. E tão bonitinha, padre ! Foi d. Alzira que ma deu.

- Onde está ?

- Aqui na camilha dela.

- Pois toma a tua boneca.

- Para onde vamos ?

- Não sei ; vamos dar um passeio. Você não queria passear ?

- Como é bom passear ! Vamos buscar a Rosinha, não é ?

- Sim, a Rosinha e o papai. Você não quer ver o papai ?

- Todos dois. Como estou contente ! Já estou batendo palmas de contente ! Já fazem nove dias que não vejo Rosinha. Mamãe me disse que ela foi passear. Mas mamãe tem chorado tanto com saudade de Rosinha ! Não sei porque ela deixou Rosinha sair. Agora a mim não deixa nem ir ao quintal.

- Toma lá esta capinha, veste.

- Como é que se veste isso, que eu não sei ?

- É assim.

O padre ensina a Joaquina usar da capa invisível. Depois mostra-lhe o uso da sua.

- Estás vendo. Joaquina ? Se eu apertar este fivela tu não me verás mais.

- Duvido !

- Já sabes duvidar, hein ? ... Pois, vê-me !

Padre Eustaquio apertou a fivela e desapareceu dos olhos de Joaquina.

- Então, Joaquina, estás me vendo ?

- Não vejo nada !

- Procura-me que estou aqui mesmo na sala.

- Padre, padre !

Joaquina feria impunemente o espaço, jogando a cabra-cega. E o bom do padre divertia-se com a inocência da encantadora Joaquina. Joaquina apenas ouvia o riso do padre Eustaquio e sentia os puxões que ele lhe dava de quando em vez nas orelhas.

Padre Eustaquio queria bem descontar naquele brinquedo infantil as amarguras que havia experimentado desde quando tomou sobre os seus ombros de sacerdote e de pai espiritual o peso da Igreja de S. Francisco.



- Estás vendo-me agora, não é ? disse o padre desatacando a fivela.

- Estou.

- Agora ataca a tua.

Joaninha vingou-se bem dos em puxões que havia levado.

- Ah ! ah ! ah ! também sei me esconder. Veja-me agora, padre Eustaquio !

- Joaninha, Joaninha, onde estás tu ?

No meio da algazarra que fazia Joaninha regressou d. Francisca.

- Daqui por diante, disse o padre, a senhora precisa de mudar de nome. Será tratada por d. Maroca. Joaninha por Josefina e Rosinha por Debora.

- Estás ouvindo, Joaninha, agora ficas-te chamando Josefina e tua irmã Debora.

- E papai agora como se vai chamar ?

- É verdade, ponderou o padre, ia-me esquecendo, vamos chamá-lo Manuel Peixoto.

O padre abriu um pacotinho onde trazia um vestido de cigana.

Aqui está d. Maroca, vá-se disfarçar com sua filha nestes trajes.

188

Toma o teu, Joaninha, vai-te vestir.

- Joaninha não, mamãe, padre Eustaquio mudou meu nome para Josefina, corrigiu a criança.

- Está vendo, d. Maroca, sua filha é mais atenta do que a senhora. Tome cuidado. É questão de vida e de morte. A meia noite isto ficará reduzido á cinza.

- Vem cá, Josefina.

Aperta-lhe um levitador á cinta.

- Comprime aqui este botão, que tu sobes no ar. Se moveres esta mola aqui para a direita, voarás para a esquerda, e se a moveres para a esquerda voarás para a direita. Vão ! Dá uma volta ao redor da casa e volta.

- Estou com medo.

- De que ? Vamos. Eu vou contigo para te ensinar. É muito fácil.

- Bem, já sabes como é. Vamos agora todos. Eu vôo

com a cabeça descoberta para vocês me verem e porque o padre deve sempre ser visto e conhecido por onde anda. Ele é a luz do mundo, não pode nadar em capas, aparteou d. Francisca, ou digamos para também nos acostumar ao novo nome, d. Maroca.

- Acompanhe-me !

A triade alcandorou-se pelo espaço imenso.

Deante da porta da casa, onde dr. Ernesto deixou a infeliz Rosinha, lá nas ultimas abas da floresta e dois quilometros da beira do rio, aterrou o padre Eustaquio com suas duas companheiras.

- Que casa é esta ? perguntou d. Francisca.

- É onde está Rosinha ; não digo bem, Debora, que já não é a mesma Rosinha do lar paterno.

- Oh ! meu Deus, que dor eu sinto no coração ! queixou-se d. Francisca, levando a mão ao peito. Meu padre, eu vou morrer, ouça-me de confissão. Eu sou uma grande pecadora ...

- Ai ! mamãezinha , urrou a pequena. Não morra não, mamãe, que eu morro também ! Não me deixe sozinha no mundo. Meu Deus, mamãe está morrendo, quem me acode !

O padre aplicou o ouvido contra a boca da moribunda e ouviu alguma palavra mal articulada, que deu materia para absolvição e logo ungiu-a e deu-lhe a benção apostolica. Os gritos de Joantina foram ouvidos de Rosinha, que vinha chegando do pomar.

- Que é que ouço aqui perto ? Estes gritos são de Joantina. Que é que ela tem ? Joantina, Joantina, onde estás que te não vejo ? !

- Aqui !

- Aqui, onde ?

- Na tua porta.

Desapertam-se as fivelas e Rosinha tem então deante de si um espetáculo de lhe confranger o coração até a morte. Sua mãe no estado de coma estatelada sobre um banco do alpendre, Joantina, agarrando-lhe a mão gelada

e humida do suor da morte e padre Eustaquio procurando animá-la para a grande partida para a eternidade com as mais pirdosas preces de seu coração de padre.

- Senhor, em tuas mãos encomendo o meu espirito ! Jesus, recebe o meu espirito ! Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, protege-me contra o inimigo nesta hora tremenda ! José, casto esposo de Maria, abre-me o seio da divina Misericórdia ! ...

No meio dessa prece exála Francisca o ultimo suspiro.

- Está morta. Estás vendo, Rosinha, tua mãe morreu de pesar por tuas desventuras.

- Minha mãe, minha santa mãe, como sou desgraçada ! Leva-me também contigo para a eternidade, que serei mais feliz. Meu Deus, tirai-me desta vida, que sou a mulher mais infeliz do mundo.

Sob o duplo golpe da perda da honra e da orfandade, a dor de Rosinha fica sem comentários.

Joaninha, inconciente quase da realidade dura, durissima daquele momento atira-se sobre o cadaver de sua mãe, num pranto desfeito.

190

Em face daquela cena inesperada dá-se com o padre uma transição rapida. Ele na sua dôr passa do hirto, soberano, frio e indiferente do rochedo, que desafia os mais rudes golpes da tempestade, para os movimentos, que são como o estuar do oceano na formação da prea-mar, os movimentos cadenciados e fortes do espirito que entra na oração pelo impulso de uma caridade divina. Essa mutação do espirito estampa-lhe claramente no semblante matrizes que passam celeres e fugazes da palidz eburnea ao vivo carmim do alvorecer do dia. Padre Eustaquio não era o que se possa dizer um S. Bernardo de formosura, entratanto como do abade de Carnaval, irradiava-lhe tal graça e donaire de seu todo e da sua voz de baritono, que se não podia vê-lo muito tempo para se não ficar possuido de uma simpatia, mixto de respeito ao sacerdote e á linha impecavel de seu majestoso perfil de atleta do Evangelho. A graça habitual revestia-o de tanta sobrenaturalidade, que

havia muita gente que dizia que padre Eustaquio era um santo.

Efetivamente, vimo-lo anjo junto aos ultimos momentos do dr. Ernesto ; vimo-lo arcanjo, navegando pelo espaço, ao lado de Evaldo, na apologia dos sinos ; vimo-lo potestade em casa de Miguelzinho, a curar-lhe a dubiedade do espirito e amenizar-lhe as feridas da desdita ; vimo-lo trono no Palacio das Ninfas, delineando com d. Alzira o plano cristão para salvamento de uma familia ; vimo-lo dominação, confundindo a bruxa e desfazendo as ilusões do Inferno ; vimo-lo virtude, vencendo as linguas maldizentes com a fé, com a caridade e com a prece ; e neste momento, o que vemos é um serafim, orando por uma defunta, na guarda de uma virgem e no amparo a uma decaída.

Joelhos em terra, mãos postas e olhos elevados para o céu, serena, sublime, é a prece que se lhe arranca do fundo da sua bendita alma de padre. Seus labios não se movem ; reza em silencio. Nenhuma contração, nenhum gesto de dôr, nem de impaciencia ; tudo nele revela o grande heroi, o campeão da ponderosa ancora da esperança. E' um excelente piloto nos mares tormentosíssimos da vida. Tem a sua bussola, a Fé. Consulta o seu astrolabio, a Prece, Norteia-se pela sua estrela, o Amor, - o Amor mais forte que a morte. O Amor que vence tudo, o Amor que é o proprio Deus.

191

Já vai longa a oração.

A luz suprema do espirito divino já lhe raiou forte, dissipando-lhe as nuvens pesadas que lhe toldaram um momento as resoluções a tomar. Rumou pois seguro a seu porto, sem vacilações, nem desanimo, sem descoroçoamento, nem trepidações.

As duas meninas continuavam a sua lamuria ; ;porem quem maior lastima causava era a Rosinha, a flor esmarrida do sertão.

- Precisamos agir, meninas. Não temos tempo e perder. Rosinha, levanta-te daí, ajuda-me a transportar a tua mãe para o interior da casa.

Iam levando a defunta para o divan, que estava na

sala quando se ouve um leve rumor e aparece no meio dela uma esgueldhada e palida figura . Tal foi o ssuto que teve Rosinha que deixou cair de suas mão os pés da finada.

- Meu Deus, misericórdia ! Padre Eustaquio, acuda-me ! Meu pai, não me mate!

- Minha filha, disse José da Mouca, abraçando-a, eu não quero, eu não devo matar-te. A quem eu deveria tirar a vida, já está na sepultura ha tres dias.

- Como ? Dr. Ernesto morreu ?!

- Não, matei-o.

- Que desgraça ! exclamou Rosinha, cobrindo o rosto com as mãos. Estou duas vezes perdida ; perdida da honra, violada, perdida da fortuna. Agora quem me hade amparar ?

- Porque duvidas ? Não tens um pai ? A tua honra está levada ; sangue por sangue. Desafrentada, já poderás viver na minha companhia. Deixa-me agora chorar somente a minha querida, a minha desditosa Chiquinha.

192

Debruça-se sobre o cadaver cobrindo-o de dôres e de injurias, morreste, meu anjo !

- Aqui na porta, papai, sem que eu tivesse tempo de lhe pedir a benção, sem que ela tivesse tempo de me ver ! Desgraça ! Desgraça ! aparteu Rosinha em desvairados soluços.

- Ai, minha filha, e eu sem que tivesse tempo de comunicar-lhe eu mesmo, pessoalmente, que a nossa honra está vingada ... e embargou-lhe a voz numa explosão terrível de angustia.

Era miseria vê-lo. Abatido, desfeito, não parecia mais aquele homem de arcaboço trochado e herculeo, que dirigia o corpo de voadores da Usina com a habilidade de um grande general, o home que, magnetizado por uma idéa, era capaz dos maiores cometimentos.

No seio da familia, deante do cadaver da esposa, aconchegando ao peito paterno numa só peça do amor, de vingança satisfeita e de honra reparada o estipe delicado

de sua Rosinha e o lírio imaculado de sua Joanhinha, o herculeo Zé da Mouca era bem, naquele momento inesperado, arrastado pelo torvelinho dos mais disparatados sentimentos, o tronco secular que um grande rio atirou ás correntes pelagicas e que vai em demanda de plagas estrangeiras, desconhecidas.

Parece uma criança. Beija uma e muitas vezes já cadaver; abraça ora uma filha, ora outra, sem poder articular uma palavra sequer, num diluvio de lagrimas.

A cena parecia não terminar mais. O nosso padre era unico espectador daquela tragedia, que começara pelos gritos mais lancinantes de dôr e ia-se desenrolando no silencio das lagrimas apenas interrompidas pelos soluços entrecortados dos tres.

O tempo ia-se entretanto traiçoeiro, mudo, vertiginoso, sem que a triade o sentisse. Só o padre deu por isso.

- Ze da Mouca, precisamos salvar suas filhas. Repare que o sol já vai no ocaso e precisamos de transpotá-las para a outra banda. A's 19 horas virão aqui buscar Rosinha para a afogarem no meio do rio e á meia noite a sua casa será incendiada. Os voadores teem ordens terminantes de o levarem vivo ou morto, para a Usina.

- Que me queiram prender e matar compreende-se, porem que ainda queiram cevar odios e vicios incontidos nestas inocentes vítimas é o cumulo da torpe ferocidade. E ainda amaldiçoar-me a sociedade, senhor padre .... como assassino ! ...

- Não tratamos disso por ora ; vamo-nos já é tarde.

- E este cadaver, deixa-lo hemos aos chacais e aos abutres esfaimados ?

- Não. Preveni qualquer eventualidade desse genero, sincope ou morte. Tenho dois atratores, faremos um binario levá-la-emos ao cemiterio de Joazeiro, que fecha ás dezoito e meia. Em dez minutos setaremos lá. Eles nos procurarão em toda parte, menos num cemiterio.

O cadaver foi logo envolto numa esteira e esta numa capa invisivel a que se acondiçoaram os aparelhos necessarios para a travessia aerea, um levitador e a placa atrati-

va para receber a ação do binário do Zé da Mouca e do padre.

Rosinha paramentou-se também do necessário que lhe fora fornecido pelo seu salvador.

Assim municiado filou-se o grupo com os últimos arrebóis do sol do ocaso.

Interminantemente começou de lucilar pelo espaço em fora uma luzinha verde, que era respondida a dois ou três metros de distância da esquerda por outra rubra. Dir-se-ia um casal de pirilampos em noite de seus folgares. Era padre Eustaquio que farolizava a rota do cortejo funebre e Zé da Mouca que lhe dizia estar mantendo a requerida distância no cumprimento daquele duplo dever de misericórdia e amor.

As duas meninas, ladeando sempre o cadáver, arrastavam por atração as pontas de um cordão radio-elétrico que se enroscava muitas vezes na esteira, facilitando imensamente o transporte do corpo.

194 Quase a ganhar a margem direita do rio ia já que aquele enterro de pobres em simplíssima pompafunebre de uso do século XX, quando cena mui diversa se desenrolava na casa fatídica do Oitizeiro, na aba da floresta, onde a infeliz Rosinha, como tantas outras, fora despojada das galas de sua virgindade primaveril.

Os voadores vieram mais cedo do que se esperava. O que se tinha a fazer se fizesse logo, diziam. As injunções do crime são mais prontamente executadas que os preceitos da virtude.

As portas estavam às escancaradas. O divan ainda no meio da sala, e mais nada que denunciasse a tragédia de luto que ali se desenrolara, havia bem poucos minutos.

A criada de Rosinha, uma rapariga ladina (também vítima do dr. Ernesto), que por detrás da porta tinha ouvido tudo o que o padre Eustaquio tinha dito, mal viu o cortejo sumir-se, toda transida de medo, fugiu correndo para a casa de uns moradores conhecidos a alguns quilômetros de distância.

Os voadores entraram de supetão pela casa a dentro

Remexeram tudo desde as malas, os guarda-roupas, a lareira e o quarto de banhos até o forro da casa. Onte estaria a Rosinha ? Teria fugido ? Alguem teria revelado o plano ? E' possível ? Uma coisa tão secreta ! Estavam enleados.

- Que diremos agora ao dr. Lustosa ? consultaram-se.

- O mesmo que diríamos se a tivéssemos afogado no meio do rio.

- Está direito. Vamo-nos então a queimar a casa do Zé da Mouca.

- A ordem foi para meia noite.

- Não faz mal ; faz-se logo o serviço.

- Que tolice essa agora de se marcar uma hora tragica de meia noite para se queimar uma casa, como se fosse lá grande coisa !

- Dr. Lustosa com certeza estava bicado, quando marcou meia noite. Todo mundo que vir a casa incendiada não hade logo conhecer de quem é tudo isso obra ? Zé da Mouca era muito querido na Usina, e por isso ninguem ia fazer esse serviço sem ordem.

- A coisa é outra, disse o chefe do bando. Marcou-se meia noite, porque a essa hora já a mulher e a menina estariam envenenadas pela tia Urraca, que disso foi encarregada pelo dr. Lustosa .

- Então vamos, vamos logo procurar a Rosinha.

- Vocês estão dispostos a matar queimada d. Francisca com a Joaquina ?

- Nós, interpôs outro voador, não somos os judeus que mataram a Cristo.

- Mas se não cumprirmos as ordens do sr. Lustosa vamos ser mais batidos do que bife.

- Que tem mulher e filhos, disse um mais avançado em anos, não pode ter mãos para atirar uma faúlha sobre a cabana daquelas desditosas criaturas.



- Eu morreria de remorsos, e o padre Eustaquio nunca mais me absolveria.

- A casa podemos nós queimá-la, disse um.

- Isto é o menos, replicou outro, porem que faremos de d. Francisca e da menina, se não estiverem já mortas ?

- Meus amigos, preciso falar claro, interrompeu um joven de dezoito anos, que até aquela ocasião havia guardado silencio. Tenho em minha casa uma avó velha e uma irmanzinha um pouco mais moça do que eu. Se o dr. Ernesto tivesse entendido de fazer com minha irmã o que fez com Rozinha, eu teria feito com ele peor do que o Zé da Mouca. E acrescento mais que não consentiria nunca que nenhum de vocês abusasse de pobre menina, como eu vi se tratante de Pedro Maromba, que quer aí queimar a choça do Zé da Mouca, manifestar-se numa intemperança de linguagem.

- Sou um comprador de ordens, disse Maromba. E quanto a Rosinha, hoje ela é uma perdida.

- E' melhor levá-la conosco que afogá-la no meio do rio, continuou outro.

196

- Se vocês soubessem que um ladrão arrombou a casa de uma pessoa e lhe tirou o que havia de mais precioso, vocês achariam com direito de também lá ir, porque a casa já está arrombada, para levar consigo o resto das preciosidades que por ventura lá tenham ficado ? Se assim praticam não são voadores policiais, são gatunos da peor especie. Pois é o que fariam os que quisessem queimar a casa do Zé da Mouca ou corromper-lhe a filha. Ela é proprietaria de bens excepcionais com que Deus e a natureza a ornaram. O que ela tinha de mais mimoso era a sua virgindade. Dr. Ernesto, o estuprador, o ladrão, raptou-a violou-a ... mas a alma, da desditosa menina, o seu coração não estão ainda de todo corrompidos, embora injuriados. Qual seria pois o procedimento de quem pretendesse continuar a obra do nosso malfazejo patrão ? Como julgar quem pretendesse roubar esses restos de graça, que lhe estão ainda no peito da pobre mocinha ? Meus amigos, eu juro pela pureza de minha irmã que defenderia aquela infe-

liz. Mil vezes morta, afogada no meio da corrente que novamente prostituída por homens sensuais e grosseiros da marca do dr. Ernesto.

Apertol-lhe a mão, disse Bonifacio, o chefe da quadrilha, Rafaél, você é um homem de bem.

- Rafaél aprendeu essa parlenda na escola do padre Eustaquio, apartearam.

- Certamente, respondeu o rapaz, que não sou gente refece do comunismo. E dou-me por feliz por ter tido tão grande mestre. Quando mais não seja posso apertar a brida de algum licencioso, que pretenda tirar partido da desgraça alheia.

Esta linguagem e resolução de um antigo acolito de padre Eustaquio produziu tal impressão no animo daquelles homens, que, diga-se em abono da quadrilha, ou por afrontados com o torpe proceder do assassinado, ou por serem amigos do Zé da Mouca, ou por não serem salteadores de profissão, acabaram jurando todos não fazer mal nenhum á casa de d. Francisca.

Delegaram um deles para ir pedir conselhos ao padre Eustaquio e os outros sumiram-se no ar, como uma nuvenzinha varrida pelo vento.

## DEVANEIO RUBRO

### A PARTIDA

D. Maricota deixara o Palacio das Ninfas com o coração aos sobressaltos.

198

Chagando em casa disse ao seu marido que Evaldo trazia a colheita de sua visita.

- Porém como, Maricota, tanto dinheiro ! D. Alzira está distribuindo os seus bens com os pobres ?

- Mais ou menos isso, respondeu d. Maricota.

- Certamente ela está alucinada, com a morte do marido.

- Qual ! é a alucinação da cruz, meu amigo ! ...

- Pediste-lhe alguma esmola ?

- Mamãe relutou para não recebê-la.

- E como foi lá isso, conta-me.

- Dize lá tú a teu pai, Evaldo, o que se deu, insinuou d. Maricota disfarçando a sua comoção.

- Evaldo repetiu, tentim-por-tentim, o que se tinha passado no pelacio de d. Alzira, sem omitir elogios á riqueza e ao luxo da principesca vivenda.

- Você, Evaldo, disse d. Maricota em tom de censura a su filho, impressionou-se muito com a riqueza do Palacio das Ninfas. As riquezas deste mundo, meu filho, são fumo que o vento leva. Que, sabe o que será amanhã daquele amontoado de orgulho e futilidade humana ?

Voltando-se para o seu marido, falou-lhe dos sentimentos de que o seu coração estava transbordante a respeito de tão gentil e infeliz senhora. Exprimiu-lhe a comiseração, que sentia, de suas maguas recentes, como das traições passadas de que, tão virtuosa, fora vítima de seu esposo. Externou-lhe simpatia, que, tão rapido, lhe fizera d. Alzira enraizar na sua alma, e a admiração por aquelas peregrinas virtudes, tão raras em senhoras de tão alta jerarquia.

Miguelzinho quase esqueceu e ferida, do contentamento que então gosava.

Padre Eustaquio bem lhe dissera : - Estou convicto que a Providencia vela por vocês.

Duas pessoas batem á porta simultaneamente. Eram o dr. Castelo, o clinico, que já conhecemos do Palacio das Ninfas, e Rita, que trazia um cartão do sr. Januario.

Evaldo faz entrar os recenhegados para a sala de visitas e leva o cartão a seu pai.

Miguelzinho leu em voz alta.

Amigo Miguelzinho,

Estou vivo !

Sua mulher nos rogou a peor das pragas ; v. está com o pé baleado e eu, num só dia, perdi a minha Naninha num acidente de bonde e consequentemente a minha adorada esposa, a minha Clara, vítima de uma sincope cardiaca.

Hoje mesmo sigo a conselho de Manuel e do dr. Viegas para Villa Nova da Prainha, onde vou repoisar com a familia, que está toda muito nervosa. Espero passar lá

uns quatro meses, onde poderá você encontrar-me quando quiser assistir as nossas sessões. Até logo !

Seu velho amigo de sempre.

**Januario.**

- Onde é esta Villa Nova da Prainha ? inquiriu d. Maricota.

- É uma aldeia ultimamente fundada por uma sociedade de piscicultores, aqui para o sul na margem mesmo do S. Francisco, numas quinze leguas de quem sobre o rio Dr. Ernesto, que era o chefe da sociedade, construiu ali uma verdadeira maravilha de tanques, de açudes, que se comunicam entre si e se renovam as aguas com a corrente do rio por um sistema de represas. Criam camorins. carapebas, curimãs, curimatãs, uma especie de bagre da lagôa Mundaú em Alagôas, chamado charuto, muito gordo e de um sabor deliciosissimo cozido ou sêco ao sol, e outros peixes de primeira qualidade. Todo esse peixe que se vende aqui na feira vem de lá.

- Ora eu supunha que eram do rio.

- Do rio são, porém cultivados. Há mesmo alguns que se não encontram aqui e que foram trazidos de outros rios.

- Bem, vou receber o dr. Castelo.

- Por aqui sr. Doutor, que é que ha ?

- Vim vero Miguelzinho. D. Alzira encarregou-me de visitá-lo.

- Sempre a bondade de d. Alzira. Entre, senhor doutor. Miguelzinho está baleado no pé.

Dr. Castelo desatou a faixa, examinou o pé demoradamente e disse :

- Quem fez este tratamento é um charlatão. Um ferimento deste, hoje em dia, faz-se cicatrizar em duas horas.

- É um prodigio !

- A bala feriu-lhe o pé mas não ha osso nenhum fraturado. Do contrario a cura duraria oito horas.

Sem mais dizer, deitou um liquido perfumoso na ferida e deu um ponto. Aplicou-lhe em cima um esparadrapo e deu uma injeção no paciente.

Amanhã cedinho pode a senhora tirar o ponto que o seu marido está bom.

O medico deu as costas e Miguelzinho adormeceu profundamente.

- Hoje não se pode duvidar de mais nada, disse d. Maricota.

- Mamãe, aqui vem um criado do Palacio das Ninfas com esta carta para vmcê.

- Pergunte-lhe se tem resposta.

- Sim.

Rezava a carta, que d. Maricota leu para Evaldo.

Maricota.

Muito tenho pensado sobre ti e a tua familia, tanto quanto sobre mim e meu futuro. Estou seriamente impressionada. Não sei que está para acontecer, que meu coração senão aquieta. Parece que estamos em vespuras de maiores catastrofes. Padre Eustaquio ainda não voltou da missão de misericordia, que tu bem sabes. Esperava por ele esta manhã A Igreja encheu-se e não tivemos missa. Houve um verdadeiro alvoroço entre os devotos. Soube por dois voadores meus, Bonifacio e Rafael aos quaes eu tinha encarregado de defender a familia do Zé da Mouca, que d. Francisca e Joantina não estavam mais em casa, assim como a Rosinha tinha desaparecido. A casa foi encontrada aberta e abandonada. É certamente isso obra do nosso padre. Por onde andará ele a essas horas ? Que haverá sucedido ? Confiei todo segredo aos meus voadores. Dei-lhes ordens para descobrirem o para-

deiro do padre e da familia, porque não sei se ele teria podido seguir o rumo traçado.

Ia já assinar esta carta, que me chegava o Bonifacio com uma noticia terrivel. Ele tem um primo que anda como secreta entre os bolchevistas, fingindo-se ele mesmo o mais vermelho de todos. Este comunicou ao Bonifacio que amanhã ou depois chegará um ultimatum á gerencia da Usina para lhes entregar no prazo de duas horas toda a propriedade, a que eles chamam roubo. Eles se apoderarão de tudo, inclusive a Igreja, que fatalmente converterão em estribaria ou **garage**, como já fizeram na usina Rio-das-Pedras e obrigarão todos ao trabalho, dando a cada um uma ração absolutamente escassa para se manterem. É um sistema horrível de que se servem usando mesmo das leis republicanas ! Não te explico, porque não convém. Será uma verdadeira escravatura branca, com o senhor bolchevista disfarçado, proprietario de tudo, como se eles useiros e vezeiros desde o seculo passado. Caso a Usina rejeite o ultimatum será varrida pelos ares por um torpedeamento aereo de uma hora, tempo por demais suficiente para não ficar pedra sobre pedra senão dos edificios que quiseram conservar para seu uso. Não sei em que pensam aqueles loucos em tão negros propositos. Já radiografei para Brasilia, Pernambuco e Rio pedindo socorro, porém, penso que não chegarão a tempo de salvar a Usina. Dizem os bolchevistas que todos de minha familia, a que tratam de sendeiros e de burras, havemos de ter as cabeças esmagadas do mesmo modo que fizeram os seus antepassados leninistas com os arquidukes da

Rússia. Por essa linguagem quero pensar que se trata de um movimento geral bolchevista em todas as grandes cidades do País. Os governos, minha amiga, andam muito imprevidentes desde o século passado em permitir que aqui se homissem colônias israelitas ; porque, patrocinados pelos soviets tudo farão para bolchevizarem o Brasil. Agora estamos colhendo os frutos venenosos dessa longa, tenaz e diabólica propaganda. Já fiz uma publicação para que as famílias fujam para onde lhes aprouver. Os bolchevistas são avaliados em dez mil. As nossas sondas aéreas estão incapazes de focalizar os pontos donde irromperão os torpedos aéreos. Em todo o caso já mandei estender a rede protetora sobre a Usina. Serão os torpedos de força a romper a nossa rede ? É o que não sabemos. Será uma luta de aperfeiçoamento de torpedos e de redes. Seja como fôr, ainda que as nossas redes possam resistir ao golpe, a presença das famílias será um estorvo em um campo de guerra. Agora mesmo estou de partida, porém deixo dois helicópteros que lhe podem levar todos os seus pertences com sua família. Já providenciei sua habitação na Avenida da Tacaruna, num trigesimo andar do arranha-céu n. 1875, que fica perto da minha residência, na ilha entre o istmo e a ponte da Tacaruna. Você aterrará sobre o tecto do arranha-céu.

203

Adeus, até Pernambuco.

Reze por sua amiga.

**Alzira.**



D. Maricota olhou para Miguelzinho e viu que ele dormia profundamente. Não o acordou. Tomou de um cartão e escreveu :

Alzira.

Beijo-te muito reconhecida as tuas mãos de salvaguarda da Usina. Tuas ordens serão fielmente cumpridas.

Si as minhas orações valem de alguma coisa, neste momento não teem outro alvo que de pedir ao bom Deus pela insigne protetora minha e de minha familia.

Até o Palacio da Tacaruna, se deus quiser.

**Maricota.**

Sem perder minuto, ajudada de Evaldo, pôs as mãos ao atroxamento das malas.

- Estou vendo, mamãe, como foi feliz o sr. Januario !

Já azulou para a Prainha.

- Quem sabe, meu filho, se esta disposição da Providencia, que ele tanto mete a ridiculo, não é tempo que lhe está concedendo para se arrepender e mudar de vida ? Porém creio que, cego como ele é, não reconhecerá tão liberal dadiva do Céu.

- E se ele continuar espiritista, que terá lucrado a Providencia em lhe fazer tanto bem ?

- Terá mostrado mais uma vez como é sem limites a sua Bondade e Misericordia. Essa nova lição servirá para nosso aproveitamento. Só Deus, meu filho, conhece os seus impenetraveis arcanos. Para todos ele manda o sol e a chuva, o frio e o calôr, o dia e a noite. A questão é de sabermos aproveitar desses dons. As almas puras e boas usam deles para a prática da virtude. Agradecem a Deus até mesmo os proprios castigos, suplicios e aprovações. Reconhecendo em Deus a causa suprema de todos os eventos, ficam calmas e serenas nas adversidades ; e, se

falam, é como Job ; Deus o dá, Deus o tira, como lhe apraz assim se faz, bendito seja o nome do Altissimo. As almas rebeldes e viciadas, ao contrario, não querem suportar a minima contrariedade, a mais pequena dor, o mais leve desprezo, a mais insignificante provação. Eis porque ha tantos suicidios. No caso do sr. Januario, está claro que Deus o protege e o experimenta. Se ele não reconhecer agora o dom que Deus lhe concede, quem sabe que castigos mais lhe serão ainda reservados ? Sr. Januario não anda em bom caminho porque não está de bôa fé. Suas sessões são rendosas exatamente como as de todas essas cartomantes, nigromantes, quiromantes e bruxas de que a Usina está cheia.

- O caso do sr. Januario está explicado ; mas, como se compreende que Deus abandone o seu amigo no incendio da Usina ?

- Que amigo ?

- Oh ! mamãe, meu padrinho !

- Teu padrinho está na estacada, e Deus não tira o apostolo da arena da sua sagrada missão. Se o soldado, a não ser que queira passar por infame, não foge, quaisquer que sejam os perigos e os acidentes da guerra, como é que o apostolo, o general de Cristo, irá abandonar o seu apostolado ?

205

- Mas assim, ele vai morrer, mamãe !

- Que importa isso, Evaldo ! Jesus Crsito não morreu crucificado ? Então queres que o discipulo mão siga o caminho do mestre ?

- O povo da Usina ficaria sem capelão !

- Então pensas que de apostolo a Igreja só tenha o padre Eustaquio ?

- Papai assim o diz.

- Ele já está convicto do contrario.

- Eu pensava como papai.

- Porque tu não conheces outro padre.

- E todos a quase totalidade deles. As exceções são tão insignificantes que confirmam a regra.

- Ah ! então eu quero ser padre.
- Ainda é cedo para tomares tal resolução.
- Papai não o quer, eu sei. Ele me disse uma vez que seria a sua maior infelicidade, se tivesse um filho padre.
- Teu pai talvez hoje não fale mais assim.
- Fala, mãe ! Ele me disse que me quer para bacharel em direito.
- Sim ? ... e que dissestes ?
- Que faria o que ele me mandasse.
- E se te meter na caixola de seres padre, como harmonizarás a coisa ? Tu deves obediencia a teu pai ; é esse o principio.

Evaldo calou-se algum tempo a encaixotar uns livros sem bem saber o que dissesse. D. Maricota continuou também a trabalhar sem pronunciar palavra.

Depois de uma longa pausa, Evaldo rompeu o silencio.

- Eu devo obedecer a papai e a mãe, não é ?
- É, respondeu secamente d. Maricota.
- E Deus não é meu pai ?
- Sem duvida.
- Bem, já sei.

206

Era essa uma sua frasezinha, que Evaldo costumava repetir quando, depois de um certo esforço, compreendia afinal uma coisa lá a seu jeito.

- Que é que tu sabes ?
- Que papai é meu pai, e que Deus é também meu pai.
- Que grande coisa aprendeste tu ! Uma historia tão velha, Evaldo ! Desde pequenino, quando eu te levava á Igreja, não te mostrava o papai do Céu ? E ali no santuario, quando eu te mostrava a imagem do Senhor, não te dizia que era o papai do Céu ? Quando te apontava a imagem da Virgem, não te ensinava que ela é a mãe do Céu ? Não sabias então mais disso ?
- Sabia, mas agora é que entendo de obedecer tambem a papai do Céu.

A ingenuidade, senão já a sagacidade, com que isso foi

dito escondeu dos olhos de d. Maricota a alma de Evaldo.

O trabalho de embalagens já estava muito adiantado, porque as malas eram poucas e d. Maricota com seu filho estavam muito ativos em empacotá-las mesmo a trouxe mouxe.

A queda de um livro do alto de uma estante despertou Miguelzinho, que dormia a sono solto.

- Oh ! Evaldo, que é isto ! repreendeu-lhe d. Maricota. Tu despertaste o papai com semelhante barulho.

- Perdôe, mamãe, não foi por gosto.

- Vocês estão me mudando ? Que negocio é este ? Meu quarto já está limpo !

- Evaldo, entrega esta carta aí a teu pai.

Miguelzinho leu a carta de d. Alzira.

- Maricota, porque não me acordaste ?

- O medico recomendou-me que dormindo curarias mais depressa. Vê se te podes levantar.

- Estou bem, disse Miguelzinho levantando-se. Apenas não posso ainda fazer firmeza no pé.

- Pudera ! Em tão pouco tempo. Há apenas hora e meia que tu dormes e o doutor disse que deverias dormir duas horas no minimo.

- Não posso mais dormir. Que transições rapidissimas se estão dando em nossa vida, Maricota !

- Peores sofre a familia do dr. Ernesto.

- E do sr. Januario tambem.

- E do Zé da Mouca tambem.

- Que vertigem é esta vida, minha mulher ! Parece que a gente está andando mais rapido que um trem aereo. Agora estamos aqui e sem pensar já estamos muito w muito além. Não ha firmeza em nada.

- Não ha ? ! ...

- Aonde ?

- Na Cruz.

- Ora essa !

- Senão na Cruz de Nosso Senhor, mostra-me outro

ponto, onde a gente possa estribar-se.

- Candidamente confesso, não vejo.

- Pois é quanto basta.

---

Como uma estrela cadente que se desprende das regiões superiores da atmosfera poisa adiante da porta de Miguelzinho um helicóptero de carga. O transporte da modesta bagagem de Miguelzinho para o papo daquela ave de aço fez-se com uma rapidez espantosa. Os carregadores aplicavam com um grampo uma placa metálica nos fardos e focalizavam neles o atrator que os levava pelo ar, despejando-os no bojudo aparelho. Os velhos guindastes do século XX, para mais de setenta anos, foram relegados aos museus de artes mecânicas e elétricas. Os próprios paquetes de carga e passageiros, os grandes transatlânticos daquele século desapareceram e os mares estavam desertos. Os portos já não têm mais importância, senão pelos hidroaviões que neles descem peçados de cargas e passageiros, porém, ainda assim nenhuma vantagem levam sobre muitas grandes cidades centrais onde aterram diariamente milhares e milhares de aeronaves nas esplanadas dos armazéns e hotéis. Verdadeiras cidades aéreas singram o espaço imenso em todas as direções, sem respeito aos picos atrevidos dos Himalaias e dos Andes, nem às areias já não mais selváticas do Saará, nem as regiões outrora geladas dos polos. A navegação marítima é hoje em dia um mero desporto para os ludambulos, e dos caminhos de ferro já ninguém mais fala. Restam apenas os automóveis para passeios de breves cursos. Pobres mais seguro e mais económico que o daqueles veículos ainda usados no século último.

208

- Mestre, disse Miguelzinho para o aviador, o dirigível do Palácio das Ninfas já partiu ?

- Há já meia hora.

- E que tempo leva este aparelho para a Tacaruna ?

- Duas e mais horas.

- E o meu avião ainda leva muito tempo a chegar ?

- Não, está voando aqui por cima. Assim que nos vir partir aterra. Porém embora saia depois de nós chegará primeiro com uma diferença de uma meia hora e que. E em poliptero de grande velocidade, tipo modernissimo, inteiramente silencioso. Meu patrão, olhe para cima e veja. Adeus.

- Até já.

O helicogiro sobe verticalmente á altura de uns quinhentos metros do solo e ruma como uma seta em busca da cidade de Pernambuco.

A familia de Miguelzinho olha o alto. Efetivamente, numa area imensa que cobria toda Usina, o espaço estava coalhado de barcas aereas. Um bando de setecentos aeroplanos, dos tipos mais variados, aviões, hidroaviões, helicogiros, autodinamos, dinamogiros, polipteros, hidroplanos, bojudos de carga, semelhantes ums a borboletas, outros a gafanhotos e besouros, esses a vespas, aqueles a gaviões e andorinhas maritimas, aqueles outros a albatrozes e peixes-voadores, dirigíveis de aspecto balenico infestavam o ar numa zaragolhada selvagem, remoinhando, guinchando, zizinlulando, soprando, zunindo, roncando, tatalando asas, girando pás, revolvendo helices, bordejando em todos os sentidos, - aves, insetos, peixes fabulosos em turbilhantes preparativos para uma emigração longiqua.

Tal desenvolvimento tem tomado a aviação no seculo em que vivemos, que os espetáculos das maquinas contemporaneas deixam a perder de vista os devaneios julivernianos e os maravilhosos contos arabes de mil e uma noites.

A atmosfera quem o diria senão um genio profetico ? havia de converter-se tão cedo em teatro onde jogariam a partida das aves, dois insetos, dos peixes e dos grifos as aeronaves e os trens aereos !

Não nos sonega a pena escrever para o bisavô dos

meus jovens amigos, o insolito, o quimerico, o fantastico desses trens, que a giria apelidou de anfibios decorrentemente da dupla potencialidade que eles teem de rastejar pela terra como um plesiosauro antediluviano, ou voar pelo espaço como um leviatan biblico.

As estações donde partem e onde aterram esses monstros são comumente um vastissimo taboleiro de cimento armado sostenido por uma floresta de colunas poderosissimas de uns cincoenta metros de altura.

O trem propriamente é uma serie de balões charutiformes presos uns aos outros, de uns quinze metros de comprimento por um diametro medio de quatro, cada um. Cada charuto é um vagão e cada vagão é um binario composto pela parte superior de um balão cilindrico de tela impermeavel ao proprio gaz sirion que é muito mais leve que o hidrogeno e de que está completamente cheio ; e pela parte inferior por um salão, onde se transportam passageiros ou cargas. Por cima dos balões corre um tubo da mesma tela, o qual serve de distribuidor do sirion e comunicador dos vasos. Ladeiam os flancos do trem um duplo rosario de levitadores e de seis pares de asas para cada vagão, as quais se abrem ou fecham conforme está a maquina em repouso ou em movimento.

210

Com esta aparelhagem o anfibio perde o peso, e galgaria ao imperio dos cirros, não o contiveram as ancoras e os reguladores das alturas, que é um sistema de bombas, que podem fazer escapar o gaz. Po baixo desses reservatorios ha um aparelho de locomoção em tudo semelhante aos dos velhos tanques de guerra, que permitem o anfibio deslizar sobre qualquer natureza de solo.

Aparelho terrestre, o anfibio marcha de asas fechadas.

Nessa hora de aperturas e de ssutos para a Usina Franciscania, espriguiçam-se na descomunal Estação dos Anfibios, lado a lado, dois enormes montros de cem vagões cada um.

Era de ver a multidão sofrega, frenetica, que formi-

gava pelas escadarias acima ou se guindavam nos elevadores para o alto da esplanada, sobraçando trouxas, pacotes, malas. Inumeros atratores, que bordavam quase toda a periferia do taboleiro levavam pelo ar, como simples palhas, as cargas pesadas e bestas de porte.

Era uma algazarra infernal de berros, grunhidos uivos, rinchos, mugidos cacarejos, que faziam as alimarias, quando levadas de golpe pelo ar. Esse inusitado embarque de arca de Noé causava-lhes panico, e então estribuchavam os membros, agitavam as caudas, davam com as cabeças, escouceavam, tatalavam as asas, escancaravam os bicos e focinhos num hausto de susto e de pavor.

Havia mesmo pessoas que preferiam esse genero de embarque.

Fechadas portas e portões, as serpes de aço e tela, de dorso inflado e asas distendidas, partem numa despudorada carreira de esplanada afóra, e quando se pensa que o leviatan, terminando o taboleiro, vai se atirar ao solo, como um navio que entra negua, desfere um vôo suave, silente, majestoso pelo espaço a dentro.

Apesar daquele espetáculo ser muito familiar aos olhos de Evaldo, ele demoroi boquiaberto a contemplá-lo talvez pela consternação que, no momento, causava.

Seus pais tiveram então que acrodá-lo daquele devaneio em que se entorpeceram as faculdades de sua alma, para entrar para o poliptero, que já estava pronto para zarpar.

Pelo sistema de atratores, guindou-se para bordo a familia de Miguelzinho.

211

Num bater de olhos estavam librando sobre os ciclopicos edificios da monstruosa Usina, que, diga-se a verdade, Miguelzinho deixava com uma indefinida saudade e uma lagrima fugaz, precursora de grandes prantos, que se lhe escorreu muda, cristalina, amargurada, de face abaixo.

Querendo desafogar-se daquele pesadêlo, aperta o filho querido contra o peito, e , deixando alongar-se o ultimo olhar, ai ! o ultimo olhar da saudade ! até aquela casinha campestre, solida como o trabalho, branca como a vir-



tude, candida como a inocencia, pura como o amor que ali vicejara quase tres lustros, brada aos sobressaltos de intermitentes soluços : - Adeus ! mimosa casinha, meu ninho querido, onde pipilou o fruto do meu unico, meu verdadeiro amor !

- Adeus ! Templo querido, Casa Santa do Senhor, onde consagrei a minha suprema ventura, o meu divino direito de ser mãe, onde me consolidei na prática da fé, e por onde alcandorei o meu Evaldo pela ascensão reta do dever, caminho de gloria ! exclama d. Maricota acenando o seu lenço branco em direção da agulha do templo.

- Adeus, adeus, padre Eustaquio, meu santo padrinho ! ai, meu Deus, não ouvirei mais a voz de meu mestre, não mais escutarei as suas boas lições ...

- Ele foi-te, continuou d. Maricota, o mestre incomparavel, a aguia que te transportou ás sublimes regiões do verdadeiro ideal cristão, onde aos dobres teologicos dos sinos ... Se discurso ficou como uma coluna partida pelos soluços violentos de Evaldo.

- Que será feito do padre Eustaquio, Maricota ? ...

- Quem sabe lá, meu amigo ! ...

Evaldo mugia como um garrote embaraçado no seio paterno.

212

Miguelzinho continuava a fitar com um olhar muito de romantico e de terna poesia, seu ninho de vida, de graça e de amor, porém que tambem lhe tinha servido de durissimas provações.

E d. Maricota ? ...

Com os labios cerrados, e os olhos que se elevavam para o Céu desferia das cordas mais sentidas de sua alma, feita musica de divino salterio, os acordes mais delicados, mais doces e mais sublimes da prece.

---

Estavam felizmente já umas boas leguas de distancia, que ouvem distintamente o reboar longiquo de tremosissima procela.

- Os bolchevistas ! ... bradou Miguelzinho num ricto de estertor.  
O poliptero apesar de solido e bem levitado, sentiu passar por entre suas multiplas asas uma grande onda de concentração e dilatação de ar, o que lhe imprimiu de golpe um forte movimento de vai-vem para deante e para tras, para cima e para baixo, e depois um sacolejo da direita para a esquerda e vice-versa com um barco que começa a navegar em oceano revolto.

O aviador acelerou as maquinas e, na vertigem em que aventurou o vôo, os passageiros sentiram intermitências de falta de ar ao passar de cada onda dilatada. Os passageiros receberam ordens de fechar as escoltilhas de vidro flexivel, para respirarem calmamente o ar artificial, que se espalhou pelo aposento.

- Que desgraça ! exclamou Evaldo, aplicando a vista ao culto de alcance. Papai não posso ver ! ... escondeu o rosto no seio paterno.

O casal distendeu a vista e o espetáculo da Pentapole em chamas, tão diabolico para não dizer divino, que converteu a curiosa numa estatueta de salitre, em nada venceu de impeto e de maldição ao que se desenrolou deante dos olhos deslumbrados de Miguelzinho e de sua esposa.

213

Era a festa do pecado e do exterminio.

Desdobrava-se em torno da Usina uma como colgadura gigantesca de fogo, em cujas malhas e pregas dansavam globos candentes, que explodiam em linguas, ramilhetes e lagrimas policromaticas.

Um segundo estampido, formidavel.

Bem como a flor da valisneira que do fundo dos tanques sobe em botão até a flor dagua, onde se desdobra e expande, com suas lunetas Miguelzinho e d. Maricota viram escalar do deposito de munições, em linha vertical um enorme rôlo de fumo esbranquiçado para as altas regiões do ar, onde desabrochou desmedido florão rubro, donde irradiaram torpedos candentes, como polens de destruição e de morte.

O políptero entrara nos paroxismos de vagalhões colossais. O aviador, reparando no perigo, tomou o expediente de percorrer com o aparelho a extensão das vagas. A aeronave subiu vertiginosamente a grande altura, donde caiu de chofre na concavidade da onda. O políptero fazia a série dos saltos letais. Em vão tenta o aparelho de Miguelzinho galgar às regiões em que o ar é mais rarefeito, aproveitando alguma onda de concentração mais avultada, porque dilata-se rapidamente o ar, e o aparelho é obrigado a descer.

E assim levou uma longa série de vagas, tempo de angústia, que para os nossos aeronautas pareceu uma eternidade. Evaldo ululava, e, quando o aparelho desprendia-se daquelas vertigens, muitas vezes de uma altura de vinte metros, transido de espanto, agarrava-se mais ao pai, clamando – papai, eu morro !

- Calma, filhinho, que isto passa ! animava-o Miguelzinho.

Não fora a perícia do aviador e as providências tomadas e tampo certo que o aparelho com todo admirável de sua construção, não haveria resistido ao rude da tempestade.

Os refletores mostravam no camarim o estrago da paisagem. Parecia que um tufão varria céus e terras. As nuvens remoinhava. Ajuntavam-se para logo se desfibrarem nas cardas do furacão.

214

As árvores eram arrancadas, e, esfrangalhadas, voavam pelo espaço em meio de espessa nuvem de pó, pejada de fragmentos de toda a sorte, laminas de zinco, telhas, garavetos, ramos, folhas, um inferno de cisco.

Lavadores que estavam pelos campos, viandantes que transitavam pelas estradas reais, animais que pastavam pelas campinas, foram colhidos de surpresa pela tromba aérea, que varria louca aquelas cercanias sob o titanico impulso do formidável bombardeio.

O que se não prostou pela terra e se não coseu com o solo foi levado na refrega.

Muitas das aeronaves mais retardadas viram-se obri-

gadas a aterrar ; porém o que estava dentro de umas seis leguas de raio sucumbia á carga de cinzas ardentes. A Usina Franciscania não era um incendio, era um volcão.

Um dos aerotrens era visto estrebunchar em movimento vermiculares muito carregados ; lagarteava em esforços inuteis e desesperados por alcandorar-se a uma região mais elevada e mais serena.

- Se o desequilibrio atmosferico continuar, aquele trem parte-se e não escapará viva alma, disse Miguelzinho.

Palavras não foram ditas, que d. Maricota soltou um grito de horror deante do trágico acontecimento. Tripartiu-se o anfibio precipitando-se os fragmentos no solo comotres bolidos envoltos em chamas esverdeadas do gaz sirion, que se escapava, inflamado em borbotões com a ruptura do tubo comunicante.

Seria mais tetrica e mais inesperada de repente de uma barra violacea, onde jogaram a partida de mestre o horroroso e o belo.

O espetáculo era a um tempo de cáos, de volcão, de inferno, e de aurora boreal. Estrelas multicores corriam em trajetorias caprichosas, hiperbolicas umas, parabolicas outras, em todos os quadrantes. Aqueça chuva de estrelas era o bombardeio cerrado das hostes bolchevistas, repostando ao torpedeamento das esquadrihas defensoras da Usina.

215

De cá de nosso poliptero ouvia-se a descarga cerrada daqueles coriscos preternaturais.

Para nós cessou então o periodo das vagas colossais, porém pouco nos aproveitou, porque entrou outro de ondas curtas, interminentes e rapidas, de fazer vibrar os nervos numa sensação estranha. Apesar de tudo, o nosso aparelho firmou-se mais em sua engrenagem de asas complicadas e acelerou um pouco mais o movimento.

- Ha lá nervos que possam resistir a uma vibração desta ? queixou-se Miguelzinho.

- Papai, eu morro de frio ! exclamou Evaldo, tiritan-

do no seio paterno e batendo os queixos, como atacado de maleitas.

D. Maricota, passada de susto, de magua e de tremuras, com uma suprema energia aconchegou sua alma ao Deus da Misericórdias, e com uma dedicação amorosa colou o seu corpo esbelto ao do esposo querido. E como a união faz a força, essa trindade terrena de pai, mãe filho, uma no sangue, no coração e na alma, podia já vencer o animo de uma mesma esperança e na energia de uma única vontade aquele passo de indizível padecer.

- Vê-la, Miguelzinho, disse d. Maricota, estirando a vista para a Usina que apesar do atraso do políptero, estava já a uma grande distancia, os bolchevistas vencem.

- Que coluna de fumo negro sobe dos pavilhões centrais ! Rapara, Miguelzinho, os campos, os canaviais, os pomares, as matas, a igreja, o presbitero, está tudo em chamas.

- Que calamidade ! Como consentes, Senhor que os máus abusem do suor dos pobres operarios ! exclamou Miguelzinho.

- Miguelzinho, pelo amor de Deus, não blasfemes ! Deus sabe o que faz.

216

- Não, minha mulher, não é Deus quem faz aquilo. É o vicio, é o diabo, é a plutocracia, é o bolchevismo, é todo genio do mal, é tudo quanto ha de hipersatanico na terra ! Deus, nunca !

- São nossos pecados, a nossa falta de fé, a nossa indiferença para com os preceitos sacrossantos da Igreja. Deus permite a produção do mal, do contrario nada de mal sucederia no mundo, porém muito maior mal aquele que daqui estamos vendo é o pecado, o mal por excelencia, o único mal.

- Tens razão, e por isso deixemos essas divagações e vamos rezar. O momento é de penitencia.

D. Maricota não deixou de observar a transição rápida que a graça de Deus em combinação com aquele tremendo espetáculo de morte produziu no espirito de seu

marido. Assim tirou de sua bolsinha um rosario e começa a rezar em silencio.

- Reze alto, mamãe, reclamou Evaldo, quero acompanha-la na sua oração.

Rezemos, minha mulher, rezemos os tres ; o nosso dever é muito sagrado. Assistimos a dansa macabra do pecado e da morte, mas a Providencia nos salvou.

- Graças te sejam dadas, oh, meu Deus ! que a tua providencia instruiu o meu marido no dogma da mesma Providencia.

- Rezemos ! .... rezemos ! ...

- Padre Nosso ... Ave Maria ... os tres iam repetindo com um fervor de santos, como se estivessem á borda de um leito moribundo.

Terminada a oração vocal, Miguelzinho, sua esposa e seu filho entraram sem o sentir para esse estado de ascese em que a alma, desprendida completamente das coisas da terra, deixa-se absorver, memoria, inteligencia, vontade, no seio infinito de Deus.

Silencioso, calmos, serenos como a propria paz daquela comunhão espiritual, eles não atenderam quando o aviador lhes advertiu que todo o perigo havia passado já.

Derpertada então como de um sono mistico, d. Maricota, fitando o seu marido, apenas disse : - Afinal de contas, só a dor, castigando, esbatendo, esgarçando a matéria, é capaz de nos fazer entrever o reino eterno de DEUS !

---

**DEVANEIO ETEREO**  
DE UM MUNDO COR DE ROSA  
**ENQUANTO EVALDO REPOISA**

218

Muito mais que um ninho alcandorado ás ultimas franças de um jequitibá. Era o leito pequenino e macio, onde repoisava o nosso Evaldo, no trigesimo oitavo andar de um dos formidaveis arranha-céus da Avenida da Tacaruna.

D. Maricota não se tinha de fitar-lhe demoradamente a face rubra de febricitante.

O sono do menino não era calmo. De vez em vez agitava os braços, as pernas, movia a cabeça, pronunciava palavras entrecortadas de suspiros. D. Maricota escutava-as com ansia genuinamente materna. Queria decifrar o que afloraria naquele estado de torpor aos labios de seu filho. Queria sondar-lhe nas ultimas profundezas do subconsciente se lá não existiria ainda logo daquele veneno espiritista ou bolchevista, que, longas horas, se lhe arrojaram na alma sensibilissima de criança, em sessões

tenebrosas da fatídica casa do sr. Januario, ou, se ao contrario, o que lá estava não era antes a doutrina santa da religião do amor sacrificado, fruto do esforço conjunto de sua solicitude de mãe catolica e do zelo apostolico do capelão da Franciscania. Ela porém nada podia mais colher daquele espirito velado pelo entorpecimento da febre e da fadiga, que umas palavras partidas, uns monossílabos confusos, que se misturavam ora com um ai soturno, ora com um suspiro abafado.

Porém com todo encapelado das circunstancias que a oprimiam, recordação da pavorosa tragédia que vinha de presenciar, com suas cenas de lubricidades, de assassinios, de vinganças, de perseguições, de loucuras, de incendios, de depredações e de guerras, receio da nova vida que começava com a perda completa de seus haveres, e sobressaltos pelo estado morbido de seu amado, seu unico filho, com todo esse tufão de idéas sombrias, a soprar ainda mais sobre o cataclisma, o espirito vacilante de seu esposo, d. Maricota ali estava junto ao leito de seu filho, como um barco ancorado em porto seguro e sereno, seguro no seu heroico amor de mãe sereno no seu catolico amor de Deus.

Depois de muito paciente observar, ai ! com que sofreguidão ela colheu dos labios do menino o monossílabo celeste, - mãe ! Pareceu-lhe então que do mais profundo daquela alma de filho surgiu a vida, o amor, a fé.

219

Era o proprio espirito de Deus, incarnado no mais puro dos sentimentos humanos, que se escapava dos labios do menino, transfigurado numa hostia viva, - mãe !

Duas lagrimas correram-lhe então pelas faces e, bem baixinho, á surdina, sagrou d. Maricota sua inabalavel convicção :- Meu filho não é, meu filho nunca será bolchevista ; meu filho não será espiritista !

- Bendito seja Deus ! Ele disse mãe ! ele disse cruz, ele disse luz ! Mãe, a cruz que espanta o sensualismo comunista ! Mãe, a luz que apavora as indecencias espiritistas ! Cruz, grinalda de espinhos, de dores e de sacrificios cristãos, mãe ! - Luz verdadeira, farol de santidade, que



ilumina e norteia a arca da aliança, a instituição da família, rumo de eternos destinos, mãe !

E de mãos postas, numa meditação profunda, continuava a fitar a face do filho desacordado, reproduzindo em singela flagrancia a genial concepção de Joseph Clark no esplendido quadro **The Mother's Darling**, da Tate Gallery de Londres.

Fita, longamente fita a criança, que nem pronuncia mais palavra, nem exprime mais gemido. Passam-nas horas, e ela, como um sacerdote num altar do sacrifício, deposita um osculo de terníssima piedade sobre a fronte de seu filho já então orvalhada em suor.

- Disseste mãe, serás um apóstolo do Senhor !

A cena toda surpreendeu-a Miguelzinho, que entrava da rua envolto num pesado sobretudo de lã.

Com o recato com que transpusera a porta so aposento, sem fazer o minimo ruido, poude bem ver e ouvir tudo.

De braços cruzados, olhos fitos no grupo, seus pensamentos e suas ambições estavam muito longe daquela vida mistica em que se espiritualizava a sua esposa.

220

É que ela era o puro idealismo cristão, enlevado nas ondas sonoras dos sinos, e ele, a realidade crúa da vida. Engolfado nas convulsões estridorosas das sirenas.

Unindo aqueles dois esposos, hemisferios de virtude e de trabalho, e porque tambem não dizer ? de fé e de ambição, hemisferios que eram os dois mundos do espirito e da matéria, do eterno e do transitório, estava alia dormir na serenidade de uma penumbra cristã, o unico meridiano da familia, Evaldo, a aurora e a esperança de d. Maricota, o escrúpulo e o enigma de Miguelzinho, porém em todo caso a força e a vida de ambos.

- Como está Evaldo ? interrompeu afinal Miguelzinho, em voz sumida, essa cena em que bailaram ao mesmo tempo em torno de um mesmo berço os filhos mais disparatados dos sinos e das sirenas, anjos e trasgos, ao compasso de uma mesma musica ritmada por dois espiritos afinados

por diapasões contrários, contraditórios e opostos – o Céu, o Mundo.

- Penso que a febre já passou, foi a resposta. A frente está humida.

- Põe-lhe ia este termometro. Isto é febre de fadiga. Eu que sou homem ainda sinto doer-me os nervos.

- Está ainda muito frio lá fora ?

- Pudera ! Se nevou tres horas a fio. Cinco graus abaixo de zero marca o termometro aqui da esplanada do Hotel.

- O homem devia contentar-se com a natureza, como Deus a fez, disse d. Maricota, e não mudar o clima de uma cidade tropical para a de uma cidade européa.

- Mas que se hade fazer ? São os progressos da civilização. Agora temos calor ou frio á vontade. Toda a gente vivia a queixar-se de que Pernambuco era um forno, que tinha um clima extenuante e que por isso não progredia. Veio a ciencia de mãos dadas com a industria e resolveu o problema. Foi o mesmo caso dos terrenos da Usina Franciscania, que eram improdutivos para o assucar e para as matas e os pomares e depois transformou-se naquele paraíso de delicias.

- E onde não faltou a serpe da volupia, que o perdeu.

221

- Porque não dizes antes a serpe do bolchevismo ?

- Porque a praga judeu-maçonica da Moscovia foi a espada de fogo vibrada pelo querubim da Justiça Divina. Porém deixa-me de parte estas considerações e conta-me a historia da fundação da Usina e da transformação da cidade de Pernambuco enquanto o nosso filho dorme.

- Tira daí o termometro que já é tempo.

- Vê, 36° apenas.

- Graças a Deus ! concluiu Miguelzinho. E numa voz ainda mais soturna, quase cochichando, começou a contar a sua Maricota a historia da mudança de clima da cidade de Pernambuco e das condições mesologicas da Usina.

- Isto de clima hoje em dia é um corolario do problema já resolvido da aviação.

- E talvez também da quimica, não é ?

- Também da quimica, podes bem dizer, principalmente quando se trata de clima seco ou humido. Uma esquadrilha de aeronaves munidas de metralhadoras meteorologicas bombardeiam e dia de calor um grande cumulo, ou tanto melhor, um acervo que se venha a formar de cirro cumulo ou de puros cirros. Forma-se logo um nevoeiro e começa a cair uma chuva fria acompanhada dos primeiros flocos de neve. A temperatura, está claro, baixa de repente e, se o bombardeio continua, desencadeia-se uma tempestade de neve até desfazer-se o reservatorio natural. Durante três dias o ar fica muito humido e frio. Mas. Outras correntes quentes acorrem das regiões circunvizinhas para reatar o equilibrio. Sucede-se então um período de oito e mais dias de formosissima primavera, principalmente se a lua está no quarto crescente ou minguante. O céu toma uma tonalidade azulina em tudo semelhante ás da Côte d'Azur. Sabe-se pois pelos calculos que vamos ter quinze a vinte dias deliciosissimos.

222

- Tanto melhor para a saúde de Evaldo.

- E para nós também que estaremos muito mais dispostos para encarar a vida com todos os seus contra-tempos.

- De certo, pois ficaremos muito mais bem humorados.

- Para corrigir os longos dias de humidade inventaram a aridinite, substancia muito ávida de agua, a qual, metralhada em larga escala, torna o ar muito seco. Infelizmente inda não a empregam entre nós, torna o ar muito sêco. Infelizmente ainda não a empregam entre nós, e por isso ainda temos que suportar esses tres dias de aborrecida humidade. Apersar de tudo isso o problema do clima ainda tem uma face importantíssima e é a de fazer cair chuva numa região ardente, fora do Cloud Ring, como é o caso do Saará, Atacama, Gobi, etc. A Italia tomou a tarefa penosíssima de tornar o Saará habitável. Começam bom bardeando as trombas de areia, e depois, não me lembra

agora que substancia metralham no espaço, que se forma um nimbo de muitas léguas quadradas, donde se precipita furiosíssima tempestade de raios, de coriscos e chuva diluviana. Logo a temperatura baixa e aparecem cúmulos que são de novo metralhados segundo o nosso sistema. Já vastos reservatórios se estão lá construindo para guardar a água dessas tempestades artificiais. A França e a Hispanha vendo o êxito, já também iniciaram trabalhos identicos em suas regiões Africanas. O que, porém, é interessante, é que, enquanto aquelas nações salvam o Saará, elas proprias se arrefecem, porque o Grande Deserto nada mais é que uma grande caldeira posta no norte da Africa para aquecer o sul da Europa. Já agora cá no inverno tanta neve no Algarves, Anadaluzia, Sicilia, Sul da Italia e Grecia como na Holanda ou Prussia.

- É a lei das compensações.

- Mais interessante que tudo isso é o esforço que os americanos estão fazendo para salvar a Groenlandia de seu geologico lençol de gelo. É uma aplicação em alta escala do que fazem noruegueses, filandêses e siberianos para amenizarem os seus climas frigidios. Para tal fim empregam bombas de plutonite em foguetões, que, espoucando em direções diferentes, aquecem rapidamente o ar. Por esse processo dissolve-se prontamente o gelo, formando torrentes mornas que excavam os **icebergs** e percorrem os campos, alastrando se por tidi paiz, enquanto um espesso nevoeiro morno se espalha pelo ar, produzindo em janeiro e fevereiro, dias tão suaves como os de maio. Os proprios polos já estão por sua vez conquistados pela ciencia para moradia da humanidade. Os observatórios de meteorologia está já observando verdadeiros disparates na temperatura geral das estações. As correntes pelagicas sente-se que se não movem com a mesma velocidade e se esgalham em outras direções ainda não conhecidas, sendo certamente essa a verdadeira causa desses terriveis maremotos que ultimamente se teem visto.

- Não vá essa febre de progresso, mudando as condi-

ções normais da vida, em lugar de produzir bem, servir de flagelo para a humanidade.

- Tudo já está previsto e estudado de modo que a terra era uma casa velha e o progresso veio fazê-la nova. Em menor escala a velha cidade de Pernambuco foi transformada também, como os terrenos infrutíferos da Franciscania, por esse mesmo processo que te acabo de expor. A Franciscania era arida e improdutiva ; inutil para o cultivo da cana, pomares e matas. Abriram-se aqueles lindos canais que a cortavam com tal graça e naturalidade, como os meandros de um rio.

- Possível ? ! E não são naturais ? Pois eu pensava até agora que o fossem. Nunca mo disseste antes.

- Eu te falava de tanta maravilha da Usina que nunca me lembrei dessa, talvez mesmo por pensar que soubesse disso. E esse trabalho não é antigo. Foi o pai do dr. Ernesto que o fez, muitos anos antes de mudarmo-nos para lá. Com aquele sistema de irrigação, ajudada pelas chuvas artificiais progrediu a Usina e fez-se aquele gigante que lá deixámos a queimar-se presa do odio comunista. Quanto á cidade de Pernambuco, foi igualmente a mudança de clima que a fez desenvolver tão assombrosamente. Basta dizer que em dois mil quando lhe mudaram o clima, ela tinha apenas um milhão de habitantes, e hoje 2032 ela conta 2. 500.000 almas. Foi uma febre de construção tão intensa que, pelos calculos, chegaram a construir mais de 70.000 palacetes por ano, sem falar nos formidaveis arranha-céus.

224

- Ah ! Maricota, a nossa Pernambuco do século XXI não é mais a imundície que nos dizem as fotografias daquela época terem sido até mesmo bairros centrais, como S. Antonio, S. José, Ilha do Leite, Afogados, Pombal, Burum, S. Amaro, Piedade, etc., etc., e outros pontos por onde fermentavam uns onze mil miseraveis casebres cobertos de zinco, embaralhados, sem conforto, nem aceio, até o centro da cidade !

- Onze mil casebres de zinco ! Isso aqui era então uma Africa selvagem.

- Nem melhor, nem peor que isso !

- E que noção tinha aquele povo da vida ?

- Tanta quanta tinha da higiene da habitação, da roupa e da comida. As ruas, as avenidas, os becos, as travessas ou não eram calçadas ou então eram mal ladrilhadas, resultando que com a passagem das carroças se desnivelassem, formando barrancos por toda parte. Essa avenida da Tacaruna, que hoje vê tão formosa, com suas pontezinhas, canais e ilhotas ajardinadas era uma estrada da peor especie, através do manguesal.

- Nem por ligar Olinda com Recife ? E como transitavam os autos naquela época ?

- Aos trancos e barrancos.

- Santo Deus ! E quem podia suportar isso ?

- Os nossos antepassados.

- Tinham estomago de aço e corações de bronza.

- A tara, Maricota ! Eram descendentes imediatos de um a raça que andava de cavalos choutões. E se lhe eu falar da comida ?

- Vais dizer-me que eram canibais ? !

- Não tanto ; mas, ou porque a vida era caríssima, ou porque não tinham tino pata atenuar as circunstancias, ou porque eram pauperrimos, o fato é que não sabiam comer.

- Comer, minha mulher, bem sabes, não é ingerir no organismo toda a sorte de drogas apimentadas, doces ou salgadas. Come-se o que se digere, e digere-se o que está de acordo com as condições fisiologicas do individuo, do clima e do meio em que ele vive. Ora imagina um pernambucano, sob um céu ardentissimo dos dias caniculares, guardando a dieta de um esquimó, ingerindo quanto toucinho, quanta banha, quanta gordura, quanta ceará ...

- Ceará ! ? ... que é isso ? Esquimó como ceará ? Nunca ouvi falar em semelhante coisa !!

- Eram umas carnes de boi ou de carneiro e dizem tambem de cavalo, salgadas e secas, que eram exportadas para o norte do Brasil das xarqueadas do Rio Gran-

de do Sul e do Rio da Prata. Xarqueada era a oficina onde se preparava o xarque ou ceará.

- E comiam isso ?

- Achavam-na deliciosa. E assim também comiam bagres assados, curimatãs salgadas do sertão e outros peixes de salmoira e muito apreciavam o bacalhau conservado em salitre, que lhes vinha da Noruega.

- Não havia naquela época peixes nos mares e nos rios ?

- Certamente e muito bom pescado.

- E porque não o preferiam ?

- Um quilo custava cinco, seis e sete mil réis.

- Não era raro vender-se uma posta muito delgada de cavala por dois mil réis e mais.

- Porque essa carestia ?

- Porque a pesca era muito penosa. O pernambucano do século XX ainda como os seus avoengos de 1500.

- Como os indígenas ? ! ...

- E então ! Não sabiam fazer de outro modo.

- E porque não organizaram uma companhia de pesca ?

226 - O tempo era pouco para se ocuparem com politicalhas. E se algum mais arrojado queria tomar a frente, logo algum grande traficante de bacalhau punha-lhe toda sorte de impecilios.

- Recife com sua irmã gêmea Olinda eram cidades famintas.

- Capital de um Estado tão produtivo ? !

- Para veres. Um tomate de uns trinta gramas custava \$600, quatro maxixes \$100, um ovo \$200, uma galinha 5\$000 e 6\$000, um peru 15\$000 ou 20\$000, a mão de milho verde 5\$000 e mais, um quilo de carne verde defraudada do peso com as canas da Usina Franciscania 2\$300, um quilo de porco por 3\$000, um de carneiro, o que era raro encontrar-se, pois geralmente vendiam bode por carneiro, 3\$500 e mais, uma laranja da Vitória \$600, dizendo-se que era da Baía, uma banan comprida \$200 ...

- Basta !

- Não ! escuta mais esta ! A farinha, o feijão, o milho, o arroz, o assucar, o café, finalmente todos os generos de primeira necessidade valiam o que não vale o ouro, porque ás vezes tinha-se dinheiro para se comprar e se não tinha o que. Comiam tainhas salgadas do Rio Grande, carnes congeladas e quase podres, peixes moídos, óvos velhos e outros generos estragados, que certo não teriam gasto naquela mesma época na longiqua cidade chinêsa de Changai.

- Estou vendo que pouco faltou que comessem ratos, cães e ninhos de salanganas.

- Ninho de salangana não, porque isso só na China. Mas que se havia de fazer numa fome daquela ? O que mais dó causa é que o nordestino ignorava que vivia nas cascas. Não tolerava que dissessem que o nordestino era faminto.

- Homem, pendo que isso era um bem. Quem me dera que eu sempre ignorasse as dores que sofro ! Seria como se as não sofresse. Essa ignorancia é uma arte de viver feliz.

- Afirmavam candidamente que havia muita fruta, óvos, leite, cereais, carne e mais viveres.

- Coitados ! frutas, óvos, cereais, peixe, carne por aquele preço ?

- No entretanto achavam que passavam bem, e pelo Carnaval divertiam-se a valer.

- É que, como todo filho no nordeste, o pernambucano era frugalissimo.

- Para o pobre passar bastava-lhe um punhado de farinha, que atiravam na boca e bebiam agua, muitas e muitas vezes sem um naco de carne sêca ou bacalhau sarrabulhado na brasa, nem um gole de caxixi.

- Havia ainda coisa peor do que isso. Por principios de economia politica atiravam, em S. Paulo e Rio, com a superprodução do café aos mangues e ao mar ! ...

- Estupido e cruel !

- Vendiam o assucar por preço infimo para a Ingla-



terra por haver escassez do genero no paiz e aqui venderem-no depois por preço elevado.

- Mas era gente que fazia isso, ou eram judeus ?

- Os nossos antepassados, Maricota, gente batizada e crismada.

Até mesmo depois da Grande Revolução de 1930 estiveram em voga tais processos.

- Não, Miguelzinho, não ha razão que me convença de que essa medida era nem sequer humana, quanto mais cristã ! Porque não davam aos mendigos esse café e esse assucar ? As sociedades de S. Vicente de Paulo, que já eram muitas nessa época no Brasil, ficariam bem contentes de ter assim abastança para favorecer aos seus pobres. Foi por isso, garanto-lhe que se desenvolveu o comunismo no Brasil.

- Os produtores não pensavam assim.

- Os governos de ordinario estavam nas mãos dos produtores, que até 1930, na maioria, enricavam do dia para a noite a custa da fazenda publica. Eles não se ocupavam do povo. Ah, minha mulherzinha, se eu te fosse enumerar todos os erros dos governos passados ! ... Escuta esta. Gritava-se a plenos pulsmões que o Brasil era um paiz de analfabetos, que as matriculas da instrução secundaria e da superior ainda não correspondiam aos seus quarenta milhões de almas. e não só eram limitadas, como se todos os brasileiros não tivessem o mesmo direito de seguir carreiras liberais, como, peor ainda, tributadas com taxas exorbitantes. O ensino profissiona era a bem dizer nulo.

228

- Eu nunca pensei que em paiz nenhum se fizesse da instrução fonte de receita para o erario nacional.

- Fonte de receita é, mas não direta. Do ensino em si não devem promanar recursos para o erário publico. É fonte indireta, porque melhorando a capacidade de trabalho do cidadão, reverte em beneficiar a riqueza do paiz.

- Mas naquela epoca não se entendia assim.

- Eram então gente muito atrasada os nossos antepassados.

- Que queres tu ? um paiz novo. Há apenas uns trinta anos que começaram a divulgar-se as escolas profissionais, que a principio limitava-se a um ou outro liceu, isso mesmo só nas capitais e alguma cidade mais importante. Aqui no norte então era uma verdadeira lastima. A ultima reforma de ensino é que obrigou a todos os collegios de ensino secundário e primario a manter ensino das artes mecanicas ou electricas. Hoje todo brasileiro de um e outro sexo é obrigado a conhecer um officio.

- Meu rico Pernambuco, felizmente chegou para ti uma éra de luz, de progresso e de paz.

- Sim ; mas esse progresso data de outubro de 1930 para cá ; fica ciente disso.

Agora quero expor-te uma outra pagina mui curiosa do seculo passado.

- Qual ?

- As modas, em que os pernambucanos como toda gente dita civilizada cometeram também seus pecadilhos. Examina os figurinos daquela epoca e passam de como se vestiam as nossas avós.

- Jamais se me passou pela caixola que uma senhora tivesse a coragem ....

- Dize antes o despudor ...

- ... de aparecer em publico num trajo destes, disse d. Maricota, tirando de uma de suas malas um rolo de Malhos, Fonfons, Caretas, Cruzeiros, Ilustrações Brasileiras e outras revistas do século XX e examinando-as uma a uma. Olha este figurino aqui, Miguelzinho ! Que indecência ! Era uma dama da alta sociedade carioca. O vestido, se aquilo se podia chamar roupa, constava de uma saia pregueada curta pelos joelhos e uma faixa que na frente cobria apenas os seios e na parte posterior subia uns cinco centímetros no máximo acima dos quadrís, deixando todo mais costado ás moscas ! Mangas, não as havia, sendo a faixa presa ao hombro por uma corrente metalica. Ao lado desse havia outros não menos indecorosos.

- Sabes o que custou a essas senhoras vestirem-se assim ? O clero as expulsou dos templos por indignas.

- Bem feito, porque não se compreende que senhoras catolicas vistam-se com este escandalo.

- Enquanto aquelas loucas bambaleavam a gingavam levianas sobre um par de sapatos a Luiz XV, com prejuizo evidente para a saúde do corpo e da alma, contraste, repara aqui estes modelos, os cavalheiros vestiam-se com decencia, sobriedade e elegancia.

- Eu não sei como havia homens que se quisessem casar com tais melindrosas !

- Ora, Maricota, ha homens e mulheres para tudo. Queres ver o que é escandalo, vê esta revista balnearia !

- Santo Deus ! Essa gente era varrida.

- Qual varrida Maricota ! Eram uns grandes debochados ! Eu tinha lá minha mulher, nem minha filha para aparecerem assim núas em plena praia !

- Isso é uma orgia da Roma pagã.

- Si ... Afirmou Miguelzinho com calor.

- Falaste mais alto e despertaste o pequeno.

- Que é que tens, Evaldo ?

- Nada, papai, disse Evaldo, sinto-me um pouco tonto. Parece-me que ainda estou no helicogiro.

- Não penses mais nisso. Maricota, dá-lhe uma chicara de café, quente e forte.

- Espera um pouco, Miguelzinho. Vamos mudar-lhe a camisa, que está molhadinha de suor.

230

Mudam-lhe toda a roupa, dão-lhe uma canequinha de café, que Evaldo bebe com satisfação.

- Bom, Evaldo ?

- Delicioso, papai

- Agora vamos dormir.

Pai e mãe recostam o filho querido em fofas almofadas, cobrindo-o de confortantes beijos.

Evaldo fechou os olhos, mas não dormiu. E, por verem voltar a saúde do filho, prosseguiu ainda mais animada a prosa de Miguelzinho e de d. Maricota.

- Mas de que é que estavamos falando, Maricota, que já me não lembro ?

- Das modas e roupas de banho do seculo passado.

- Ah, sim. As modas, Maricota, pensou eu, devem ser um manto de moral, de higiene e de beleza. Quando os nossos protoparentes, em consequência do pecado, se conhecerem nus, trataram de cobrir-se. Aí começou a moda. Só a criança e o louco, por inocentes, podem estar despidos e não o conhecerem.

- É a inocente dantes de tocarem no fruto proibido.

- Foi efetivamente a malícia que teve conhecimento da carne, e por isso a moral mandou-a cobrir. A higiene disse então como, e a estética pôs-se a compô-la. Ora a humanidade não é uma espécie de crianças e de loucos. Sob a égide desses três princípios, moral, higiene e estética, é que deve finalmente aparecer no mundo a figura esbelta da mulher casta. A moda, que a ornar, deve ser sobria como a decência, sadia como o pudor, elegante como a própria virtude.

- Da minha parte, meu amigo, não compreendo como certos economistas querem hoje reduzir a moda a um padrão único de simplicidade rigorosa para o homem e para a mulher. Os dois sexos, embora hoje confundidos nos mesmos misteres da vida, têm de origem, de natureza, de força, de organização, tendências mui diversas para as modas, a mulher procurando o elegante, o homem o sobrio. Porém a elegância da mulher deve ser compatível com o seu pudor, e a sobriedade do homem não deve ir ao ponto de prejudicar as linhas harmônicas de seu corpo porque o homem, por ser homem, nem por isso tem o direito de abdicar seu amor à beleza. E como poderá repeli-la de si, se a ama e a admira fora de si?

- Nem a Igreja Católica, com todo peso de sua moral, e todo seu amor à virtude, jamais abdicou de sua admiração de tudo quanto é verdadeiramente belo.

- Naturalmente, porque tudo quanto é bom é belo.

- Assim é, Maricota, porém eu não me estou reportando à beleza ontológica. Quero falar unicamente do que é simplesmente harmônico ou gracioso nas formas.

- Esse mesmo harmônico, nem por isso deixa de ser metafisicamente belo.

- Não achas que o aparato liturgico da Igreja é esplendido ?

- E' empolgante, Miguelzinho.

- E' divino, Maricota. Eu queria que tivesses tido ocasião de assistir uma canonização de santos na Igreja de S. Pedro em Roma. Que cerimonia! que pompa! Mas, vede como são ornados os pontífices, os prelados, os sacerdotes, nos exercícios de suas funções mais santas. A Igreja, no complicado exercício de seu culto, alcandorou o espirito humano ás regiões mais apuradas das belas artes. Arquitetura, escultura, pintura, musica, nenhuma sociedade aprovou, estudou, defendeu, aperfeiçoou e usou na mesma intensidade que a Igreja Católica. As catedrais, os altares, as estatuas, os retabulos, os mosaicos, os vitrais, o canto-chão, que padrões estupendos do ideal divino nas harmonias da pedra, das cores, das linhas e dos sons! Francamente, Maricota, acho imponente de linhas, de graças, de donaire, de majestade, as vestes dos sacerdotes. As rendas das alvas e dos roquetes, os cingulos, os brocados de ouro e de prata das casulas e das dalmaticas, das tunicelas e das capas de asperges, as mitras, os barretes, até mesmo os solidéus, os sendais negros, violetas ou vermelhos, os sapatões afivelados, os aneis, báculos e cruces peitorais, as caligas e quirotecas, o alinhamento das proprias batinas e dos hábitos franciscanos, as cogulas dos beneditinos naquela pompa de mangas larguissimas e complicados refolhos, as manteletas e as murças, as caudas prelatícias, os arminhos, os capêlos, diga-me, tudo isso não é harmonioso rico, belo de uma garbosidade extraordinaria, que pugna contra todos os princípios da simplicidade e da sobriedade dos economistas contemporaneos ?

232

- Quando ouço falar desses pretendidos economistas, maximé no que chamam o desperdicio da Igreja, lembro-me das palavras de Judas, quando Madalena quebrou o vaso de alabastro por banhar a Jesus em seus mais exquisitos e custosos aromas.

- **Ut quid perditio haec ?**

- Pelo amor de Deus, Miguelzinho, dize isto em português.

- Para que esse desperdício ? Não valeria mais a pena venderem-se esses perfumes por se dar aos pobres ?

- Exatamente, meu amigo. O dinheiro que gastamos com a Igreja é homenagem a Jesus, de quem a Igreja é corpo místico. A Igreja não se atavía com todo esplendor para favorecer a vaidade de seus ministros, aos quais recomenda humildade extrema, espírito de pobreza, mortificação e sacrifício, senão para atrair as almas com a galhardia de seu culto, porque bem sabe ela de que estofos é a natureza humana.

- **Per sensibiliza ad insensibilia rapiamur, per visibilia ad invisibilia rapiamur**, dizia o nosso padre Eustaquio no púlpito de S. Francisco.

- Porém ele traduzia essa história para o português, não é verdade ?

- E eu também a traduzo, Maricota. Pelas coisas visíveis e sensíveis subimos para as invisíveis e insensíveis. E é por isso que só vou ao templo levado pela harmonia da música, pelo deliciar a fantasia com a eloquência de um pregador de raça, pelo recrear os olhos nos ornatos do templo e na ostentação do ritual trespalme de incenso.

- Eu aprovo, Miguelzinho. Os entusiasmos de certos católicos pela liturgia, pelo canto eclesial, pelas cerimônias, não são no fundo mais que um diletantismo inconsciente, um misticismo obscuro com que buscam na oração, nos sacramentos, no culto, na religião em fim emoções análogas às que experimentaram, senão é que ainda experimentam, em contacto com o mundo.

- Maricota ! exclamou Miguelzinho fitando a esposa, tocaste-me num ponto inteiramente inédito para mim, confesso-o. Nunca fui a S. Francisco, digo-o por minha arte, senão levado pelo desejo de ouvir os discursos de padre Eustaquio, de me embeber a vista na harmonia admirável daquele templo, de ouvir aquele órgão, principalmente quando tocado por d. Alzira. De tudo aquilo que eu escutava com a aparência de tanta piedade não me restava senão

um doce sentimentalismo, uma suave recordação do meu delicioso passado na Europa. Que saudade então ! ... Todavia é preciso convir, algo de fé e de amor de Deus ficava-me no intimo, porque a Beleza Eterna não pode deixar de habitar no seio de tudo que é verdadeiramente belo. Ora a arte é a corporificação da beleza. Deus está na arte. A minha devoção era pois mais mundana que cristã.

- Com mais propriedade dize : era sentimentalista. E como o verdadeiro espirito de religião é de raciocinio e vontade e não de apetites e paixões, facilmente se compreende que, não o possuindo, reclacitravas na fé.

- Não fales mais nisso, meu amor, que é do meu caso mesmo que concludo a Igreja pregar no deserto.

- Porque ?

- Sem apetite e paixão ninguem se move neste mundo.

- Não estou negando isto. A propria Igreja o reconhece. O homem não é feito só de espirito, mas é um composto de corpo e alma. Por isso mesmo é que a Igreja tem esse ritual aparatoso, que ha bem pouco elogiavas. Mas o rito é a especie que aparece ; o amago da fé é puro espirito, inteligencia, pura, escolhendo o Bem supremo e a Ele se unindo. Aí e que está a verdadeira religião. Toda religião é como a Sagrada Eucaristia. Ha lá uma coisa que aparece, é o rito ; e outra que não aparece, é a fé. A Igreja faz o rito para simbolizar os seus divnos misterios, e por isso os verdadeiros fieis entram no templo como Moisés no monte Sinai, descalçando ao lumiar as sandálias dos sentimentos humanos, na inteira convicção de que lá encontrarão o verdadeiro Deus, fonte de sua vida, seu unico amparo, seu ultimo destino. Não ha motivo, pois, legislar de outra forma, pelo fato de que muitos, arrastados por aquilo que lhes delicia os sentidos, não guardem no templo o espirito de verdadeira fé.

- Daí concludo que ha duas desvantagens nos ritos da Igreja. A primeira é o sentimentalismo que em muitos desperta, e a outra é que a moda tambem tira proveito da pompa eclesiastica para refinar as suas sensações mundanas.

O que são certas usanças femininas senão inspirações dos hábitos clericais ?

- Não ha duvida que os armazens de modas de tudo se inspiram para as suas torpes criações. E por isso bem podem sem mais respeito ao que é sagrado ir lá buscar motivos para os seus devaneios, mas há uma grande distancia entre a prodigalidades femininas e a liberalidade dos hábitos eclesiásticos. Estes são discretos e santos, aqueles futeis e presunçosos, senão quando imorais.

- E que entendes tu por moda, Maricota ?

- Eu ? ... Penso que quem diz moda diz modos. A arte inventou a moda para que traduzisse modos sérios e discretos, indumentaria artistica no que de refere á graça com que a espécie humana se deve guardar temperantemente na linha do pudor e da modestia ; modestia, o modo da moda.

- Tua concepção é por demais grave, e a sociedade não a compreende assim.

- Quem o duvida ? A moda como essa pretensiosa sociedade a concebe, ai ! meu amigo, a quimera, a moda! ...

- Porque suspiras ?

- Porque a moda é o colibri traquinas, que anda de loja em loja, como de flor em flor, se venenosa talvez melhor pelo inebriante do aroma, farfalhando sedas, bisbilhotando cores, farejando o ultimo guincho de mentecaptas costureiras ! O devaneio ! a moda !

E' a nuvem que passa veloz, esgarçada ora como filamentos de algodão, sombria ora, e pesada como o nimbo de inverno, que assume todas as formas, toma todas as proporções, porque é o informe, o desproporcionado ! O sonho, a moda !

E' a onda buliçosa do mar, já encrespada ao alvorecer do amor nas rendas ainda cândidas de uma noiva, já apavorante pelo monstro do luxo, que lhe vem dentro no bojo em voluptuosas e pegajosas espumas! O desatino! a moda !

E' o barco sem leme, sem bussola e sem piloto, agitado pelo vento de todos os caprichos, açoitado pelas cor-



rentes de todas destemperadas fantasias ! A insanía ! a moda !

E' o tufão que varre com o senso e a seriedade da mulher, como com a circunspeção e algibeira do homem. E' o carnaval de todos os dias, de todas as noites, onde tem garrido desde a mulher vestida de balão ou enxertada de anquinhas, até a Eva paradisiaca antes do pecado, porem corrompida no século XX, sem mangas nos vestidos, sem panos nas saias, que lhes amparassem os membros até os tornozelos ! A furia ! a moda !

E' a duna de areia que se desmancha aqui, para levantar-se acolá, ignorante de que mão negra, poder misterioso, fê-la mudar no tempo e no espaço ; duna em que se atufam, se afundam e se afogam as pretensas estrelas das rodas ditas de escol ! A cega ! a moda !

E' o abutre esfaimado que rói e deforma o corpo e a alma desse novo Prometeu, a mulher acorrentada ao penhasco ingrato da vaidade ! O cancer ! a moda !

236 E' o janota querido, o casquilho adorado, que se meteu dentro em casa, que espiolha as gavetas, entisica a mesa, esvasia o cofre, arruína a casa, e que, cortando perfumosamente os cabelos, tisonando ignominiosamente os lábios de rubro, os olhos de cobalto, e acerrando as unhas de sua vitima, vai gatear o veludo, o chalé de seda, o colar de perolas pelo troco do nome ! ... da honra !... a despudorada ! a ladra !

A moda, ai ! a moda ! mais que o efemero de um sonho, é a folia das rodas elegantes ! a moda, as cinzas da usina do pecado, a poeira da estrada do vicio, o trapo com que se embuça a hipocrisia, o fogo-fatuo dos brejais da lascivia, o vagalume da noite tenebrosa da vida humana, transviada de Deus !

A moda, meu amigo, a sirena que estardalha pelas ruas, pelos salões, pelos teatros por toda a parte o fumo, o transitório, o evanescente. o indeciso, o inconstante, o agora-se-usa-assim, o agora-já-não-se-usa-assim, a abdicação da vergonha, do pejo, do bom senso, a mesma loucura, a ruina, a lama, o nada !

- Basta, minha divina Maricota, basta ! Felizmente que a sátira fica apenas entre nós, emparedada no estreito âmbito deste quarto. Com esses conceitos, no século passado toma-te-iam por louca.

- A nossa sociedade é a sociedade de todos os tempos. Hoje mesmo em dia, com toda independência da moda, ainda me trancariam num hospício de doidos por emitir publicamente tais juízos.

- Sabes agora tu, Maricota, donde nasceu esse milagre contemporâneo da mulher independente da moda ?

- Dizes bem, milagre ; porque não é sem milagre que a mulher abdicaria dessa qualidade que lhe é inata, a futilidade. Porém as mulheres do século vigente, mais sábias que suas avoengas dos séculos transatos, admitindo todas as modas, acabaram por não admitir nenhuma. Até bem pouco tempo era a moda para o homem um flagelo, e para a mulher uma escravidão. Era-lhe a moda um algoz terrível, que se repimpava chibante numa carroça pesada de joias e de sedas, ornada de guisos e de cascalhos brilhantes, a chicotear e a tanger ferozmente a mísera parelha que a tirava, o homem e a mulher. Foi esse o jugo de que mais custou se libertar a espécie humana.

- Mas o movimento libertador foi exclusivamente feminino.

- Não é bem exato ; foi atizado pelo clero.

- Que se aproveitou do feminismo ...

- Do verdadeiro feminismo, que pugna pela dignidade da mulher.

- A mulher quis emancipar-se de tudo e emancipou-se da moda.

O lar era-lhe cárcere ...

- E as que abandonaram o lar eram levadas às espeluncas do cume pela mão enluvada da moda.

- A ignorância era-lhe treva ...

- E foi efetivamente por cultivar a ciência de Deus, que a santificou, e a moral cristã que a exalçou ao trono da virtude, que ela arrojou de si a cascalhada de modas malsãs.

- O movimento partiu das operárias, das artistas.

das soldadas, das marinheiras, das condutoras de carros, das aeronautas, das estafetas, da mulher pobre, da mulher trabalho, da mulher luta, da mulher sacrifício, da mulher homem.

- Da mulher, dize antes. A mulher homem é um monstro, em tudo semelhante, embora noutra polo, á melindrosa do século passado que cortava o cabelo á *la homine*, essa mulher boneca, mulher catarineta, mulher palha, mulher mola, que só sabia dizer para o povo, *estou bonita ?*

238 - Em Londres, como em Berlim, em Nova Iorque, como em Paris, nos grandes centros de manufatura como nos pequenos empórios do trabalho, na agricultura e na escola, foram pululando seres franzinos, delicados, formosos, vestidos de blusas e calções, com as túbias encouraçadas de perneiras, os cabelos cortados e coroados de um barrete, como se foram mancebos de quinze anos. As ricas, as ociosas, as futeis, as parasitas da sociedade conservaram-se ainda escravas. Os ricos armazens das grandes metropoles, influenciados pelo maçonismo judaico, no afan de abaterem os étnicos pelo despudoramento de suas mulheres derramavam no interior dos lares abastados as revistas das modas mais absenas, mais antigienicas, mas extravagantes. A'a suas vidraças pimpavam manequins imoralissimos de fantasias de baile, costumes de passeio e vestuários de visita pouco ou nada sérios. Eta a nudez disfarçada, peor que a nudez núa, porque era a nudez curiosidade. O requinte da futilidade e da folia chegou a ponto de se fazerem parques publicos exposições de caixeiras, que ali iam para mostrar os gestos, os requebros, os trejeitos que se deviam dar ao corpo para cada vestuario. A formosura da mulher era então sepultada no monturo da moda. O pudor da mulher apodrecia de falta de tecido para cobrir-lhes as carnes. A saúde da mulher degenerava com os caprichos doentios das modistas.

- Olha, Miguelzinho, que levas ás nuvens a mulher pobre, a mulher operaria, a mulher braço de homem, enquanto que a reação não partiu dessa mulher como mulher,

senão do trabalho como trabalho, da necessidade como necessidade, da virilidade com que ellas tinham de encontrar as mais prementes circunstancias. Ellas não teem absolutamente o merito da conquista. O sexo fraco, ou diga-se, o belo sexo, sempre cultivou o enfeite, a graça, a futil e o superfluo. Porque então abdicaria do que lhe é ingênito ao menos pela longa tara de um amontoado de gerações ? Porque repudiaria as cores brilhantes, as galas aparatosas ? Não seria bôa politica na vida da mulher. A mulher, de instinto, reconhece a sua inferioridade de força fisica e quase sempre força intelectual com relação aos homens. Os casos contrarios são exceções que confirmam a regra. Ela sempre precisou e hade precisar, como eu, do seu companheiro que só por uma aberração deixará de ser o chefe da familia. Por isso, reconhecendo quanto o homem é atraído pelo belo, enfeita-se, e enfeitando-se domina-o. Quando o homem sai do ambito das aspirações da mulher, ela perde senso de moda. E' o caso da freira. Toda absorta pela beleza espiritual, despreza os atavios da materia, a moda. Toda a questão está pois no saber arrear-se, usar da moda com modo.

- Seja como fôr, romperam-se os grilhões da moda.

- Não é tanto assim, Miguelzinho. As mulheres de trabalho, porem em casa vestem-se como as ricas, que ostentam por toda a parte os extravagantes vestuarios dos costumes ditos nacionais.

- Acho-as muito elegantes assim. A gente anda pela rua e se não cansa a vista de ver aqui um bando de formosas ciganas, ali os trajos das filhas da Zeelandia com suas graciosas toucas de renda e saias amplas de veludo negro com corpete, o que dá a idéa de um pedúnculo floral sobre que desabrocha a faca corada de uma donzela, acolá a faceirice da alsaciana, sobre cuja cabeça se expande a grande borboleta negra de um laço de fita preta, adeante marcha a gueixa em seus quimões engraçados, enfeitados de crisântemos, a tcheco-slovaca, a boemia, a

hungara, a componêsa das Ardenas, a egipcia do tempo dos Faraós, a judia contemporânea de Ester, os costumes persas, tibetanos, siameses, arabes, circassianos, e finalmente a matuta do nordeste de saia e casaco com a cabeça enfeitada de cravos. E tudo isso numa variedade encantadora de linhas num planejamento rico onde está a higiene, reina a moral e alardeia a....

- Mais quixotesca beleza, concluiu d. Maricota.

- Oh ! Maricota, tu te saís com cada uma ...

- Que parece duas, dizia assim meu avô. Olha ; ainda ontem, eu vi uma gorducha vestida de esquimó.

- Achaste-a formosa ? disse Miguelzinho rindo.

- Formosíssima ! Baixa, grossa, redonda como uma esfera!

- E' um ideal de beleza ; calo-me.

- Mas para acabar com a questão, como hoje cada um veste como bem quer e como pode muito lucraram as bolsas dos pais e dos esposos.

- Papai ! ...

- Que tens. Evaldo ?

- Que é que sentes, heim ?

- Nada, gostei tanto da conversa !

- Não, fechei os olhos para refletir melhor no que o papai conversava com a mamãe.

240

- Interessaste-te então no que dizíamos ? inquiriu d. Maricota, tomando-lhe o pulso e afagando-lhe a fronte. Não tem mais febre e a pele está fresca.

- Graças a Deus, que nada de inconveniente dissemos deante de nosso filho.

- Soberbo o que disse o papai e a mamãe sobre as vestes sacerdotais !

- O que dissemos é que é soberbo, ou as próprias vestes sacerdotais ? insinuou Miguelzinho.

- As vestes dos sacerdotes. Se acho tão bonito quando padre Eustaquio está no altar, o que será um cardeal ou um papa ... Eu só queria ser também padre.

- Fantasias, Evaldo ! apartou Miguelzinho.

- Se as vestes dos padres são fantasias, respondeu Evaldo contornando e contorcendo as palavras de seu pai, que se dizer então das das modistas ?

- Que são avanhas, meu filho, concluiu d. Maricota.

- Quando eu me levantar posso ir então para o Seminário, meu papaizinho ?

- Deus me defenda ! Antes ver-te morto.

- Oh ! meu querido papaizinho, quem não tem fantasia neste mundo ?!

- Nada, Evaldo, não me trates desse assunto.

- Que preconceito esse teu, Miguelzinho ! ... Entretanto querias teu filho spiritista ...

- Não é como pensas, Maricota. Levei-o á sessão para ele conhecer tudo quanto é de religião. Depois usará da que bem lhe aprouver.

- Meu filho não hade andar por todos os alcouces da miseria para conhecer o mundo como é, e depois seguir o que bem lhe parecer, não é exáto ?

- Certamente porque se corromperia com a experiencia.

- Quanto basta.

- Pois então, papai ...

- Caluda ! fez Miguelzinho, pondo a mão carinhosamente na boca de Evaldo. Nós não temos recursos para te fazer padre ; e, que os tiveramos, não iriamos fazer um sacrificio enorme, gastarmos uma fortuna, para nutrirmos uma fantasia de te ver vestido com brocados de ouro e prata, alvas de linho e custosas rendas, que só servem para disfarçar grandes pobretões, como são quase todos os padres.

- Até que afinal, repartiu d. Maricota, já compreendes que os padres não são grandes gosadores, senão grandes pobretões.

- Meu filho, continuou Miguelzinho, nesse mundo o que val é ouro! Que é que tem o padre Eustaquio? Coitado ! Vivia a bem dizer ás esmolas de d. Alzira.

- Tinha muito mais do que nós. Porque das mesmas esmolas que recebia daquela santa senhora e de mais pes-

soas da capelania, ele mais de uma vez te acudiu a ti e a muitos outros.

- É bem certo, Maricota, mas não acho bom a gente viver os dias, á espera da caridade alheia.

- A esmola que se dá ao clero tem um carater muito diferente da que se da aí a um pobre qualquer. Ao mendigo a esmola do clerigo é sobretudo um áto de justiça. Quem serve ao altar, deve viver do altar, diz S. Paulo. Por justiça e piedade somos todos cristãos obrigados a concorrer para o culto ; e como teriamos sem sacerdotes ? Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus; o imposto ao estado e a dizima a Cristo.

- Prouvera a Deus que o Estado só nos cobrasse tanto quanto costumamos dar a Igreja ...

- Papai, não quero ser padre pela fantasia de vestir roupa bonita.

- Podes vesti-las muito mais lindas sem seres padre.

- Tenho outro interesse em ser padre.

- Viveres no meio dos grandes ? ... Tôlo! Que desgraçados são tantas vezes os grandes.

- Acho melhor e mais serena a companhia dos pobres. Padre pobre, como é belo ! E' a vida do padre Eustaquio.

Sorpreeemdeu-lhes a discussão uma sobrenatural orquestra em que trinavam e gemiam doçuras de uma angelica sublimidade.

- Que instrumentos mágicos harmoniosos são aquelles, Migeulzinho mais suaves, muito mais harmoniosos que o estradivario ou órgão ? Nunca os ouvi tão belos !

- E' o canto dos sinos desafiando as sirenas, mamãe !

- Tu nunca ouviste aquellas harmonias, meu filho, repartiu Migeulzinho. E' o fotofonio da Sociedade de Fotofonia Universal, que está funcionando. Um dia vou levar-te para vê-lo. E' um aparelho que recebe as ondas luminosas do sol, da lua, das estrelas, das auroras polares,

de onde destacam as vibrações sonoras, que produzem aquela musica.

- E ha som na luz, papai ?

- O som não tem existencia objetiva, senão como puras vibrações dos corpos chamados por isso sonoros. Quando tais vibrações são apanhadas por nosso aparelho auditivo, então impressionados por tais vibrações temos a sensação do que chamamos som. Como a luz é um corpo vibrátil está claro que ele contem principio que produza a sensação do som. O nosso aparelho auditivo não tem todavia capacidade de por si apanhar tais vibrações. Mas agora inventaram um aparelho que aumenta de tal sorte as vibrações luminosas que as tornam perceptivas aos nossos ouvidos.

- Esplendido, papai ! Quem diria que ha musica na luz das estrelas, do sol, da lua, das auroras boreais ?

- Quando houver tempestades ou erupções vulcanicas será interessante ouvir a fotofonia. E' uma pancadaria formidavel de bombos, pratos, maracás ... produzida pelos trovões acompanhados das marciais clarinetadas dos relampagos com as marimbadas chuvas abundantes.

- Está anunciado que a cidade amanhã será colhida nas ondas sonoras da iluminação eletrica da Exposição de Fotonía que abre ás quinze horas em Estrasburgo.

- Não acredito que seja tão formosa a musica eletrica como esta que estamos ouvindo, a musica das auroras polares !

- E' tambem formosa, assim o dizem, pela disposição que deram ás lampadas policromaticas, que emitem, cada uma, o seu timbre e tonalidade especial.

- Mas a altura e intensidade devem ser diferentes, ponderou d. Maricota.

- Está visto. Todas as qualidades dos sons são aqui diferentes. Tão diversas como o timbre de uma flauta do de um oboé. Dizem que em certos aparelhos a luz atravessa prismas de *Flint-glass* ou globos de cristal cheios de agua dando á musica uma suavidade divina.



- Então, amanhã, não é, papai, vamos ouvir a musica das lampadas eletricas ?

- Sim ; amanhã ás quinze horas, que e quando acendem a Exposição Estrasburgense, Por isso vai dormir, que depois do almoço vamos descer para o rês do arranha-céu para lá ouvirmos e vermos no radioscopio a harpa magica.

- Como é isso ?

- Em ponto pequeno a mesma coisa com que a Sociedade de Fotofonía está agora divertindo Pernambuco em peso. Em vez de cordas ha algumas series de lampadas de cores e intensidades luminosas diferentes, que apagam ou acendem segundo o capricho do artista que toca num teclado para produzir a musica mais fantastica, que já perceberam ouças humanas.

- Está já sabida a historia, sr. Evaldo, vai dormir. De fantasias basta, rematou d. Maricota.

Calam-se todos, e Evaldo fechou os olhos e adormeceu acalentado por aqueles dulcissimos acordes, que de certo muito lhe acalmaram os nervos no devaneio sutil de um mundo côm de rosa.

## DEVANEIO DULCIAMARO

### ISOLAMENTO

Fazendo já tres anos de chegados a Pernambuco, era natural que se tivesse alargado o circulo de relações para d. Maricota e sua família. Tal porém não aconteceu. Com ela realizou-se,, dia a dia, desde que saíram da Usina, o paradoxo, não raro do que sucede aos que vivem nas grandes cidades, de se verem sós no meio da multidão, solidão muito mais solitária, ermo muito mais triste do que o dos anacoretas e eremitas, que vivem para o deserto gosando lá do convivio eloquentemente mudo da natureza bravia.

245

Longe do Argel mundano, o monge ouve lá a harmonia das esferas que percorrem em cõro as estradas silenciosas dos espaços interminos, escuta o indefinido ciciar da brisa, quando afaga como irrequieta criança as faces rugosas dos penhascos, ou testifica as bofetadas atrevidas que o raio desanda sobre os gigantes seculares as selvas, poesia de imenso gôso, aluarada á noite com as profundas contemplações da prece, ou resplendente de gloria, como um poema matutino em que se celebra a alma na transfiguração do amor, em que se enleva ao seio eterno de Deus.

A solidão da cidade é a solidão a que se condena o pobre atrevido, que entra num banquete onde não é chamado ; a solidão do homem que resvala pelos lodosos e escorregadios declives do crime aos tetricos reinos da miseria e da morte, aos apupos, ás vaias de mil seres humanos, trasgos de todas as cores, de todos os topetes, que infernalmente lhe gritam : - **Mitte te deorsum !**

A solidão do deserto é a solidão da virtude, luz, graça, que intensamente irradia dos profundos arcanos da Eternidade, numa ascensão triunfal numa apoteose sublime, invadindo, degrau da perfectibilidade humana, a escada completa de Jacob, que vai da terra ao céu, do homem a Deus, aos aplausos ridentes de arcanjos imortais : **Sursum corda !**

A solidão da cidade é a solidão da alma encarcerada pela indiferença daqueles que a não conhecem, calcada ao desprezo daqueles que culminam ás torres das pompas humanas, amordaçada pela insegurança que lhe não permite fala nem mesmo a companheiros de trabalho, que são fingidos, ingratos, traiçoeiros.

246 A solidão do deserto é a propria existencia, esquecida do mundo, mas ressuscitada pelas carcais mornas da natureza virgem ; a solidão da cidade é a morte amortalhada e fria entre os sudarios de gelados amplexos e regelados beijos de uma caterva inumeravel de Judas amigos.

A alma no deserto não é uma alienigena. Compreende o que lhe dizem as arvores quando farfalham e os riachos quando murmuram, as aves quando trinam e os morcegos quando triçam ; a coruja quando chirreia e a serpente quando silva ; o trovão quando rebôa ou o raio quando maduram. Porque a solidão do deserto é a liberdade selvagem dos chapadões escampos.

Todos os sons, todos os sussurros, todos os cochichos, todos os rumores inarticulados aos ouvidos inexpertos da alma urbana, são os fonemas sublimes da língua do retiro, que só o monje sabe falar. As vozes do deserto são

o evangelho do amor pregado pelo proprio Deus, embuçado no manto misterioso da criação.

O eremita da cidade é um estrangeiro em sua propria terra. Ouve falar a sua lingua e não a entende. Vê os de sua raça e tem receio deles. Porque a lingua da cidade tem um estilo estranho; os vocabulos mentem, as frases caluniam. **O Magnum Lexicon** desse idioma é rico de expressões classicas no genero. **ainda que todos te abandonem eu não te abandonarei** lá significa **nunca vi este homem, nunca o conheci** ; - **prometo respeitar a integridade de teu paiz** quer dizer **estes pergaminhos são retalhos de papel** ; - **eu te amo, eu te adoro, ó dama divina, está por quero explorar-te os teus haveres, os teus dotes, a tua formosura** ; - **tu és um espirito privilegiado, um estadista eminente, val tanto quanto és um ladravaz, um tافل** ; - **o espirito a alma humana tomam o sentido de substancia eterea, materia sutil**. Até o inefabilissimo nome de Deus lá no dicionário da cidade, no dicionário da mentira, tem – *horribile dictu* ! – a mesmissima significação que a de **mundo, diabo, carne** !

Dicionario estranho, dicionário novíssimo e dicionário velho é esse alfarrábio de que nem Macchiavelli na politica, nem Lucrecio na filosofia, nem Voltaire na historia, nem Lutero na religião podem arrogar-se a honra de compositores.

Esse estilo que se fala no comercio, essa linguagem que se usa nas embaixadas, essa gramatica que se pratica na diplomacia, nas universidades, nos tribunais, nas camaras e nos senados, como em todas as grandes rodas urbanas é a língua, o vocabulário, a mesmíssima gramatica de que se serviu o anjo rebelde em suas confabulações com a nossa protoavoenga do paraiso terreal, **se comerdes deste fruto sereis deuses imortais**, e mais tarde com inaudito atrevimento ao próprio Senhor do céu e da terra, **tudo isto te darei se prostrado me adorares** !

Feliz para o eremita do deserto não ouvir tal lingua, não ter oportunidade de aprendê-la.

D. Maricota porém tivera muita ocasião de ouví-la

falar pelos Viegas e Januários da Usina. Seus ouvidos eram porém duros para aqueles sons extravagantes, que só gargantas do inferno seriam capazes de emití-los. E assim ficou refrataria a não só não pronunciá-los, como a que seu Evaldo os aprendesse. E esse foi pois o motivo de seu grande isolamento na urbaníssima cidade de Pernambuco. Não sabia falar a língua culta da cidade.

---

O primeiro golpe, golpe profundo, que começou a isolar a alma de d. Maricota foi esta cartinha que, uma sobretarde, dois anos após a sua chegada, recebeu inesperadamente pelo correio.

Minha mui querida Maricota.

31 – XII-2034.

248

De manhã em deante não me chamarás mais Alzira, senão soror Filomena.

Aqui mesmo no Palacio da Tacaruna, agora convertido em mosteiro, farei pelas 6 horas, os meus primeiros votos com vinte e duas companheiras, que comigo abandonam o mundo.

Vem, peço-te que as tuas fervorosas preces muito nos auxiliarão a perseverar nesta estrada certa e reta que vai ter ao Paraiso. Adeus.

Abraça o inocente Evaldo e recomenda-me ao teu espôso.

**Alzira.**

A carta, d. Maricota leu, releu e tornou a ler já quase sem fazer atenção no que lia, de tão profundamente absorta em esgarrados pensamentos. Tirou afinal do intimo do peito um desafogado suspiro e exclamou : - Tens razão, minha amiga !

- Que é que ha ? indagou Miguelzinho.  
- Mas uma que ouve a voz do sino. Lê.  
- A semana passada estivemos com d. Alzira ; ela nada disse, observou Miguelzinho.

- Eu reparei que estavam arrancando certos ornatos livres do Palacio, porém supús que Alzira agora viuva ....

- Isto para nós é um golpe, Maricota !

- Golpe porque estamos acostumados a ouvir os brados das sirenas, meu amigo.

- Era a unica proteção com que contávamos aqui na cidade. Já agora ela, com os votos de pobreza e obediencia, que poderá fazer por nós ?

- Não sejamos egoistas, Miguelzinho. Deixemo-la seguir as inspirações de sua alma. Será feliz. Seja esse o nosso voto, se somos seus amigos.

Miguelzinho abaixou a cabeça e viu-se que as lagrimas lhe escorriam incontidas pela face.

- Ora essa, meu amigo ! Deus, que no-la providenciou, não nos faltar-a em outros lances desesperados da vida.

No dia seguinte, pela manhã, as primeiras pessôas que chegavam ao ex-palacio e então convento das Ursulinas da Tacaruna eram Miguelzinho com sua familia.

Bem diferentes eram os sentires daquela trindade, pai, mãe e filho, quando o órgão rompeu em harmonias anjelicadas o **Veni, Sponsa Christi, e**, no meio de um côro de virgens, surgiu, envolta em um véu de singular misticismo, o vulto sereno, esbelto e imponente da viúva Ernesto Campos.

Miguelzinho foi tomado de um panico de admiração e respeito, e, quase fora de si, misturando como um sonho o presente com o passado, não se conteve de voltar para d. Maricota e segredar-lhe ao ouvido essa idéa que lhe tumultuava no espirito, - naquela transfiguração de santa ela leva as miserias do marido ! E sentindo a pressão da mão da esposa que o acenava, chorava a fio. Ele não podia conformar-se com a dor de perder tão generosa e gentil protetora. É que a sua alma estava afinada pelo

diaspensão zoante da sirena. E assim para ele d. Alzira ia morrer. Perder a liberdade, que **capitis diminutio** ! pensava. E completamente distraído da cena que tinha deante dos olhos ele deixou-se esladroar em pensamentos que falassem mais de si.

- A minha vida no comercio vai ser mais desamparada do que foi na industria. O que o marido lá me roubou, ela mo restituiu a juros pingues. Agora, ela já não tem mais nada na casa onde estou empregado. De toda sua riqueza fez patrimonio para esta instituição de que se constitue abadessa. Se eu perder o pé na vida, não será uma freira adstrita aos rigores da clausura, á pobreza e á obediencia, que me hade salvar.

Não era pois, está claro, por d. Alzira que Miguelzinho ali chorava. Os seus gemidos tinham um fundo economico. Eram gemidos de sirenas !

250 D. Maricota, sempre fiel ás notas eumolpicas do campanario, enlevada no fervor da prece, deixava-se tomar por uma pontinha de inveja, que nela era a virtude de, gosando a felicidade de sua amiga, poder também ela servir-lhe de companhia naquela vida erma do retiro.

Evaldo, em quem germinavam já os primeiros rebentos da vocação religiosa, admirava a virtude da viúva e emulava-se nas camadas profundas do subconsciente por seguir aqueles passos que alcandoram a alma á vida contemplativa, ao estado mais aprimorado da perfeição.

Calado, de olhos fitos no desempenho daquele cerimonial, que causa dó ao mundo e prazer aos anjos, não se pode dizer que se distraía, porque estava atento ; nem que meditava, porque se não sabe o que ; nem mesmo que rezava, porque nem abria o seu livro de orações, nem desfiava as contas do seu Rosarinho de madreperolas, que padre Eustaquio lhe havia dado no dia de sua primeira comunhão.

Concretiza-se num querubim estático de amor e reconhecimento ao pé de sai Nossa Senhora.

No vasto refeitório do mosteiro, agora transmutado das antigas pompas de seu primeiro senhorio para a so-

briedade de seu novo destino, a família de Miguelzinho deparou com o acadêmico de medicina Manuel Kardec. D. Maricota não pôde sustentar um inconstante oh ! de grande surpresa.

- Dr. Manuel Kardec ! ... oh ! ...

- Está espantada de ver-me aqui ? reparou o filho médico do sr.

Januario.

- Certamente estou.

- Porque a minha família é espiritista, não é verdade ?

- Muito certo que sim.

- Mas hoje já não o sou.

- Converteu-se ?

- Graças ao padre Eustaquio e muitas maiores a Deus., que me poupou do castigo tremendo com que foi fulminada a minha família pelos erros de meu pai.

- Alguma desgraça ? inquiriu sofrego Miguelzinho.

- Inumeras, meu amigo.

- Minha irmã Ana ...

- Não precisa continuar, sabemos da tragedia.

- Lia . . .

- Morrei também ? interrompeu Miguelzinho.

- Antes lhe houvera sucedido o que a Anna. Em Sentocé fugiu de casa com um avião.

- E porque não casam ?

- Ninguém sabe do paradeiro deles.

- Emilia, chegando aqui, disse precisava ganhar a vida e contratou-se em um circo de cavalinhos. Maria como tem uma vozinha delicada, canta nos arcaicos cafés concertos. E Allan alugou-se a uma cervejaria para fazer reclamos bebendo pelo cafés e angariando comparsas que deem extração á bebida. Está tudo perdido.

- E seu pai ?

- Meus pais morreram ambos.

- Soubemos da morte de d. Clara, porém do sr. Januario . . .

- Ah, meus amigos ! O caso de meu pai ainda foi mais tragico. Depois dos desvarios de Lia, meu pai, tratou



de invocar espíritos mais espíritos para saber do paradeiro da filha. Vinham magotes de diabos de todos os calibres, assim dizia ele, espíritos zombeteiros, espíritos máus, espíritos canalhas, que gastavam o tempo em zingar do velho. Impotente para trazer aparecer um espírito serio, bom e sadio que lhe desse o fio da meada, mandou chamar um outro médium de Sentocé, um tal Teodoro Roxo, companheiro de catimbó da Tia Urraca, que lhe aconselhou de invocar os espíritos dos soldados de policia e dos **detectives**. Vieram farandulas daquela especie, que nada o adeantaram. Eram porém fecundos em promessas. Iriam escardichar as cidades, remexer céus e terras. Hevriam de atinar com o paradeiro dos evadidos. Afinal veio um tal Jeam Valjean e um Sherlock Holmes . . .

- Mas esses são personagens de novelas de Victor Hugo e Conan Doyle, atalhou d. Maricota.

- Não sei, diziam-se tais e advertiram ao velho que ao cabo de quinze dias dariam vivos ou mortos, conta de sua filha com o aviador. Efetivamente, no fim daquele prazo, reuniu-se a sessão á meia noite, e no meio de luzes fosforicas que apareceram na sala o medium começou a tremer como de um ataque de **delirium tremens** e declarou que Lia e o aeronauta se haviam suicidado a dois, que suas ossadas estavam numa clareira da mata, tendo sido a carne devorada pelos urbús. No dia seguinte muito cedo, fomos ao lugar indicado, e relamente encontrámos duas ossadas humanas junto uma da outra. Meu pai ficou convicto da historia, porém eu me não dei por satisfeito. Pus-me a examinar detidamente e reconheci que se tratava das ossadas antigas de dois homens, que a ossada que o medium dizia ser de minha irmã tinha ossos da bacia muito estreitos, os dentes cariados, as dimensões de altura davam um metro e setenta e seis, e as falanges dos pés e das mãos eram muito grandes. Nem eu precisava ir adeante. Minha irmã tem os dentes perfeitos, é de um metro e cincoenta e cinco, com as mãos e os pés pequenos e a bacia muito ampla. Chamei a atenção de meu pai para essas circunstancias, porém ele estava obstinado. Invo-

cou a filha e o aviador, e amigos declararam que se tinham mutuamente assassinado a tiro de revolver, e que seus espíritos ainda adejavam pela mata presos áquelas ossadas por uma especie de cordão umbilical. Fiz ver a meu pai que aquelas idéas eram inconcebíveis, mas ele zangou-se comigo dizendo que eu me havia profanado com as leituras impias dos livros e revistas que o padre me havia emprestado, e com conversas com católicos e papistas. De sobejo que lhe não pretendesse dissuadir de suas crenças e ciências, que me expulsaria de casa. Muito compadecido da cegueira de meu pobre velho tive que me calar e gemer diante da decadência mental que nele se operava dia a dia. Por vezes deixava subitamente a mesa dizendo que a via alongar-se tanto como os dois trilhos de uma longa estrada de ferro, outras desaparecia e, depois de muito procurar, iamos encontra-lo, coitado ! escondido debaixo da cama com medo de uns espíritos maus que lhe estavam fazendo esgares e mostrando os dentes, em figura de cavalo. De uma feita se acocorou atrás do fogão, armado de um trinche-te, gritando quem vier cá eu mato ! Foi difícil tirá-lo dali. Ele dizia que via por toda parte os espíritos ensanguentados das filhas, a carcaça da mulher, uma vaca bravia que o atormentava dia e noite com os cornos e uma cascavel, que se lhe escondia dentro da algibeira. Vi que era impossível continuar tal estado de coisas, e não foi sem revoltas e violências que pude vencer uma sucia de médiuns, que nos invadiam a casa, dia e noite, não deixando o meu velho repousar.

- Queira desculpar-me, doutor, mas v. s. também teve culpa nisso. Porque não foi mais enérgico para pôr esses socarrões todos no olho da rua ? aparteou Miguelzinho.

- Tem razão, sr. Miguelzinho ; porém chegavam á socanra, com aparência de gente muito boa, fazendo-nos mesmo favores não pequenos. Depois é que arrancavam a máscara e ficavam todos contra mim. Auxiliados e apoiados pelo pessoal de casa e mais parentes, e mais ainda o dr. Viegas como poderia eu expulsá-los?

- E' verdade, disse d. Maricota maliciosamente, referindo-se ao seu marido, andorinha só não faz verão.

E logo, mudando o fio da conversa :

- O senhor não soube de alguma noticia do padre Eustaquio ?

- Toda a gente supunha que ele tinha morrido queimado na Igreja. Mas os voadores que vieram da Barra investigar o incêndio da Usina, foram unanimes em informar-nos que ele estava em Chique-Chique.

- Tenho noticias muito mais recentes, acrescentou Soror Filomena, que acompanhava d. Maricota.

- Sim ?

- Mas vamos ouvir o resto desta historia, que depois lhe falarei do padre Eustaquio.

- Radiografei para o padre, continuou Manuel Kardec, no dia seguinte recebi um helicogiro com uma carta, que me entregou o aviador. Com promessas de que naquele aparelho iria ver as filhas mortas, de que o aviador era um espirito bom que o levaria em bom caminho meu pai deixou-se guindar para dentro do aparelho. Porem mal pôs os pés a bordo encheu-se de desconfiança, zangou-se comigo, quis atirar-me ao solo, descompôs-me, desconheceu-me, ameaçou-me ; mas eu dominei-o, porque ele estava muito fraco de não dormir e não se alimentar convenientemente semanas inteiras. Finalmente aterrámos no Asilo da Tamarineira, onde sob a influencia das mais tetricas alucinações, veio a falecer enforcado, á noite, com um laço dado com o lençol na cabeceira da propria cama.

254

- Oh ! disse espantado Miguelzinho, na Tamarineira ainda vigora o velho sistema de camas lençóis para loucos ?

- Eu não sabía, respondeu o dr. Manuel Kardec, que as coisas na Tamarineira ainda corriam tão atrasadas.

- Tanta fama ! fez d. Maricota.

- Pois é, continuou o doutor, se me tivessem avisado eu teria levado o meu pobre pai para o mordenissimo Asilo

do Pisa. Com o sistema de aposentos, que lá se adotam para os loucos, é inteiramente impossível um suicídio.

- E o senhor agora está só ? perguntou Miguelzinho.

- Só, ilhado e triste, sem família e sem amigos, e ainda dando graças a Deus que me livrou da ruína do espiritismo.

- E por que não se casa ? insinuou d. Maricota.

- **Vae soli !** aparteou Miguelzinho.

- E' muito cêdo.

E por se lhe ter ferido um assunto que lhe não era simpático, pelo momento ao menos, voltando-se para Soror Filomena, - que notícias dá-me a reverenda mãe do nosso estremecido padre Eustaquio ?

- Ontem recebi um radiograma dele em Chique-Chique, de onde é vigário.

- Feliz Chique-Chique ! murmurou Evaldo.

- E as filhas do Zé da Mouca onde estão ?

- Ambas na Baía, informou soror Filomena. Rosinha está no Asilo do Bom Pastor e a Joaquina em casa de minha prima.

- E o Zé da Mouca ? perguntou Manuel Kardec.

- Ninguém sabe, respondeu soror Filomena.

- Padre Eustaquio deve saber, disse Miguelzinho.

- Isso lá não sei, nem nos importa o paradeiro daquele homem infeliz, terminou soror Filomena.

---

Separaram-se, cada um para o seu isolamento, porém de todos quem menos ficou isolado foi a monja.

A sua primeira fase de vida decorrerá-lhe muito mais de abandono e tristura no meio das sumptuosidades do Palácio das Ninfas que a segunda, obrigada a levantar-se às quatro da manhã, tocar o sino, cantar no côro, tomar disciplinas, jejuar e orar ininterruptamente e passear ao longo daqueles salões despídos do antigo esplendor, daqueles patios e jardins, donde como nos primeiros dias do cristianismo foram expulsos os faunos, as hamadriadas e toda a mais sorte de estatuas pagãs para cederem os nichos e pedestais aos Crucifixos e às Nossas-Senhoras.

Evaldo matriculou-se no Instituto Nordeste e nos seus primeiros dias escolares viu-se isolado no meio da turma muita de rapazes. Os bedéis, amanuenses, secretarios e mais pessoal de serviço pareceram-lhe insuportáveis. Pareciam ter o rei na barriga. Se muito timidamente ia informar-se de um ponto ou outro do regimento, respondiam-lhe secamente: - Isso é com o diretor, ou um aspero não sei.

Com o diretor só conseguiu falar nos tres primeiros anos seriados, quando o tinha na presidencia das bancas examinadoras para responder-lhes as questões. Era um fidalgo que só ia ao Instituto ao meio dia para o expediente e dar uma aula de um quarto de hora uma vez por mês, quando era obrigado a dar nove aulas por semana, exemplo esse que era seguido por mais uma meia duzia de mestres garantidos pela politica.

256 No primeiro bimestre sentiu o peso da indiferença, do escarneo e até mesmo de nauseabundas pilheiras, que lhe dirigiam colegas mal educados. O unico alivio que sentia eram as notas que recebias nas classes. Em portugûês, no primeiro dia, tirou oito pontos, bem que sua consciencia não lhe acusasse de erro, senão que havia passado um grande quinau em toda a classe, que não soube classificar o que da seguinte frase, *tenho esperança que Deus me ajudará*. No segundo por uma resposta acertada, tirou nove, e no terceiro dez. Daí por diante a sua média em portugûês, como nas outras cadeiras era sempre dez. Doeu-lhe muito, o que lhe pareceu injustiça do mestre de inglês, que lhe deitou quatro só porque errou a pronuncia de *age e lieutenant*, que ele pronunciou a francêsa, é ótima, mas nós estamos na aula de inglês, disse o mestre.

Com esse resultado ele foi subindo dia a dia na consideração de seus colegas, principalmente na de Rui de Castro, que se tornou seu particular e intimo amigo, e nas de seus mestres que, embora não lhe dessem importancia nas classes, eram todavia justos em concordarem no voto para ele figurar no quadro de honra e para o primeiro pre-

mio de medalha de ouro, tão disputados por filhos de ricos e altos políticos da situação. Era esse alias um meio com que os professores se safavam de pedidos e intrigas intestinas, por causa de filhos de lentes. O aluno premiado estava dispensado do exame, porem Evaldo nunca quis utilizar-se de semelhante privilegio.

Houve um professor, um professor de Ginastica, que era tambem um grande pedagogo, que á excessão de seus colegas de magisterio começou a interessar-se pelo rapaz, fazendo estudo acurado de suas capacidades intellectuais, fisicas e morais.

Evaldo era dotado de rara beleza plastica. Bem proporcionados de membros, habituado por seus pais desde a mais tenra infancia aos exercicios de ginastica, era uma verdadeira flor que começa a expandir. De pele assetinada e rosada, moreno marfim, olhos e cabelos negros, boca pequena e carminada, nariz grego, peito largo, pernas, tronco, braços, moldados numa perfeição classica. A formosura de Evaldo era uma formosura masculina, que, aureolada por uma consciencia de anjo e costumes de pureza, caldeados na alta educação moral recebida no lar e no presbyterio de S. Francisco, obrigava os seus colegas mais levianos a suspenderem suas conversas livres, quando deles se aproximava. Um dia ouvio-os dizer, calem a boca, que ai vem Evaldo.

- Que ! Evaldo não pode ouvi-los ?

- Tu és santo, não podes ouvir o que dizemos.

- Ora essa, meus amigos ! Quem é que, dentro no catolicismo, não pode ficar santo ? Para que dizem coisas que um colega não possa ouvir ? Se não é decente que um colega os possa ouvir, como será se Deus nos vê e escuta a todos por toda a parte ?

- Vê, disse um colega para outro, tudo em Evaldo é religião.

- Eu só queria ser assim.

Basta dizer que com o seu procedimento Evaldo corrigiu muito rapaz perdido.

Quando algum não o estimava pela sua pureza, admi-

rava-o pelo seu saber e todos queriam estar junto dele para aprender alguma coisa.

Rui costumava dizer que pelo seu procedimento ele ensinava mais que muito mestre do Instituto, que, embriagando-se com *gigi*, davam pessimo exemplo a seus alunos.

- V. é muito religioso, não é, Evaldo ? perguntou-lhe um dia Rui de Castro.

- Não tanto quanto deveria sê-lo.

- Pois, meu amigo, confesso-lhe, não sinto o mínimo atrativo pela religião.

- Porque ? Pensa que religião é alguma opera que a gente vai assistir segundo o valor artistico ?

- Eu sei que não é.

- E que apenas v. sobre religião ?

- Eu não penso nada.

- Rui, vamos amanhã domingo ouvir a missa ? E' ás 8 horas, na Catedral de Pernambuco. Depois assistirás a conferencia para rapazes, que lá faz o padre Leal.

- O padre não me conhece, vai botar-me para fora.

- Nem pense nisso ; vamos juntos e eu lhe apresentarei.

- Pois bem está dito.

258

Na manhã seguinte lá estava Rui de Castro a assistir a missa com seu companheiro.

Rui de Castro não se benzeu, nem se ajoelhou, no decurso da cerimonia.

Depois da missa Evaldo levou-o para o salão, onde se faziam as conferencias ; e, enquanto o padre não chegava, travou-se a conversa.

- Observei, Rui, que v. não sabe benzer-se, e que sofre de reumatismo, disse Evaldo num joco-serio.

- Porque me não ajoelhei ?

- Sim ; mas v. não é cristão ?

- Sou batizado e crismado.

- Hum ?! . . .

- Espanta-se? Faço mais ainda. Se não vou á missa aos domingos, é que lá em casa não ha costume disso ;

porem, em compensação, quando meus pais vão a alguma missa fúnebre, eu os acompanho e deito o meu cartãozinho também na salva.

- E' a isso que você chama de religião ? Ouvir missa de defunto na atitude em que você ouviu a de hoje e deitar cartões de visita á salva dos parentes do morto ?

- Para que mais ? Dizem meus pais que não precisam de mais para viver.

- Então convictos que os cartões significam alguma coisa em religião ?

- Mas eles não são dados na Igreja ?

- Isso é uma profanação inventada para se evitar outra maior de se darem pessoalmente pêsames dentro do templo. Na Igreja só se deve fazer aquilo que é do culto.

- Você bota lá o seu cartão, mas aposto que não responde ás tres Ave- Marias e a Rahinha do fim da missa.

- Eu não sei Salve Rainha.

- Seus pais estão convictos que as missas funebres velem de alguma coisa ?

- La isto penso que estão, do contrario eles não as frequentariam.

- Mas em que intenção eles vão á missa, de áto de religião ou de convenção social ?

- Das duas coisas juntas.

- Eles se ajoelham nessas missas ?

- Mamãe algumas vezes, papai nunca.

- Então para eles a missa funebre não passa de mera convenção da sociedade. São talvez menos que materialistas. Agora compreende-se porque filho de gato é gatinho, e você, meu Rui, não sabe ajoelhar-se na missa e fazer o sinal da cruz.

- Eu não lhe disse ontem que nada pensava de religião ? Porque você se espanta ?

- Pois você vai saber porque a gente se deve ajoelhar na missa e deve aprender a persignar-se. Aí vem o padre Leal, que lhe ensinará.

Padre Leal era um velhote gorducho, no primeiro pe-



riodo da calvicie, de altura mediana, moreno de olhos azues e cabelos castanhos alinhavados de cans, de labios finos e contorcidos nos angulos, o nariz socratico, e uma vasta erudição e uma fluencia encantadora de palavras, embora não fosse orador, diziam os entendidos. Por isso mesmo ele só pregava na catedral, o que fazia ininterruptamente todos os domingos e dias santos do ano, com as sextas-feiras de Quaresma e Advento e solenidades do Coração de Jesus e Mês Mariano. Porem o que é interessante, apesar desses entendidos dizerem constantemente que ele não tinha as qualidades oratorias, é que o templo só se enchia por sua causa. Se efetivamente ele não tinha as qualidades referidas, ou pelo timbre desgracioso de sua voz, ou por um certo defeito na lingua que o fazia pronunciar mal o l final, *como vitau, finau, por vital, final*, ou porque se não preocupava com os tropos e ornatos oratorios, dizendo a verdade na sua maior simplicidade, custasse o que custasse, o certo é que em suas homilias, sermões e conferencias, fazia um bem enorme. Sobrava-lhe a primeira e única qualidade para orador sacro de raça, unção.

260

Jamais o padre Leal abusou da tribuna sagrada para satisfazer a vaidade de certos sujeitos, que se fingem de amigos do clero, trabalhando pelo engrandecimento material das irmandades, mas que nem ouvem missa, nem se confessam por causa das uniões ilegais em que vivem.

Por esse mesmíssimo motivo mais de um magnata tramara junto ás autoridades ecclesiasticas para fazê-lo retirar do curato da Cathedral, onde funcionava poderosissima irmandade. O arcebispo era porém homem de costumada prudencia. Fazia do padre o mais atencioso conceito e não dava ouças aos poderosos impertinentes.

Ainda era tambem mal visto dos católicos politicos ou politicos católicos, porque recusara sempre fazer discursos chamados patriotico-religiosos após celebrações de missas campais numa atmosfera onde havia tudo de civismo e de amor á patria e nada de verdadeira devoção e amor a Deus.

- Nessas fetas, costumava dizer, nem lugar da patria adorar a Deus, fazem Deus ajoelhar deante da patria.

Era por isso acoimado de rigorista.

Entretanto ninguem mais patriota que esse humilde sacerdote. Fóra das horas de seus trabalhos na Catedral era de vê-lo no meio dos operarios e da gente pobre socorrida por ele e pelo confrades de S. Vicente de Paulo. Essa sua dedicação aos trabalhadores foi uma barreira formidavel ao **bolchevismo**.

Só havia um fito na vida do padre Leal, era o de servir a Deus. Evaldo bem cedo reconheceu nele um emulo do seu querido padrinho padre Eustaquio e, por isso, não só se fez seu grande amigo, como todos os domingos levava-lhe novos colegas do Instituto, sendo Rui o que para isso mais trabalho lhe dera.

Logo que o padre deu entrada na sala, Evaldo levantou-se com Rui, e com muita delicadeza e distinção abordou-o, beijando-lhe reverente a dextra.

- Rui de Castro, padre, apresento-lhe aqui o meu coega, estudante do terceiro ano seriado e meu particular amigo.

Rui cumprimentou mui civilmente o sacerdote.

- Deve ser um belo rapaz, disse o padre. Basta saber que é amigo de Evaldo.

- Um belo rapaz, bem vê v. revma. que o não sou, respondeu Rui, torcendo jocosamente o sentido do adjetivo belo. Sou alto, magro, espadaúdo, nariz de papagaio, pele sardente, cabelo de milho e olhos verdes diz-me o espelho se é que não me mente. Aqui está a beleza, senhor padre, do amigo de Evaldo. Simplesmente feio.

- Tem muito espirito, meu amigo, respondeu o padre. E' uma qualidade que faz muito ressaltar jovens da sua tempera.

- V. rvma. Está enganado, aparteou Evaldo rindo. Rui tem tudo, menos espirito. E' um materialista de marca, um ateu !

- Que saber dizer graças a Deus, não é Evaldo ? Está vendo, Rui, comentou o padre familiarizando-se com o

recenhegado. Seu amigo, se noutras coisas não, pelo menos nesta de torcer o sentido dos vocabulos, parece-se muito com você. Vejam só, de uma pancada um adultera o sentido de *belo* e o outro o do termo *espírito*. Bôa essa, meninos ! Ora, venham os dois para cá e sentem-se aqui junto ao padre velho.

- A vida interior, disse o padre, é a vida do espírito, como a vida exterior é a vida da materia. Nascer, nutrir-se, crescer, reproduzir-se são as funções vitais da materia. Depois morre o corpo. A vida do espírito tambem tem as mesmas funções que o corpo, e só perece com o pecado mortal. Pecados veniais são doenças mais ou menos graves, que, se não tratadas a tempo, conduzem á morte espiritual. A morte eterna nada mais é que a condenação eterna da alma achada morta depois da morte do corpo. Nasce o espírito quando deixa o pecado, seja original pelo batismo, seja o atual pela confissão sincera e humilde, ou por atos de caridade, ou de contrição perfeita por voto de confissão. Nutre-se quando se alimenta da oração, da meditação, ou quando recebe sacramentos. O pão da alma é a verdade, que faz luz na inteligencia, e a justiça, que reduz o carater ás linhas proporcionadas da beleza e orienta a vontade para a pratica constante da virtude. O pão super-substancial da alma é a Divina Eucaristia, que é o mesmo Verbo de Deus Incarnado, a mesma Verdade, o mesmo Amor, o bastão da alma peregrina, em busca da Patria Eterna. O sabio que medita sobre os enigmas do universo tem uma vida interior incompleta, senão alía aos seus estudos soberanos do aperfeiçoamento de suas qualidades morais. Não são incompatíveis no mesmo individuo a ciencia e a iniquidade. O diabo é sabio, e isso não o impede de ser um espírito corruto. Nada hade peor que a ciência a serviço de um mau carater. Os ladrões do século XXI são homens cultissimos. Conhecem admiravelmente as artes mecanicas, a filosofia e a psicologia experimental. Eletricidade, magnetismo, medicina, eles cultivam com carinho para vencerem na pessima estrada por onde enveredaram. E os há tão finos, tão espertos, tão ladinos,

que se fizeram politicos, para que a policia não os apanhasse pela gola. Administradores soberanos da fazenda publica, crearam gelatina nos dedos, que não podem levar a mão ao tesouro, sem que as cédulas e as moedas não lhes venham grudadas. (*Hilaridade*).

- Pretendo ser político, padre, aparteou Rui, porem juro que minhas unhas não crearão gelatinas.

- Todos juraram assim, mas depois é que se viu, aparteou um dos estudantes.

- Nós não temos motivo para duvidar de suas boas intenções, aparteou outro.

- Você repare no que estou dizendo, continuou o padre. Os ladrões modernos são mecanicos, medicos, quimicos, sabios, politicos são ladrões ?

De certo que não. Digno é o operario de sua recompensa.

- Está explicitado o incidente e voltemos a questão da vida espiritual. Cresce o espirito, quando pela vida interior ele aperfeiçoa os seus sentimentos, adquire mais conhecimentos, e medra na prática dos bons costumes. Crescer e reproduzir é uma consequência da vida, quer da materia, quer do espirito. O sacerdote é a mais fecunda paternidade, que enquanto a carne produz carne em numero determinado e tanto mais reduzido quanto mais nobre é o animal na escala zoologica, o espirito se reproduz em espíritos sem termo nem medida, arrancando almas á trevas da ignominia e da morte. Deus é o primeiro pai espiritrual e o sacerdocio é o veículo dessa força divina, que restitue á alma a sua verdadeira vida, a graça. O sacerdote por disposição divina faz almas santas, ou diga-se, almas vivas, e por essa geração misteriosa chama-se mui propriamente padre. Na vida espiritual ressurgir do pecado é nascer, e fazer renascer do Espirito Santo é gerar.

- Se a patria brasileira compreendesse bem isto, aparteou Evaldo, quantas famílias não se reorganizariam, quantas energias não se aproveitariam na prática do bem em prol da sociedade !

- Fazer dum ladrão um monge, dum assassino um anacoreta, dum lobo um pastor, é tudo, reparou Rui.

- Nem precisa tanto, meus filhos corrigiu o padre. Basta que faça de um bandido, um homem. É essa missão do sacerdote. Por hoje está acabada a conferencia e espero que os meus jovens amigos se não esqueçam de vir domingo proximo conversar com o velho padre, que muito mais tem a lhes dizer. Você vem, Rui ?

- Não quero prometer para não faltar, porém garanto ao padre que suas palavras calaram-me o espirito.

- Então, Rui, disse Evaldo já fora da catedral, acabou-se o reumatismo, que tão duros lhe faziam os joelhos ?

- Francamente, Evaldo, achei a tese maravilhosa. Parecia mesmo talhada para mim. Apenas ele defendeu certas idéas que transcendem os meus escassos, senão nulos, conhecimentos de religião.

- Pois eu, sem vaidade, digo-lhe, compreendi tudo.

- Pudera Evaldo ! Você bebeu a religião no leite materno e teve as instruções de padre Eustaquio. Que lhe faltava de mais para acompanhar o padre Leal no vôo alcandorado de sua doutrina ? Comigo não sucede o mesmo. Nem mesmo sei fazer o sinal da cruz. Nunca abri um catecismo. Todo esforço do padre foi de quem quisesse edificar em castelo no ar.

- Mas deste-lhe um aparte de quem estava compreendendo tudo.

- Sim, alguma coisa ; mas eu não tenho base. Lá em nossa casa todo o tempo é pouco para excursões, bailes, teatros, reuniões, desportos e jogos nos domingos e dias santificados. Minha mãe nunca me ensinou a rezar. Nem mesmo ha lá em casa uma imagem de Cristo ou da Virgem, ainda que fosse por motivo artistico. Ninguem fala de religião nem para bem nem para mal. A maxima, com que sempre estive de acordo, de meu pai e de minha mãe é que o homem não precisa de religião. Interessei-me pelo discurso do padre como interessar-me-ia por qualquer outra novidade dita por outro orador que falasse com igual eloquência e tivesse a mesma gentileza para comigo. Se

lá em casa ha alguma religião é a de se respeitara a crença alheia seja ela qual for.

- Que pena ! suspirou Evaldo.

- Entretanto, para não ficares tristes com o teu Rui, disse mudando carinhosamente o tratamento para a segunda do singular, fica sabendo que somos em casa todos batizados, que meus pais não querem saber de protestante, espiritistas, bolchevistas ou feiticeiros, e eu uso no pescoço esta medalha milagrosa que minha madrinha me deu no ano passado, dia do meu aniversario.

- Ainda bem. E tu acreditas nas virtudes da Virgem ?

- Nunca refelti nisso

- E como usas esta medalha ?

- Porque é uma joia belissima e é uma lembrança.

- Pois não sejam estes os únicos motivos para prezares a medalha.

O que te vai valer na vida nem será o ouro nem o brilhante, nem a recordação da madrinha, mas unicamente as graças que Maria Santissima vai dispensar-te por teres, embora materialmente, ao pescoço a sua efigie.

- Pois bem , Evaldo, eu vou ser-te agradavel. Eu agora vou venerar a Virgem porque mo pedes. Estou vendo mesmo que sua primeira graça para comigo foi a de deparar na vida com um companheiro e amigo como tu.

- Isto é sincero, Rui ?

- Não admito que duvides do teu amigo. Bem sabes que a meus irmãos eu não tenho a estima que a ti, e se não é do meu costume enganá-los, muito menos a ti.

- Muito obrigado, Rui. Desculpa-me a grossaria.

- Ah ! Eu sei que és sempre como Tomé.

- E tu sabes quem foi Tomé ?

- Não ; eu digo a frase porque a vejo constantemente repetida a respeito de pessoas que querem ver para crer.

Evaldo explicou-lhe o episodio de S. Tomé depois da Ressurreição do Salvador.

- Se um discipulo de Jesus Cristo foi tão fraco na fé,

que admira que eu, um pobre diabo, seja tão tardo para crer, que não tive quem me aclarasse na religião !

- Mas agora tens. Basta aos domingos irmos á Catedral.

- Não deixarei mais a escola.

- Está dito, Rui, adeus ! Vou tomar aquele onibo que vai para a Avenida da Tacaruna. Já é meio dia disse Evaldo apontando para o relógio do campanário da nova catedral pernambucana.

Inumeros onibos iam passando na imensa praça ajardinada, que no seculo passado era ocupada pela casebraria de zinco do então sórdido bairro de Afogados.

- Não, replicou Rui, dando com uma chavezinha num orifício praticado no encosto de um banco de marmore, que lhe estava junto. Tu vais almoçar comigo.

- Hoje é impossível, Rui, que mamãe espera por mim.

- Não seja essa a dificuldade. Vamos até lá, que estou certo que ela me dará a licença para levar-te até o Arraial.

- Pois bôa ocasião. É talvez o bairro mais belo de nossa urbe.

Em frente aos rapazes aterrou um helicógiro, que atendeu ao chamado.

Pronto, senhores, disse o aviador.

266

---

As 13 horas chegavam eles ao formosissimo Palacio Arabe, no Arraial, residencia dos multimilionarios progenitores de Rui de Castro.

Deante daquele soberbo monumento da arte mourisca, opulentissima vivenda de seu amigo. Evaldo não deixou de experimentar uns ricos de surpresa que, a contra gosto, fizeram escapar-lhe dos labios um oh ! quase inconciente.

O Palacio Arabe passava efetivamente por uma das mais resplandcentes glorias da arquitetura pernambucana.

No patio, passeavam turma de empregados vestidos a beduí esvalgando cavalos arábicos de puro sangue, camelos, e gericos ajaezados segundo o costume oriental.

Aqui e ali pela mesma esplanada, pontilhavam as tendas do deserto, cujas lonas arfantes, zebreadas de cores vistosas, tatalavam ao sopro do vento, que, por feliz desilusão não era o samiel.

Areadas, com seus coruchéus levantinos encimados de meias luas, abobadas, varandas, mosaicos, arabescos, tudo mostrava que o arquiteto de tão formosa joia era completamente senhor de arte.

Depois de atravessar uma espécie de arco triunfal, deparou Evaldo com uma dupla fila de pilares esgalgados, esbeltos, quase frageis, suportes de arcos estreitos, revestidos de uma intrincada renda de pedra, em que brincavam com o vermelho, o anil, o verde e o ouro os mais caprichosos labores.

Já dentro do fantástico claustro, a riqueza, o sonho, a poesia arábica dansavam e pulavam com os repuxos de água multicolorida e cheirosa que refrescava e perfumava o ambiente.

Evaldo tinha admirado o Palácio das Ninfas, embora, por muito criança, não lhe houvesse desvendado os segredos da arte da Renascença, e desde então nunca lhe passara pela idéia que a fantasia humana fosse capaz de produzir noutro gênero tão precioso mimo.

Agora, mais velho com a cultura clássica, que já havia aprendido no Instituto Nordestino com o professor de desenho, pôde embriagar-se de todo esplendor daquela estupenda maravilha arquitetural, onde residia o seu amigo.

As mulheres de serviço serviam como as odaliscas de um harém. Isso escandalizou-o, e seu digno amigo não deixou de observar o forte rubor virginal com que se lhe carminou a face.

- Esta sua casa, Rui, disse Evaldo com os olhos fitos no chão, é uma antecâmara do Inferno.

- Outro menos ajuizado do que tu, estou certo, diria ao contrário que esta palhaçada é antecâmara do Paraíso



das Huris. Porém estou contigo no parecer, porque efetivamente não tenho nenhuma satisfação nessa atmosfera artificial em que nasci e em que vivo.

- Bem agora se explica tua apatia para o espiritual e eterno. O mundo, o luxo sufoca-te as aspirações de tua alma para o que é religioso.

- Esse luxo hoje me é congenito. Nasci no meio dele e por isso me não faz a mínima impressão.

- Nunca te lembraste de confrontá-lo com as vivendas dos pobres ? Confronta-o com o presepe, onde nasceu Jesus, que é o modelo de toda habitação pobre, e, bem cedo, verás que tudo isto é matéria, que nada vale.

- Nunca me dei ao trabalho de saber de como passam os pobres ; mas, de instinto, não há muito tempo, ou melhor, quero crer, e foi, certamente foi por influência tua, de teus conceitos ... não sei acabar o que quero dizer ... todavia sinto-me isolado no meio de todo este fausto ... é antecâmara do Inferno ...

- Não admita, Rui. As honras, os faustos, não podem satisfazer às ambições do coração humano, que está sempre querendo mais.

- Assim é. Vivo isolado e triste no meio de tudo isto.

268

- Há um meio de tirares proveito de toda tua fortuna para te tirares do isolamento no meio da multidão.

- Qual ? ! inquiriu curioso Rui.

- Praticando a religião.

- E como ? Hoje mesmo não fui á missa ? Não ouvi a substancial conferência do padre Leal ?

- Em poucas palavras te direi o que é a religião.

E tirando do bolsinho um Novo Testamento abriu na Epistola de S. Tiago, c. 1, v. 27, e leu : - **A religião pura e sem mancha aos olhos de Deus e nosso Pai consiste nisto : Em visitar os órfãos e as viúvas nas suas aflições, e em se conservar cada um a si isento da corrupção deste século.**

- Bem dito, Evaldo. Eu creio que é por isso, por seres pobre, que me acho tão bem em tua companhia.

- Achar-te-ás ainda melhor em companhia de outros ainda mais pobres do que eu.

- É a aplicação das palavras que acabas de ler. Mas vivo também isolado no meio de minha família, se é que eu a tenho.

- Que é que está dizendo ? !

- Raramente vejo minha mãe, ainda menos meu pai e meus irmãos quase nunca.

- Singular !

- O velho de ordinário desperta às 8 horas, minha mãe às 9, e meus irmãos comumente de 11 para as 13.

- Trocam o dia pela noite.

- Exatamente. Nos próprios aposentos fazem os seus asseios, tomam o seu café e depois vôm para onde querem. Quem regressa às 22 horas chega muito cedo. O ordinário das chegadas é de 1 às 4 da manhã.

- Trocam também a casa pela rua ?

- Exatissimamente, de modo que me veja só, cercado dessa choldra de odaliscas e beduís, que me aborrecem. Não gosto da rua. O mais de meu tempo passo-o na biblioteca, não digo já isolado, porque leio.

269

- Diga-se para honra dos Castros que a biblioteca era sadia, razão obvia da bondade de Rui. Lia bons livros.

- Aqui temos empregados muito instruídos, alguns falam diversos idiomas e eu me aproveito para praticar com eles. Também muitos são estrangeiros. E tu, Evaldo, como te arranjas que em todas as linguas que estudamos no Nordeste tens uma pronuncia admiravel ?

- Aprendo com o meu beduí e a minha odalisca.

- Estás brincando.

- Pensas tu que é privilégio só de ricos possuir desses arabes em casa ?

- Pode ser.

- Pode ser, não ! Tenho o meu pai e minha mãe.

- Melhores então que os meus . . . Falam muitas linguas ?

- Meu pai foi educado na Europa e minha mãe com as Clarissas.

- Logo vi. Que riqueza !

- Melhor ao menos que essa tua, porque não vivo isolado em casa.

Ora dize-me quem toma conta aqui da pequenada ?

- Minha mãe costuma dar a luz na Maternidade. Aleita o filho, porque dizem os medicos que isso é util para a saude dela e da dos pequenos. Depois são as governantas que tomam conta de nós, e então só raramente é que vemos minha mãe, porque não lhes sobra tempo para tratar de suas elegancias. Evaldo, tu és muito mais feliz do que eu, porque tu tens o teu pai e a tua mamãe a quem queres bem, e eu sou como um filho órfão . . . e sem irmãos . . .

Evaldo, observando que os olhos do seu amigo orvalhavam-se de lagrimas, abraçou-o dizendo-lhe que se consolasse, porque esse mundo era das compensações. Em todo caso ele Rui nunca havia passado pelos dias de negror que ele. E relatou-lhe tambem a sua vida de privações e de pobreza.

- Nem por isso, concluiu, deixo de estar consolado, porque todos nós temos no céu um Pai que nos ama com amor infinito, e afinal de contas esta vida não é mais que uma preparação para outra que nunca mais terá fim.

270

- Vamos, Evaldo, vamos almoçar, que já aí vem d. Ludovina. Excelente alma d. Ludovina ! Foi ela quem me criou.

- Estimo conhecê-la. É uma como mãe de Rui. Deve ser uma santa.

- Para suportar-me, não é, d. Ludovina ? disse Rui brincando.

- Eu, sr. Evaldo, uma pobre governanta . . . mãe de Rui ? ! Pelo amor de Deus, nem diga isso.

- Ela é uma religiosa patriota, e por isso muito devota dos santos brasileiros não é, d. Ludovina ?

- Não entendo isso, não, menino, eu sou devota de todos os santos.

- Pois bem, seja devota de Evaldo que tambem é um santo.

- Ora, Rui, tu sempre a brincares ! Quem é que se

pode dizer santo neste mundo ? Quem sabe, talvez aos olhos de Deus sejas melhor do que eu ; porque teus erros são todos materiais, uma vez que nunca tiveste educação religiosa. E eu . . . Deus sabe . . .

- Ora, meninos, deixemos de apurações e vamos tratar da vida, que é melhor. Vmcês vão para a sala das crianças que estarão mais á vontade. É tanta gente n asala grande ! . . . Sr. Rui traga o sr. Evaldo e vamos á rouparia para se vestirem de arabes, que hoje é dia de festa, e todos são obrigados a trajo de rigor.

- Trajo de rigor, hoje, d. Ludovina ! ? Que é que ha ? Pensei que era dia comum.

- A quantas anda vomecê ? Não sabe que é o aniversario de casamento dos srs. Condes ?

- Ora bolas, que aqui se faz festa todo dia ! disse Rui com enfado. Vamos, Evaldo, vamos para a rouparia. Em tua casa garanto que estás livre dessa maçada.

- Rui, isto em tua casa é um carnaval perene, disse Evaldo, dando com a vista na salgahada de tunicas, albornóses, capuzes, mantos bêtados de cores estardalhantes, que pompeavam dos cabides dos guarda-roupas escancarados.

- Não, Evaldo, respondeu Rui na gira popular, **você é do mato !** Ignora que a moda contemporanea casa-se com a arte ?

- Eu nunca vesti semelhante roupa. Vou ficar azambrado, afirmo-lhe.

- Ora essa, com esse uniforme escolar é que tu ficarias deslocado. A gente deve acostumar-se ao meio em que está.

Apesar da relutancia, Evaldo cedeu.

Dentro em pouco ao som de uma orquestra invisivel que invadia todos os aposentos em harmonias sobrenaturais e solenes davam entrada no salão os nossos conhecidos amigos. Evaldo envergando um granadino albornós de Damasco, rajado de azul e preto e Rui trajando um outro jalme de listras pretas e roxêtes.

Naquele disfarse Evaldo estava formosissimo. Nas

côrtes sumptuosas dos califas da Granada muçulmana nunca apareceu tão donairoso príncipe.

Naturalmente todos fitaram neles os olhos, quando atravessaram o imenso salão de banquetes. Evaldo teve um profundo desgosto. Até então nunca tinha sido fóco de olhares outros que não os de seus queridos pais. A face ficou-lhe em fogo quando passando ao pé de alguém que sua modestia impediu de encarar, ouviu essa critica :

- Aqui nunca entrou tão garboso Adonis ! . . . mas pena ter os gestos tão presos ! . . .

Felizmente que na sala das crianças eram eles os mais velhos, e d. Ludovina, a idosa odalisca, sensibilizada pelo que se passava, impediu na sala a entrada de mais pessoas curiosas que quisessem ver o lindo efébo.

Lá se ficaram pois Rui e Evaldo em companhia de mais cinquenta bulhentos garotos de todo inconscientes da presença daquele cuja supremacia moral Rui proclamava bem alto.

Ainda assim Evaldo se não sentia bem.

## DEVANEIO DE MAGUAS CRISTÃS

### TRANSMUTAÇÕES

- Que dor no coração, Maricota ! Chama-me aí Evaldo ao telefonio.

- Que é isso ?

- Nada, o meu Evaldo, a luz dos meus olhos ! Ele venha já, quero dar-lhe o último adeus.

- Miguelzinho ! Tu estás impressionado.

- Vais ver.

D. Maricota de um relance compreendeu a gravidade da situação. Ajuda o seu marido a recostar-se nimas almofadas e alí mesmo junto ao leito, chamou ao fonio o seu filho para voltar com a máxima urgencia para a casa, o padre Romualdo, vigario da Tacaruna, o dr. Manuel Kardec, que estava morando no mesmo arranha-céu e soror Filomena.

Salvo o casal, não havia ainda ninguem no aposento, quando Evaldo entrou.

Com efeito, mal acabara o almoço no Palacio Arabe, Evaldo pediu helicogiro, recusando-se peremptoriamen-

te, apesar das muitas instancias de Rui, a visitar os demais apartamentos do soberbo edificio.

Rui compreendeu que seu amigo, naturalmente deshabitado de toda aquela opulencia, daquele pesado cerimonial, e mais que tudo do albornós em que estava enfrornado, se não sentia bem.

- Compreendo, Evaldo, que minha casa te não agrada. Estás afeito a costumes mais simples, porém virás aqui em dia que não seja de festa e penso que então estarás mais a gosto em minha companhia.

- Não é só isso, Rui, mas sinto-me indisposto. Não sei o que está para acontecer-me. Tenho certos pressentimentos.

- Não é só isso, Rui, mas sinto-me indisposto. Não sei o que está para acontecer-me. Tenho certos pressentimentos.

- Não é nada, Evaldo, é apenas o estado do teu espirito.

- Queira Deus que o seja.

- Não estás, como eu, acostumado a viver separado de teus pais.

E' isso.

- Será talvez essa a verdade, Adeus.

Quando chegou a telefonada de d. Maricota, já se não mais via o helicogiro.

274

- Papai ! que é isso ?! disse Evaldo, tomando as mãos de Miguelzinho e beijando-as carinhosamente.

- Estou me acabando, meu filho. Daqui a meia hora não terás mais pai...

Sinto uma dor formidavel no coração.... vou sucumbir.

- Não pode ser. Isso vai passar, papai ! disse ele esfregando o peito paterno.

- Qual, meu filho, estou morto ! Deus te abençoe...

Evaldo beijou muitas vezes a face de Miguelzinho em incontidos soluços.

- Logo depois da chegada de Evaldo entrou o padre Romualdo no aposento.

- Meu padre, disse o enfermo, prepare-me para a grande partida... oh ! ... para a eternidade, para sempre!

O padre ouviu-o rapidamente de confissão, e, por não haver tempo a perder, administrou-lhe os ultimos sacramen-

tos já tendo chegado soror Filomena, soror Maria dos Anjos e o medico.

- Dr. Manuel, salve-me o meu marido ! disse d. Maricota em prantos.

O medico examinou o paciente e voltando-se para soror Filomena disse:

- É um caso perdido. Só o Medico Divino. Repare, já entra em periodo de coma. Daqui a pouco estará morto. E logo, como um bom católico, ajoelhou-se, pôs as mãos e começou a rezar.

Evaldo agarrado ás mãos frias e pegajosas de seu pai cravou-lhe na face um olhar duro, frío, que se veio a cruzar com um véu de neblinas em que se afundiou para sempre a luz dos olhos de seu maior amigo, seu querido papaizinho.

Padre Romualdo acende-lhe a véla, e com os labios tremulos norteia-o para as plagas insondaveis do repouso eterno e da luz perpetua.

D. Maricota, de joelhos, com o rosario entre as mãos murmurava preces em voz submissa.

Soror Filomena tira de seu grande crucifixo e deposita-o sobre o peito do moribundo.

Meia hora mais Miguelzinho, com a face muito livida, os olhos arroxeados e a fronte em suor, abre desmesuradamente uns olhos foscos, que se moveram para um ponto invisivel. Duas lagrimas descem-lhes pela face e expira sem mais gesto, sem mais palavra, sem mais gemido.

Padre Romualdo retira a vela dizendo – *Requiescat in pace !*

Dr. Manuel Kardec retirou-se sem que os assistentes daquela cena de dor o pressentissem.

- Está morto, murmurou soror Filomena, tomando o pulso de Miguelzinho.

Evaldo caí sobre o peito de seu pai, exclamando : - Meu pai ! meu pai ! ... oh ... Meu Deus, que dor !

De golpe levanta-se d. Maricota donde estava ajoelhada e fita demoradamente o rosto do morto, livida, fria, resignada... Meu Deus, como é serena a dor cristã ! ...



Soror Filomena com sua companheira acerca-se de d. Maricota.

- Muita fortaleza e muita fé, Maricota ! disse soror Filomena.

- Heide inspirar-me na lição que me deu a viúva Ernesto de Campos, foi a resposta.

- Assevero-lhe que não foi das melhores, minha amiga. Sua magnanimidade heroica, bem vejo, é o mais belo realce de seu infortunio.

Tenha paciencia, d. Maricota, acudiu a outra freira. Uma os seus sofrimentos aos de Maria ao pé da cruz.

- Para onde irei buscar forças senão naquele oceano de maguas indizíveis ? Ao menos eu . . . sufocou-me em lagrimas.

As duas religiosas fizeram-na sentar entre elas. D. Maricota com a cabeça recostada sobre o peito de soror Filomena entregou-se a todos os golpes daquela viuvez, que lhe assim chegava inesperada, crua.

Evaldo docemente afastado, oh ! magua ! afastado para sempre de sobre o largo peito paterno, onde sempre se acolhera, corre para sua mãe a cujos pés cai de joelhos deixando pender todo o tronco sobre o regaço materno.

- Minha mãe ! estamos desgraçados ! minha mãe ! minha mãe ! ai ! ai ! . . .

276

- Contenha-se, meu filho ! disse d. Maricota sob um impulso violentissimo de fé e de resignação cristã.

Evaldo atirou-se ao colo de d. Maricota e choraram, choraram longamente abraçados.

- Tenham paciencia, estribilhou segunda vez a outra freira menos esperta dos segredos do coração humano, quando ricamente ornados dos sentires cristãos. Lembre-se das dores de Jesus e de Maria ....

- Deixá-los chorar, advertiu mais avisada soror Filomena para sua irmã de habito. As lagrimas são o sangradoiro da alma. Oremos antes, filha de S. Ursula . . .

Muito tempo permaneceram assim, num ambiente de religioso silencio, esses dois grupos, imoveis, venerados na força sobrehumana da fé ; padre Romualdo com o morto, e

d. Maricota com Evaldo como uma Pietá inédita, assistida por dois anjos do mosteiro da Tacaruna.

Ali, era uma só prece, um só enleio de almas vinculadas por um mesmo sentimento cristão, a piedade. E assim rezava o padre as preces de seu ritual, rezavam as freiras as contas de seu rosário, rezava a mãe na amargura de sua viuvez e rezava o filho na dor imensa de sua orfandade. E porque rezavam eram santos, e porque santos, fortes.

Terminada a sua prece, padre Romualdo tomou novamente o pulso de Miguelzinho, aproximou-lhe do nariz um espelhinho de algibeira, que examinou cuidadosamente defronte da luz e murmurou consigo, não ha mais sinal de vida. Voltando-se para d. Maricota disse-lhe apenas que contemplassem em Deus toda aquela eventualidade. Ela era piedosa, muito culta, bem compreenderia a significação de suas palavras.

- Se de Deus recebemos as venturas, porque não havemos tambem de nos conformar com as provações que nos manda? Não é pequena graça, meu padre, morrer-se confortado com todos os sacramentos da fé católica. Ao menos resta-me nisso um grande raio de esperança de vê-lo um dia no Paraíso. Deus o quis. Não pode continuar o discurso, que as lagrimas e soluços vieram-lhe em borbotões.

277

- Quem sabe lá quais são os designios do Altissimo ? perorou soror Filomena, num acento quase profetico.

- Reze por nós, responderam as freiras.

- Adeus ! despediu-se padre Romualdo.

O corpo foi trasladado áquela mesma noite para o necroterio do convento da Tacarua, e no dia seguinte, cercado de duas fileiras de monjas, recebia os sufrágios que a Igreja Católica sóe fazer por seus filhos.

Dois carros, o funebre e o que levava o sacerdote com Evaldo, foi todo cortejo que o transportou até a ultima morada.

- Miguelzinho viveu pobre e honrado, e pobre e honrado morreu, foi o elogio ultimo e verdadeiro, que se es-

capou num tom enfático dos lábios tremulos de soror Filomena, quando o viu partir.

278 No negror de sua viuvez d. Maricota deu balanço aos haveres de Miguelzinho. Eram sobremodo insuficientes para que ela passasse com o seu filho, cuja educação pareceu-lhe uma coluna partida. Era necessário agir. Acudiu-lhe á memória tudo quanto discutira padre Eustaquio em emergência menos amarga que aquela, porque então tinha vivo o seu Miguelzinho. Estava claro que ela não podia ser professora. De sua aprimorada educação, mas educação essencialmente feminina e de moça que não conta com as perspectiva da desgraça, restava-lhe um bom gosto do que é elegante, proporcionando e esbelto. Miguelzinho sempre lhe conheceu o tino da beleza. O que ela dizia ser formoso e engraçado, podia logo aceitar-se como tal, porque linhas defeituosas lá se não achariam. Ela pensou, refletiu, maturou calma, demoradamente. No intricado problema de prover á sua subsistencia e a de seu filho, isolados numa cidade cosmopolita de dois milhões e quinhentas mil almas, sem protetores, ela entreviu apenas uma trilha apertada, ingreme, cheia de dificuldades, porem a unica por onde poderia enveredar-se a golpes de muitos sacrificios, de muito trabalho. O escritorio, onde funcionava Miguelzinho, pagou apenas as despesas do enterro, e mais não disse para o seu amparo e de Evaldo. Em face de suas reclamações, responderam que Miguelzinho tinha sido um empregado novo, que não tinha merecido para mais, e que um enterro de quarta classe já era um grande favor. D. Maricota lembrou o dinheiro que Miguelzinho havia depositado na Companhia e o sonegaram ! Não tinha pois mais para onde apelar, senão para a Justiça Divina e para sua bôa vontade. Os tres primeiros andares de seu arranha-céu eram ocupados por um grande armazem de vestuários de toda sorte. Ela aí contratou-se. Iria coser e poderia fazê-lo no seu proprio aposento, que desde então, por economia, ficou reduzido a um só quarto, separado o seu leito do de seu filho apenas por um biombo.

D. Maricota atirou-se á luta como uma leôa. Levanta-

va-se ás 4 horas como qualquer monja da Tacaruna ; orava, assistia imprescindivelmente á missa das 5 e recebia com seu filho a Sagrada Comunhão.

Soror Filomena, conhecendo-lhe a vida afanosa, ordenara que lhe servissem diariamente a ela e ao filho um pequeno almoço na saleta junto á portaria. O automovel do mosteiro transportava-os invariavelmente, d. Maricota o maximo que soror Filomena ainda podia fazer por eles, e isso com permissão de seu diretor espiritual.

Os recursos de d. Maricota não comportavam as despesas sempre crescentes de livros de outros objetos didaticos, exigidos pelos programas. Embora o ensino estivesse, mui diferentemente do que acontecia no seculo XX, inteiramente gratuito, entretanto, apesar das constantes reclamações já da imprensa, já da Associação dos Pais de Familias, o aluno ainda tinha que atender a essas despesas.

Um dia disse d. Maricota a Evaldo que as circunstancias em que se achavam, ele não poderia continuar com os seus estudos. O que eu ganho mal chega para a nossa sustentação, alimentos, aluguel do aposento, luz e roupa, que estás a precisar. Despede-te hoje teus amigos e vamos procurar-te um emprego aí qualquer pelo comercio.

Rui muito se contristou com a saída de Evaldo.

- A tua retirada é-me intoleravel. Não estavas tão satisfeito aqui, como te queres ir embora ? Dize-me o que ha. Vais para outro Instituto ?

- Não.

- E porque saís ? E' um segredo tão grande que me não podes descobrir ?

Evaldo arrancou do peito um suspiro tão profundo e maguado que Rui começou a chorar.

- Vamos, Evaldo, não admito essas reticencias.

- Eu não tenho segredo para ti. Meu padre confessor não sabe de minha vida mais do que tu.

- Anda pois, dize-me . . . Não me tens confiança?

- Toda, Rui. Tu és o meu maior amigo, mas perdoa-me, tenho tanta dificuldade de dizer-te.

- Vamo-nos assentar alí a beira do cais e me revelarás o teu segredo.

- *It is a skeleton in a cupboard*, revelou Evaldo em lingua inglesa, sentando-se num banco de marmore e fitando os olhos no rio. Não posso dizer isto em português. Ao menos é uma máscara para se dizer a verdade.

- Segredo de família ?! traduziu Rui de Castro surpreendido..

- Um grave segredo de família, meu amigo, é.

- Ha tres meses que perdeste teu pai ; são tristes resultados dessa orfandade então.

- Está dito tudo. E' essa mesma orfandade... atufou a cabeça entre as mãos, desfazendo-se em lagrimas e soluços.

- Compreendo. Estou vendo que estás sem recursos e não podes continuar. . .

- Ai ! é infelizmente certo. Minha mãe trabalha noite e dia para ganhar um misero salario para nos sustentar. Não é justo que eu me atire á realidade da vida para ajudá-la? É o que vou fazer.

280

- Não me conformo com essa resolução. Não posso separar-me de ti. Eu não saberia viver neste Instituto sem a tua companhia. Os teus exemplos são o mais belos estímulos que já encontrei na vida para a formação do meu **homem**. Nem família, nem mestres jamais me ajudaram na formação de meu caráter, essa é que é a verdade, nua e crua. Antes de conhecer-te eu era egoísta, grosseiro, leviano e soberbo. Não ligava a mínima importância a colega nenhum. Era por isso muito antipático. Fiava-me na riqueza dos velhos e achava que tinha direito de desfrutar um mundo superior á parte. Hoje porém sinto que tenho melhorado. A prova é que os colegas já me procuram. Todos os domingos levo dois ou tres para almoçar comigo, que, é preciso notar, não são **trouxas** como tu, que te aperreastes com o albornós da nossa bôa Ludovina. E foste tu, tu só, meu querido Evaldo, que operaste em mim essa bôa transformação.

- Não me sinto de molde para transformar-te, Rui.

Para mim nunca tiveste os defeitos de que injustamente te acusas. Ao contrario sempre admirei como um rapaz rico e inteligente pode afeiçoar-se a um pobre de bolsa e de espirito, como eu.

- De bolsa, concordo ; de espirito, não. Digo e repito que os meus mestres nunca me instruíram mais do que tu.

- Oh ! Rui ! Depois de faltares á justiça para contigo, faltas para com os nossos prezados mestres.

- Não sou injusto, não sou. Repara. Todos esses mestres daqui só me fazem encher a inteligencia de matematica, linguistica, historias e mais disciplinas. Nenhuma palavra que me emulsione o carater no sentido em que nos falou a primeira vez o padre Leal. Embora sem sentimentos religiosos, estou convicto de ser alguma coisa mais necessaria para a educação do homem além das estafantes lições de moral e cívica do professor Melo. E então, não temos uma vontade, não temos um caráter? Ou peor, de uma vontade pervertida, de um carater máu ?

- Lá nisso tens razão, aprovou Evaldo, mas a culpa não é tanto dos professores, senão da organização de uma escola leiga, onde se põe Deus no meio da rua. Fica convicto, meu amigo, que o Brasil sempre viverá a braço com paredes, comunismos, bolchevismos, revoluções e anarquias até que um dia lembre-se que todo homem furta e mente, quando não admite a autoridade divina. Se eu estou convicto que a vida é breve e que Deus não existe, porque heide ser tão tolo que me sacrifique pr quem quer que seja? Não. Vou dar expansão a todos os meus instintos e fazer da vida um tempo de goso. A policia iludo-a, a sociedade engana-o, o homem desprezo-o.

- É verdade. Até bem pouco eu pensava como meu pai, que o homem não precisa de religião, porém agora, mais uma vez, por estas tuas circunstancias não sei que apoio possas encontrar na vida senão mesmo tua fé robusta.

- Minha fé, Rui, é todo meu tesouro.

- E é quanto basta para venceres.

- Sei que heide vencer.  
- Mas, hade ser aqui mesmo no Instituto.  
- Impossivel, Rui. Não estás vendo a minha vida?  
- E se eu te ajudar . . .  
- Pensa noutra coisa.  
- Seria a mesquinha retribuição a todo beneficio espiritual que me tens feito com as tuas lições de virtude e de saber, que me valem mais que as de meus professores. A claridade que me tens derramado no espirito não ha dinheiro que a pague. No meio de todas as lições que me deste tambem aprendi esta de ser justo.

- Nada me deves, Rui.  
- Devo-te a virtude, achas pouco ?  
- A delicadeza de teus sentimentos fantasia esses modelos.  
- Reconhece modelos que são reais.  
- São votos de uma alma agradecida.  
- Seja ! Não posso esbarrar a catadupa da caridade, que desce de uma montanha santa. Que me queres então?

- Não admito protestos, vê bem. Amanhã receberás em casa os livros e mais material pedagogico que os nossos professores exigiram para o estudo do trimestre entrante.

282

- Rui ! oh ! . . .  
- Já disse que não admito protestos !  
- Teu pai vai estranhar o aumento de tuas despesas.  
- Nada tens que ver com isto.  
- Não ! Nunca !  
- Tens que me ouvir. Em coisas espirituais eu sou docil em tuas mãos, é justo que a vez agora seja minha. Serás docil á exigencia de minha amizade.

- Porém, Rui ! . . .  
- Minha mãe toda a semana manda-me entregar um cheque com tanto dinheiro, que não fôras tu eu talvez hoje estivera um rapaz perdido e devasso, como os meus irmãos mais velhos.

- Em que empregas todo esse excesso ?  
Rui corou e tartaranhou.

- Para que me forças dizê-lo ?

- **I don't it is a skeleton in a cupboard...**

- Certo que não.

- Estou agora tão curioso, como tu ha pouco no meu caso.

- Parte do dinheiro eu compro livros e mando secretamente pelo correio para o padre Leal enriquecer a nossa biblioteca lá na Catedral, e parte mando para os pobres do padre Eustaquio em Chique- Chique, somente porque ele tormou um caracter tão belo como o teu.

- Ele não sabe quem lhe manda o dinheiro ?

- Não.

- Bravo, Rui, bravo ! Aí está o homem que diz não ter religião.

- E isto é religião ? perguntou Rui completamente alheio a que o que ele fazia era justamente o principio de S. Tiago, que se lhe havia gravado na subconciencia :

**- A religião pura e sem macula aos olhos de Deus e nosso Pai consiste nisto : Em visitar os órfãos, as viúvas nas suas aflições, e em se conservar cada um a si isento da corrupção deste século. (Ep. c. 1, v. 27).**

283

- Garanto-te, Rui, que és mais religioso do que eu, que não faço nada disso.

- Deixemos de historia, Evaldo.

- Mas á biblioteca, já lá temos muito o que ler, e quanto aos pobres do padre Eustaquio o que cabia a cada um de minhas esmolas era uma insignificancia. O prejuizo não será grande. Demais, eu posso pedir a minha madrinha uma esmola para a obra do padre Eustaquio, e estou convicto que ela a mandará, porque é muito devota á causa da pobreza. Vá ver que os pobres de Chique- Chique vão lucrar mais que com as minhas mesquinhas remessas



Às 19 horas daquele mesmo dia chegava ao aposento de d. Maricota um oficial de alfaiate e um empregado do Palacio Arabe, com um grande pacote de livros, camisas, ceroulas, lenços de puro linho, dois chapéus, duas duzias de meias e mil outras coisas meudas, como gravatas, tesourinhas de unhas, canivete, perfumarias, etc., e mais uma carteira de couro fino com quinhentos cruzeiros.

- Vmcê é que é o sr. Evaldo ? perguntou o alfaiate.

- Todo inteiro.

- O sr. Rui mandou-me aqui para tomar-lhe as medidas.

- Que brincadeira é essa de Rui ?

- Vmcê desculpe, disse o alfaiate, tirando a fita metrica e procurando cumprir o seu dever.

Evaldo portou-se como um automato ; não se escusou, não protestou. Inteiramente tolhido na surpresa apenas deu pelas medidas que se lhe iam tirando pelo corpo.

Quando ás 18 horas d. Maricota subiu o elevador para preparar a ceia para si e para o seu filho, ficou atonita de ver Evaldo absorto, só no quarto, no meio daquele entulho de caixas e caixinhas com as mercadorias descritas.

284

- Que significa isso, Evaldo, que tu pareces um despachante de alfandega, no meio desta salgalhada ?

- Rui, mamãe !

- Mandou-te isso ?

- Mandou-me, e disse-me hoje no Instituto que por nenhum motivo eu me separaria dele. Obrigou-me a declarar-lhe a minha estreiteza de vida, e impôs-me aceitar os livros, que ele mos daria até completar os meus estudos. Agora, além dos livros, mandou-me tudo isto e esta carteira com quinhentos cruzeiros.

- Quinhentos cruzeiros ! Ele é filho familia ; nao pode, nem deve ter dessas larguezas, obtemperou d. Maricota, claramente enfasiada.

- Mais ou menos lhe disse eu isso. Ele respondeu-me que sua mãe lhe dava tanto dinheiro que ele não sabia em

que gastar, e que, empregando nos livros que me presenteasse, estava tudo muito bem.

Dentro da carteira estava o rol de tudo com essa notinha ao pé :

**Evaldo,**

Eu sou brasileiro, e como tal devo amar ao meu paiz.

Não és de acordo que auxilie hoje um outro patriota, para de futuro trabalharmos juntos no engrandecimento de nossa terra ? Se deixares os estudos, que homem irá a sociedade perder !

Pelo amor á patria desculpa a indiscrição de teu

**Rui.**

- Era o que faltava. Está, mamãe, que aspiração posso eu ter mais do que ser um pobre roupêta ?

- Estamos quase de esmola, meu filho, porém não podemos recebê-la enquanto Deus nos der saúde e força para trabalhar. Não devemos nunca ser parasitas da bolsa alheia.

- Não imagina, mamãe, com que vergonha eu confessei a Rui o meu estado.

- Ele é muito gentil e muito te ama.

- Muito, mamãe, muito. Ele diz-me que não tem aos irmãos o afeto que me tem. E eu, é bom não ter também irmão, porque talvez houvesse ciume.

- Mas, meu filho, tu vais fazer 16 anos a 23 de julho e portanto não comprehendes ainda o que é o mundo, a sociedade.

- Por isso não, mamãe, que Rui é apenas um pouco mais velho do que eu. Fez 16 anos a 25 de dezembro do ano passado.

- Não atinaste com o que eu quero dizer. Agora são entusiasmos da juventude, que é sempre idealista e generosa. Em breve tudo passa. Não dou muito que ele se não aborreça de estar gastando contigo, que em nada lhe

és útil. Além disso não nos fica bem dependermos de um menino.

- Ele me tem tal afeição, mamãe ! Não creio que Rui mude tão depressa. Ele me chama o seu mestre, o seu anjo da guarda, o seu amparo, o seu guia.

- Palavras, meu filho.

- Mamãe não tem o direito de ser pessimista.

- Não, não tenho. Não me esqueço do que me fez a minha ex-Alzira e minha adorada soror Filomena.

- Então como se mostra tão pessimista com relação a Rui ?

- Meu filho, acostemo-nos a Deus. Por muito bom que seja o homem não vale mais do que um caniço.

- E se esse caniço estiver enrijado por disposição da Divina Providencia, não valerá mais que um jequitibá podre e carcomido ?

- Isso é outra coisa.

- Quem nos pode garantir que Rui não é a propria providencia que nos ampara nestes dias de miseria e de tristura que atravessamos ?

- Pode ser.

286 - Eu não me esqueço daquela conversa do padre Eustaquio, quando papai foi baleado no pé.

- Tens uma memoria feliz, meu Evaldo. Porém eu preciso de conversar com Rui.

- Garanto que ele virá amanhã aqui depois das aulas.

A meio dia e um quarto chegava ao aposento de d. Maricota Evaldo com o seu amigo.

D. Maricota os esperava com um almoço muito frugal, porém muito apetitoso. Ela própria como de costume, o havia preparado lá no fogãozinho electrico do canto da parede. As iguarias constavam de uma sôpa de legumes, umas postas fritas de sioba com salada de alface, tomates, leitão assado com batatas, laranjas da Baía, mamão e uma torta com passas de caju. Para bebida serviu guaraná.

D. Maricota recebeu Rui como u'a mãe receberia um filho querido, abraçando-o, beijando-o.

- Rui, você é um irmãozinho um pouco mais velho que Evaldo, disse ela. Doutra sorte não se explica o afeto, a gentileza com que você o trata.

- D. Maricota, respondeu Rui, a meus irmãos não tenho o amor que dedico a Evaldo.

- Mas isto não pode ser.

- Mamãe, não diga isso. Rui se fere muito quando alguém põe em duvida as suas asserções. Ele só diz o que sente, e só faz o que a sua razão lhe ordena.

- Fazes-me justiça, Evaldo.

- Perdôe-me, Ruy. É que estou acostumado a ouvir mentiras e lisonjas na sociedade, e assim como lá diz o rifão : o uso do cachimbo . . .

- Faz a boca torta, concluiu Rui. V . excia. Pode pois deitar fora o cachimbo, quando conversar comigo, ao menos no que se referir a Evaldo.

- Acabe com essa excelencia, que não compete a uma operaria, do contrario heide tratá-lo por senhor Rui.

- Permita-me então que a trate do mesmo modo que Evaldo.

- Esse tratamento nobilita-me demais. O nome de mãe ao meu ver val mais que o de rainha ou imperatriz.

- Pois bem, mamãe, continuou Rui, quero esforçar-me por me parecer o mais possível com Evaldo, em tudo, no moral, como no intelectual, uma vez que não posso cortar as pernas para ficar um Apolo como ele, nem tingir a pele marfim moreno como a dele.

- Sentem-se os dois aqui á mesa que eu quero servi-los.

- Rui não preveniu ainda em casa de seu jantar aqui.

- Para que, Evaldo ? Bem sabes que a gente lá em casa é como cigano. Já to disse. Comem onde teem appetite. O sr. Conde almoça no Globo, a sra. Condessa no Hotel Americano, os manos vão uns ás vezes ao Terminus, outros ao Moinho do Paraiso ou ao Prato Italiano. Eu por minha vez, é o que me dita a fantasia por isso posso almoçar aqui mesmo.

- Eu não tenho jeito de almoçar sem a mamãe, disse Evaldo.

- Quando estávamos na Usina Franciscania Evaldo não almoçava nem mesmo com padre Eustaquio, que é padrinho dele e muito lhe queria.

- Eu queria que também em casa fôssemos assim ; porém a mamãe segue aquele sistema com a família, porque passamos todo o tempo na rua. Desse modo está claro que Evaldo me deu muita honra almoçando comigo, desde que não era costume almoçar fora de casa.

- Assim como tu também, Rui, muito me honras em almoçares com uns pobrezinhos de Cristo. Como não se alvoroçaria todo esse arranha-céu sabendo que aqui conosco almoçava um dos Castros, proprietário do Palacio Arabe ?

- Pois para honrar e ser honrado, uma vez que agora só se fala de honra, quando eu quiser comer fora de casa. . .

- Venha comer aqui com a mamãe, terminou Evaldo

Depois do almoço d. Maricota perguntou a Rui se fumava.

- Sim, fumava como uma chaminé, porém deixei de fazê-lo por me parecer com Evaldo.

- Estás vendo Evaldo ? Serves sempre de modelo.

288

Mais outro motivo de andares na regra do bem viver.

- Qual modelo, qual nada, se eu não conhecesse Rui havia de dizer que o que ele diz é uma ironia, mas ele deixou o fumo por medo da nicotina.

- Não tanto assim. Dize antes por teus conselhos.

E como não fumas . . .

- Veja só, mamãe, disse Evaldo. Rui acha sempre o que imitar em mim, e eu por mais que o queira não posso imitá-lo ; tão altas são as suas virtudes.

- Que virtudes ? Põe-me á mostras esse Rui, quer ele queira, quer não.

- Pois, mamãe, vou dizer-lhe quem é o nosso Rui. . .

- Evaldo ! . . fez Rui alarmando. Que é que vais dizer ?!

- É assim, mamãe. Ele me descobre todo e eu não posso dizer nada dele. Avalie agora quem é o melhor dos seus dois filhos.

- Rui, nó lhe somos muito gratos por tudo quanto você faz a Evaldo, porém eu não posso permitir que você tenha despesas exageradas, como ultimamente fez.

- D. Maricota !. . . ai ! ia-me esquecendo, mamãe ! queira-me perdoar...

- Não se trata de perdão, meu filho, você não pode e não deve fazer semelhantes despesas, que é um filho família. Aceitando os livros que você lhe dá, já lhe ficamos inteiramente hipotecados. Isso porém de roupa e dinheiro passa de limites. Por sua afeição sincera e generosa eu e Evaldo nos esforçamos por sermos seus amigos, digo mais, amá-lo-emos, eu como se fora sua própria mãe, ele como seu irmão.

Rui estava com os olhos rasos de lagrimas.

- Vê, Evaldo, como Rui te ama, disse d. Maricota enxugando uma furtiva lagrima.

- Ai ! se teu pai, Evaldo, ainda fosse vivo. . . retenciou Rui. Viu-o somente uma vez, e foi a ultima, e por poucos minutos apenas. Tive tão bôa impressão !

- D. Maricota abre uma gavetinha e oferece-lhe um retrato de seu esposo com a família.

- Obrigado, mamãe. Essa reliqua para mim é santa. Amanhã lhes darei tambem o meu retrato.

- Tomando o helicogiro na esplanada do tecto do arranha-céu, sentiu Rui o seu coração inundado de uma consolação indizível, espiritual, celeste como nunca até então havia sentido. Nunca pensou que, em um pobre aposento de um arranha-céu, na convivencia de uma operaria e de um rapaz pauperrimo, que ele protegia, havia de encontrar essa nesga de azul suave, feliz, sublime, a cata de que a humanidade inteira se debate como uma assimpótta de dor sem atingí-la jamais.

No dia seguinte Rui dizia a seu amigo : - Evaldo, a felicidade que ontem tu e mamãe me proporcionastes po-

voou-me todo o resto da tarde de fantasias divinas, porém o meu sono durante a noite foi um pesadelo cruel.

## O SONHO

- Eu estava num extenso prado salpintado de mimosas flores e lá me apareceu mamãe como a Virgem de Murilo.

Uma tunica exalviçada, de muitos complicados refolhos, descia-lhe até os pés e um custoso azulino manto caia-lhe de sobre as espaldas.

Uma corôa de rainha, em que fulguravam custosos diamantes, cingia-lhe a fronte.

A sua têtz era macia como a dos pêssegos e granadil como a das romãs.

Seus cabelos pendiam-lhe encachoeiradas pelo dorso e pelos ombros.

Em suas mãos havia um ramilhete de rosas escarlates.

De seu vulto evolava-se um odor místico.

290

Diademava-a uma luz de opalina suavidade, que se irradiava cada vez mais forte até o fulgor de um sol zenital, em dia de canícula.

Ouvi então vozes sobrenaturais, invisas, que cantavam uma antífona de triunfo, de que percebi claro as palavras : - **Ecce Ancilla Domini !**

Um trono de nuvens sobreidoiradas, como o arrebol matutino, se lhe meteu então, como escabê-lo, debaixo dos pés, e ela alou-se para o Céu numa apoteose de luzes, de canticos, de flores e de abemolados tangeres de sinos.

Alonguei a vista para o pinaculo da gloria a que ela se exalçava, acompanhei-a quanto pude naquela assunção, até que ela se sumiu no além da região das estrelas.

Em torno daquele diorama reinava a treva, que se espessou e se contraíu e se fechou, toldando-se-me dos olhos a esplendente visão.

Deslumbrado, caíram-se-me involuntariamente as palpebras e todo meu espirito, como um planeta a que fugiu a luz do seu sol, embrenhou-se agitado e sem paz nas

sombras ominosas, que subiam em rolos desabalados da deslindada planura.

Fazia silencio profundo, e formas confusas do subconciente ainda me espertavam de dobres de campas argentinas.

Dentro de mim mesmo, não sei como, no mundo oco, vasio, desfeito de minha alma dormente surgiu-me um espectro de estranha catadura, horrenda, má.

- Que é que estás aí a ver ? Esta mulher, que, ha pouco, iluminou a terra e foi-se, não voltará mais. É o arauto da Fé, a voz da Graça, que te chama, a alma higida e precolenda dos sinos, que, rindo, plangem ; e chorando, repicam nos pincaros dogmáticos das Igrejas.

Disse e ensombrou-se. Era o espirito do mundo, que chocava oculto e ignorado no fundo obscuro do meu ser. Era o espirito das glorias efemerhas, das honras terrestres, o espirito da própria sombra, que despertara dentro em mim aos assobios esbarlhados e enganosos das sirenas. Era a agitação perniciosissima, descompassada, contra a fragorosa harmonia dos sinos.

Trememente de susto volvi um olhar vago para a terra e vi-te e criei ânimo.

- Vi-te porém como um zagal gigante, hartto, robusto, membrudo e grosso.

Com a voz longitroante e um cruciforme bastão eriçado de espinhos e pregos occupavas-te, sereno, como um lavrador, a enxortar uma procaz bicharia sofomaniaca, que de toda a parte infestava a terra.

Prestei atenção e vi-os de perto, pseudossabios, renitentes, monstruosos.

Foi a minha ruina.

Havia-os cascudos como os tatús e soezes como os suinos ; pegajosos como as lesmas, e venenosos como as viboras.

Orneavam como os onagros e eram ruantes como os pavões ; uivavam como lobos e ladravam como os cachorros ; escouceavam como zabras e praguejavam como os politicos.



Armados de mil tentáculos, eram longipalpos como os polvos.

Do meio deles levantou-se uma nuvem de tavanêses borboletas com as asas estampadas das mais cenagosas sordidezas contra Deus e contra a humanidade ; eram as suas revistas, os seus jornais, os seus livros.

Começaram então eles todos numa vozeada infrene, como sapos num brejal, a coaxar que eram uns o espiritismo, outros o protestantismo, esses a maçonaria, aqueles a comunismo...

E, bem como os macacos das florestas tropicais, que, em chegando a noite, atiram-se uns contra os outros lamuriando e gemendo no tento de formarem uma bola para se mutuamente aguentarem, aquela bicharia ajudengada e torpe caldeou-se numa só peça, o satanismo, suspensa por uma só cauda, o odio contra Deus, preso a uma só arvore, a arvore do pecado !

Imagina uma só massa de todos os brutos antediluvianos, plesiossaurios, anaploterios e pterodátilos, e de todos os monstros de fabulas mal sonhadas, e hiperboles apocalipticas, grifos, leviatans e basiliscos, e não terás a idéa do monstro que então se fundiu, numa mesma forma, num mesmo espirito, num mesmo monturo – **Satan !**

292

Que horror ! O arquimonstro escancarou as fauces de brasa e sangue, tomou uma profunda inspiração e um como ciclone de fogo varreu por todos os pontos cardiais, arrastando dos mais longiquos confins da terra uma turba babelica de seres humanos, que como folhas levadas pelo vento pernicioso da doutrina iam precipitar-se sombrias, doidas, no inominavel sorvedoiro.

O sorvedoiro chamava-se – **Olho de Moscovia.**

Quem não ouvia a tua voz altissonante e não olhava para o teu baculo cruciforme, quem se a ti não agarrava, oh ! meu Evaldo, era sugado pelo furacão.

Eu, porém, tinha-me distanciado tanto de ti, tanto ! tanto ! . . .

E tambem fui colhido pela tromba . . .

Caindo no abismo, senti a baba asquerosa das ser-

pentas. Os meus ossos foram esmiuçados, minha carne esmagada.

A dúvida tinha-me invadido a alma. E com a dúvida, a impiedade, o ódio contra os homens, contra o próprio Deus !

Não me lembrei mais de ti.

No ventre do arquimostro comecei a amar as imundícies, a soberba, todos os vícios, todos os lixos, todos os muladares.

Amei o monstro, ameio-o até a loucura.

Apanhava-lhe e bebia-lhe a baba viscosa, como uma ambrosia do céu.

Seguia-lhe os passos descomedidos e incertos com a superstição de um muçulmano, peregrino a Meca, que se antoja além, povoada de sultanas e cortezãs, que me cercavam de prazeres e me sopitavam os sentidos.

Adormeci afinal, porém num leito de espinhos e de carvões acessos, donde, eu não vi como, arrancaras-me tu, que surgias inesperadamente diante de mim como um farol luminoso para um barco perdido.

Acordei e não imaginas, Evaldo, o meu alívio, quando cheguei á realidade da vida, de que tudo aquilo eram sombras da fantasia noturna e mais nada.

- Jantaste á noite ?

- Jantei, como de costume ás 20 horas.

- Pois aí está a explicação de teu sonho. Não fizeste boa digestão, o sangue subiu-te ao cérebro interrompendo-te o sono com essas grotescas imagens.

- Ás vezes é bom a gente ser pobre. Está livre de uma desta.

- O rico também o pode estar, guardando-se sobrio.

- O que nem sempre é fácil. Um prato saboroso é uma tentação, não é exato ?

- É ; não ponho dúvida. Por isso padre Eustaquio costumava dizer que na tentação dos sentidos vencem os poltrões, fugindo.

- Mas isso é para a tentação da carne.

- Da mesa também, que também é carne.

## DEVANEIO DE UMA NOITE DE FEBRE

### O REDUTO DA FÉ

294

Os dias colegiais continuaram a decorrer prosaicos como a ciência, serenos como o ensino, luminosos como as inteligências cultas dos mestres, e lucidos como as mentes cultivandas dos alunos.

As horas da classe passavam-se rápidas entre dois rebates de campa, curtos, nervosos, na ansia incontida dos bedéis, sofregos de verem se apagar o dia que lhes ganhara o pobre salário, com que se mantinham.

Os rumores da estudantada vibrante de vida, estuante de mocidade, refarta de saúde, já não os estimulavam. Estavam de muito eles, os bedéis, morosos, pachorrentos, afeitos áqueles destampatorios de gritos, áqueles assuadas, áqueles guinchos, áqueles cascalhadas de uivos, facecias, chistes de um bom humor sadío.

Eram eles, sempre eles, os vadiotes, os grandes vadiotes de todas as escolas, de todos os tempos, e, sem embargo, eles o futuro de nossa querida patria, como na sua

bonomia costumava trata-los o professor de ginastica, de quem Evaldo já de muito se fizera intimo.

Em tres anos de convivencia, mestre e discipulo se haviam reduzido a uma simbiose de entendimento mutuo, em que se defrontavam dois grandes espiritos.

Quem os visse, professor e aluno, haveria de supor, que, na partida, mais granharia o aluno que o mestre.

É o que seria natural. Mas, em matéria de religião, a coisa não foi assim, porque em questões da Fé Evaldo já era mestre, e o professor Mercês com toda sua vasta cultura sem e contra a religião catolica, era um espirito tepido, oscilante, bem que simples e bem intencionado.

Formado numa escola atéa, tendo por mestres livre-pensadores, e sem nenhum lastro religioso no seio da familia, que batizado nem era, não admira que se tivesse deixado resvalar pelos desfiladeiros escorregadios do sofisma de uma escola, dita nova, e formasse de Deus, do homem e da sociedade os mais disparatados conceitos.

Desse modo o professor Mercês observava as tendencias de Evaldo, e Evaldo, por sua vez, tomava bôa nota de sentir e do examinar o mundo de seu querido mestre.

295

Assim foi que com trezentos colegas, que ele arrebanhou para as conferencias do padre Leal, um dia apresentou-se com o professor Mercês deante do padre dizendo graciosamente que havia pescado um peixe muito gordo.

- Onde está a pitaça, menino ? respondeu o padre no mesmo teor. Traz-me que servirá ainda hoje para o almoço.

- Aqui, senhor padre, o meu habilissimo mestre de ginastica, o professor Mercês.

Padre Leal deu muitas graças a Deus Nosso Senhor, do favor que havia dispensado a ambos ; a Evaldo, que se de tão jovem revelava um grande missionário, e ao professor Mercês de escutar a voz do Céu, mesmo modulada pelos labios de um aluno.

Efetivamente tudo pode a boa vontade aliada á graça

de Deus, porque com as confabulações, que mais adiante se tornaram intimas com o padre Leal, o colendo mestre de ginastica do Instituto Nordestino, em breve, era um excelente catolico, catolico de ação.

Houve diversas entrevistas entre o professor e o padre. E delas resultou desfazer-se, ao sopro de uma dialetica formidavel, que caracterizava os discursos do padre, todo o castelo de erros e sombras que ofuscavam o espirito privilegiado do mestre Mercês.

Nesse persistente e profícuo apostolado que o nosso herói exercia entre os colegas, nunca descoroçoou, nunca desanimou. Porem dizia que não conhecia no Instituto espirito mais refratario, apesar de todas as suas belas qualidades, que o de Rui, que estava sempre a alegar um futil pretexto para não ir á Catedral. Hoje era uma excursão, amanhã o tiro de que fazia parte e que o obrigava a fazer exercicios pela manhã ; já a regata, ou uma partida de **tennis**.

296

Toda segunda-feira, tinha Rui que ouvir um longo discurso de recriminações da parte de seu incomparavel amigo, a que ele invariavelmente retorquia, depois de destruídos todos os seus vãos pretextos, ser-lhe bastante ouvir uma conferencia, porque não era como certos doentes, que precisam de fazer uso diario das mesmas drogas para se curarem. Evaldo ficasse descansado porque ele estava pondo em execução o que já ouvira tanta vez do padre.

- Não é assim, Rui. Tu vives em pecado mortal, porque não ouves missa todos os domingos e dias santos. Se morreres assim, fica certo que não verás a Deus no Paraiso. A missa é o culto mais sublime que a criatura humana pode prestar a Deus, porque nela se imola de um modo incruento a mesma vítima santa do Calvario. Assistindo á missa nós agradecemos a Deus os inumeros e inestimáveis beneficios que diariamente dele recebemos, impetramos novos favores e reparamos as injurias que fazemos a Deus por nossos pecados. Por isso a Igreja preceitua a audição da missa todos os domingos e dias santificados. De quantas graças não ficas privado deixando de ouvir a

missa, meu amigo ! Como queres progredir na virtude, violando um preceito tão grave da Igreja ?

Rui mastigava em seco e no domingo seguinte lá estava ele na Igreja com o seu fiel companheiro.

Seguiam-se outros domingos, que eram decepções para Evaldo, porque Rui tinha ficado muito certo de ir ao templo.

Evaldo tinha uma memoria anjelica ; e, não perdendo um só minuto de vista o bem espiritual de seu amigo e benfeitor, repetia-lhe quase textualmente o discurso do padre Leal.

- Para que eu ir á cathedral, Evaldo ? Garanto que o padre Leal não falou tambem como tu me repetiste agora o seu sermão. A tua voz doce, macia e cheia como um clarinêto, encanta-me muito mais o ouvido que aquele fretenir de cigarra da voz do nosso venerado padre Leal. Olha, Evaldo, é bem assim : - Meus irmãos ! Nós devemos. . . Não é uma cigarra perfeita ? Quem tolera aquilo ? E depois **mau** por **mal**, **Evaudo** por **Evaldo**. . . Só tuas ouças de santo perdoarão aquilo.

297

Deixa os **ss** e os **aus** do apdre e aproveita-lhe a construção da frase e sobretudo a doutrina santa que ele ensina. Agora, esse procedimento teu para com Nosso Senhor é que não é nada de amigo ! verberou Evaldo com calor.

- Hom'essa ! Atacas-me de rijo, respondeu Rui com serenidade.

- Está claro que a base e o substráto de tuas amizades está unicamente nos sentidos.

- Ah ! isto não, protesto !

- Isto sim. Se eu apanhasse agora uma tuberculose ou uma lepra e ficasse menos garboso e elegante, e minha voz fosse um birimbau, ou “um fretenir de cigarra”, ou se me perdesse o uso da razão, não seria mais o objeto de tua estima.

- Que disparate ! O que estás dizendo é fruto de uma imaginação doentia. Tu estás cansado e por isso pensando assim.

- Tu não sofres que a gente ponha em dúvida os teus

conceitos ; mas, nesta hipótese mesmo doentia, eu não duvido, porque descreio que assim seria.

- Porque ?

- Porque é que dizes que és meu amigo ?

- Não me deves perguntar porque é que eu digo ser, mas porque eu sou teu amigo, que é coisa muito diferente. O teu modo de perguntar envolve uma dúvida sobre meus dizeres. Eu não digo o que não sinto.

- Pois bem, porque é que tu és meu amigo ?

- Ah ! isto é outra coisa. Sou teu amigo porque te devo muito.

- Não é por afirmares uma dívida que só existe em tua fantasia, que te desmanches em obsequios, mimos e favores, que nem vendido eu os poderia pagar ?

- Sim porque compreendo que um homem que recebe favores de outro e não os retribue na medida de suas forças é um monstro.

- Ótimo parecer, Rui !

- E que concluir daí ?

- Que te chamas a ti mesmo ingrato e monstro.

- Eu ?! . . .

- Sim, tu mesmo.

- Estás falando chinês para mim.

- Português de lei, Rui.

298

- De quem é que recebi aqui favores que não tenha pago com a maior liberalidade? Tu vêes como gratifico esses debéis e mais empregados do Instituto. Aos próprios professores, que vejo interessarem-me por mim, que teem paciência comigo para me dar uma explicação mais pormenorizada, senão retribuo com dinheiro, mando-lhes bem sofríveis presentes.

- Disso sabe todo Instituto Nordestino, porque os amimados se gabam de tuas liberalidades, a que muitos chamam maluquices. Ao diretor fizeste presente de um helicóptero, ao professor de literatura uma correspondência epistolar entre João Pessoa e Juarez, e ao nosso amigo o professor de ginástica um excelente tratado de anatomia humana em quarenta volumes com mapas coloridos, para

não falar no resto. Nem sei se haverá mesmo no Instituto, colega algum de nosso ano e muitos dos outros anos que não tenham recebido teus presentes.

- Sabes disso, e mais ainda do que digo a todos que essa mudança, que em mim se operou, foi devido exclusivamente a tua caridosa convivência. Como então afirmas no alto de teus tamancos que eu sou um ingrato, um monstro ?

- Perdão, tu mesmo o disseste e eu apenas te não defendi.

- Porque tens um amigo incomparável maior que todos esses professores, e esses colegas, que o teu querido Evaldo, e que te tem obsequiado com os mais assinalados favores, e a esse. . .

- A esse quem ?!

- Tu desprezas!

- Eu ?!

- Tu, sim, ingrato, monstro de crueldade, poço de esquecimento !

- Evaldo, tu estás brincando.

- Eu? Disse Evaldo muito serio. Estou te dizendo a verdade.

- Tu me insultas então. E quem é esse cavalheiro tão fino e tão nobre, que me fez tantos favores, e que eu esqueço, e que eu desprezo ?

- Não o conheces ?

- E' evidente.

- Ainda bem que confessaste a verdade, porque tu não conheces a Jesus Cristo.

Rui baixou a cabeça.

- Perdôa-me, Evaldo ! Tens toda razão. Sou peor do que me dizes. Mas daqui por diante não me haverás mais de censurar por não ir aos domingos á missa e ouvir o padre Leal. Irei mesmo buscar-te a tua casa no helicóptero.

- Ainda melhor, disse Evaldo rindo, irei agora á missa pelos ares.

- Quando eu for homem, heide ter em casa a minha



capelania, com um padre muito santo e muito sabio, que me fale todos os domingos.

- Propositos ! disse Evaldo ironicamente.

- Hades ver.

- Não digo menos disso ; propositos de preguiçoso.

Veio dezembro com seus sustos, os seus pavores, as suas inquietações pelo resultado dos exames.

A praxe velhissima, que o calão estudantino consagrou com o nome de pistolão, tão em voga no seculo XX, estava relegada para a historia antiga do Instituto Nordestino, desde a revolução de 1930.

Os estudantes ficaram boquiabertos, quando nas catedras se lhes historiando o passado do Instituto mostravam-lhes como aquela atra nuvem de vergonha e de ignominia havia se acastelado ali.

300 - Faziam-se, senhores, dizia um dia o velho professor de moral e civica em sua classe, exames clandestinos, quando se suspeitava que algum membro da junta examinadora não era conivente na falcatrua da aprovação indebita de um estudante, favoreciso pelo ser filho de algum lente da casa, ou pelos valiosos empenhos de magnatas.

- Como eram então esses exames ? perguntou um estudante.

- Convocava-se a junta legal para o exame requerido pelo candidato, exclusivamente para ele.

Chegada a hora o maroto não comparecia; e diretor e fiscal declaravam que se não daria o combate á falta de combatentes. Ignorando tudo, o professor ludibriado retirava-se na maior bôa-fé. Recompunha-se então imediatamente a banca com outro professor, que se prestasse á bandalheira, e o exame era feito com todas as formalidades legais. Sucedia por vezes o professor honesto saber do logro, porem, para que protestar ? Era fáto consumado e não valia a pena a fazer inimigos. O Brasil naquela época era chamado o paiz dos fátos consumados.

Houve muitas bancas, emque os pais dos alunos, muitas vezes lentes de casa, fiscalizavam as escritas e ficavam á vontade para ditar o ponto para os seus pimpôlhos.

- Eu não queria ser filho de um lente desse. Sentir-me-ia humilhado diante de meus colegas, apartou de um angulo da sala e filho de um lente.

- Muito bem ! clamaram todos.

Porem tudo isso já passou e numa sessão solene deste estabelecimento já se cantou a proposito a grande orquestra o *jam hyems transiit, imber abiit et necessit !*

- Como podemos saber hoje desses fatos? Indagou um aluno.

Graças a um diario, que um velho professor deixou com o seu testamento.

Evaldo e Rui fizeram os seus exames com as melhores aprovações bem entendidas nas materias, diga-se para consolo de algum velho centenario, que ainda exista, e que chegou a fazer exames segundo o velho regime no Instituto Nordestino.

---

Começaram as ferias, periodo de prazeres para Rui e das maiores maguas para Evaldo.

Rui foi descansar para Cambuquira em companhia de seus pais. Evaldo foi amargar dias de horror no seu quarto n. 865 do já bem conhecido arranha-céu 1875, na Tacaruna.

Evaldo em casa fez-se costureiro para auxiliar a sua mãe e desagrar-lhe o serviço. Porém o mais que ele podia fazer era alinhar e passar as peças na maquina, com o que aliás d. Maricota muito se descochava.

Um dia de humidade artificial, Evaldo apanhou uma gripe e passou uma semana inteira sem poder ajudar a sua mãe, que mais atarefada pelos serviços extraordinarios, roupas que encomendaram no armazem para o Natal, esgotada e fraca, adoeceu gravemente de um cancer uterino. Evaldo, magro, palido, dessorado, sem forças, levanta-se do leito para transportar a sua mãe para o hospital, para uma urgente intervenção cirurgica, preceituada por dr. Manuel Kardec, então medico do convento da Tacaruna.

Se não passaram fome no aposento do arranha, foi devido á caridade de soror Filomena, que lhe mandava regularmente os caldos, as torradas, o chá e o leite.

Evaldo não quis assistir á operação, apesar dos medicos não o embargarem, já pelo pudor natural e respeito a sua mamãezinha, já por não ter animo de vê-la vítima, entregue ás facas e bistorís dos operadores.

Durante o dia, entretanto, ele não arredou o pé do hospital, para onde se transportou mal rompeu a aurora, pelo acolitar o santo sacrificio da missa, fazer a sua comunhão e consolar-se com as noticias a cada instante do que se ia passando.

A's primeiras horas que se seguiram á operação, d. Maricota pareceu calma e sem febre. Mas um pouco mais tarde as extremidades se lhe resfriaram e as faces se tornaram rubras como um pêssego. Chamaram-lhe o termometro e verificaram 39° febre. Empregaram todos os recursos aconselhados no caso sem mais resultado que um desassossego na paciente.

302

Evaldo, cheio de receios, roga ao capelão para visitar a sua mãe.

Aproximou-se este da enferma e perguntou-lhe se queria receber o Sagrado Viatico.

- Sim, e que me unja.

Os medicos reconheceram o caso perdido e nada disseram ao rapaz.

Ele, nem precisava ser tão ladino para suspeitá-lo ; viu claro a indiferença com que estavam procedendo.

Dirigiu-se á enfermeira e pediu-lhe ansiosamente dizer-lhe com franqueza que pensavam os medicos do caso de sua querida mãe ?

- Que não ha mais para onde apelar, respondeu-lhe secamente a mulher.

- Desenganaram-na? Insistiu Evaldo ainda com mais ansia.

- Sim.

A pena se recusa pungir o mais profundo, o mais delicado da fibra do coração de Evaldo, para de lá se não ex-

pectorar, em grumos de uma intradutível catástrofe, o sangue coagulado das dores magnas.

Nem bem era mais Evaldo quem ali estava, senão um novelo dos mais terebrantes sentimentos, na sua feição mais tirânica, e mais trágica, a esganarem-lhe, a roeram-lhe, a um, todos os solazes da terra, todas as alegrias da vida.

Se alguma coisa ainda o sustentava de pé era a força sobrenatural da graça, de sua crença pura e imaculada, tal como sua mãe lhe ensinara, no plano em que seu padrinho a educara.

Dois dias depois da operação, ladeada por soror Filomena, soror Maria dos Anjos, o capelão e Evaldo, que lhe beijava constantemente a fronte, evolou-se para o Paraíso essa alma cheia de fé, de luz e de virtude.

Antes de morrer disse a Evaldo que ele iria ficar só no mundo, que o tesouro que ele tinha a deixar-lhe era unicamente a sua fé, e que esta lhe bastava para vencer todas as dificuldades ; que não desse um passo na vida sem refletir primeiro e sem orar muito, pedindo as luzes do Espírito Santo. Ele se conformasse com a vontade de Deus, que ele bem tinha presenciado como a Divina Providência sempre velara por sua família. E, quanto a ela, sabia que ia descansar; porém como era grande pecadora, que ele se não esquecesse nunca em sua vida de orar por alma de seus pais, que lá na Eternidade, junto ao Bom Deus das Misericórdias, eles estariam também pedindo ao Senhor por seu querido Eval... Não terminou a palavra

303

---

O enterramento seria por conta da prefeitura.

A morta era pauperrima, e o armazem não sepultava costureiras contratadas.

Soror Filomena, sabendo dessa disposição, disse ao encarregado do sepultamento das pessoas desvalidas, que morriam no hospital, que aquele cadáver era de uma san-

ta e que, por isso, havia de ter sepultura condigna, a cargo do Mosteiro da Tacaruna.

Evaldo, com a morte de sua mãe, ficou como um barco perdido, sem rumo e sem piloto.

Depois do enterro voltou a seu aposento no arranha da Tacaruna e lá passou a noite inteira em claro, gemendo, soluçando com o rosto metido entre as mãos.

Acudiu-lhe aos ouvidos clara, distintamente expressiva a voz argentina de d. Maricota. Parecia-lhe ver sombras, que desfilavam suaves por entre os modestos moveis de seu quarto. Ele fitava-as, elas esvaneciam-se.

- Se ela ressuscitasse, pensava, se ela me aparecesse... ai !... Agora só no dia de juízo. Vê-la !... só na Eternidade... ai ! ... ai ! meu Deus !

304 Punha-se depois a bradar sozinho como um cabrito desmamado, minha mãe ! minha mamãezinha ! onde estás ?!... e assombrava-se com a propria voz. Tomava então do seu rosario de madreperola e rezava, rezava e continuava a rezar... Na sua fé, ele viu então surgir como uma miragem celeste outra mãe, que não morre, que é onipotente, toda meiga, toda amor, com o coração cravado de espadas, Maria, a Mãe das Dores, a Consoladora dos Aflitos!

E bem longe de como os fantasmas da noite que com a mesma facilidade se avolumam, se corporificam e se desfazem, como os sonhos da realidade inconsciente da vida, a imagem candida da Virgem fita-o com um olhar tão doce, tão sereno, tão celestial e tão divino que ele, vencido de dores, triturado de provações, esfacelado de lutas e de trabalhos, cai adormecido sobre o colchão da cama de d. Maricota até o dia seguinte, quando o sol já ia quase de seu meio curso na abobada azul do firmamento.

Adão e Eva, expulsos do Paraiso de volupia para o vale do trabalho, dos espinhos, das angustias, da maldição e da morte, não sentiram tamanha desilusão, tão duro desamparo, tão descomunal miseria, tão excruciante e pungitivo isolamento como Evaldi, quando acordou e viu-se só. É que Adão tinha a seu lado a sua companheira de de-

sordens ; é que Eva sentia-se ainda, embora condenada, sob a guarda de um robusto escudo, seu marido. Não estavam sós. Adão podia ainda repetir como no Paraíso, a carne de minha carne, o osso dos meus ossos ; e Eva, tu a força de minha alma, a fonte de minha vida, o termino de meu amor. Eram mesmo excomungados da deliciosa mansão, dois seres que se defrontavam, dois corações que se amavam. E como se amavam, viviam. Isolamento só o ha, quando ao ser falta o complemento de sua existencia, de seu destino. E por isso o inferno é desolado e triste. Desgraçado é todo ser que perdeu o seu destino.

Evaldo banhou com o seu olhar lastimoso as aconchegadas paredes de seu aposento, aquelas cadeiras vãs, aquele fogão apagado e frio, aquele leito abandonado e tudo, tudo, indiferente, obstinado na mudez mais muda que a dos proprios tumulos lhe dizia, que nos repara? que nos queres? que nos interrogas? não está aqui...

Não está aqui !... ai! que fôra o **nom est hic** de um anjo, dilacerando os crepes dos enlutados, numa alvorada de ressurreição. Mas, não! o não está aqui, que lhe soava aos ouvidos, que lhe surgia diante dos olhos, e que ele tateava entre os moveis, era a ausencia de sua mãe, que não voltaria mais, que apodrecia entre os vermes ; era sua vida erma, solitaria, sem um coração onde despejar suas maguas, sem um esteio com que arrimar os seus passos incertos, sem um calor com que aquecer sua vida peregrina.

Na pia das lagrimas banhou ele o rosto áquela manhã, e tanto se ressentiram as rosas de sua juventude, que se lhe crestaram de uma vez para sempre.

Trazem-lhe como de costume o caldo do Mosteiro da Tacaruna, com um recadinho:

**J. M. J.**

**Evaldo,  
Venha cá, que preciso falar-lhe.  
Soror Filomena.**

A horas que as freiras já cantavam os hinos vesperais, como uma sombra, entrou Evaldo no templo da Tacaruna. Sobe os degraus do santuario, e lá, deante de Jesus Sacramentado, de joelhos, fica-se imovel, com os labios cerrados e os olhos fixos na porta do tabernaculo.

Que diria aquele coração atribulado ao Rei Eterno da Misericordia ? Não tentemos profanar com interpretações indiscretas o colloquio que se ali travou.

Quem poderá interpretar o que diz um Deus de Amor, depois das provas estupendas de uma paixão atrocissima?

Que dirá um Deus Eucarístico, só, isolado, abandonado, reduzido á condição mais que humilde de comida e de bebida, exposto ainda mais a negrissimos vilipendios, á irrisão do mundo incredulo, á perseguição de luciferianos irreconciliaveis?

Silencio e fé !... Isolamento deante de isolamento !... Porém o isolamento de Evaldo está sendo povoado de uma aluvião de idéas consoladoras, que lhe retemperam as forças. A aridez de sua alma está sendo retemperada por um orvalho do céu, prometedor de grandes esperanças. A sua acerbissima paixão está sendo coroada por uma fé mais robusta, e uma resolução mais sadia de amar a propria dor, de apaixonar-se pelos sofrimentos para parecer-se um pouco com aquele amor sagrado que lhe fala do tampo daquela altar. Dali por deante, haviam de passar dele para sempre consolações de amigos, ternuras de pai, amores maternais, sombras encantadoras da vida ! Jesus era a sua rocha, o seu Calvario. Seria tambem o seu Tambor, porque o tabernaculo era o seu paraíso.

O officio havia então terminado.

Com as lagrimas estancadas já, os suspiros acalmados, a passo firme dirige-se ao locutorio, onde o esperar soror Filomena.

- Estás aliviado, bem o noto. Conversaste muito ali com o nosso bom Jesus Sacramentado. Fazes bem, meu filho.

- Sim, eu nunca me senti tão seguro como agora.

Nem parece que eu sou uma folha seca levada pelo vento, sem base, sem destino... na terra.

- O sopro que te impele, disse soror Filomena, profeticamente, é o do Espírito Santo, e teu destino está além, muito além desta terra que pisamos. Lê este radiograma de Chique-Chique.

SOROR FILOMENA TACARUNA PERNAMBUCO.  
SIGO BUSCAR EVALDO.

PADRE EUSTAQUIO.

Ele deve chegar ainda hoje de avião, por isso não saias de casa.

- Para onde vou eu?

Às 17 horas estava Evaldo nos braços de seu padrinho, seu mestre, seu amigo.

- Tu deves continuar os teus estudos, sentenciou o padre Eustaquio.

- Porém como, só, abandonado no mundo e sem recursos?

- Ficarás com os meus pais até o fim de fevereiro.

- Eles são tão velhinhos, padre Eustaquio, vão incomodar-se comigo !

- Ao contrário, de filho só teem a mim ; e tu, os dias que lá estiveres, serás para eles um raio de alegria, uma como restea de luz a amenizar-lhes as sombras pesadas da adeantada velhice.

- Isto era bem até ontem, padrinho. Porém já hoje seu afilhado é insulso e macambuzio.

- A graça de Deus combinada com a juventude espancará toda tristeza.

Evaldo lembrou-se da visita ao Santissimo.

- Nos primeiros dias de março anunciou-se á portaria do Colegio dos Padres de S. Felipe Neri padre Eustaquio e Evaldo. Introduzidos para a sala de visitas levaram um bom quarto de hora á espera do padre Tavares, superior do Colegio. Durante esse tempo padrinho e afilhado não trocaram palavra, nem olhares. Cada um seguia o curso de suas



idéas. Voavam de certo essas por sobre cenários muito diferentes da vida ; porem não ha muito para crer-se que não visassem padre e estudante o mesmo ideal de felicidade.

- Então, que me quer v. rvcia? indagou o padre Tavares, entrando no locutorio.

- Pedir a admissão deste rapaz no seu colegio.

- Já está muito crescido, e os nossos estatutos só permitem a admissão para alunos de menos de doze anos.

- Não se escrupulize com isso, respondeu padre Eustaqui. Posso garantir-lhe que os seus melhores alunos não serão mais doces que este que aqui está. Conheço-o desde o berço, é meu afilhado, e foi formado no meu catecismo na Usina Franciscania.

- Ah ! v. rvcia é que é o sr. padre Eustaquio ?! inquiriu com um tom de grande respeito e admiração.

- Em nada melhor que os outros.

- Pois não precisa mais. O rapaz será admitido.

- Muito obrigado. Sou eu o responsavel por todas as despesas. O nosso rapaz é órfão de pai e mãe.

- Como é o seu nome ?

- Evaldo Tavora.

308

- Os nomes de seus pais ?

- Miguel Tavora e Maria Brasil Tavora.

- Moravam na Tacaruna ?

- Sim.

- Soror Filomena falou-me do senhor. Disse-me que sua mãe foi uma santa.

- Bondades de soror Filomena. Deus é quem sabe quem é santo.

- Porém v. rvcia. é tão pobrezinho ! disse padre Tavares para padre Eustaquio. Como poderá sustentar esse rapazito, que já está um homem ?

- Não pense nisso, padre Tavares.

- Em que ano você está?

- No quarto.

- Pois bem o rapaz ficará conosco. Não pagará nada, salvo a roupa e os livros.

- Obrigado pela esmola, disse Evaldo, beijando a mão do padre Tavares.

- V. rvm. pode dar-lhe licença para passar as férias com os meus pais ?

- Sem dúvida.

- Evaldo ficou no Colegio e padre Eustaquio voou para Chique-Chique.

O Colegio dos Padres de S. Felipe Neri havia-se expandido desde o século XX a passos de gigante. Estava então convertido na Universidade Católica de Pernambuco com uma frequência de cinco mil estudantes e duzentos e sessenta professores, mestres dos mais afamados, que para lá acorriam dos centros mais cultos do mundo.

Evaldo no meio de tanta luz intelectual, moral e espiritual, viu-se como quem diz, como peixe na água. O seu espírito profundamente religioso e avido dos cometimentos mais heroicos, tara materna do dizer dos psiquiatras, encolheu com a pajuçada da vitória regia em águas tropicais.

Estava um dia no recreio, quando lhe chegou o porteiro com um recado.

- O senhor vá á sala de visitas, que lá está uma pessoa a sua procura.

Era Rui. Abraçaram-se muito cordealmente.

- Deu-me trabalho para descobrir o teu paradeiro. Corri seca e méca. Fui ao arranha-céu e não sabiam nem dizer-me quem tu eras. Indaguei dos outros colegas do Instituto Nordeste e ninguém era capaz de dizer-me onde estavas. Só o Machadinho que mora na Tacaruna, foi quem me disse que ouvira dizer pelo dr. Manuel Kaderc, que eu não sei quem é...

- Um medico distinto.

- ...que tua mãe tinha morrido ! Porém o Machadinho não me disse como coisa muito certa...

- É, Rui! Infelizmente é ! afirmou Evaldo tirando do mais intimo do peito um maguado suspiro.

- Ingrato ! e porque não me radiografaste ? Eu teria vindo assistir o enterro e fazer-te companhia na tua dôr. Não te perdôo, eu queria tanto bem a mamãe, disse Rui de-

bulhado em lágrimas. Não te perdôo, ingrato, ingrato !... irmão egoísta!...

Evaldo abraçou-o e alguns minutos ficaram-se derramando em lágrimas no seio um do outro.

Desenlaçaram-se, mas sucedeu um longo diálogo mudo de olhares, de soluços e de suspiros.

Por fim falou Evaldo.

- Não imaginas a minha situação. Desorientei-me, e não vi nada mais no mundo que minha orfandade abandonada.

- E como vieste parar logo aqui, na Universidade Católica, onde se admite apenas a gente mais rica da cidade?

- Estás vendo pelo meu caso que isso não é verdade ; porém, quando seja, querendo Deus, tudo se faz. Que te dizia eu da Providência Divina? Não está evidente no que se dá comigo?

- Sem dúvida, está. Porém, Evaldo, eu não me posso acomodar com a condição de ficar privado de tua companhia no Instituto. Fazes-me uma falta, que não és capaz de imaginar. Lá não encontro outro colega senão tu.

- Não digas isso, Rui. E o Alberto, o Flavio, o Fernandinho, o Carvalho, e tantos outros?

310

- Estou vendo que citas já o Instituto Nordestino todo.

- Cito o nome daqueles que mais valor e peso dão ao Instituto. Há lá excelentes rapazes, ha-os. E os que assistem às conferências do padre Leal são os melhores deles todos, o escol da juventude Nordestina. Então, não serão esses companheiros dignos de ti?

- Companheiros, sim ; amigos, não.

- E o padre Leal não pode ser teu amigo?

- Como tu ?!... tinha o que ver.

- Se eu sou teu amigo por te ter, assim o afirmas, melhorado, qualquer outro que o mesmo te fizer será para ti um outro Evaldo.

- E o padre Leal, que tem muito mais que eu possibilidades de te fazer melhor, será então para ti um superevaldo.

- Não deixo de reconhecer que é originalíssimo esse teu neologismo ; originalíssimo na formação filológica, e

originalissimo no sentido que envolve. Não ponho a menor dúvida que no Instituto muito rapaz que estava por assim dizem perdido, rehabilitou-se lá com o padre Leal. Porém no meu caso, antes do padre Leal, no Instituto mesmo, tive o meu superevaldo...

- Que te não aperfeiçoou em certas coisas porque não tem faculdade para isso.

- Não, porque de Rui para mim não ha grande distancia ; mas apesar de tudo eu te dou todas as faculdades para corrigires todos os meus defeitos.

- Ninguem dá o que não tem.

- Quem é que tem direito sobre mim, sobre o meu eu, sobre a minha personalidade?

- Deus. E Deus deu essa faculdade só e só aos padres, para perdoarem os nossos pecados, corrigirem os nossos defeitos e nos levarem pelo caminho do bem.

- Não compreendo a tua metafísica.

- Metafísica não, Rui, catecismo. Tu nunca fizeste a primeira comunhão, fizeste?

- Eu nunca.

- Porque?

- Meu pai não quer que me confesse. Diz que sou muito novo.

- Já barbado! Bôa essa!

- Ele diz que é cêdo para escolher religião.

- Religião é noiva que a gente escolhe quando está homem feito? Teu pai é das Arabias.

- Não faças alusão ao nosso palacete, por favor!

- Nem mesmo pensei no teu castelo de mil-e-uma-noites. Diz-me, Rui. que é que te diz o papai?

- Sobre religião?

- Sim.

- Que religião não é coisa necessaria para a vida. O de que a gente precisa é dinheiro.

- Ele está enganado. Eu com a minha pobreza estou aqui na Universidade dos ricos.

- Tens razão.

- E o que diz mais ele?

- Que todas as religiões são iguais, e que, para a gente seguir o instinto da tara religiosa, o mais seguro é ilustrar-se primeiro para se decidir depois por essa ou por aquela.

- Desculpa-me, meu Rui, porém o teu pai só sabe ganhar dinheiro. Não é capaz de diferenciar *tara de instinto*, que são coisas muito diferentes. Isso de instinto da tara é também das Arabias. E quem disse a ele que todas as religiões são iguais? Ele não acredita na existencia de Deus?

- Acredita.

- Se Deus existe, é a verdade unica. Como pode então a unica verdade admitir religiões contraditorias no que diz respeito ao proprio ser da verdade? Achas razoavel que Deus seja indiferente a uma religião que proclama o dogma de Deus uno e trino, e outra que Deus é apenas uno, ou que ha pleiade de Deuses? Uma dessas asserções sendo verdadeira, está claro que as outras são falsas. Quer teu pai que Deus seja o mesmo para a verdade e para a mentira? Um tal Deus assim indiferente não pode existir. Ele, que não é Deus, garanto que não ficará satisfeito se alguém asserverar que ele é hotentote, japonês ou alemão. Digam agora que ele é um português de quatro costados, garanto-te que ficará satisfeito, embora não more num palacio manuelino, que mais conviria a sua nacionalidade.

- Mas ele diz que é descendente de raça arabe, com o que explica a arquitetura de nosso palacio. Quanto ás outras nacionalidades, bem certo que ninguem fica satisfeito quanto se diz o que ele não é.

- Muito exáto. Pois bem, a religião é um revelado de consequencias obrigatorias para todo homem relativamente a Deus. A religião tem de estampar em nossa mente a noção dos atributos de Deus e seus derivados. E se a noção for mentirosa? Não vês que será gravissima injuria irrogada a Deus? Fosse alguém com o retrato de um gorila e dissesse, aqui está, sr. Conde de Castro, o seu retrato! Achas que ele ficaria satisfeito ainda mesmo que acreditasse na origem simiana do homem?

- Meu pai atiraria o atrevido fóra de casa a pontapé, disse Rui a sorrir.

- Teria razão, confesso-o. Pois o caso é o mesmo. Vá algum atrevido com o sol ou com a lua, ou simplesmente com a materia e diga está aqui Deus, adoremo-lo. Deus não hade ofender-se?

- Que heide fazer com o meu pai? Ele tem tais idéas...

- Originalíssimas. Reza por ele, meu Rui e vai confessar-te.

- Não quero dar-lhe este desgosto.

- Não debes desgostar o teu pai noutras coisas ; porém, por satisfazer ás idéas absurdas de teu pai, não debes com maioria de razão desgostar o nosso primeiro pai, Deus, de quem procede toda paternidade no Céu e na Terra. Ele te não dá permissão de ires aonde bem queres? Pois então vai ao sacramento da penitencia, e dize-lhe que foste aonde bem querias, que isso foi uma sua velhe permissão. Dize-me mais uma coisa, Rui, o teu pai é protestante?

- Já frequentou muito tempo a casa de oração do pastor Januario.

- Está explicada a sua teimosia em não querer que te confesses. Esses Januarios me devem uma conta, disse Evaldo recordando-se do velho farmaceutico da Franciscania.

- Porque dizes isto?

Evaldo referiu o seu passado naquele tocante e concluiu: esses Januarios são Januarios do Inferno, aludindo á significação do termo *Januario*, o mesmo que o *porteiro*.

- Mas vamos ao principal da minha visita.

- A's ordens.

- Tu não podes ficar aqui no Colegio Neri. Com certeza estás recebendo favores de alguém, se é que esse alguém não é o proprio Colegio.

- E que mal me faz, Rui? Deus me atirou no mundo para viver assim parasitando. Aprenderei nesta escola a virtude da humildade, que talvez não a tivesse se Ele me prodigalizasse os recursos da fortuna.

- Mas esta condição é humilhante.

- E se eu poder depois, como espero, indenizar os meus benfeitores, não me levantarei aos olhos de Deus e da sociedade pela virtude da gratidão? Repara que já são duas virtudes não pequenas e dificilimas de praticar, que eu aprendo nesta escola humilde de receber favores.

- Mas se eu te proporcionar um meio para terminares os teus estudos com independencia...

- Achas que tambem não é um favor? que eu melhora de sorte ?

- Absolutamente não é favor.

- Então dize.

- Não te aborreças!

- Porque? Então queres favorecer-me.

- Não se trata, já disse, de favores.

- Fala.

- Eu te fornecerei todos os recursos...

- Pensei que viesses com outra coisa...

- Mas, Evaldo, deixa-me falar! Se são favores, são favores trocados. E os teus conselhos, a tua convivencia, o teu exemplo não me valem muito mais que uns miseraveis cruzeiros !?...

314

- Não fales mal da cruz. Os meus conselhos nada me custam.

- Nem os meus cruzeiros tão pouco.

- Não, Rui, isso é impossível.

- Dize, Evaldo, que mais val o dinheiro ou virtude, a materia ou o espirito, o metal ou a graça de Deus? Responde tu que és tão católico.

- Um católico não pode responder a tua questão, respondeu Evaldo maliciosamente.

- Porque ? Um católico não sabe acaso comparar o dinheiro, a materia, com a virtude e a graça de Deus?

- Não.

- Porque não?

- Porque isso é simonia.

- Ora bolas, que estás sempre a sofismar!

- Não, senhor! estou dizendo a verdade. Não ha comparação entre a materia e o espirito, o metal e a graça.

- Chegaste ao que eu queria. Não ha proporção entre os elementos materiais que te eu possa fornecer para terminares a tua carreira, e toda a riqueza espiritual de virtudes e bons exemplos que me deres. Conclusão tu deves atender-me.

- Conclusão: tu deves transportar-te do Instituto Nordestino para o Colegio Neri.

- Pensa que já não sondei o velho, assim que soube de tua estadia nesta casa?

- E que te disse ele?

- Que absolutamente não consetiria que os padres só ensinam a rezar.

- Quanto preconceito, meu Deus! Se eles só nos ensinassem a rezar, e se só rezar aprendessemos com eles já teriamos aprendido a ciencia da felicidade, estaria resolvido o problema da vida. Mas eu te assevero que nós aqui estudamos muito mais que no Instituto, onde são tantos os dias feriados, vicio secular de que a nossa velha escola ainda se não libertou por obra e graça da Junta Suprema de Ensino. O rapazio daqui tem hora para tudo, fazem os seus exercicios e não gosam da liberdade desenfreada da rua, que no Instituto gosamos. Ademais, isso cá não é escola mista, em que os rapazes estragam o seu tempo com amizades perigosas com as colegas, dando em resultado, casamentos precoces, com prejuizo do curso dos nubentes, que são vitimas da indisciplina do meio. No Instituto, meu amigo, estudar é apenas um dever cívico ; aqui o é tambem religioso. Vês que nos obrigamos muito mais.

- Os rapazes daqui ficam sorumbaticos á falta de distrações.

- Enquanto eu não fiquei com toda minha vida cheia de dificuldades e de penas... Além disso, assevero-te, temos muito mais distrações que lá. Temos exercicios de remo, pesca, equitação, teartos, comunicações com o planeta Marte, passeios de levitado, ouvimos as melhores orquestras do globo, ouvimos oradores de todos os paizes, se bem o quisermos, e mil outras coisas exigidas pelo progresso da sociedade contemporanea. Daqui assistimos as preleções



dos professores das Universidades de Londres, Paris, Berlim, Nova-Iorque, Roma, etc. Assistimos ás canonizações dos santos pelo Santo Padre, as procissões de Lourdes e até mesmo algumas batalhas já presenciámos. Os alunos distintos nos exames ganham um presente interessantissimo o cinerradio ou bengala maravilhosa. O castão é provido de um aparelho especial que nos deixa ver o povo na rua como esqueletos, que se movem acima e abaixo. Se a gente aplica o instrumento contra a vidraça de um mostrador, é curioso, nada se vê porque os raios não atravessam o vidro, porem contra uma porta de madeira tudo está claro. Que queres mais?

- Conheço toda essa brincadeira. Lá em casa temos uma duzia dessas bengalas e outras coisas mais curiosas ainda, que tu podes conhecer mais depressa que no Colegio se vieres comigo.

- Não posso.

- És um ingrato!

- Não me firas, Rui, pelo amor de Deus! Convence-te que jamais me esquecerei de que esta minha roupa, com que estou vestido, é obra de tua misericordia de vestir os nós!

- Convence-te tambem, Evaldo, que este meu espirito estragado, que ora se me restaura, é obra exclusiva de tua misericordia de dar bons conselhos e ensinar os ignorantes.

316

Evaldo começou a corar.

E Rui, querendo consolá-lo, chorou tambem.

Houve uma longa pausa sem que nenhum dos dois se atrevesse ou pudesse articular uma unica palavra.

Afinal Rui falou.

- Porque o meu irmão quer abandonar o seu irmão?

- Porque eu tenho um pai que me colocou aqui.

- Quem é esse pai? Preciso conhecê-lo.

- Padre Eustaquio.

Evaldo contou a Rui todos os pormenores de sua entrada no colegio por intervenção de padre Eustaquio.

- Estás sacrificando o padre Eustaquio. Tão pobre! Como poderá manter-te?

- Ele sabe como.

- Nada ; tu sacrificas de um golpe dois amigos, padre Eustaquio na bolsa e a mim no coração.

- Afirmando-te, Rui, que nunca sofri tanto no mundo como agora. Sou verdadeiramente infeliz.

- Porque queres.

- Porque não quero, nem devo romper um compromisso, para aceitar as tuas caridades.

- Caridade é o que se faz a desconhecidos e a inimigos, protestou Rui. Nunca se poderá chamar caridade o que se faz por um profundo sentimento de justiça e um grande amor.

- Amor é caridade, Rui!

- E que compromisso é então esse que manda seres tão duro, tão cruel para quem tanto de preza?

- O grande, o real motivo que tenho para abandonar-te, esta numa inspiração, um chamado íntimo um apelo divino, que Jesus Sacramento fez-me quando em visita ao tabernáculo da Tacaruna, no dia seguinte ao do enterro de minha mãe.

- E que te disse Ele?

- Que eu se me entregasse todo a Ele, que Ele se entregaria todo a mim. Que troca! Um homem por um Deus! Não val a pena?

- Não compreendo essa troca. Como pode ser isso?

- Fácil. Abandono o mundo com todos os seus enganos, suas seduções. Faço-me oratoriano e vou pelo mundo afora levar um pão onde houver um faminto, uma gota d'água onde lavrar a sede, um raio de luz onde imperar a treva, a liberdade onde apertar um cárcere, um riso do Céu onde estertorar uma lágrima.

- Isto é uma loucura, Evaldo! Tu estavas excitado de mais pela morte quase repentina de tua mãe, e, como era natural, abateste-te muito. Disseste mesmo que nada mais viste que tua orfandade abandonada. Esgotado, doente como estavas, excitaram-te os nervos e tua fantasia vulcani-

ca saiu-se diante do Santissimo Sacramento com a mania de ser missionario como se sairia com outra profissão para que estivesse predisposto diante de outra coisa qualquer, que te impressionasse.

- A fé sempre foi uma loucura, Rui. Aos olhos do mundo, é.

- O teu caso não é o do assim chamado loucura da cruz, a que aludes. Repara o teu passado, os teus antecedentes, as circunstancias especialissimas em que estavas o silencio e a santidade do logar, onde rezavas inteiramente só.

- Não, não, eu não estava só! As irmãs cantavam no côro e no alto da torre dobravam os sinos.

- Eram-te vozes de anjos no Paraiso, não eram?

- Eram, e são, respondeu Evaldo.

- Mais outra fonte de sugestão para esse sonho missionario dentro na igreja, diante do tabernaculo, aos badalares dos sinos. Dissuade-te disto e vem comigo. Por onde eu subir, subirás tambem. Sabes que as posições politicas do nosso pais valem o que vale o ouro ; quero dizer pois que são nossas que meu pai é multimilionario. Palacios como o Arabe nós temos uma vitena nos grandes centros brasileiros, toda exploração das minas de carvão de pedra do rio S. Francisco nos pertence, temos quarenta trens aereos, oitenta dirigiveis, grandes armazens de generos asiaticos, que muita gente aqui supõe propriedade de japonêses, tibetanos e sirios. Os maiores arranha-céus da Avenida Imperial são nossos, e muita mais coisa para não fazer o inventario de tudo. Pensavas que eu fazia muito em te mandar aquelas tolices, que me não custavam nada. Agora que sabes bem de minhas possibilidades, o que jamais te diria para não parecer basofia e não te sentires humilhado junto de um rapaz rico, ficas á vontade para vires comigo.

318

- Quera tem tanta riqueza, Rui, não precisa de instar com um pobre como eu. Não te faltarão amigos.

- Já te disse que não os quero. Meus irmãos e irmãs teem um magote deles. Detesto-os os taes amigos. Só me serve quem me possa encher o coração vasio.

- Tanto dinheiro, tanta riqueza e o teu coração vasio ?!... Pois, meu Rui, eu, como tu, não estimo, não dou o mínimo apreço a fortuna. São bens caducos da vida. Não satisfazem ás ansias da alma. Tu me queres e queres-me amigo para divertir-te.

- Oh! Evaldo, não digas isto. Tu me serves de consolo e de amparo. Não é para divertir-me que te busco.

- Mas eu nunca, nunca, meu Rui, enchei o vacuo de teu peito. Quando se passarem os anos e vires que teu coração continúa vasio, dirás: - Que lôgro! Pensei que Evaldo era uma coisa e afinal de contas ele é tão frívolo como tudo mais!

- Tu és atroz.

- Como tu também tenho um coração vasio, uma alma insaciavel. Preciso também de um amigo para que me anime, me cure, me salve.

- Onde irás buscar esse amigo, se com tanta dificuldade achei-te a ti, que me queres abandonar?

- O meu amigo não me abandonará nunca, nem tem defeito nenhum possível.

- Quem é o teu amigo?

- Jesus Sacramentado.

- Jesus é amigo de todos nós, mas é por de mais difícil compreender o que Ele diz. Só um espirito privilegiado como o teu hade entendê-lo.

319

- Engano, Rui. Quanto mais simples é a alma, tanto mais lucida para entender o que Jesus ensina. E se a dificuldade permanecer, aí está a Igreja que é a fiel interprete da lingua, dos pensamentos e da vontade de Jesus. Basta ouvir a Igreja para estar ouvindo e entendendo o que Jesus diz.

- Mas Jesus diz que a caridade é o primeiro preceito ; como é agora que tu, que dizes ter ouvido e entendido a voz de Jesus, não cumpres o preceito excelente para com o teu Rui?

- Sabe, Rui, que é de Jesus que eu tiro a força com que, dizes te animo. Se eu perder a Jesus tu perderás o Evaldo.

- Queres mesmo ser religioso?

- Já está resolvido. Cada dia que se passa, mais anseio por chegar o dia de minha profissão religiosa. Pregar, ensinar a verdade do Céu, o unico caminho da felicidade, arrancar almas da ignorancia para a luz, do pecado para a graça, do Inferno para a gloria, eis o verdadeiro tesouro que o ladrão não furta, a traça não pica, o tempo não consome. Os teus tesouros, Rui, em ultima analise nada mais valem que terra, que pó, que cinza e nada. Sou mais ambicioso do que tu. Contentas-te com a Terra; eu quero o Céu! Buscas as luzes forforicas dos tremedais, eu procuro o rumo altissimo das estrelas!

- Fantasias! fantasias, murmurou Rui.

- Deixa-me, amigo, deixa-me com as minhas fantasias, disse Evaldo abraçando demoradamente, sentidamente, o seu querido Rui, para se verem outra vez?..., quando?...

320

---

- Era a hora solene, misteriosa, problematica do crepusculo, e o nobre carrilhão da basilica de S. Felipe Neri dobrava grave, espaçado, majestoso, chamando os Universitarios á prece das Ave-Marias.

- Evaldo, desembaraçando-se do seu amigo, benzeu-se, baixou a cabeça e começou a murmurar - O anjo do Senhor anunciou a Maria...

- Rui porem levantou a cabeça e escutou áquela mesma hora uma sirena que silvava nalguma manufatura longiqua a solta dos operarios.

- Pararam os sinos, emudeceu a sirena.

- Evaldo concluia a prece e Rui enlevava-se num sonho.

- Escutas os uivos da sirena, Rui?

- São doces aos meus ouvidos! Acho-as divinas, adoraveis aquelas sirenas! Enguiçam-me a mim aqueles assobios selvagens, como santificam-te a ti, eu sei, os do-

bres plangentes destes sinos. Sigamos pois cada um a sua sorte. Com os sinos subirás em teu idealismo as escadas interminas do Paraíso, com as sirenas vou eu perlustrar as ilusões realíssimas da vida. Adeus! Adeus!

- Não, Rui !... pelo amor de Deus, não te vás !... fez Evaldo procurando deter o seu amigo pelo braço.

- Como ?!... Nunca, Evaldo! O convento é uma loucura!

- Engano, Rui ; o convento é o mais logico, o mais claro dos silogismos ; conclue com a verdade de nosso ultimo destino.

- Seja! mas prefiro a vida mundana, bem que esteja certo não passe de um lurido devaneio de uma noite de frio e de febre.

- Loucura! geme Evaldo.

- Dor! exclama Rui.

Rui aparta-se precipitadamente de seu amigo sem lhe mais deitar o ultimo olhar da saudade. O amor do prazer ia-lhe aninhado em seu coração.

Evaldo recolhe-se ao mais retirado santuario da prece, acompanhando com a vista embaciada por uma grande magua aquele helicogiro que se lhe ia a perder no imperio das nuvens.

A aeronava sumiu-se, porém o aeronauta ficou apra sempre na memoria de Evaldo.

**DEVANEIO MISTICO**  
DE UM OSCULO SAGRADO  
**NO PALACIO ARABE, 2084 A. D.**

322

Vieram os dias, fugiram os meses, evolaram-se os anos na marcha vertiginosa do tempo e da vida.

Dos nossos conhecidos velhos já nenhum restava mais, porque os velhos devem morrer ; e eles, cumprindo a lei inexoravel, foram logo pagando com os seus corpos a divida do tumulo.

Dos nossos conhecidos moços, porque é incerto o ponto final da existencia humana sobre a Terra, tambem muitos já lá se foram de andor em tetrica e feral procissão, apesar de todos os protestos da natureza, de todos os esforços da ciencia, de todos os recursos da medicina.

Mais de uma vez, depois que Evaldo e Rui se apartaram na portaria da Universidade Catolica com aqueles dois violentos gritos de angustia, "oh! loucura!", "oh! dôr!", o Palacio Arabe engalanara-se muitas vezes em festas de nupcias e batizados, bodas de prata e de ouro, e

para remate de toda pompa mundana, em faustosos funerais.

**Eheu! fugaces, Postume, Postume,  
Labuntur anni; nec pietas moram  
Rugis et instanti senectæ  
Afferet, indomitæque morti!**

diria ainda hoje Miguelzinho

com a respectiva tradução exigida por d. Maricota, se já para cinquenta e dois anos não tivesse baixado também á sepultura.

**Ai, que fugazes, Postumo, oh! Postumo!  
decorrem os anos;  
que, em pura perda, o santo fervor  
não impedirá da velhice as rugas,  
nem bem assim da morte  
o algido palor!**

Como porém não é da morte, senão do tempo o privilegio de derrocar as moles soberbas da industria humana, lá está ainda de pé o Palacio Arabe ; porque, se para um palacio cem mortes são poucas, cinquenta anos já valem para o ir tisanando com o musgo da idade.

A morte ceifou-lhe os velhos beduís, e as odaliscas, que receberam Evaldo e o vestiram no albornós azul-negro, porém foi o tempo que consumiu aquelas tendinhas de lona betada, que então eriçavam o seu espaçoso parque ; e será ainda o tempo que hade consumir esses minarêtes graciosos, essas torrinhas petulantes, corneadas de crescentes, essas colunas, essas muralhas esmaltadas de tão lindos arabescos!

Daqueles dias gloriosos do conde de Castro dão ainda testemunho retabulos e colgaduras, que ainda pendem das paredes, como todo rico mobiliario que o dr. Rui de Castro conserva como sagrada reliquia do passado.

Tudo ali já passava de meio seculo e por isso começava a ser venerando.

Ninguem porém protestava mais contra a velhice, a



filha primogenita do tempo, que a pessoa mais velha da casa, a senhora condessa de Castro.

Resistiu lutou quanto pode. Já contando mais de oitenta janeiros, ao que se supunha, porque era o seu segredo a idade, ainda se adereçava de joias, fazia massagens, pintave-se, brunia as unhas e usava mil outros artificios por parecer formosa.

Porém coitada! não passava de uma velha garrida.

A aia que a servia, uma moiçola de vinte anos, fazia joguete da pobre condessa. Às vezes com o exagero da pintura saia-lhe o nariz vermelho como um pimentão maduro, outros eram esverdeados os cabelos, bem entendido, os da cabeleira postiça, porque os naturais, já se tinham ido de todo, de tanto frisado, tanto alisado, tanto tostado, tanta loção, tant cosmetico, tanta pomada !...

Ainda assim fazia timbre de aparecer farfalheira nas grandes cerimonias do Palacio, como rainha da festa, em vestidos de rigorosa sencerimonia pelos escandalosos decotes de ridiculo ainda mais lastimoso para uma senhora da sua idade.

324

Afinal foi a condessa vencida. Faltaram-lhe as forças nas pernas e a luz nos olhos ; sentia palpitações no coração e a cabeça andava-lhe á roda. Mesmo assim nunca se esquecia, tal a força do habito, de reclamar a manicuro e a pedicuro, o dentista, ela que não tinha mais dentes! o cabeleireiro e o perfumista pela comporem e perfumarem com o estrato mais recente, e a modista para dar-lhe parecer que vestuario mais lhe conviria pela manhã, ao almoço, á merenda e á noite para o jantar, que a essa epoca, constava apenas de umas papas.

Causava dó ver-lhe a multianosa vaidade. Levava horas inteiras junto a seu velho amigo e companheiro de frivolidades, o espelho. Era aí o seu sacrario, porque ai era infalivel de encontrar o seu idolo, sua propria imagem. Foi por conseguinte lá, atendendo devotadamente ás reflexões impensadas mas verdadeiras do espelho, que ela se passou para onde vão as reflexões sérias e ponderadas dos que verdadeiramente vivem.

Assim mesmo empavesada, brunida, pintada, respeitaram-lhe a ultima vontade, e com esse respeito fizeram-lhe os funerais.

Outros claros, claros profundos, se operaram na densa familia dos Castros, porem novos recrutas da vida vieram-lhe cerrar de novo as fileiras.

E, por isso, lá estava ainda o Palacio Arabe empavonado com mais decencia do que sua velha proprietaria, porque ataviado com os ornatos de sua epoca e estilo, e dentro no Palacio a poderosa familia dos Castros.

A quadra que agora atravessava a familia era de preocupações e de sustos.

Efetivamente, em alcochoado e brando leito paramentado de alvissimo linho, recostava-se calçado de dezenas de almofadas um veneravel ancião.

A fronte escampa, as faces encovadas, os olhos sumidos como duas brasas mortas, escondidas numa maçaroca de cilios e supercilios, os labios e se entreabirem ofegantes em busca de mais ar, a pele humida, as grandes palmas a se agitarem como folhas á variação, o peito arfante e, de vez em vez, um gemido surdo e doloroso, tudo denotava que o paciente não estava longe dos ultimos anseios da vida.

325

Dele não arredava o pé d. Cristina de Castro, uma durazia e veneranda matrona, alma anjelica, profundamente religiosa, de espirito pio e temente a Deus. Seus modos simples e delicados faziam de tal modo ressaltar esses predicados, que era uma verdadeira ventura, diziam todos que se aproximavam de sua convivencia, demorar junto dela.

Com ele sempre estavam suas duas noras, e quem as visse naquela triade não se iludiria jamais, tomando-as por tres graças cristãs, simplicidade, modestia e candura.

E, coisa curiosa, quanto ao fisico dessas tres damas da casa dos Castros: todas as tres eram baixinhas, todas tres eram vermelhas, todas tres eram gorduchas, sem que nenhum parentesco tivessem entre si que o de simples afinidade.

Naquele vasto aposento, guarnecido aliás com grande sobriedade, quando comparado com os outros, além dessas tres criaturas infinitamente carinhosas, infinitamente atentas ao menor movimento, ao mais abafado gemido do enfermo, entravam apenas e saiam, como sombras silenciosas e intermitentes os medicos e enfermeiros e mais dois mancebos, altos, esgrouviados, loiros, vermelhos e sardentos. Eram os filhos do ancião, filhos gêmeos do nosso muito conhecido dr. Rui de Castro, presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Nas vastas salas do rés do chão pairava um como zumbir de moribondos em enxame. Eram ministros, diplomatas, senadores, deputados, milionarios, consules, professores, jornalistas e curiosos.

Entravam a bisbilhotar noticias do estado do presidente e saiam sem que ninguem lhes ouvisse nem tropél dentro de casa, nem o roncar dos helices e aletas de suas aeronaves modernissimas, que disparavam silenciosas pelo espaço.

326 Horas depois, apareciam os jornais com uma sobrecarga de caricaturas do presidente, e mentiras incofessaveis sobre seu estado de saúde. No mesmo diapasão voavão radiogramas aos ultimos confins do globo. O pobre dr. Rui de Castro estava se finando em seu palacio, e lia-se na Groenlandia que ele sofrera um leve resfriado e, horas após, que estava radicalmente curado pelos progressos da medicina brasileira, e tão curado que presidira a abertura do Congresso Internacional de Levitação e Comunicações com o planeta Marte. Diga-se de passagem que o dr. Rui era um excelente marciano, e tanto assim que chegara a compor um rico vocabulario e uma gramatica da lingua falada por aquele povo curiosissimo, pelo que recebeu o grande premio instituido pelo mais sabio marciano terrestre.

Em apartamentos reservados estava de prontidão o grande corpo do que havia de mais eminente na medicina brasileira, presididos pelo eminente professor João da Trintade, que era o principe deles todos. Discutiam, duvidavam, receitavam, corrigiam e, o que é mais verdade, ansia-

vam, porque a ciencia já lhe começava a falir, para a solução do magno problema. Afinal, solene como um pontifice, dogmatizou o grande mestre João da Trindade: - Meus senhores, estão esgotados os recursos da ciencia ; não ha mais que fazer.

O maior misterio, o maior sigilo se deveria guardar em torno do ominoso oraculo. Porem apesar de todas as reservas, de todas as responsabilidades, de todos os interesses, de todos os respeitos, a fagulha propagava-se surdina, aos cochilos, aos cicios, de ouvido a ouvido, primeiro dos vinte e cinco medicos, todos professores emeritos da Universidade, desses para o ouvido dos seis enfermeiros, dos tres farmaceuticos, dos dez cosinheiros, dos vinte copeiros, das trinta arrumadeiras, dos cincoenta *chauffeurs*, dos dezoito aviadores, dos cinco barbeiros, dos quinze jardineiros, dos dezanove horteleiros, dos oito padeiros, dos dez pasteleiros, dos seus photographos, das dezassete lavadeiras, das vinte engomadeiras, das doze quintaleiras, dos cinco porteiros, de alguns ministros, de certos senadores, de uns poucos deputados, dos milionarios todos, por causa da questão da finança. Isso se dizia, é verdade ; mas, era segredo, segredo que por um furo de reportagem, chegou ao conhecimento de alguns jornalistas imprudentes, que no dia seguinte publicavam o laudo da saúde, ou, diga-se antes o laudo da morte pronunciado pelo eminente e sabio esculapio João da Trincade, com um descomunal retrato do mestre, do presidente condenado pela ciencia e os retratos menores dos outros juizes togados e ornados de cobrinhas.

327

Só d. Cristina e o illustre enfermo ainda ignoravam o terrivel veredictum.

Dr. Rui de Castro, presidente da Republica, a maior sumidade das letras e da jurisprudencia do paiz, chege de um partido politico, composto do elemento mais são da sociedade brasileira, solido, coêso na defesa e engrandecimento da patria, que tinha levado o paiz para os fins do seculo XXI ás condições de nação de primeira classe pela disciplina que soubera manter, respeito ás leis, de que ele era o primeiro a dar o exemplo, sabia e prudente economia, co-

mo rezavam as suas plataformas, abriu os seus grandes olhos e repetiu para a mulher sua frase costumeira, "qua hade novo, Tininha?"

- Nada.

- Não pode ser, a todo o momento estão aparecendo coisas extraordinarias...

- O que hade mais extraordinario aqui em Pernambuco são as conferencias do padre Evaldo na Cathedral.

- Padre Evaldo! Quem é esse padre Evaldo?

- Dizem que o campeão da oratoria sacra do mundo, talvez o tribuno que mais bem maneje a lingua portugêsa.

- E' portugês ou brasileiro?

- Não sei. Ouço dizer maravilhas. Você sabe que nave colossal tem a nossa sé. Pois bem todas as quartas feiras a Igreja enche-se de vinte mil pessoas e de quando em vez estrondeiam ruidosissimas aclamações. O padre já censurou tais aplausos, por incompativeis com a santidade do logar e o silencio que se deve conservar intermetato na casa de Deus. Não se contiveram e repetiram as ovações com mais veemencia do que dantes. O padre ameaçou-os então de suspender a pregação do tempo da quaresma. Só assim é que cessaram. Apesar de tudo, observa-se ainda como a Igreja fica vibrante por ocasião de seus discursos.

328

- Essa gente, disse o dr. Rui, vai lá apenas pela retorica e facundia do padre.

- Ou pela retorica, ou pela oratoria, ou por qualquer outro motivo humano, o fáto é que, aos domingos, na missa das 6 ½ ha lá uma multidão de pessoas de todas as classes, que lá vão receber a Sagrada Eucaristia.

- E' só gente do povo, Tininha.

- Não só. Sei de ministros, senadores, medicos, desembargadores, advogados, mestres dos mais abalisados da nossa Universidade, que nunca se haviam confessado e lá vão receber Nosso Senhor.

- Que tolos !... Individualmente o homem não precisa de religião. A religião só serve, Tininha, como força social.

- E' pena que você não possa assistir ás conferencia do padre Evaldo.

- Para converter-me? Ora, Tininha, pense outra coisa.

- Ora essa! Você, que é tão amante das letras é de um bom tribuno, iria ouvir um famoso modêlo.

- Por esse motivo valeria a pena. Garanto-lhe que, se os medicos mo permitiriam, iria assim mesmo ver e ouvir esse padre.

- E se ele viesse aqui ?...

- Lembro-me, Tininha, de um meu colega do tempo do Instituto Nordeste, que se chamava Evaldo. Era inteligentissimo, vivo, de uma linguagem facil, tão doce, que parecia de raça italiana. Era muito carola, mas eu prezava-o mais do que os meus proprios irmãos. Os seus conceitos eram justos, suas resoluções calmas e refletidas, seu trato fino e delicado, os seus conselhos prudentes e acerrados. Nunca mais vi na minha vida um rapaz como aquele. Aliava a essas qualidades de inteligencia e de carater uma plastica divina. Era um efêbo apolineo, perfeito, que não se lisonjeava nem com a formosura do corpo, nem com o brilho da inteligencia.

- Você está falando muito, repare que está doente.

- Deixe. Quando eu cessar de falar estou morto. Mas eu preciso dizer-lhe quem foi Evaldo, o meu amigo de infancia. Foi o unico ser que até o presente teve palavras que me encheram a insaciabilidade de meu espirito. Talvez fosse isso, porem, naquela epoca.

- Quem sabe se esse outro Evaldo não teria a mesma varinha de condão?

- Isso foi um dia, Tininha, mas lá se foi tão longe...

- E se, por um desses caprichos da sorte, esse sacerdote tão santo e tão sabio tivesse ainda palavras para saciá-lo mais uma vez das ansias de seu coração, e agora que lhe seria tão util como calmante para seus nervos esgotados, não valeria a pena...

- Quem é que pode mais refrescar-me o espirito, co-

mo Evaldo mo fazia naquela feliz quadra de tanta saudade !...

- Ora, Rui, naquele tempo tratava-se de menino para menino ; agora, se por felicidade for o mesmo Evaldo, será homem para homem, cultura contra cultura. Que belo defrontarem-se dois espiritos privilegiados, cheios de ciencia, de carater vigoroso e provações da vida! Para mim seria um espetáculo inédito, que muito me satisfaria a curiosidade.

Pode ser, Tininha, porem estou eu hoje tão outro! Nunca mais soube noticia daquele amigo, desde que nos separámos na portaria do Colegio Neri. E' provavel que tenha morrido. Foi ser missionario. Imagino, que vida! E eu lhe prometi tudo, tudo fiz para ele não abraçar tal carreira. Ele foi irredutivel. Mostrei-lhe os meus haveres, as minhas possibilidades, e ele tudo desprezou. Estava alucinado por uma oração, que disse ter feito deante do Santissimo Sacramento.

- Havia porem uma bôa dose de egoismo no fundo de seu coração, não é exáto, quando v. fazia tais ofertas ao rapaz?

- Sem duvida. E hoje penso que, ladino como era, conheceu-o.

- Tinha um carater de bronze esse seu amigo.

- Tinha-o obstinado ; porque afinal de contas tudo neste mundo é interesse.

330

---

Era curioso ver a linguagem com que dr. Rui, apesar de dizer-se livre pensador, materialista e ateu, tratava as coisas do catolicismo. E mais interessante era a proteção decidida, franca, que dispensava no seu governo ás instituições catolicas. Fez passar uma lei tornando obrigatorio o ensino de catecismo nas escolas, ordenou que em todas se venerasse a esfinge do Mestre Divino e que se reconhecesse o casamento catolico como valido, quando os nubentes fossem católicos. Por esses relevantes serviços prestados á

causa da Igreja, obteve da Santa Sé o título de Conde Romano, que ele mais prezava assim o dizia, que o de Presidente da República.

- Quando alguns ministros o censuravam por essas graças conferidas aos católicos, ele respondia: "V. excia. nunca foi estadista - Não sabe que o catolicismo é a religião da quase totalidade dos brasileiros? Como quer uma república em que se não respeite a vontade da maioria? Na sua casa v. excia. tem o direito de ser o que quiser, mas como representante do povo, tem que representá-lo, isto é fazer-lhe as vontades. A vontade nacional é a vontade da maioria dos brasileiros. Se não for a Igreja, os comunistas, os bolchevistas e o cristianismo espúrio do protestantismo americano tomarão conta disto e então, adeus, Brasil!" E se o ministro recalcitrava ele retorquia: "V. excia. parece que ignora a história de nossa terra! Um paiz formado como este pela abnegação dos capuchinhos, jesuitas, franciscanos e outras ordens, sem mencionar o trabalho eminentemente civilizador dos bispos e do clero secular, falando uma língua batizada com expressões bíblicas e crismada com eclesiásticas, não se pode mais nunca paganizar. É o catolicismo que nos garante a unidade nacional. As heresias e o anêmico filosofismo dissolvem-nos. Fique o ateísmo orgulhoso, o materialismo petulante, esse filosofismo impertinente, para os sábios e patriotas de francaria que se enfoleçam vaidosamente de intelectuais. O povo viva sob a disciplina da Igreja, que o faz ordeiro, manso, obediente às leis, trabalhador, sincero, bom e respeitador das autoridades. Povo sem religião e sem disciplina é massa bruta, perigosa.

Quando quis casar-me, busquei uma donzela muito religiosa, ex-dicipula do Colegio da Tacaruna, e meus filhos quero-os todos educados pelos jesuitas.

O meu melhor amigo encontrei-o num estudante muito religioso, que depois se fez missionário."

Compreendendo que o maçonismo é obra do judaísmo, pai do bolchevismo, do comunismo e da anarquia, mandou fechar todas as lojas maçônicas e fê-las guardar por



praças embaladas da força pública, por serem antros onde se maquinava contra a autoridade e a sociedade. Esse golpe custou uma revolução, que durou até fins de seu governo, e a linguagem virulenta e caluniosa de certa imprensa, que lhe assacou os apêodos mais vis de tirano, hipócrita, sanguinário, Nero nordertino, ladrão. Atacaram-lhe tudo, o nome, a honra, a família. D. Cristina era pintada como uma barregã, as duas noras como falsas aos esposos, os filhos como dois ladravazes. Diziam que o presidente Rui jamais explicaria a proveniência de seu Palácio Árabe, de suas aeronaves, seus pântanos petrolíferos, e toda sua mais riqueza. Tudo aquilo, asseveravam, era o erário do Brasil devorado pela rataria dos Castros. Compuzeram quadras indecentes, que se cantavam nas ruas, nos bordéis, nos cafés de baixada ao som da viola e da guitarra em músicas apimentadas. Por seis vezes tentaram-lhe contra a vida. De uma delas a bala atingiu-lhe o ombro direito, em ferida que felizmente não foi mortal. De outra, a última, o seu ajudante de ordens perdeu a vida varado pela bala que era destinada ao presidente. O dr. Rui de Castro era porém um homem de ferro. O que queria, queria. O que fazia, estava feito. Depois de convencer-se da necessidade de uma medida, não era homem para panos mornos. E assim mondou a nação de vícios deplorabilíssimos, que maculavam a república desde os seus primórdios. A sua vida era uma linha reta, em zig-zags, sem desvios.

332 Curva, dizia ele, só conheço uma: - e essa traçou porque ditada pela prudência ; foi a dos favores dispensados à Igreja Católica, em retribuição aos grandes benefícios, que aquela confissão religiosa havia prestado ao Brasil, e ao de ser a guarda avançada da ordem e da paz da nação, pelo respeito que influiu no povo, em frente das autoridades legitimamente constituídas.

Era impávido e zingrava da morte.

Os homens nas suas mãos eram uns bonifrates nos dedos de um gigante.

Toda aquela grita infrene fazia-lhe menos moça que uma palavra quixosa de sua Tininha, ou o gemido de seus filhos, quando eram pequeninos.

- Mamãe, disse uma das noras, porque não manda chamar o padre Evaldo?

- V. quer receber a visita, Rui?

- Eu não sou como certos doentes, que temem medo dos padres, Tininha. Embora não tenha fé, não deixo de reconhecer que eles são a gente melhor do mundo. Quanto mais não seja, sabem dizer uma porção de coisas ideais, fanáticas, que agradam. Já estou acostumado a ouvi-los desde o padre Leal, que nos fazia conferência na Sé, quando eu era menino. Esses jagodes, sem cultura, e por isso mesmo supersticiosos, quando estão doentes não querem ver os sacerdotes, porque se arreceiam que a presença do ministro de Deus é o suficiente para lhes levar a vida ; no entanto, castigo da estultice! deixam-se aliciar com a maior confiança pelas manivências e tranqüibérias dos espiritistas morrendo-lhes nas unhas. Se os padres não acertarem no diagnóstico das molestias morais do indivíduo, também não lhe fazem mal ; ao contrário, aplicam-lhe sempre um lenitivo, que não pode deixar de fazer muito bem à psiquê. Já dos médicos não se pode dizer a mesma coisa, porque na classe ha verdadeiros matassanos ; erram o diagnóstico e as consequências são fatais. O padre pior do mundo, se não for hereje, sabe sempre dar um bom conselho. Mandem-me pois buscar esse padre. Ao menos, no fim da vida eu me lembrarei do meu Evaldo.

333

- E' uma excelente oportunidade para você ver o grande tribuno.

- Que é que me admira mais hoje, Tininha?

- Em todo caso a gente gosta sempre de ver um genio, não é verdade?

- Que me importa eu lá com genios! Compreendo, Tininha, v. está me vendo gravissimamente doente, e assim... é bom o padre. Não é?

- Sim, o padre !...

- Mande, mande, Tininha, buscar o padre.

Toma de sua espôsa e beija carinhosamente a mão, que aperta contra o peito e prossegue: - Escuta, Tininha,

tenho uma coisa para lhe dizer e um crime para lhe acusar antes de que me vá para a patria da verdade.

- A coisa você pode dizer-me, Rui, mas o pecado deixa-o para o padre.

- Nada, escuta. O materialista e o bruxo são ambos fisiólatras ; aquele adora a natureza com palavras sutis e sofisticadas, este com atos ignobeis e grosseiros. Um veste-se de filosofo, o outro de mandingueiro, porém todos os dois dobram os joelhos deante do mesmo idolo, - **a materia** ; por isso ambos são vis, ambos despreziveis. Na vida politica, na questão social, eles não valem mais do que são em religião e em filosofia, uns tartufos. Pretendem salvar a sociedade e atiram-na obscura e supersticiosamente, fanaticamente, na lama, na revolução, na miseria, na fome. Um professor materialista togado e repimpado na catedra universitaria não é menos fanatico que a celebre Tia Urraca da Usina Franciscania, de quem tanto me dizia Evaldo. Ambos mentem, porém no jogo da mentira ganha sem duvida o doutor: o materialista é mais ardiloso a Tia mais positiva. Por isso minha mulher eu já lhe confesso o meu grande crime. Fiz-me livre pensador e ateu para passar por sabio. Nunca tive tais convicções. Nada mais fui que um hipocrita ás avessas. Mande-me chamar o padre que lhe quero dizer isto mesmo antes de morrer.

334 A's quinze horas aterrava no patio do Palacio Arabe um helicóptero com o celebre pregador da Catedral.

O padre Evaldo, apeando-se da aeronave, pôs-se a mirar demoradamente o soberbo frontespicio mourisco do Palacio Arabe, as estatuas, os jardins, o lago, os cisnes adormecidos, grupos de beduís, odaliscas, que entravam e que saíam, camelos, gericos, e tudo aquilo parecia evocar do intimo da alma a recordação de um passado muito longiquo, que agora ressuscitava nas mesmas figuras, nos mesmos matizes, porem em circunstancias mui diferentes para ele. Foi mistér que o porteiro viesse buscá-lo no meio do patio, tão enlevado e tão sonhado andava o seu espirito.

- Então, que é? disse ele como quem mal despertado.

- V. rvma. não é o sr. padre Evaldo?

- Sou eu mesmo.  
- O dr. Rui de Castro o espera.  
- Quem ?!  
- O dr. Rui de Castro! O reverendo não conhece o sr. dr. Rui de Castro? De que paiz é? Não conhece o presidente da Republica ?!  
- Rui de Castro, porteiro ?... Sim ; o presidente da Republica, não é?

- Sim, senhor! O dr. Rui de Castro, que o mandou chamar... Curioso! O reverendo não é o sr. padre Evaldo? perguntou uma segunda vez o porteiro, desconfiado.

- Sim, senhor, sou eu mesmo o padre Evaldo do Colegio Neri, respondeu-lhe muito mansamente.

- O reverendo tem aí a sua caderneta de identificação? exigiu o renitente porteiro ainda mais desconfiado com a aparência atoleimada do padre, que olhava tudo e tudo mirava estupefacto.

- Faça-me o favor de mostrar-ma.

O padre não contando com aquela exigencia, não se premunira do documento e por isso teve que demorar ainda uns vinte minutos recreando a vista naquelas soberbas construções até poder ser admittido á presença de quem o convidara.

Esses vinte minutos entretanto não os perdeu ; porque os viveu com muito mais intensidade, muito mais amor, muito mais fé, muito mais esperança que todos aqueles de amargura em que estivera, havia muitos anos passados, ali, mesmo, vestido de albornós, por agradar o seu querido Rui.

335

Recebendo das mãos de um voador o documento exigido, o porteiro não teve mais dúvida em guiar o paciente sacerdote até a porta do ascensor.

- Parece um palerma, rabujou o porteiro, voltando para o seu lugar. Esse nem nunca viu palacios em sua vida!

- Este estafermo não é pregador da catedral? indagou o ajudante da portaria.

- Dizem que é.

- Pataco assim?

- Para você ver.

Foi um zumzum, um escandalo, quando aquela matilha de adutores, politicos e bisbilhoteiros viu surgir de entre os complicados panejamentos de um pesado reposteiro de veludo auriverde, a figura alta, esbelta e serena do venerando sexagenario.

- Não lhe esguardaram os panrias nem sequer as candidas madeixas, que lhe nevavam a cerviz.

Alguns foram grosseiros, que o sacerdote ouviu-os dizer distintamente, "que vem fazer essa abantesma a essas horas"?

- Esses padrecas acham sempre geito de se insinuarem por toda a parte.

- Virá confessar o dr. Rui? disse ironicamente um obfirmado no ateismo classico do enfermo.

- E' um disparate! A familia vai ficar estarecida quando aparecer esse espantalho.

- Dr. Trindade, o senhor deu permissão para esse padre falar com o doente?

- Ele mesmo é quem o manda chamar. Faz questão de vê-lo. Até aí não vai a minha alçada.

- Acho que o senhor como medico... a sua responsabilidade...

Dr. Trindade estava visivelmente contrariado com aquele interrogatorio. Em todo caso por muita cortezia para com os altos personagens, que censuravam, procurou explicar-se como pode para não denunciar o caso perdido, que aliás, já toda gente sabia.

- Donde saiu essa idéa de mandarem buscar padres para aqui?

- Idéa infeliz!

- Vão ver... a mulher... muito carola!...

Quando o imprudente referiu-se pouco lisonjeito á esposa do dr. Rui de Castro, os outros acharam de melhor alvitre esmadrigarem-se á furta-passo para outros pontos afastados da casa, com o coração ralado de inveja, porque um padreca, um papa-hostias, podia ir falar com o dr. Rui de Castro, e eles não tinham podido ainda alcançar a permissão para tão subida honra.

O padre não deu ouvido á churra matilha e, calado, sem dizer chuz nem buz, porque um fidalgo não sabe dizer desafôros, seguiu o seu caminho acompanhado de um proprio.

Persistiram entretanto os comentarios, as recriminações e as queixas de um, porque era velho ministro ; de outro, que era o vice-presidente da Republica ; deste porque era senador ; daquele porque dirigira a maquina eleitoral, daqueloutro, porque mantivera o seu jornal sempre fiel ao castrismo, cada qual alegando a sua razão, cada qual mais ponderosa para ter a honra e gloria de entrar no aposento do nobre enfermo.

Dr. Trindade era porem irredutivel ; e para livrar-se de perguntas e pedidos indiscretos sumiu-se para seus aposentos e não mais apareceu.

Desde que o dr. Rui foi obrigado a guardar o leito que, de duas em duas horas, afixava-se um boletim em que se mencionava o estado do illustre enfermo ; e toda aquela camarilha, que tambem desde então não arredava o pé do Palacio Arabe, corria pressurosa ao patio para ler a proclamação e bordá-la de comentarios. Diga-se entretanto a favor da verdade dos fatos que os tais boletins eram todos industriosos, capciosos e falazes ; para não dizer melhor, politicos. A ciencia medica do dr. Trindade teve que produzir tambem daqueles espécimens. E não foi sem utilidade a sua industria, porque espalhou uma grande confusão nos espiritos, já irrequietos da noticia verdadeira que andava de boca em boca com esquivança de uma ladra, que se vai escapulindo, com o riquissimo tesouro do segredo furtado pela inconveniencia e imprudencia dos esculapios.

337

- Rui, aqui está o sr. padre Evaldo, disse d. Cristina, apresentando o recenchegado a seu marido.

O dr. Rui abriu os seus grandes olhos de um glauco pardo, encarou fixamente o padre Evaldo, e não o reconheceu.

- Senhor padre Evaldo!

- Bem vejo que me não conheces mais, meu Rui!  
Vê aqui este retrato, se não é o mesmo que me ofereceste em

casa de tua mamãe, respondeu o padre, mostrando-lhe um antigo retrato de Rui, estudante do Instituto Nordestino.

- Ai! Evaldo! bem me pareceu a voz. Que mudado estás!... e como me vieste encontrar... com o pé na sepultura... E eu te esqueci... não guardei mais o teu retrato, nem o de mamãe!... que ingratidão!... perdôa-me, Evaldo, meu Evaldo! meu irmão!

Estendeu os braços para abraçá-lo.

Não te comovas, Rui, meu Rui, meu grande amigo, meu benfeitor, Rui de minha alma... Depois de mais de cinquenta anos quis-me de novo aqui a Providencia Divina para ver-te, para apertar-te as mãos, para abraçar-te...

- Para me assistires a morrer, Evaldo, Evaldo! anjo de minha guarda, amparo de meu espirito!...

- Não vim, meu Rui, para assistir a tua morte, mas para trazer-te a vida...

- Como antigamente fazias...

- Vim para trazer a vida que nunca morre, a saúde e a força que durarão eternamente.

- Ai, Evaldo, onde essa vida, essa saúde, essa força para um desgraçado moribundo? que raio de esperança é esse que me trazes, que consolação é essa, que alivio para um desgraçado?

- Aqui, disse o padre Evaldo, mostrando-lhe um relicario.

- Que é isso?

- Jesus Sacramentado!

- Foi este Jesus quem te fez missionario.

- E é tambem Ele que te quer fazer santo.

- Foi Ele quem te atirou por este mundo afóra, como um louco a desbravar corações selvagens, almas tetricas, verdadeiras luras de ignorancia e de crimes, sem um conforto, sem um amparo, sem uma consolação!

- Enganas-te, Rui, nunca fui tão consolado senão quando naufraguei na Mauritania, nunca tão glorioso senão quando encarcerado por um ano entre os bolchevistas, nunca tão heroi quando me vergastaram os comunistas, nunca mais procurado quando os anarquistas siberianos fi-

zeram-me andar pelas estepes geladas ou quando os muçulmanos da Africa obrigaram-me a socorrer das areias desertas ou ia sentar-me entre os bechuanas e zulús para doutrinar-lhes o santo nome de Deus, a paixão de Jesus Cristo e as dores de Maria Santissima. E tu, meu Rui, que é que lucraste, tu com todos os prazeres que desfrutaste, com todo o peso de tua riqueza, todo engôdo de tuas honras, toda protervia de teus amigos, toda falsidade de tua vida mundana?

- Nada, Evaldo, nada! Como aquele Cesar romano posso dizer que tudo fui e vi que nada vale! E agora, eis-me ás portas da Eternidade sem uma luz, sem uma bussola, sem um guia. Lembro-me neste momento daquele sonho terrivel, dias antes da morte de tua mãe. Como um gigante na terra, abatias feras da peor especia. Um hipopótamo pesado e grosseiro se apoderara de mim. O arquimontro amei-o até a loucura, apesar de toda sua hediondez. Segui-lhe os passos descomunais, como um peregrino de Meca. O arquimonstro era o mundo, que me seduziu e arrastou. Os seus feros bramidos eram uivos sinistros de sirenas. Fui para uma região de prazeres e de volupias, onde adormeci envenenado e empestado. E tu, como um ajo de salvação, surgiste inesperadamente agora diante de mim. És tu, Evaldo, o anjo de minha guarda. Não te esqueceste de mim, meu bonissimo amigo! Vem, que o meu sonho é uma realidade, dá-me de novo a tua palavra, a tua luz, que o teu Rui escuta...

339

- Caiste, meu amigo, caiste! porém como não cair quando a gente se esquece de Deus!

- E eu que pensava, sempre pensei como meu pai que não precisava de Deus!...

- Não desanimes, que lá tambem precipitaram-se anjos das mais altas regiões do céu! que lá tambem tombou o homem da mais serena mansão de um paraíso de graças e de venturas sobrenaturair ; tambem lá ruiam apóstolos, que eram convivas e comparsas do proprio Deus! Que hei tambem eu de me admirar que tenhas tu por igual sorte



caído? Oh! miseria da criatura! oh! fragilidade humana! Mas, a Misericórdia de Deus é sem limites...

- Aí! e a mim foi a ilusão de um sonho, o sonho de minha própria volúpia, que me embaucou ao galarim das honras, honras falazes, honras caducas! Bastou-me um sopro ligeiro de vaidade para me fazer oscilar a alma, azumbrá-la até a terra, ogridá-la a lambar o pó da estrada, que toda gente pisa, eu, eu mesmo, misero caniço, menor que um verme!

- E julgavas-te um gigante...

- Mais que isso. Pensava sobreposse que aquele corpo era do céu, que me alcandoraria até as nuvens, que seria um semideus na terra.

- Quão rápido, vê, se te desvaneceu o teu sonho!

- Sinto distintamente a olhos vistos, que o que ontem se me afigurou claro e leve como a luz, hoje arde-me desadorado dentro no peito, no âmago profundo de minha alma. Ai! ambição, volúpia, chama de avernal braseiro, concupiscencia, que me propaga pelo sangue, que me devora os membros, incinera todo o meu ser. Queimou-me as flores delicadas do sentimento, trabalhos candidos em mim acarreados pela virtude de meu amigo, e agora pesa-me e esmaga-me aos gritos, aos protestos formidáveis da minha consciencia sacrificada no mais terebrante dos holocaustos...

340

Ambição, volúpia! fogo, amor que me conhece lei, lava que rompe todos os diques...

Ambição, volúpia! e eu não soube regular a brutalidade dessa invasão...

Tomando as mãos de Evaldo dentro nas suas, fita-o com um olhar de fogo, que se vai esmorecendo sob a primeira camada de cinzas de uma braza, para logo se avivar ao encontro do sopro da brisa fagueira de esperanças cristãs que procedem da alma repassada de doçuras e de serenidade de seu velho e fiel amigo, do amigo até a morte.

- O homem que cede ás suas paixões, Evaldo, é por elas imolado. O que se não resigna a sofrer para seguir a sua consciencia muito mais sofrefá por violar o seu dever.

- Ai, Evaldo, ai! eramos ontem tão felizes... e hoje somos duas vítimas.

- Porque o discípulo será melhor que o mestre? disse o padre Evaldo procurando desviar delicadamente o alvo do presidente.

- Não ; não quero falar da Vítima Sacrossanta. Somos duas vítimas; tu o justo, eu o pecador.

- Pecadores ambos, diz-o por amor á verdade. Quem se poderá dizer nunca justo deante de Deus?

- A teu contragosto, mas deixa-me dizer, tu o justo, eu o pecador. Porém eu, o pecador, sou mais martirizado do que tu, porque me imolei a uma potencia implacavel, a concupiscencia, mãe da ambição e da volupia. E tu... tu, sacerdote, não podes nunca conhecer o que nunca experimentaste. O travo do fel só o sabe, quem o tiver provado.

- Não é necessario que a gente prove o veneno para saber que é mortifero, Rui!

- Deixa-me falar ainda a experiencia amarga. A concupiscencia é um tirano que está sempre a exigir de seus escravos o sacrificio de tudo quanto possuem, sacrificio da altivez, da vergonha, da honra, da propria dignidade, quando condena os seus miseros grilhetas a fazer mil pedidos, a sofrer mil revéses, a engulir mil afrontas, a padecer mil oprobrios, a pronunciar mil mentiras. E o tirano não fica saciado. Impõe aos desgraçados o sacrificio de sua liberdade, e os prende ; proibe-lhes de dispôr de seu tempo, impede-lhes de sacudir fóra o jugo que pesa sobre eles, e aperta-lhes a garganta para que não falem e guardem o sigilo do crime, que lhes mandou cometer. Atenaza-os com o sacrificio inominavel de abandonarem as suas convicções, que atiram na lama, o holocausto da fortuna, da saúde, do bom nome, da carreira, do dever profissional, da tranquilidade externa, da paz interior, em uma palavra, de todos os bens que são para o desgraçado a riqueza do presente e a esperança do futuro. E quando nada mais tem a roubar-lhes, arranca-lhes os olhos para que mais não enxerguem a estrada de degradação a que chegaram. No fundo lodoso a que baixou, a vitima da concupiscencia começa a

amar os habitos mais destemperados contra Deus, contra o homem e contra a sociedade. Então não ha mais para onde cair. O espirito, chafurdando-se no ceno, encrosta-se nas podridões de sue proprio corpo, de suos propios sentimentos, de sua vida intima, de sua vida publica, de sua vida escandalosa como a peste, que, por onde passa, semeia a infamia e a morte.

- Mas, tu não chegaste a isto, meu amigo!

- Ouve-me a confissão, e verás até onde fui.

- Consola-te, meu amigo, porque o poder que tem o homem de satisfazer a seus caprichos é um vinho generoso que faz sentir a sua força mesmo sobre os mais sobrios. Santos eminentes da Igreja sofreram tambem o agulhão da concupiscencia e sentiram-se esmagados pelas exigencias desenfreadas da carne. Não fôra uma fé vivissima e um amor veemente a Deus até cometerem atos, aos olhos do mundo, de loucura, não se tirariam da rude peleja com a alma intacta.

- A alma intacta, Evaldo, mas o corpo escorrendo em sangue. Eu porém não tive coragem de empurrar as unhas contra o meu peito, de desfibrá-lo de seus desejos, seus dulcissimos anhelos. Amei a minha carne, a minha amiga, não a quis contundida, nem dilaniada, e, ás portas da morte, eis-me a carne que o vicio enganou com ambições e volupias, na realidade estragada por ele mesmo muito mais que pelos propios anos. A concupiscencia é um golfo sempre aberto. E eu, quanto mais lhe atirei dentro, tanto mais ele se aprofundou e se alargou. Tudo o que lhe eu concedi serviu de irritar-me os appetites. A concupiscencia é o arquimontro de meu sonho ; quanto mais vitima lhe fui, tanto mais fome se lhe assanhou. O ouvido se não cansou de ouvir a sirena das paixões ; quanto mais cantou o sinistro instrumento, tanto mais ele o escutou ; e atendendo-o, arruinou-se, difamou-se, perdeu-se.

342

---

Era a hora vesperal, em que o sol, embuçando-se aos poucos em um manto de nuvens, ia a recolher-se a seu

leito no horizonte para lá descansar da longa jornada do dia, em que se afadigara no seu quotidiano serviço prestado á terra, iluminando-a, aquecendo-a.

Era a hora mística, em que o enlêvo da saudade, apoderando-se dos espíritos, transportá-os a uma região de sobrenaturalidade divina, onde, como um claro-escuro de um sonho, eles entrevêem confusamente o passado e o futuro ; o passado que, pelos muitos, longos e pesados anos, vai-se a fugir como um ponto na existencia do homem, e o futuro que se lhes antola profundo, misterioso, interminoso como a eternidade.

Além, lá muito além, a confundir-se com os últimos rumores da sobre-tarde o dobre merencoreo e devoto de um sino convida a alma cristã para a prece. Nesse momento de infinita harmonia, de indescritível suavidade, parte também dos últimos arcanos do Espírito de Amor uma luz que vai brilhar nos recantos escusos das almas enfermas, das almas envoltas na noite opaca do pecado.

Essa luz invadiu de certo aquele aposento de dor e de apreensões. Viu-a Rui por uma restea de pas, num raio sublime de contrição. Foi uma onda sincronizada da graça com a liberdade humana, que lhe aclarou os substrátos mais profundos do subconciante, despertando ali um áto de penitencia, deante de Jesus, que lá lhe apareceu em trajos eucarísticos ao bater das campas, por entre cirios, na solenidade da missa... quando Rui era estudante...

Dizer-se que Rui caiu em si, seria mentir ; porque o Rui sexagenario não caiu no Rui estudante, mas o Rui agnostico, o Rui cético santificou-se por aquela luz no Rui fiel, no Rui penitente. E assim apertando ainda com mais carinho as mãos de seu Evaldo, e levando-a aos labios num osculo de fé, suplicava-lhe com tais sentimentos que nem as lagrimas de Pedro, nem os prantos de Madalena seriam nem mais dolorosos, nem mais amorosos, nem mais cristãos.

- Perdôa, meu pae, perdôas os crimes de um celerado...

O padre debruçou-se para o enfermo para ouvi-lo de confissão.

Oh! momento de morte! Oh! momento de vida! momento em que se apaga o pecado e com o pecado a morte! momento em que se acende a graça e com a graça a vida!

- O duscissimo Jesus deixou rasgar-se-Lhe o Coração para que aí vejas o oceano inexgotavel de sua misericordia e de seu amor. Ele te quer, e te quer sarado de todas as tuas faltas. Dize-lhe, meu filho, confiantemente o que sentes, que males tens feito... iniciou o padre Evaldo.

- Filho!... que nome doce! ah! não! Pequei contra o céu e contra ti, já não sou digno de ser mais chamado de filho! exclamou Rui cheio de amargura... e todo o seu espirito entrou como numa caldeira na ebulição remoinhante de um profundo exame de consciencia.

- Eu carrego em minha carne atormentada o pecado dos mortos! A minha historia está confundida com outras velhas historias, de longo tempo esquecidas.

- A tua historia, disse o padre, depois de breve silencia, eu ta farei lembrar ainda mesmo que já a tenhas por completo olvidado.

344 - Sinto-me comprimir o coração com uma queda brusca. Ouço rumores que me surpreendem, que me fazem hesitar no atrio de uma morada profunda e secreta. Nomes outrora ouvidos, nomes familiares ; percebo nomes que me sugerem recordações vagas. Eles iluminam-se, multiplicam-se, reproduzem-se como numa geração espontanea por influencia uns dos outros, e mostram-me a trama de minha historia. Humildes fatos quotidianos, sem nenhum brilho, sem nenhum lustre, tomados na malicia mais comum da vida, seixos esparsos no meio de um lodaçal, - segredos mornos, mentiras mornas, mornas aventuras, que um nome repentinamente lembrado aclara como um archóte. Lá vai o nome caindo nas trevas, esqueço-o já, e com o nome, a imagem da companhia do pecado, e com a imagem a recordação do proprio pecado.

Esforço-me e meu espirito nada mais distingue.

Ouçõ ainda uma voz, voz de um timbre unido e cristalino, que meus ouvidos jamais ouvira. E ela conta-me a historia do meu passado, apanhado nos ultimos confins do meu espirito, historia oculta, historia intima, mais bem defendida que uma praça de guerra, a historia que se guarda como o segredo dos tumulos. Mas, ai! não é ainda a historia tal qual de minha vida enredada no encadeamento dos efeitos e das causas, dos átos e das intenções, mas uma historia referida a alguns fatos principais, relacionados com a falta geratriz.

Onde esta voz encontrará o seu éco senão nesta propria carne, assinalada por minhas enormes torpezas? Ai que essa voz, o grito de minha consciencia remordida, tambem vai-me a esmaecer-se no momento mesmo em que me começa a rasgar o peito de punhais. A minha historia está agora clara, é uma historia de mortos e de mortas apodrecidas!

- Não me faz surpresa, meu filho, esse funereo espetáculo. Pode passar-me diante dos olhos essa macabra procissão de cadaveres sornos, envoltos todos em seus lençóis mortuarios.

Ali o sacerdote escutou a revelação sobrehumana de uma alma transida de dores, sem curiosidade, sem estupor.

Egoismos brutais, hipocrisias refinadas, calunias, odios nutridos e amimados anos e anos, vinganças mesquinhas, amores vergonhosos, tantalicas ambições, assassinios, sentenças pilatinas, esbulhos de direitos. Estados inteiros conflagrados por meros caprichos, tudo apareceu, vomitos de uma alma enguiçada pelos cantos da sirena, crú, venenoso, gotejante do sangue pôdre, da baba do estressonhado monstro, que era a incontida vaidade do presidente.

E logo que a floravam aos labios daquela alma enferma, oh! prodigios do espirito salvifico dos sinos! ouvindo a voz do padre, tudo se transformava, tudo se transmutava, como se reforma, transforma e transmuta, no estado de vigilia, os fantasmas crueis de um pesadêlo.

Nunca, nunca sepulturas foram tão sacrilegamente

profanadas, mortos foram tão brutalmente arrancados de seu repouso, cadáveres putrefátos tirados para fóra de seus jazigos e postos a descoberto sem veneração, sem respeito.

Uma palavra, um nome, um lugar, uma situação, um como, um porque enigmático, que o padre lhe sugeria operava como um bisturi sobre um fleimão. E esguichava dos mais profundos substratos daquela alma, como grumos de pú, um ato, um desejo, por vezes um pensamento mais subterrâneo e mais íntimo ; e tão subjacente e tão interno, tão íntimo, e tão secreto, tão ferozmente extraído que o pobre paciente, o grande penitente exprima um gemido de vergonha.

Nova pausa e brevíssima.

- Meus pecados excederam em número aos da areia do mar, proliferaram os meus crimes sem peso nem medida. Não sou digno de ver as alturas do céu, porque a multidão de minhas iniquidades irritaram a colera do Senhor. Conheço eu minhas miserias, e meus delitos estão sempre diante de Ti, porque contra Ti somente eu pequei!

Rui não distinguia mais a voz implacável de sua revelação interior ; era um turbilhão de vozes, uma grulhada infrene, um ciclone de faces, que se encaixavam umas nas outras e não faziam mais que uma face, a máscara de um mesmo vício. Gestos confusos baralhavam-se numa

346

atitude única, a atitude do crime. Sua alma ia de bolandras pelas regiões do desassossego e do remorso metida em cavernas, furnas infernais, aonde o horror do lugar e o mau das companhias lhe molestavam tanto o corpo, que se alagou em suor.

Esta reação atenuou-lhe não pouco os padecimentos físicos.

Assim animado pelos movimentos do espírito sentiu-se mais forte e tentou com grande êxito ver como nunca antes tinha visto como fóra o joguete das paixões, que se agitaram ferocíssimas no penacho de fumo das manufaturas ignobéis das grandezas mundanas, quando no mais do coração bufava a sirena aziaga do orgulho.

Viu-se e somente agora na confissão como foi montão informe, inchado de todos os venenos do mundo.

Viu-se e somente agora na penitencia, como foi mansa de ouro vivo por suas avarezas, pustula de iniquidades pelas suas ambições desmedidas, acervo de carnes podres por suas lascivias.

O pecado, de muitos anos incubado, picava-lhe agora o ôvo do amor proprio, que o escondia aos olhos perscrutadores da consciencia, e mostrava bem ao vivo o misterio de sua geração ; centenas de mulheres e de homens ligados nas fibras de um mesmo cancer, cujos tentaculos, retraindo-se mostram o nucleo do proprio monstro, a falta inicial, ignorada de todos em um coração de criança, filho de uma mãe vaidosa, de uma mãe que não era cristã.

Aquela mulher, egoista, cubiçosa, amante do luxo, prepotente, envenenou os mais belos sentimentos de seu filho de um pessimo exemplo de uma liberdade desenfreada, e dai, na rude pratica da vida, o Rui por quem o puro Evaldo daria o melhor de seu sangue, de sua alma, de seus sentimentos cristãos, feito porta-estandarte da guerra sangrenta do industrialismo e do comercialismo, por ganhar asas da politica os louros dos mais ricos, dos mais judeus, a vitoria do ouro, do capitalismo bancario, do mamonismo americano, com todos os flegelos que atijam inclusive o comunismo, o bolchevismo.

347

A voz, que tinha tomado todos os timbres, todas as tonalidades e todos os acentos, que trovejava como a soberba, fermentara como a impureza, bradara como a ira e malsinara como a inveja, desceu a uma surdina tão doce, tão abemolada, tão religiosa e tão suave, como a propria voz do amor.

A voz da consciencia se afinara pela voz divina. Não era já a voz que regougava triste e soturna como o pecado no peito do criminoso, senão outra voz, voz estranha, porém a voz amiga do sacerdocio, que se modulava pelos labios de Evaldo, era a voz do perdão.



Os lábios de Rui voltavam-se para o sacerdote num grito supremo de contrição e de esperança: **Compadecêi-Vos de mim, oh! meu Deus, segundo vossa grande misericórdia!** E os de Evaldo, refletindo o acento de paz e de amor do Juiz que morreu crucificado por seu algoz, respondia á ovelha tresmalhada: - Eu te absolvo...

Estava terminada a confissão.

Se lágrimas já se enxugaram em algum recinto de dor, por ali mais que nunca elas jamais correram.

Rui estava tranquilo. Sossegados estavam os seus filhos, consoladas as suas noras, radiante a sua espôsa.

Padre Evaldo colocara um crucifixo nas mãos do enfermo, que comprimiu e beijou com carinho o icono sagrado.

Em silencio rezavam ambos, Evaldo e Rui, o sacerdote e o presidente, oh! oração mil vezes bendita em que a alma se desprende de todo criado por páramos da sobrenatureza, onde nada mais se frui que a ambrosia íntima do convívio divino.

Dirigidos pela mão oculta e boníssima de Deus, encontram-se emfim eses dois grandes espiritos.

348

A principio foram-se... foram-se Evaldo e Rui, rumos opostos do espirito e da materia, do tempo e da eternidade, das pompas caducas do mundo e dos sacrificios cruentos da virtude.

Separaram-se, distanciaram-se, alongaram-se, perderam-se de vista. Mas, apesar de tudo, eil-os agora unidos, fundidos, como dois moveis do mesmo pêso, que, partindo de um mesmo ponto, com velocidades iguais, em direções contrarias, de novo se encontraram, se unem e se penetram no mesmo extremo de um só diametro, a FÉ depois de percorrerem a curva caprichosa, enigmática, que limita o circulo vital, no ponto unico, a principio divino, em que tão só as almas se concentram, se unificam, se nobilitam e se engrandecem, - **o amor**.

Rui e Evaldo acham emfim, depois de tantas lutas, tantos desenganos e tantas préces, essa confraternização inédita nesse ponto unico, - o mesmo ideal em que dos tôpos das chaminés os silvos melódicos das **SIRENAS**.

voltadas para o Céu, vão vibrar unissonos, nos pincaros das torres, com as bocas dos **SINOS** pendentes para a Terra, num osculo sagrado de Paz, numa harmonia eterna de Vida, - **o congraçamento do Trabalho com Virtude, conjugados numa lealdade indissolúvel pelas bênçãos uberrimas de Deus.**

**CAI O PANO**

**LAUS DEO VIRGINIQUE MATRI!**





## ESPERTINA

### TIPOS, PERSONAGENS E FATOS

Uma luz espiritual, luz alva, linda e serena, revelou-me de um só jacto, numa só noite, num unico sonho, um grandioso espetáculo.

351

Desdobrou-se deante de minha alma esgazeada o intermundio de toda vida contemporanea, em sua feição mais tragica, mais comica e mais grotesca, mais panoramicamente brasileira, mais topograficamente nordestina, a agitar-se numa convulsão tremenda sob os olhos azues e misticos da Igreja, severa mas piedosa ajoelhada deante do altar das súplicas ardentes pela conversão de uns e amparo de outros, contra as perseguições e as pragas de imensa caterva, renitente no vicio, ávida das propriedades alheias, fanatica, bolchevica, luxuriosa, vil.

Deante dessa miragem surgiu-me a idéa: - arrear com a tunica inconsutil de uma parabola acobertada pelo manto do apologo dos SINOS e das SIRENAS, o fenomeno estranho, mas dolorosamente verdadeiro.

Como o arquitero que mira fazer um edificio, assentei desde logo as duas pilastras do **Sino** e da **Sirena** sobre que estendi os meus devaneios como uma ponte levadiça

entre um templo e uma usina, o espirito e a materia, a fé e o fanatismo, a virtude e o vicio, sobre o rio caudaloso, encachoeirado da Vida Humana.

Os tipos e os arquetipos, os simbolos e os enigmas pularam-me então de vez como uma faisca eletrica entre os dois polos da razão e da fantasia num zigzaguear policromido de

- fôrmas sublimes de um fisico sadio e u'a moral soberanamente cristã, Evaldo, d. Maricota, os sacerdotes, d. Alzira, dr. Manuel Kaderc, d. Cristina, d. Ludovina, Rita, a inocente Joanhina...

- seres aperreados á dúvida ou á vingança, Miguelzinho, Rui, Allan, prof. Mercês, Zé da Mouca...

- corporificações sinistras de espiritos deformados cinicos, perversamente corruptores ou supinamente arruinados, tôlos, estupidos, dr. Ernesto, dr. Viegas, Tia Urraca, sr. Januario, dr. Lustosa, d. Francisca, condessa de Castro...

Orientada por essas criações de formas, de seres e corporificações descreveu-se a fanatica parabola dos Sinos e das Sirenas, numa sorvalhada de devaneios de cambiantes aspectos, onde vencidos se vêem esboroar os sonhos maus das avantias deshumanas do espiritismo, do bolchevismo e do bruxêdo, o mais logico, o mais consequente de toda fisiolatriis filosofica: o materialismo.

352

**Evaldo**, o protagonista de todo enrêdo é o jovem prudente, sabio e circunspecto, que se deixa guiar pelas inspirações de sua mãe, sabia e santa, **d. Maricota**, a mãe cristã, que confunde os erros da grande **Usina** desde mundo por sua piedade, sua virtude, sua cultura admiravel, modêlo acabado da Igreja Catolica.

**Miguelzinho**, aparece sob uma dupla face. É pai de familia trôpego nos principios religiosos, o grande descurado da responsabilidade sagrada de educar cristãmente a prole, expondo-a temerariamente ao contacto morbido de professores impios, de sofistas, idiotas e fanaticos do pano dos Januarios e dos Viegas sob o falso pretexto de que o rapaz deve conhecer todas as religiões

para ser livre na escolha da que mais lhe agrada. Por isso o cético pai de Evaldo assume também a imagem do Estado neutro, que expõe a mocidade filha de uma nação cristã ao perigo de perverter-se pela convivência com professores deletérios de costumes e de doutrina, em escolas mistas, materialistas e atéas apesar dos protestos justíssimos da maior parte sã da pátria. Essa burla - de um pai descuidado de um Estado neutro - destrói-a um coração materno como o de d. Maricota. Em Miguelzinho acha também o seu arquétipo o Estadista que, com reconhecer a santidade dos dogmas e da moral católica mantém-se indiferente, imbecil da imbecilidade caracterizada pelo respeito humano diante do ateísmo bolchevique das escolas.

**Padre Eustáquio** resolve as dúvidas e vacilações de Miguelzinho, e a Fé Católica dirige um Rui no governo sólido, sábio e prudente de uma nação avessa aos princípios soviéticos. Os erros que comete são filhos da sua vaidade.

**Rui** é o jovem ambicioso de grandezas, de celebridades, de honras e de poder. Marcha a passos de gigante na estrada luminosa da ciência, porém o seu caráter é um acidentado de qualidades superiores do tipo perfeito de homem político, mas cheio de hiatos lastimáveis na virtude individual. Conhece enfim o seu erro, porque embora prevaricador nunca se lhe apagou do fundo da alma a chama sagrada que lhe acendera Evaldo, na quadra mais formosa da vida. Que proveito é uma nobre companhia!

O capelão de S. Francisco e, mais tarde, o cura da Catedral e o celebre pregador oratoriano são tipos de um mesmo sacerdotio, sal da terra, luz do mundo, amparo da humanidade.

É ele que expulsa a grotesca **Tia Urraca**, quanta essência do materialismo, do comunismo, do espiritismo, da ignorância, do fanatismo e da superstição da choupana da pobre, da tóla, da estúpida **d. Francisca**, a humanidade que se deixa enganar das fraudes do espiritismo, dos deboches do bolchevismo, das tranqüibernas do materialis-

mo universitario para aliviar-se das misérias supremas que a oprimem.

Somente ali junto ao coração do padre é que **Zé da Mouca**, censurado embora pelo quinto preceito do Decalogo - **Não matarás!** encontra um conforto para sua magua imensa.

A decaída **Rosinha**, a flor esmarrida do sertão, é a Madalena moderna, recolhida, penitente aos pés do Bom Pastor ; e a Joanhinha, toda infância que a mestra **Urraca** pretende arrastar para a nova escola da bruxaria de um ensino sem Deus, sem moral, sem dignidade, porém que é salva afinal nas asas candidas do catecismo romano.

**Dr. Ernesto**, o plutócrata egoísta lascivo e ladrão, estendido morto á beira da estrada após a perpetração de um crime inominável é bem assim objeto da misericórdia e das preces caridosas da Doutrina Sagrada. Nasceu, educou-se num lar cristão e por isso reina dúvida se alguma faísca santa não o teria iluminado no último momento com uma dôr ao menos atrita pelo receio das penas eternas. Perdeu a vida por causa dos crimes e viciou-se por causa dos livros máus. Não foi **Zé da Mouca** que o matou ; os seus assassinos foram os escritores materialistas, pornográficos e bolchevista á Cobra, á Zola e a Lenine.

A grande **d. Alzira** é o arquétipo da piedade e da justiça. Como é feliz a sociedade onde medram tais virtudes!

354

O **sr. Januario, dr. Viegas e Tia Urraca** são as personificações tragicômicas do fanatismo, da insanidade e do ódio reunidos numa só figura : o pedagogo materialista e fisiólata. A matéria, disse Rui de Castro, é o ídolo dessa trempe Januario, Viegas, Urraca. O professor pode ajustar-lhe a máscara grega e sutil do **ion** e do **electron**, o ídolo, não será menos velhaco que o **totem** da **Tia Urraca**.

- Os diascevistas, agora dissequem, esfarinhem, pulverizem e peneiram como quiserem a parábola ; pouco importa. Dir-lhes-ei apenas que a leitura é para os **RAPAZES** de quem apertado a mão e não para os **RAPACES**.

E com esta até logo, se Deus for servido.

## ANTES DE EMUDECEREM...

Do lema - *o livro é o homem* derivou-se me de dentro do espirito, em secreção abundante da verdade e da justiça, o apologo-parabola *SINOS E SIRENAS*, como a expressão mais e viva e fiel do que eu creio, do que eu sinto, do que eu penso, do que eu amo, do que eu adoro, do que eu espero.

Nenhuns melhor explicação, pois, pra a sua genese e para o seu desabrochamento.

*SINOS E SIRENAS* é um pobre de um padre velho, professor, que vive da idéa fixa de instruir, formar e santificar o carater da mocidade de seus bancos escolares, ao aconchego de uma amizade muito sincera, de um sabor muito christão.

Não simpatizarão pois com o livros está claro, os que desestimam as idéas do *homem*.

Que fazer? No mundo ha de tudo.

O estilo, ou diga-se antes, a linguagem que caracteriza o feitio deste trabalho, já não será o autor que disso fale.

Fale por ele o seu tempo de lida intelectual constante, sem falar de anos anteriores, de 1913 para cá, quando a proposito de seu primeiro trabalho literatura *ESPARSOS*, publicado com o nome de familia Ferreira de Andrade, escreveu-lhe o maior estilista brasileiro deste seculo, o genio de *Rui Barbosa*, a carta que abaixo se fotografa é, em apreciação do mesmo trabalho, o critico mais fino do



Brasil contemporaneo - Osorio Duque Estrada, em numero de 16 de abril de 1913 do "Correio da Manhã", sem mencionar o que lhe endereçaram a respeito outros escritores notaveis e a grande imprensa do Rio e do Recife daquela epoca.

Reza a carta:

Ruy Barbosa  
Ipameria, 10 de abril, 1913  
Reverendo Sr. J. Taurino:  
Folheei e li, quanto  
os meus innumeráveis trabalhos me  
permittiram, o interessante volume  
dos Esparsos, com que me obre-  
quou. Ha, no seu curso,  
epiódicos interessantes, pagina  
cheias de vida, traços de  
colorido luminoso, muita

imaginação no estylo e  
rargos da linguagem, atravez  
dos quaes se descobre um  
talento de escriptor. Que o  
exerça, cultive e desenvolva,  
é o que lhe deseja  
o pat. mto. atto. e obro.  
Ruy Barbosa

357

(Tradução)

Rvmo. Pe. J. Taurino.

Folhee e li, quanto os meus innumeros trabalhos m'o permittiam, o interessante volume dos ESPARSOS, com que me obsequiou. Ha, no seu livro, episodios interessantes, paginas cheias de vida, traços de colorido luminosos, muita imaginação no estylo e rasgos de linguagem, atravez dos quaes se descobre um talento de escriptor. Que o exerça, cultive e desenvolva, é o que lhe deseja

o patro. mto. atto. e obro.

Ruy Barbosa.

Pronuncia-se Ozorio Duque Estrada, Correio da Manhã, Rio, 16 - 4 - 13:

## "REGISTRO LITERARIO"

"O grande numero de trabalhos, que se acumulam sobre a mesa do chronista, não permite, nas acanhadas proporções desta columna, mais que uma ligeira referencia a cada um dos volumes de que se vae occupar o Registro de hoje. Abre-se apenas excepção para o primeiro delles, porque, mais do que todas outras juntas, é obra de tomo e de valor:

"ESPARSOS" pelo Padre Ferreira de Andrade.

Subordina-se ainda ao subtítulo de *Lgrimas* o livro escriptos tristes em que estréa triumphalmente a penna de um sacerdote, que, é ao mesmo tempo o cinzel de um verdadeiro artista da palavra.

Duvida o leitor? Abra, nesse caso, o volume dos Esparsos, e leia, logo depois do introito:

*"As lagrimas são sangradoiro da alma. A dor que não poreja, représa, e esse repensar é tragico. O sangue, condensado no coração, quando não filtra pelos olhos, evaporando-se em lagrimas, cristaliza. Esse cristalizar é a morte.*

358

*Dizem que chorar não é de herois. Muito choram as mulheres, que são o sexo fraco...*

*Enganam-se. Viver sempre chorando pode ser incicio de grande filosofia. A ciencia é uma força. Sobejas são as ocasiões de pranto ; poucas são as de alegria. Cristo que nunca riu, sabe-se que chorou algumas vezes.*

*As mulheres choram muito porque são muito sensiveis. A sensibilidade é uma perfeição. Vêde: as pedras não distilam uma lagrima. Não assim os vegetais. Porque? Serão acaso as pedras mais perfeitas do que as plantas?*

*O deserto é arido. Nem a mais leve gota de orvalho lenteja-lhe o ingrato areal. Não assim os prados, nem leziras, nem montanhas, nem florestas, nem os frescos vales. As lagrimas maguadas da noite não são incomparavelmente mais belas que o terrapleno fendido dos ardores inexoravis do sol? . .*

*Ora a beleza é uma força. O deserto é triste ; porem*

*uma tristeza que se não lamenta é uma petrificação desesperada.*

*O herói não desespera. Chora, e nas próprias lágrimas recupera as forças, como a terra, a grande heroína, deixando evaporar dos seus mares as lágrimas que lhe refrescam as suas entranhas."*

E logo depois, á pagina 27, quando prosegue a desenvolver o mesmo thema:

*"A lua é um astro morto, porque a lua não chora. A desgraça petrificada da lua eis o que nos faz chorar. Niobe cristalizada no espaço, a lua como a musa da noite, afina a terna lira dos poetas encordada em pranto.*

*Os poetas choram. A beleza que lhes inspira a lua é uma fascinação de empréstimo. os astrónomos sabem donde lhe vem a palidez luminosa que extasia a alma do trovador. Isso não acontece á terra. A terra chora, todo dia, do equador aos pólos. Os oceanos são os seus reservatórios de lágrimas. E por isso é a terra tão fecundada. As lágrimas são a fecundidade. Não ha lagrima que não produza alguma coisa.*

*Porque, então, condenar os heróis á esterilidade das rochas? Não, a esterilidade é peor do que a morte. Dos cadáveres das plantas e dos animaes surge o povolú das larvas. Mais tarde voejarão seres alados. Que vida aparece nos seres brutos, que não podem morrer?*

*Herói que não tenha chorado não houve ainda sobre a terra.*

*O chorar é do universo e do homem. Se o homem não chorasse não seria o microcosmo. Se o mundo não chorasse seria inhabitaval.*

*As mulheres choram muito porque sabem por instinto que chorar é ser formosa. A formosura é o trono da mulher. É-lhes pois, mais facil governar o mundo por uma lagrima que por muito destamporio de riso. A gargalhada na mulher fá-la bacante; a lagrima soberba.*

*Amo a minha mãe mais quando chora do que quando se ri. Li-lhe eu estas pagina para vê-la chorar.*

*A colera de Assuero, despertada pela ousadia de Es-*

*tér, desvanece-se com uma lagrima da rainha. O fruto dessa lagrima foi o castigo dos celerados e a salvação de um povo.*

*Quantos arestos suspensos, quanta fome saciada, quanto crime reparado por uma unica lagrima!*

*Oh! lagrima mil vezes bendida!"*

Vejo atravez dessa pagina o rastro luminoso do padre Antonio Vieira.

Não está ahi, no fundo e na fórma - aquelle sempre conceituoso, esta sempre rutila e sonora obra muito mais edificante e polida que todas as declamações vãs e marteladas, que fizeram a gloria de Mont'Alverne e de Sampaio?

Ceio que sim ; o leitor a perpassar os olhos e o espirito extasiado pela pagina seguinte, inspirada no espectaculo da cachoeira de Paulo Affonso, pagina de um brilho, muito vivo, empolgante, original:

*"É uma poema escrito em um livro de granito, aberto de meio a meio para se lerem versos heroicos de aguas correntes, precipetes, volumosas, cantando numa nebulosidade espressa, iriada de sol, de energia, de vida, a Verdade, a Bondade, a Beleza do Onipotente.*

360 *A cachoeira, esta epopéa das eternas magnificencias é, então, um dos muitos e belos altares da Natureza - Templo.*

*E será ainda assim com os cirros, que são rólos gazeiformes de incenso, despendidos dos turibulos dos mares ; com as trombas marinhas, colgaduras gigantescas, com que se pompeia o templo da Natureza ao esgazeoar sinistro do vendavel ; com o marulho da chuva, o ciciar da brisa, o trinar dos passaros - orquestra do mundo ; com o homem emfim, sacerdote que oferece a Deus a perene oblação de sua alma envolta na dalmatica da materia.*

*Pelos vales profundos que vincam, e pelas escarpas que atrevidamente rugam em cordilheiras o manto farroupilha dos continentes, decora-se o templo em acabados entalhos. A luz mortiça do acaso e as merencoreas suavidades da lua dão-lhe o religioso e o grave das festas de penitencia.*

*A purpura sorridente da manhã rompe numa explosão de triunfo o Te Deum laudamus - primeira doxologia da Criação inteira ao revolver-se do cáos.*

*O templo tem uma abobada, o Céu...*

*Uma iluminação, a das estrelas...*

*Alcatifas de preço, o verde aveludado dos campos...*

*Cirios que fumegam, os volcões...*

*Torres que se afilam, os alcantis...*

*Sinos que dobram, os trovões...*

*Um candelabro, o sol: uma lampada, a lua...*

*Uma orientação, a Fé ; uma base, a Esperança ; um destino - Deus!"*

*Não é preciso mais para firmar uma reputação de escritor e de estéta ; não fôra, talvez, preciso tanto, para revelar o primeiro vulto da eloquencia sagrada deste paiz.*

*O livro do padre Ferreira de Andrade é um acontecimento literario que deve ser festejado em todo o Brasil".*

Com o laudo de tais autores, se me aviventa uma animadora esperança que os meus *Sinos*, aos ouvidos da gente séria, não soarão mais bronzes rachados ; e que as minhas *Sirenas*, chaminés construídas pela fé, cimentadas pela verdade e armadas no justo anseio de servir a Deus e ao proximo, deitam muito alto um fumo, que se escapa delineando lá perfis mui delicados das grossarias que ardem cá em baixo, nas caldeiras da sociedade contemporanea.

*Sinos e Sirenas* pagam enfim, antes de emudeceram, o debito muito justo de dobrarem e ulularem suas ultimas preces, as preces da saudade agradecida, sobre aqueles tumulos cristãos, em que o cultor das letras patrias lerá, há hoje, como epitafios luminosos de uma literatura finada, os dois nomes consagrados - *Ruy, Duque Estrada*.

